

GABRIELE GARCIA



TELIPE BRESCANCINI

Direitos autorais

Os direitos sobre todas as imagens e todos os textos desse livro eletrônico são reservados aos autores e protegidos pela lei de direito autoral. O download dessa obra é gratuito e não tem fins comerciais, sendo vedadas a sua reprodução, cópia, venda; exploração econômica ou qualquer outra disposição que não esteja de acordo com a Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações-SemDerivados (CC BY-NC-ND), que rege este material. Não é permitida a utilização de trechos ou imagens isoladas do livro ou associação ao livro que façam apologia à violência, discriminação, intolerância ou qualquer outro ato que infrinja os direitos humanos e a dignidade dos indivíduos, suas raças, culturas, nacionalidades, religiões ou situação econômica.

Creative Commons

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações-SemDerivados (CC BY-NC-ND).

Você tem o direito de compartilhar, copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato, de acordo com os seguintes termos:

Atribuição: Você deve atribuir o crédito apropriado, fornecer o link de licença e indicar se alterações foram feitas. Você pode fazer isso em qualquer circunstância sensata, mas não, de forma alguma, que sugira que o licenciante endosse você ou a utilização do material.

Não-comercial: Você não pode usar este material para fins comerciais.

Sem Derivações: Se você remixar, transformar ou criar uma obra derivada deste material você não tem direito de distribuir o material modificado.

Sem restrições adicionais: Você não deve aplicar termos legais ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente os outros de fazer algo que a licença permita.

Publicado digitalmente por: Instituto Think Twice Brasil

Local e data: São Paulo, 2017

Autoria: Gabriele Garcia e Felipe Brescancini
Fotografias: Gabriele Garcia e Felipe Brescancini
Composição e Diagramação: Felipe Brescancini

Capa: Milena Falco

Edição e Revisão: Mônica Nunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP):

ISBN: 978-85-93783-00-5

Sumário

Agradecimentos	5
Prefácio	7
Introdução	<i>8</i>
O que é o Instituto Think Twice Brasil	9
O que foi a Experiência de Empatia	10
Parte 1 – Experiências e Reflexões na África	13
Experiência 1 – Soweto, África do Sul	14
Experiência 2 – Gaborone, Botsuana	18
Experiência 3 – Katutura, Namíbia	21
Reflexão 1 – Somos todos iguais, lembra?	25
Experiência 4 – Luanda, Angola	27
Experiência 5 – Lamgabhi, Suazilândia	32
Experiência 6 – Mafalala e Boane, Moçambique	36
Experiência 7 – Maputo, Moçambique	40
Reflexão 2 – Educação Social x Senso Comum	43
Experiência 8 – Harare e Chiredzi, Zimbábue	47
Experiência 9 – Kafue e Kasanka, Zâmbia	52
Reflexão 3 – Vamos fazer as pazes?	56
Experiência 10 – Chintandu, Zâmbia	58
Experiência 11 – Kasama, Zâmbia	64
Experiência 12 – Lukupa, Zâmbia	68
Experiência 13 – Bwawani, Tanzânia	74
Experiência 14 – Burundi	79
Reflexão 4 – Nós, os sonhadores!	85
Experiência 15 – Kigali, Ruanda	88
Experiência 16 – Kampala, Uganda	93
Reflexão 5 – O que é relativo pra você?	100
Experiência 17 – Wagoma, Quênia	103
Reflexão 6 – Que tal mais generosidade?	109
Experiência 18 – Etiópia	112
Parte 2 – Experiências e Reflexões no Oriente Médio	117
Experiência 19 – Omã	118
Reflexão 7 – Sobre os problemas do mundo	123

Experiência 20 – Irã	128
Reflexão 8 – Você se conhece e se importa?	134
Reflexão 9 – Entre ricos e pobres, salvam-se os lúcidos	138
Experiência 21 – Israel	142
Experiência 22 – Líbano	147
Experiência 23 – Jordânia e o Oriente Médio	152
Parte 3 – Experiências e Reflexões na Ásia	159
Experiência 24 – Sri Lanka	160
Reflexão 10 – Sobre a preguiça de viver na Terra	164
Experiência 25 – Auroville, Índia	169
Experiência 26 – Tushita, um retiro budista na Índia	176
Experiência 27 – O silêncio e a meditação budista <i>Vipassana</i> , Índia	182
Experiência 28 – Tilonia, Índia	186
Experiência 29 – Tailândia	193
Reflexão 11 – Sobre ser inspirador	199
Experiência 30 – Mianmar ou Birmânia	202
Experiência 31 – Camboja	208
Reflexão 12 – Que mudança é essa que o mundo precisa?	213
Experiência 32 – Laos e Vietnã	218
Experiência 33 – Malásia e Singapura	224
Reflexão 13 – Não, você não precisa largar tudo	227
Experiência 34 – Indonésia	231
Experiência 35 – Filipinas	237
Experiência 36 – Macau e Hong Kong	242
Experiência 37 – Coreia do Norte	246
Experiência 38 – China	253
Experiência 39 – Mongólia	257
Experiência 40 – Coreia do Sul	266
Reflexão 14 – Uma semana de volta no Brasil	269
Reflexão 15 – Não fechem minha janela	271
Conclusões empáticas	274
Organizações que conhecemos	278
Sobre os autores	281
Referências	283

Agradecimentos

Muito obrigado a todos que fizeram parte desta experiência transformadora desde o planejamento. Pelas indicações, ideias, dicas, referências, energias positivas e pela confiança. Todos vocês contribuíram da sua forma muito particular e, por isso, tiveram influência direta e preciosa na realização deste trabalho.

Um agradecimento especial à Mônica Nunes que, além de assinar o prefácio, revisou e editou todo este livro voluntaria e carinhosamente.

Nossa intenção é registrar os nomes de todos que nos ajudaram ou influenciaram nossa jornada, mas este agradecimento se estende a quem não está mencionado aqui e sabe que fez parte deste sonho, antes, durante e depois (em ordem alfabética):

Alex Fisberg, Beatriz Sabino, Brendon Peters, Canario Caliari, Carlos Calderon, Celso Castro, Daniela Silva, Daniela Monteiro, Danielle Mei Wang, Eduardo Paganotti, Eduardo Shimahara, Elisa Pires, Fabiana Pereira, Felipe Boechem, Fernanda Caloi, Flavia Mange, Flávia Mantovani, Gabriel Mitani, Gilberto Dimenstein, Giovanna Gaiarim, Giuliano Emrani, Guilherme Abreu, Ilaina Rabbat, Julia Corrêa, Larissa Afonso, Leandro Yagome, Luciana Bobadilha, Mari Del Mar Turato, Mariana Barbosa, Marilia Mira, Michele Bernardi Colombo, Milena Falco, Mônica Tse Candido, Myriam Bouslama, Nayara Borges, Oli Alexander, Pedro London, Priscilla Adduca, Rebeca da Rocha, Renata Piazzon, Ricardo Grego, Rogerio Arns Neumann, Rosangela Melatto, Roshan Paul, Saul Tourinho Leal, Silvia Prada, Solange Barreira, Thais Barbosa, Thomas Skurtis e Veronica Bilyk.

O nosso "muito obrigado" também a todos que encontramos ao longo de nossa jornada e foram fundamentais em cada momento, por cada ensinamento, sentimento, emoção e ficarão em nossas memórias para o resto da vida. Todos tiveram influência na transformação pela qual passamos e que resultou nas pessoas que somos hoje.

Apenas os que nasceram num país diferente daquele no qual os conhecemos têm sua nacionalidade descrita após o nome (em ordem cronológica):

- Charles, Lennox e Lisa Van Eck, na África do Sul.
- Issac Tokonayane e Kegomodi Manyanda da *BOSASNet*, Sefemo Mokalake da *Ditshwanelo* e Kabo Moroka da *YMCA e* Ishamel Matebele, em Botsuana.
- Monica Imanga da *Home of Goodhope*, Taimi Benjamin da *Penduka*, Claire Gall (australiana), Nicholas Menner (australiano) e Sofia Caetano (angolana), na Namíbia.
- Jaime Fidalgo (português), em Angola.
- Thabile Masuko e Thimbisile Mthembu da *Gone Rural Swaziland*, Bob Forrester, Marc Nixon (sul-africano) e Toby Allison (americano), na Suazilândia.
- Ivan Laranjeira da *Iverca*, Mindy Brown (canadense) da *Livro Aberto*, Carlota Vilalva (brasileira) da *Mozup*, Marta Pele Cavel e Osvaldo Lourenço da *Muodjo*, Marlene Cavalheiro (brasileira) e Nilto Cavalheiro (brasileiro) do *Projeto Cidadão*, Agata Daniel e David Thierry (francês), em Moçambique.
- Cathrine Bwerinofa da CARE e Joseph Mutsvaidzwa da Save Save Trust, no Zimbábue.
- Claire Albrecht (americana) e Justin Hostetter (americano) da *Bakashana*, Ceciliah Lesho, Christine Chileshe, família Chileshe, família Kasonde, Pieter Snyman (sul-africano) e Sebastian Scott, na Zâmbia.
- Ana Lê Rocha (brasileira) da *2Seeds Network*¹, Remmigius Raphael Mushenga da *NGERIV*, Annette Woehrle (alemã), Edward Oneal (americano) e Totinand Mfalambili, na Tanzânia.
- Josias Ukuriniyesu da ActionAid, no Burundi.
- Michel Ndayambaje da ActionAid, em Ruanda.
- Joseph Kiwanuka e Simon Mukasa da *Mission of Hope,* Augustine Yiga e Sophie Bemba da *TORUWU* e Joe Nickson, em Uganda.
- Andy McBride (irlandês) da *Access Afya*², Martin Akunya da *Kibera Tour*³, Jesah Segal (americano) e Naomi Cru da *Plastic Fantastic*⁴ e Roseline Orwa da *RONA Foundation*, no Quênia.
- Betelihem Demise e Mekdes Tekle Michael da ActionAid e Testi Abdulfetah, na Etiópia.
- Ali Jar, Annika Kiessler (alemã), Sebastian Brack (suíço) e Vickie Reynecke (sul-africana), em Omã.

- Monireh Arezoomandi da *ILIA*, Ahmad Fazli, Ali Ahmadi Dastjerdi, Fatima Babaha e Malaley Habibi (afegã) do *Tehran Peace Museum* e Niloufar Eskandarzadeh, no Irã.
- Mark, Michal e Mike do Kibbutz Lotan e Chaym Feldman, em Israel.
- Irmã Aida (francesa) do *Centre Social Des Soeurs du Bon Pasteur*, Tarek Thman (palestino) da *Dreams of a Refugee Association*, Carlos Edde (brasileiro), Helen Edde (brasileira), Nimat Bizri e Omar Bizri, no Líbano.
- Tony Christy (australiano) e Waleed Abubaker, na Jordânia.
- Harsh Khattar, Rameshwar e Ramniwas do *Barefoot College*, Simran Grover da *Boond*⁵, Laura O'Connell da *Eco Femme*, Devi Namasivayam da *Life Education Centre*, André Tardeil (francês) da *New Creation School*, Ankit Shrivastava, Aryamani (brasileira), Ashok Badyal, Joseph Wallin (sueco), Oliver Almeda (sueco), Suman Kumar Karmakar e Tim Williams (inglês), na Índia.
- Alexa Phan (americana) da *Chai Lai Orchid* e da *Daughters Rising,* Krista Couts (canadense) da *Night Light International* e Eddy Sivat, na Tailândia.
- Oo Oo Myat Khaing, em Mianmar.
- Sara Wallimann (suíça) do *HAVEN Training Restaurant*, Lori Carlson (inglesa) e Ponheary Ly da *Ponheary Ly Foundation*, no Camboja.
- Kathleen Kuracina (canadense), Simon Steen (dinamarquês), Orielle Ahumada (chilena), Vicente Montecinos (chileno) e Thoungxai Munvitai, no Laos.
- Cherie Nguyen da *Quatmo Foundation*, Outi Annala (canadense), Mark Daggers (holandês), Mark Voncken (holandês), Tran Thi Thuy Hanh e Ward Goderie (holandês), no Vietnã.
- Helene Bourry (francesa) da *Tanma*, na Malásia.
- André Alex Souza (brasileiro), Priscila Freitas (brasileira) e Christine Amour-Levar (francesa), em Singapura.
- Anni Marisa, Uuth Putty e Yoana Wida da *ViaVia Jogja*, Armadhan Wahyudi, Laíssa Cortes Moura (brasileira), Niko Lasmana, Manuela Pontual (brasileira) e Raphael Rotta (brasileiro), na Indonésia.
- Arvin Alvarez e Mary Anne do *Kultura Camp*⁶, Bea Karamihan e Emma Costa (americana) da *Liter of Light*, nas Filipinas.
- Annabel Meurs (holandesa) e Wincent Ou da Fair Wear Foundation, na China.
- Afsaneh Taghavi (iraniana), Charlie Pearson (norte-irlandês), Omer Birol (turco), Michael Bartels (alemão) e Rayco Vegas (espanhol), na Coreia do Norte.
- Bill Manley (inglês) e Irene Manley (inglesa) da *Mary & Martha*, Isabela Miranda (brasileira), Rafael Avila (brasileiro), Enkhbolor Gantulga, Enkhjargal Sukhbaatar, Munguntsoot Tseieuvadnudi, Sainbileg Volodya e Tenzin Norbhu, na Mongólia.

Obrigado! Obrigado! Obrigado!

Prefácio

Por Mônica Nunes

Onde menos se espera, lá está ela!

"Mais um casal de jovens que larga tudo pra viajar por lugares inóspitos". Pensei isso assim que tomei conhecimento do projeto *Think Twice Brasil* da Gabi e do Felipe. Também não entendi porque precisavam ir tão longe... Mas bastou "mergulhar" um pouco na viagem – ler posts publicados no site e acompanhá-los nas redes sociais – pra que meu julgamento se diluísse e sua missão fizesse mais sentido pra mim: encontrar experiências de empatia, conviver com as dificuldades de pessoas vulneráveis pelo mundo e buscar transformação. Nessa época, eles estavam no início da 'caminhada', que durou mais de um ano.

Escolheram contar suas experiências por onde passaram, alternando os relatos: algumas vezes Gabi, noutras Felipe. Em seguida, uma reflexão sobre o que ficou daquela passagem, que podia ser feita por um ou outro, ou pelos dois.

Não deu pra acompanhar tudo na época, mas já pelo site deu pra sentir bem o ritmo da viagem e as transformações dos dois. No entanto, foi apenas quando li todos os posts na sequência – para escrever este texto –, que me dei conta da real grandeza e inteireza desta experiência.

Foram 40 relatos e 15 reflexões passando por 110 cidades nos continentes africano e asiático. Reunir tudo que produziram – às vezes em precaríssimas condições – em um livro foi sábio e generoso. O mundo – o nosso, aqui no Brasil, a princípio – está precisando de narrativas inspiradoras assim.

Seus protagonistas crescem à medida que avançam no roteiro e deixam pra trás não só experiências, mas seres humanos incríveis — alguns se tornaram amigos —, ampliando a bagagem com ricos aprendizados que os ajudarão nas próximas paradas. Deixam pra trás um pouco deles também.

Houve momentos em que foi impossível parar de ler e quis emendar uma história na outra. Em outros, deu vontade de parar e refletir, não só sobre o que viveram Gabi e Felipe, mas sobre minha vida. Inevitável não pensar que seu cotidiano é banal diante de certas histórias.

Ri com os dois por causa de seus comentários espirituosos e me senti muito plena com o reconhecimento de que é preciso muita humildade para lidar com certas situações. Chorei com os meninos do orfanato *Mission of Hope*, em Kampala, Uganda. Torci muito por Tariro, garota que vive num vilarejo do Zimbábue (onde se pratica o casamento infantil) e disse que é "dona da própria história". Fiquei triste com a terrível realidade das meninas e mulheres prostituídas na Tailândia, onde o tráfico de pessoas tá na sua cara, nas ruas. Mas fiquei muito animada com Roseline Orwa, que luta pelos direitos das mulheres viúvas no Quênia. Fiquei (mais) chocada com o relato minucioso sobre a vida asfixiante e alienada da população da Coreia do Norte. E desejei estar com eles na Índia, em retiros e meditações...

A experiência intensa transformou Gabi e Felipe, claro! Mas sua escrita também. Eles assinam apenas no final de cada texto, então, só se descobre o autor nas últimas linhas. Quer dizer, é muito fácil identifica-los porque têm estilos muito marcantes e muito diversos, e sensações idem. Gabi é esfuziante, emoção à flor da pele. Felipe é mais contido, racional, certeiro. Mas, perto do final do livro, cheguei a ficar confusa e ter dúvida das minhas certezas: era como se os dois se fundissem nas palavras. Com certeza porque se uniram mais intensamente a partir do convívio diário, no amor, nas trocas inevitáveis, nos apuros, na beleza contida em tudo e, às vezes, inesperada. E, na verdade, pra que saber quem é o autor, não é mesmo?

Creio ser quase impossível sair da leitura deste livro do mesmo jeito que se entrou nela. Os efeitos colaterais são inevitáveis. Pode dar vontade de alterar algo — mesmo que pequeno — em sua vida ou, quem sabe, de empreender em um caminho antes só sonhado. O ânimo e a inquietude de ambos podem inspirar e provocar *insights*. No mínimo, será um prazer acompanhar Gabi e Felipe por meio de seu rico diário de viagem. Um diário sobre empatia. Algo que parece estar em falta no mundo, mas que os dois descobriram ser abundante, principalmente onde menos se espera.

Mônica Nunes

Introdução

A ideia deste projeto nasceu da vontade de significar. Para nós e para o mundo.

Que sorte a nossa termos nascido em famílias que nos entregaram todos os privilégios de quem pode crescer livre e despreocupado, contando com suporte emocional e financeiro dos pais presentes.

Não há em nossa história lembranças de abusos, violência ou discriminação. Nos desenvolvemos com conforto, educação, saúde, oportunidades de escolha e nunca nos faltou comida no prato. Nossos privilégios nos encaminharam para os supostos melhores lugares e, por algum tempo, acreditamos que era lá que deveríamos ficar.

Juntos, decidimos ampliar nossa zona de conforto e nos aprofundarmos em questões inquietantes e, aparentemente, sem resposta. Foi quando descobrimos nossa paixão por servir aos outros com o melhor que podemos oferecer, catalisando nossos privilégios e talentos para criar mais e melhores oportunidades de justiça e igualdade social. Descoberto isso, tornava-se impossível permanecermos no mesmo lugar e a única saída foi rejeitar os comodismos e abdicar de tudo que não fizesse mais sentido pra nós, incluindo o emprego.

Mas, para não cair novamente no limbo do senso comum, não dava pra tentarmos propor soluções românticas para salvar o mundo sem nunca ter vivido os problemas na prática.

Para responder a essas e outras inquietações, decidimos mergulhar em diferentes culturas, realidades e ambientes numa jornada por 40 países, tendo a **empatia** como elemento guia da experiência que nos transformaria em cidadãos do mundo e nos apresentaria uma perspectiva bem diferente daquela que nos fizeram crer ser a mais correta.

Assim, ao longo de 400 dias, aprendemos a valorizar ainda mais a água, o alimento, as **gentilezas** e as sutilezas que passam despercebidas num ritmo frenético de inconsciência. Para abrir essa percepção, zelamos pela presença e buscamos um olhar livre de julgamentos e preconceitos. Reconhecemos, de uma vez por todas, nossos privilégios e a responsabilidade que vem com eles.

Neste livro, estão relatos e reflexões pessoais sobre os sentidos, as sensações e as emoções que mais nos marcaram. As fotos ilustram os textos com a intenção de transmitir a intensidade daqueles momentos e o que eles nos provocaram. Como um retrato dos aprendizados vividos, é possível acompanhar as transformações que cada experiência nos trouxe, a partir da mudança da linguagem, de alguns conceitos e de muitas crenças. O reflexo dessas descobertas está relacionado à consciência e à maturidade pessoal, social e política que adquirimos ao longo da jornada, certos de que ainda temos uma vida toda de lições e amadurecimentos pela frente.

Estes textos foram publicados no site Instituto Think Twice Brasil - www.ThinkTwiceBrasil.org - e, agora, com esta publicação, ganharam nova revisão e novas imagens. Mas não só.

Este livro é uma nova leitura de tudo que vivemos na viagem e também do que, após um tempo de "descompressão" vivido na realidade brasileira, digerimos e consolidamos como valiosos aprendizados.

Para honrar as oportunidades que a vida nos deu e as histórias que conhecemos pelo caminho, este é um convite para a reflexão, a entrega e o encontro. É um convite para descobrir o novo, ampliar o olhar, aceitar o diverso e encontrar semelhanças. É um convite para o resgate de virtudes e de valores que começam reconhecendo e respeitando a existência de si mesmo e a do outro.

Que este convite possa inspirar, emocionar, despertar e engajar.

Obrigado e boa leitura!

O que é o Instituto Think Twice Brasil

O Instituto Think Twice Brasil é um movimento de engajamento, conscientização social e revisão do senso comum. Por meio de conteúdos e programas, tem o objetivo de instigar as pessoas a se questionarem, praticarem a **empatia** e enxergarem sua **função social**, para que se reconheçam como parte ativa das transformações cultural, política e ecológica das quais a sociedade necessita.

Nossa missão é, sempre através da **empatia**, engajar mais pessoas a enxergar sua responsabilidade e seu potencial de **transformação social**.

Nossa visão é a de um mundo em harmonia, onde todos praticam a **empatia** e são conscientes de seus valores e de sua **função social**. Garantir que o próximo viva com respeito, dignidade e tenha oportunidades de escolha é um princípio essencial para todos. É na **generosidade** e na gratidão as maiores fontes de felicidade para si e para o outro.



O que foi a Experiência de Empatia

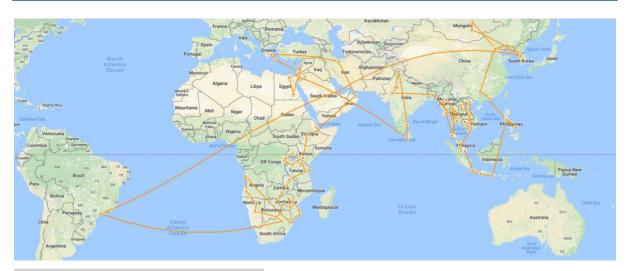


1 - Gabriele Garcia e Felipe Brescancini no Zimbábue

Nós acreditamos que a **empatia** é uma poderosa ferramenta de **transformação social**. Há muito tempo se discute a capacidade humana de trazer pra si uma condição, uma emoção ou um sentimento de outrem. A **empatia**, portanto, se apresenta por intermédio de nossa capacidade, disponibilidade e sensibilidade para ouvir, enxergar e sentir sob a perspectiva do outro.

A *Experiência de Empatia* foi uma viagem de 400 dias por 40 países e suas 110 cidades realizada com o intuito de praticar **empatia**, de fazer conexões com os outros, de viver suas mais diferentes realidades, aprender sobre desigualdade e **transformação social** e compartilhar o que sentimos pra inspirar mais pessoas a enxergarem o mundo com disposição para mudá-lo.

A jornada se iniciou em agosto de 2014 na África do Sul e terminou, em setembro de 2015, na Coreia do Sul (veja nossa rota no mapa, a seguir).



2 - Mapa da rota da viagem Experiência de Empatia

Os países por onde passamos foram: África do Sul, Botsuana, Namíbia, Angola, Suazilândia, Moçambique, Zimbábue, Zâmbia, Tanzânia, Burundi, Ruanda, Uganda, Quênia, Etiópia, Omã, Irã, Turquia, Grécia, Israel, Egito, Líbano, Jordânia, Sri Lanka, Índia, Bangladesh, Tailândia, Mianmar, Camboja, Laos, Vietnã, Malásia, Singapura, Indonésia, Filipinas, Macau, Hong Kong, China, Coreia do Norte, Mongólia, Coreia do Sul.

Nossa missão era conhecer diferentes culturas e se identificar com pessoas que vivem a serviço do bem comum e, assim, descobrirmos novas formas de contribuir para a **transformação social**. Queríamos nos tornar mais conscientes e capazes de trabalhar exclusivamente em prol da justiça, da igualdade social e da **equidade de gênero**. Por isso, compartilhamos nossas experiências no site (durante a viagem) e, agora, com este livro, para que mais pessoas busquem seus **propósitos** e pensem duas vezes no sentido que dão a suas vidas.

Somos infinitamente gratos por não termos vivido nenhum imprevisto que comprometesse nossa saúde ou segurança. Tudo correu muito bem e da maneira mais natural possível, com direito a pequenos milagres ao longo da jornada. Buscamos pessoas que são reais **agentes de transformação** e trabalham para melhorar, efetivamente, a vida do próximo.

Escolhemos começar fora do Brasil porque acreditamos que, ao conhecer outras realidades, estaríamos mais abertos ao inusitado, ao imprevisível, ao diferente e mais sensíveis para perceber sutilezas. Além disso, longe das nossas casas e do nosso país, saímos completamente da nossa zona de conforto e, portanto, mais dispostos e abertos a exercitar as virtudes necessárias para a convivência em qualquer sociedade. Nos continentes que escolhemos, encontramos contrastes valiosos de culturas, crenças e valores.

Por meio da **empatia**, procuramos nos conectar com todos que encontramos para enxergarmos através de seus olhos e sentirmos com seus corações. Ouvimos, observamos, sentimos, perguntamos e registramos sempre com o **propósito** de aprender profundamente para compartilhar as experiências com a mesma intensidade que as vivemos.

Nosso objetivo maior foi nos tornarmos pessoas mais conscientes e desenvolver continuamente capacidades essenciais que nos permitissem trabalhar de forma integral em prol da **transformação social**. Agora, nos consideramos a serviço da humanidade como um todo, uma vez que pudemos sentir que, apesar de todas as diferenças, somos todos muito similares, não importa onde estejamos.

Os desafios

Fomos dispostos a sentir ao máximo a energia, o ambiente de cada local e o estilo de vida das pessoas, então, sempre que possível, nos hospedamos na casa das famílias para dormir, tomar banho, nos alimentar, trabalhar e nos divertir exatamente da forma como fazem. E também preferimos usar transportes públicos e meios terrestres, para estar em contato direto com a realidade da maioria das pessoas.

Isso nos levou a experiências como: participar de um ritual feminino de iniciação sexual num vilarejo na Zâmbia, construir uma casa de barro para uma viúva que perdeu seus direitos no Quênia, nos divertirmos com alunas afegãs de uma escola para refugiados no Irã, tomar café na casa de uma família palestina num campo de refugiados na Jordânia, passar o último dia do ramadã (nono mês do calendário islâmico, durante o

qual os muçulmanos devem jejuar desde que levantam até o pôr do sol) hospedados na casa de uma família muçulmana num vilarejo na Indonésia e tomar leite de égua fermentado antes de dormir numa tenda nômade num deserto da Mongólia.

Um dos maiores desafios foi viver realidades extremas e, diante delas, nos sentirmos impotentes para contribuir da forma como gostaríamos. Esses momentos nos causaram certa frustação, mas com uma sensação positiva ao vermos que famílias que vivem com tão pouco são intensamente generosas, gratas e carinhosas.

Viajamos dispostos a conhecer pessoas de várias origens, entrar em lugares desconhecidos e passar por aventuras inesperadas. Fizemos o impossível para encarar os contrastes com leveza, alegria e bom humor.

Sendo fundamental para a sanidade e a serenidade, fomos com calma, sem correr contra o tempo e nos permitimos momentos de descanso. Muitas vezes, depois de experiências extremas e percursos longos, chegar ao albergue, tomar um banho e comer algo que sabíamos o que era, chegava a causar choro (de alegria).

Ter que planejar diariamente os próximos passos e estar sempre atentos a oportunidades para conhecer novas histórias inspiradoras também nos demandava muita dedicação psicológica. Tínhamos uma rota inicial totalmente flexível e seguimos realmente o que nossa intuição mandou.

Nosso dia a dia não tinha rotina e registramos o máximo que pudemos eletronicamente. E, apesar do acesso à internet ter sido bastante difícil, buscamos compartilhar nossas experiências com certa periodicidade.

Distribuímos mil fitinhas de pulso amarelas – que aparecem em muitas fotos – para simbolizar o Brasil e a nossa gratidão pelas pessoas que conhecemos e nos inspiraram. Elas são muito parecidas com a fitinha do Senhor do Bonfim e, inspirados na tradição que estas carregam, convidávamos todos a fazer um pedido a cada nó dado na fita e a acreditar nos seus sonhos.

Além de não termos fins lucrativos, escolhemos não buscar patrocínios porque não queríamos impor limites às nossas escolhas e à nossa liberdade de expressão. Ao longo do caminho fomos imensamente agraciados com **gentilezas** oferecidas por muitos dos novos amigos.

Também nos propusemos a transformar para o bem os lugares pelos quais passamos, ainda que fosse com pequenas sutilezas. Voltamos pra casa completamente transformados por todos que, ao longo de 400 dias, cruzaram nossos caminhos e nos ensinaram o significado de "ame ao próximo como a si mesmo".

Algumas questões que provocaram reflexão

Por que não existem nações inteiramente pobres?

O que a Coreia do Norte tem a nos ensinar sobre liberdade?

Por que Angola nos ensinou tanto sobre generosidade?

Qual a relação entre Ruanda e o estupro como arma de guerra?

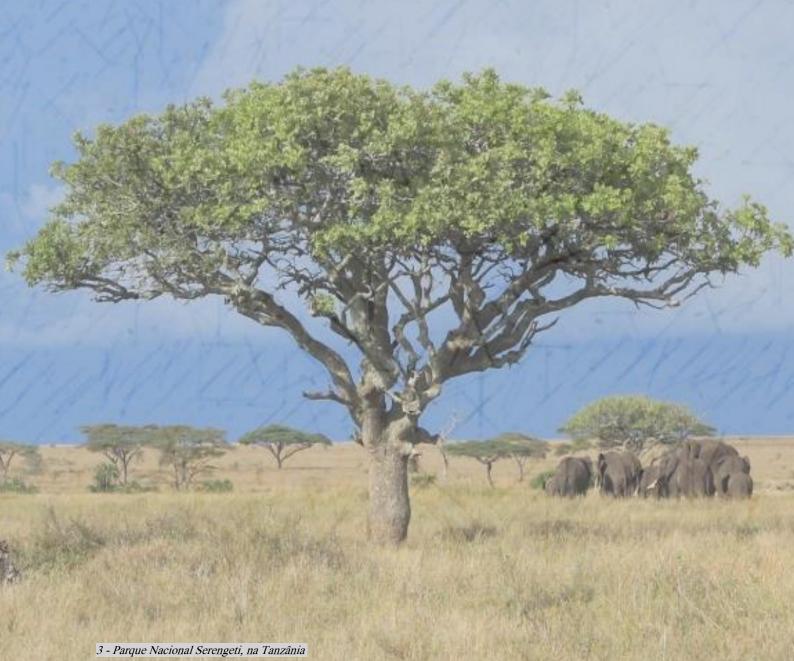
O que órfãos em Uganda podem nos ensinar sobre mérito e privilégios?

Como a empatia pode desenvolver diferentes meios e liderar grandes mudanças?

Por que a equidade de gênero é uma ferramenta essencial para a prosperidade?

Como descobrir nossa função social no mundo?

Parte l Experiências e Reflexões na África



Experiência 1 - Soweto, África do Sul

Publicado em 17 de agosto de 2014



4 - Crianças que nos receberam em Soweto, mostrando as fitinhas que entregamos

Agora sim, a ideia tão pensada e planejada entrou em prática. Como em tudo, o começo tem aquela sensação estranha de "agora está valendo!". Uma mistura de empolgação com titubeios de "por onde ir". A impressão que fica, por ora, está diretamente relacionada com a expectativa, então foi ótimo deixar claro para nós mesmos que ainda pegaremos nosso ritmo de viagem. Então relaxemos. Para deixá-lo à vontade, o começo tinha que envolver as trapalhices: em quatro dias de viagem já tive que empurrar dois carros com problemas; e o garoto mais espoleta da turma que conversávamos, logo após um xixi rápido há uns metros de distância de nós, veio brincar de luta comigo e fui atingido no dente pelo seu dedo. Foi bem engraçado internamente...

Como suspeitávamos, encontrar **agentes de transformação** caminhando por uma cidade grande não seria exatamente fácil, por isso, nada mais prático que conseguir alguém que conhecesse as áreas mais desafiadoras e ir até lá para conversar no famoso tête-à-tête. Assim o fizemos: fomos com o simpático e risonho Ray, conhecido do albergue, até a área menos desenvolvida de Soweto e conversamos com moradores locais, que não promovem mudanças para todos, mas nos inspiraram pela **generosidade** e alegria em que vivem, mesmo em uma situação tão adversa.

Uma breve explicação histórica de Soweto. Surgiu no final do século XIX com a migração de negros que vieram para trabalhar em minas após a descoberta do ouro em Joanesburgo. Essa migração ganhou força em 1948 quando a segregação racial, por meio do Apartheid, foi oficialmente estabelecida na África do Sul e o então governo branco obrigou os negros a viverem somente nas redondezas de Joanesburgo. O nome vem de *SOuth WEstern TOwnship* (distrito do sudoeste) e foi assim batizada em 1963. A região também cresceu com um hospital militar inglês que acabou tornando-se o maior hospital do continente até hoje, ainda em funcionamento.

Soweto ficou muito conhecida por violentos protestos nas décadas de 1970 a 1980 e por seus moradores Nelson Mandela e Desmond Tutu, dois ganhadores do *Prêmio Nobel da Paz*. Desenvolveu-se ao longo dos anos e em 1994, com Mandela no poder, foi revitalizada com a construção de muitas casas pelo governo, maior distribuição de energia e saneamento básico em grande parte. Hoje é uma pequena cidade, com aproximadamente 1.3 milhão de habitantes, dos quais 98.5% são negros. Tem desde casas grandes com portão e garagem até barracos sem banheiro e energia elétrica, como em Elias Motsaeledi, o bairro aonde

fomos. Para melhorar as condições básicas de vida, ao menos as ruas têm bicas com água potável e pontos com banheiro comunitário e saneamento básico.

Lá, conhecemos Charles e Lennox, dois pais de família muito humildes e simpáticos. O primeiro é barbeiro na região, atende numa cabana de lona branca, cobra 2 dólares para cortar o cabelo e 1 dólar para raspar a cabeça, o que é bem comum. O segundo, Lennox, está desempregado e seu último emprego foi em um supermercado. Eles gentilmente nos convidaram para caminhar pelo seu bairro, conhecer suas casas, suas famílias e suas histórias.



5 - Ray (de branco), Lennox (de gorro), Charles (de azul à direita), suas famílias e Gabi em Soweto

Chegamos à casa de Lennox, feita de malhas de ferro com uma cozinha e um quarto, onde moram ele, a esposa e três filhos. Conversamos bastante sobre a vida no bairro, como se sentem, o que falta e com o que sonham. Ficou muito claro que, apesar das adversidades que enfrentam todos os dias, se sentem felizes e afirmaram isso mais de uma vez. Sentem muita falta de uma casa decente, o que o governo diz estar providenciando para melhorar a vida de todos ali, em breve. O que nos impressionou foi que eles realmente acreditam nessas promessas, mesmo cientes de que só a cada cinco anos algo acontece, em razão das eleições, o que é um absurdo, claro! Eles não se lembram de terem recebido ajuda de organizações humanitárias, diretamente. O que mais pedem é educação de qualidade para os filhos e dinheiro para criá-los e garantir uma vida melhor.

Uma prova da humildade desses homens, notamos ao contarmos que somos brasileiros. Nesse momento Lennox, um pouco tímido, nos perguntou se era verdade que quando em Soweto era dia, no Brasil era noite e por que isso acontecia. Fiquei muito contente pela vontade dele querer aprender e expliquei brevemente a diferença de fuso horário e meus conhecimentos do sistema solar. Claro que me peguei pensando porque a bendita professora de geografia nunca salientou que eu poderia precisar saber mais detalhes sobre isso, para, em idade adulta, poder explicar para um amigo ao caminhar pela África do Sul...

Já uma prova de **generosidade**, tivemos ao dar-lhes as nossas fitinhas como forma de agradecimento. No mesmo momento em que as oferecemos, Charles gentilmente pegou dois terços brancos e nos presenteou. Ficamos bastante emocionados ao lembrar que, além de estar preparado para nos agradar, quis retribuir a **gentileza** na mesma hora, o que derrubou qualquer barreira social que pudesse existir entre nós.



6 - Gabi, com o terço que ganhamos de Charles, brincando com um dos seus filhos, em Soweto

As diferenças extremas entre as regiões de Soweto nos chamaram muito a atenção. Mas também nos impressionou encontrar água potável livre – já que é bastante comum tomar água da torneira em Joanesburgo – e pontos com banheiros mais humanizados. Isso nos fez pensar muito que somente um negro no poder foi capaz de trazer a mudança, depois de um racismo secular ter dominado a consciência ignorante dos que sempre acreditaram ser uma raça superior apenas pela cor da pele. Digo isso porque, por inúmeras vezes, escutamos citarem "desde 1994" como um ano de renovação: foi quando, finalmente, os negros retomaram o poder com Mandela.

Claro que foi tardio, ao recordar que o sistema político de maior "sucesso" na terra, a democracia, preza pela vontade da maioria e, até hoje, mais de 70% dos sul-africanos são negros. Andando pelas ruas, se vê brancos e negros em todas as classes sociais, mas, em alguns bairros, nós éramos os únicos brancos andando nas ruas. Em outras áreas residenciais é mais comum ver brancos moradores de casas bem confortáveis e negros em profissões menos remuneradas. A segregação é um tema discutido abertamente há duas décadas e em determinadas situações fica curiosamente visível: como em reuniões entre o setor público e o privado, quando nota-se, pela cor de pele dos interlocutores, que no governo a imensa maioria é negra e nas empresas o domínio é branco. Regras já foram criadas para aumentar a participação de negros nas empresas (similar à lei de cotas em universidades federais no Brasil), mas sentimos que ainda é uma obrigação e não um consenso da sociedade.



7 - Nosssa despedida de Charles e Lennox, em Soweto

Bom, o que levamos, por ora, da primeira experiência africana com a **empatia** no olhar, é que as consequências do egoísmo que dominou o século XX ainda são notáveis, mas, sim, estão melhorando. A visível diferença de cor de alguma forma ajuda a unir as pessoas, o que, infelizmente, pode não ser tão simples em muitos países onde o preconceito ainda está na diferença de classe social também.

 $Isso \ tudo \ ficou \ claro \ no \ v\'ideo^8 \ que \ publicamos, \ que \ mostra \ alguns \ dos \ momentos \ que \ vivemos \ nesse \ dia.$

Felipe

Experiência 2 - Gaborone, Botsuana

Publicado em 26 de agosto de 2014



8 - Visita à vila Tlowaneng, na região metropolitana de Gaborone

Hoje completamos duas semanas fora de casa, passamos pela África do Sul e agora estamos em Botsuana. Chegamos a Gaborone, capital do país, depois de viajar por sete horas de ônibus, saindo de Joanesburgo.

Devo começar dizendo que estou sendo surpreendida a cada dia. Por mim mesma e pelos outros. Por mim, porque estou lavando minhas roupas na pia diariamente, aprimorando meu inglês e, o mais importante, porque estou me sentindo leve. Não emagreci ainda, mas a leveza deve estar relacionada à satisfação de estar 100% dedicada a algo em que eu realmente acredito, ainda mais ao lado do meu grande companheiro de vida (e também por já ter me acostumando a usar calças que viram bermudas).

Mas, como disse, também estou sendo surpreendida pelos outros. Pela África, que é muito mais incrível do que mostra *O Rei Leão*. Por Botsuana, que é o país menos corrupto da África e é o 30º colocado de um total de 177 na lista⁹, preparada pela *Transparency International*¹⁰ (o Brasil ocupa o 72º lugar!). Pela cultura, pelas leis e pelas pessoas. Principalmente pelas pessoas.

Aqui, em Gaborone, tudo é bem diferente. Muitas ruas são de terra, tem muito *fast-food* e quase não vi prédios. Uma coisa é fato: o pessoal, aqui, ama comer frango. Tem frango frito, com osso, sem osso, com molho, no pão, no *wrap* e com batata em quase toda esquina. O país tem pouco mais de dois milhões de habitantes, o que o torna um dos países menos povoados do mundo. Mesmo assim, Fê e eu escolhemos estar sempre nas aglomerações, claro!

Botsuana se tornou independente do Reino Unido em 1966. No mesmo ano, entrou em vigor a sua Constituição, que, pelo que notamos, aguarda por reformas urgentes. Por aqui, ainda se admite a pena de morte, embora a própria Constituição assegure o direito à vida (legisladores...). Os serviços públicos parecem funcionar bem e o país está em pleno desenvolvimento.

Tudo isso nós aprendemos com o Ishmael, nosso mais novo amigo, que nos acolheu desde o primeiro dia por aqui. Inclusive, não tem como não ter certeza de que alguns anjos estão com a gente nesta viagem. Ishmael é um deles. Ele é botsuano, de uma etnia chamada Kalanga. Viveu por oito anos na Inglaterra, onde se formou em direito, e agora está de volta com a família.

Ishmael é o irmão da dona do hotel em que nos hospedamos e gentilmente se dispôs a ser o nosso relações públicas e guia turístico em Gaborone. Contamos sobre o *Think Twice Brasil* e ele, incansavelmente, nos levou de ponta a ponta da cidade, passando por vilarejos, ONGs e todos aqueles lugares que os turistas não conhecem, com paradas estratégicas para franguinhos fritos, enquanto conversámos sobre política e **transformação social**.

Foi assim que conhecemos a *Ditshwanelo*¹¹, organização sem fins lucrativos que desenvolve um trabalho incrível de defesa e promoção dos **direitos humanos**. Fomos muito bem recebidos pelo Sefemo Mokalake para uma conversa sobre o cenário atual do país e os desafios que enfrentam a cada dia.

Ficou claro que a Constituição precisa de atualizações, principalmente no que diz respeito aos **direitos humanos**. Algumas contradições e muitas omissões acabam dificultando a evolução da sociedade. Uma delas é o fato de retaliações físicas serem permitidas por lei, podendo ser, inclusive, aplicadas a crianças pela própria escola. A velha e famosa palmatória...

Perguntamos se havia algum movimento efetivo, por parte da *Ditshwanelo*, em prol da reforma da Constituição e Mokalake nos respondeu que a inércia da sociedade civil acaba se colocando como uma barreira para a discussão desse tema. Ishmael se contorceu na cadeira e nos surpreendeu quando demonstrou sua indignação com o descaso da população em relação à política e as leis. Não sei por que, mas Fê e eu ficamos com a sensação de que sabíamos exatamente o que ele estava sentindo...

Enquanto isso, outra curiosidade sobre Botsuana é o fato de ainda aplicarem o que chamam de *Customary Law* (pode ser entendido no Brasil por *Direito Consuetudinário*) no julgamento de determinados assuntos. A *Lei dos Costumes* se aplica a quase 80% dos casos, pois é uma alternativa de acesso à justiça àqueles que não têm condições de arcar com os honorários de um advogado. Isso ocorre, pois nas *Customary Courts* (tribunais costumeiros), o caso é julgado por um cidadão comum, que na maioria das vezes se apresenta como um dos líderes da tribo, sem necessidade de assistência de um advogado. Os julgamentos não são feitos com base em leis codificadas, contando única e exclusivamente com os precedentes e o bom senso do julgador, o que nem sempre termina em decisões efetivamente justas.

Falando em justiça, também tivemos a chance de conhecer a vila Tlowaneng, onde ainda se vive com água do poço, da criação de animais e as pessoas parecem estar esquecidas por aquelas que vivem na cidade. Por lá, as casas são muito simples. Poucos cômodos e muitos moradores. As crianças caminham por horas até chegar à escola. Conversando com uma chefe de família – que correu pra trocar de roupa quando pedimos uma foto – ela nos disse que seu maior sonho é que seus netos levem a educação a sério, para que possam tomar decisões importantes e melhorarem suas vidas. O vídeo que publicamos mostra um pouco dessa conversa.



9 - Nossa anfitriã na vila Tlowaneng, mostrando o vaso de barro que fez

Continuando nossas andanças com Ishmael, conhecemos outra organização: a BOSASNet¹³, Botswana Substance Abuse Support Network (rede de apoio ao abuso de substâncias), que trabalha com prevenção e

acompanhamento de jovens e adultos dependentes de álcool e drogas. Botsuana trata o abuso de álcool como assunto de saúde pública, pois é daí que surgem outros problemas como altos índices de contaminação por AIDS, gravidez na adolescência e prática de atos violentos. O desemprego também contribui para o abuso do álcool. Os jovens começam a beber desde muito cedo e, observando isso, alguns cidadãos resolveram se unir e fundar, em 2008, a *BOSASNet*, que consegue mostrar a esses jovens que dá para se divertir sem usar drogas e álcool.

Depois de nos contarem um pouco sobre a organização, Kegomoditswe Manyanda e Isaac Tokonyane nos convidaram gentilmente para participar de uma celebração aberta aos jovens e suas famílias, que aconteceria poucos dias depois. Aceitamos o convite e acabamos participando do evento como voluntários. Foi quando conseguimos notar o impacto positivo que o trabalho da *BOSASNet* gera na comunidade. Teve dança, teatro, karaokê e hot-dog, tudo pra comprovar que ser feliz não depende de nenhuma substância, talvez só de chocolate, no meu caso (risos...).



10 - Jovens num concurso de dança no evento da BOSASNet em Gaborone

Mas não pensem que fomos bem recebidos em todas as organizações. Em duas delas, ficou claro o descaso e a falta de paciência para sequer nos contar o que fazem. Isso mostra o quão importante é ter pessoas trabalhando no Terceiro Setor e efetivamente envolvidas com as causas. E na real, isso vale pra qualquer área. Ter consciência de que cada função tem uma importância significativa para que toda a engrenagem funcione bem, deveria ser uma premissa para todos. E isso se reforça no caso de todas as instituições que sobrevivem de doações e deveriam ter como parte significativa dos seus objetivos estar sempre próximas da sociedade.

Depois de viver tudo isso, voltando pra casa e pensando no que contaríamos, ainda não estava totalmente convencida de qual seria o relato desta experiência... Parecia que faltava alguma coisa, sabe? Ou talvez faltasse só organizar a enxurrada de ideias e novidades. Talvez eu ainda estivesse esperando entrar no meio da savana africana e conversar com meninas empreendedoras ao som da música de *O Rei Leão*. Um pouco daquela visão viciada de quem não conhecia a África, como eu, e achava que tudo se resumiria a criança passando fome e bichos no safári.

Foi quando, conversando com Ishmael sobre direito, política, pessoas, cerveja e etc., ele nos diz: "Eu ainda serei Presidente deste país. Quero trabalhar pelo meu povo e dar a eles a vida que merecem". Pronto! Ishmael ligou os pontos e se apresentou como a grande inspiração da nossa experiência em Botsuana. Não bastava ele mudar a nossa vida pelo tempo que estivemos por lá, ele ainda queria mudar a vida de todo o país!

Foi quando ele perguntou se voltaríamos pra Botsuana e eu respondi que sim, quando ele se tornasse presidente. Ele riu. Eu tenho certeza que vamos voltar.

Gabi

Experiência 3 - Katutura, Namíbia

Publicado em 8 de setembro de 2014



11 - Monica Imanga, ao se despedir de nós, em frente a sua casa em Katutura

Passamos por um terceiro país, uma nova cultura, história e suas pessoas. Notamos – o que presumíamos saber –, que começamos pela região africana mais desenvolvida, países melhores para viver, parte integrante da sociedade moderna. Claro que, com seus carros importados novos e uns quase parando, casas gigantes e barracos, bairros impecáveis e outros sem eletricidade sequer...

Ainda não conseguimos fazer uma pesquisa profunda sobre a história da colonização dos 54 países que compõem o continente africano, mas existem ao menos dois denominadores comuns entre os que já conhecemos: África do Sul, Botsuana e Namíbia. Há uma grande influência dos seus colonizadores (Inglaterra, Holanda e Alemanha) e as riquezas naturais ainda muito valiosas, os diamantes. Vale ressaltar que esse segundo fato não é necessariamente bom, ao recordarmos das infelizes guerras civis em Serra Leoa e Angola em razão desse minério...

Ou seja, a abertura deste texto é para destacar que a realidade que tivemos o prazer de conhecer não representa exatamente a maioria do continente. Uma das cidades que visitamos, Windhoek, é a capital da Namíbia. Sua população é pequena, assim como em todo o país. Ela tem pouco mais de dois milhões de habitantes, sendo a segunda menor densidade demográfica do mundo. O povo é bastante pacato, a cidade é bem organizada, com uma clara influência alemã. Tivemos a oportunidade de estar em suas ruas do centro em um feriado nacional (Dia dos Heróis, 26 de agosto) e nos sentimos parte de um filme de ficção, já que estava tudo absolutamente deserto.



12 - Criança da tribo Himba e Gabi numa feira de artesanatos tradicionais, em Windhoek

A verdade é que, para desconhecedores, ela nos surpreendeu, mas naturalmente não deixamos de procurar as áreas menos favorecidas para conhecer pessoas e entender melhor seus desafios. Umas dessas regiões se chama Katutura, uma *township* (distrito) muito próxima à cidade, que lembra bastante Soweto. Principalmente porque ambas foram parte do Apartheid em razão de a Namíbia ter ficado sob o controle da África do Sul por boa parte do século passado. Ela tem suas áreas melhores e piores, e novamente vimos muitas pessoas vivendo em condições extremas.

A partir de conversas que tivemos com moradores, entendemos que o país teria condições financeiras para resolver as desigualdades, mas como em quase todos os casos, o foco se perdeu... Ouvimos frustrações constantes por isso. Um grave exemplo é o governo ter investido alguns milhões em uma nova residência presidencial e manter uma campanha de ajuda a crianças órfãs, ofertando apenas 1 dólar por dia para cada uma... Não é preciso lembrar que, hoje, em qualquer país isso não dá nem pra comprar comida para um bebê, ou seja, pedem aos orfanatos a missão impossível de criar uma criança e atender a todas as suas necessidades básicas, assim.

Com o pensamento positivo, coisas sempre acontecem em nosso favor e assim conhecemos o Nicholas Menner no consulado da Angola, tentando um milagroso visto, que alguns dizem que é o mais difícil. Ele é australiano, e tem uma experiência incrível de viagens que fez pelo mundo por cinco anos. O conhecemos em sua etapa africana e ao nos contar sobre a sua passagem por Windhoek, soubemos que ele foi voluntário no orfanato *Dolans House*. Lá vivem dezesseis jovens que perderam suas famílias ou tiveram que ser retirados delas.

Infelizmente, não pudemos conhecer melhor a história da fundadora, a Dona Rosa, porque nossas agendas não se encontraram. Mas tivemos a oportunidade de ir até lá, onde conhecemos a criançada e brincamos com a Dolores e o Johnny, energia pura... O ambiente é muito aconchegante e parece ser divertido sempre. Deu muito entusiasmo ver de perto o resultado da ação de uma pessoa que, por conta própria, resolveu cuidar de crianças que precisavam de um lar e de amor! Só disso.



13 - Jovem Himba e Gabi numa feira de artesanatos tradicionais, em Windhoek

Quero muito falar de mais pessoas incríveis que conhecemos, mas, antes disso, um episódio interessante. Mesmo sendo o inglês um dos idiomas oficiais, nem todos falam muito bem, por isso demoramos para conseguir algumas informações sobre transportes e como encontrar comunidades. Talvez não tivemos sorte, pois as pessoas para quem pedimos ajuda não pareciam querer ajudar muito...

Ao irmos a uma agência em busca de informações, fomos recebidos com muita **gentileza** e atenção e tivemos todas as nossas dúvidas esclarecidas. Claro que, no contexto atual, isso pode parecer um detalhe

minúsculo, mas acredite que, para alguém com um leve TOC (transtorno obsessivo-compulsivo) por organização (eu), incomodava muito não ter informações claras para decidir nossos próximos passos. Quando saímos de lá, nos sentimos positivamente impactados pela gratidão, por termos passado dez minutos com alguém educado, preparado e com muito boa vontade para ajudar. A famosa **generosidade**, após uma sequência de falta de bondade.

Em umas das buscas, soubemos do projeto *Penduka*¹⁴ que atua com mulheres de Katutura. Lá, fomos muito bem recebidos pela Taimi Benjamin, que gerencia o escritório e a fábrica. Ela gentilmente nos mostrou tudo o que fazem e nos contou a história da organização, que há 20 anos criou um modelo para profissionalizar mulheres da região a produzirem diversos tipos de artesanatos. Neste trabalho, há dois fatos fundamentais, pra mim: em primeiro lugar, valoriza muito o lado criativo das mulheres para que façam as coisas do seu jeito, o que as ajuda a resgatar sua identidade; em segundo, que, desde o começo, a fundadora, por ser estrangeira, conseguiu vender os produtos no exterior, o que garantiu e garante, até hoje, renda real contínua para elas. Isso possibilita que dediquem tempo para a família, pois não precisam ficar horas intermináveis em feiras de rua para vender, que é um trabalho árduo e não exatamente produtivo.

Nessa experiência, além da inspiração da missão da *Penduka*, ficamos ainda mais entusiasmados em conhecer a visão de prosperidade da Taimi. Conversando sobre o futuro, muito além de pensar em criar uma empresa de sucesso para acumular mais dinheiro para si, ela acredita que existem formas de desenvolver modelos de negócio capazes de gerar mais empregos. O que, para ela, significa ter uma missão muito além de ser lucrativo, mas, sim, criar mais posições, buscando distribuir melhor a renda em vez de aumentar os ganhos com cada vez menos gente (o que alguns chamam de capitalismo tradicional). Na minha opinião, é esse tipo de princípio que combate diretamente a séria **desigualdade social** que existe em todos os países do mundo.



14 - Taimi Benjamin (ao centro), uma artesã e Gabi (à direita) na Penduka, em Katutura, Windhoek

Pronto, eu não podia querer ouvir nada mais inspirador que isso, ali, naquele momento, longe de casa, em um país que, até então, eu desconhecia. Isso me dá muita esperança, pois indica claramente que há gente aí, pelo mundo, que já entendeu que 'nosso' capitalismo em sua economia linear e consumista, não faz sentido lógico ao levarmos em conta que somos apenas sete bilhões... Infelizmente, isso ainda vai no sentido contrário do que acreditam os bem-sucedidos e vitoriosos de hoje. Coitados, de todos nós...

Através do Nicholas, também conhecemos a Claire, que trabalha num albergue e apoia alguns projetos do bem. Fomos muito bem recebidos por ela. Quando ela nos contou sobre um dos projetos que apoia, nos fez sentir, por suas palavras, que conheceríamos uma pessoa muito inspiradora. Suspense...

Ao chegarmos à casa da Monica Imanga, tivemos um primeiro choque, de cara: uma senhora negra com um sorrisão tão forte e uma simpatia tão viva que dá alegria toda hora que me lembro dela. Quando ela começou a nos contar o que criou, seu sentimento de realização era notável. Em 2007, após perder sua filha para a AIDS, ela sentiu que precisava fazer algo pelos outros, o que talvez fosse uma forma de reagir para que nenhuma criança passasse por tanta dor como sua filha. Assim, decidiu começar a sua "Soup Kitchen" (cozinha

de sopa), como chamava, para nutrir crianças da região de Katutura que não tinham nada, nem famílias, muitas vezes.



15 - Monica Imanga (ao centro) e nós em Katutura, Windhoek

Ela não era rica, mas conseguiu o apoio de uma amiga para dar início à iniciativa e, logo no primeiro dia, alimentou 45 crianças. Sua ação cresceu, sua fama correu e ela conquistou muitos fãs de fora do país que contribuem, até hoje, para manter o projeto. Hoje, sete anos depois, *Home of Goodhope*¹⁵ (lar da boa esperança) alimenta 500 crianças por dia. Acredita? E não se trata de dar uma refeição qualquer, ela garante que recebam vitaminas essenciais e que frequentem a escola. Ciente da importância da educação, ela conseguiu inclusive dar escola, materiais e necessidades básicas para algumas crianças também. Emociona? **Generosidade** espontânea é assim, dá alegria e nos faz repensar.

Deixei a melhor parte para o final. Ao perguntarmos qual seria o seu sonho, Monica nos respondeu, com sua risada naturalmente carismática, que desde menina pedia a Deus para não se casar e para apenas cuidar de crianças. E hoje ela vive assim, cuidando de meninos e meninas o tempo todo. Concluiu: "I am living my dream" (eu estou vivendo o meu sonho). Esse depoimento incrível está no vídeo 16 que publicamos.

Nosso exemplo em pessoa, de quando propósitos transformam realidades.

Felipe

Reflexão I - Somos todos iquais, lembra?

Publicado em 4 de setembro de 2014



16 - Entrada do Museo do Apartheid, em Joanesburgo

Oi gente! Como estão? Por aqui, agora em Angola, tudo corre super bem.

Antes de tudo, gostaria de agradecer por terem acolhido nossa ideia com tanto carinho! Tenho visto alguns compartilhamentos no *Facebook* e recebido mensagens muito especiais. Desde o início, nossa intenção era justamente essa: ter tanta gente viajando com a gente e despertando para discussões e reflexões sérias, que são determinantes para mudar o curso da sociedade em que vivemos.

Estamos aprendendo muito. Na verdade, acho que estou começando a aprender sobre a vida agora... Além de aprender a editar vídeos e secar roupa na janela.

Por conta disso, Fê e eu chegamos à conclusão de que só compartilhar o registro das Experiências poderia ser muito pouco. Foi quando decidimos compartilhar também nossas reflexões, inquietações, nossos questionamentos e tudo aquilo que nos dá a certeza de que fizemos a escolha certa. E, por isso, cá estou eu.

Desde a nossa chegada já passamos por quatro países diferentes. Atravessamos fronteiras caminhando tranquilamente... Isso pra mim foi outra surpresa, porque sempre imaginei que teria que desviar de crocodilos e dormir na floresta. Aí está a influência das novelas (risos...).

Vivemos experiências incríveis em cada lugar, mas nada tão valioso como ter a oportunidade de enxergar e compreender a história dos povos, do homem e do mundo.

Digo isso porque, nestes dias, tivemos a chance de sentir na pele os contrastes que tanto buscávamos. E, acreditem, viver isso esclarece muitas coisas.

Uma delas é o Apartheid. Por que as minhas aulas de história na escola não dedicaram um ano todo para falar disso? Por que não me lembro de ter abordado essa questão na faculdade de Direito e por que ninguém gritou no meu ouvido os detalhes de como isso aconteceu?

Ainda não me conformo com a ideia de que alguns homens se acham no direito de descobrir uma terra nova e simplesmente tomá-la para si. Desconsiderando o povo que ali vivia, a cultura e a história que ali construíam.

Como se não bastasse decretarem, unilateralmente, uma nova ordem moral, social e religiosa, eles ainda se achavam tão superiores a ponto de te impedir de frequentar os mesmos lugares que eles. Para não parecerem tão cruéis assim, quando te expulsaram da sua casa, eles construíram outra cidade chamada de *township* (distrito), todinha para você e para os seus amigos. Longe do centro, claro... Onde a sua presença não era muito bem vinda.

Você e seus amigos não podiam usar o mesmo banheiro que eles, nem frequentar os mesmos bares. Nem dava pra esquecer isso, pois haviam placas espalhadas por todos os lados.

Ah, esqueci de dizer: você e seus amigos são negros. Eles são brancos. E?

Pois é... Não sei quem foi a infeliz criatura que, de tão vazia, criou a ideia de segregação para se autoatribuir algum valor. Só sei que foi mais de uma... Já que a história do mundo nos mostra que isso aconteceu — e ainda acontece — com certa frequência em vários lugares. Negros, judeus, ciganos, indígenas, homossexuais... a lista é grande. É quase como se a gente tivesse que dar sorte na hora de nascer, pra evitar dificuldades e retaliações que nem sempre a gente entende direito de onde surgiram.

Nós também vivemos isso no Brasil. Uma segregação que hoje aparece mais velada, e só percebem os que sofrem com ela ou aqueles que resolvem sair do sofá e buscar mais respostas do que aquelas que passam (quando passam) na TV. Aproveitando as longas viagens de ônibus, Fê e eu assistimos um breve documentário sobre a história do nosso país. Se chama *Brasil: Uma História Inconveniente*¹⁷.

Nesse momento de tantas identificações e diferenças, foi fundamental relembrar o nosso passado. Somos o MAIOR país escravista do mundo. Durante a colonização, foram importados mais de quatro milhões de escravos da África. Sim, importados, pois eram tratados e transportados como mercadoria e não como gente. Só não houve segregação territorial de raças — como o Apartheid — porque o Brasil precisava ser rapidamente povoado e, para isso, os colonizadores se deitavam com indígenas e escravas, gerando filhos que quase nunca eram reconhecidos como legítimos. Por isso, somos tão misturados.

Há quem diga que a cultura africana chega a ser mais forte e latente no Brasil do que na própria África, em que o processo de colonização simplesmente engoliu a história e os costumes de quem, antes, costumava ser dono de tudo. Ainda assim, parece que esse passado é pouco relembrado quando vamos discutir problemas sociais.

Que o nosso país já nasceu africano, acho que todo mundo tem noção. Mas será que todos sabemos como essa história foi construída e como a nossa origem, essencialmente negra e escravista, foi determinante para a sociedade em que vivemos hoje?

E essa pergunta eu faço especialmente para aqueles que não se questionam e aceitam qualquer coisa como verdade. Para aqueles que, às vezes, assim sem querer, esquecem que são tão brasileiros, tão africanos, tão seres humanos quanto quaisquer outros e, portanto, fazem parte do todo e são corresponsáveis pelo *curso das águas*. E isso implica trabalhar para que todos tenham oportunidades de escolha e a pobreza e desigualdade não sejam uma imposição inevitável como acontece hoje.

Nesse sentido, divido com você o trecho do livro *Reflexões sobre a Tolerância*¹⁸ de Rao Chelikani, em que o autor defende que "todo ser humano tem o dever de questionar as situações que comportam injustiça fundamental para si próprio ou para outrem e esforçar-se para corrigi-las. Evitar o confronto e o conflito, em tais situações, remete, não à tolerância, mas à cumplicidade". Eu que não quero ser cúmplice disso! Se quisesse, talvez não estivesse passando calor em Angola e sem tomar o café com leite da minha mãe somente para buscar respostas que me ajudem a melhorar o MEU país.

Mas cá estou eu. E, daqui, da África, eu vejo que somos todos capazes de um efeito dominó. Cada ação e cada palavra podem ser os pontos de partida para grandes movimentos. Compartilhar nossas crenças e convidar mais gente a se descobrir como parte de um todo. Do mesmo todo. Afinal, somos todos iguais. Só muda o endereço.

Gabi

Experiência 4 - Luanda, Angola

Publicado em 17 de setembro de 2014



17 - Meninas que conhecemos caminhando durante a volta para suas casas no bairro de Chicala, em Luanda

Antes de tudo, devemos contar que só conseguimos um visto de curta duração, por isso passamos rapidamente por Angola e não tivemos tempo suficiente para encontrar iniciativas do bem. Mas, ainda assim, foi uma experiência e tanto.

Mesmo com expectativa muito alta para conhecer a cultura da Angola, os angolanos nos surpreenderam. Positiva e negativamente. Esse contraste – que tanto buscamos aprender sobre diferentes realidades – pareceu praticamente incompreensível nesse país.

Angola teve sua independência de Portugal declarada em 1975. O que seria um governo de transição entre os três grupos de guerrilhas locais se tornou uma guerra civil durante vinte e sete anos. Só terminou com a morte de um dos líderes em 2002, quando o partido MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) assumiu o poder com José Eduardo dos Santos. É uma República Presidencialista, que mantém o mesmo líder por trinta e cinco anos. Eleições existem, mas com um partido tão dominante e uma corrupção tão enraizada que fica difícil confiar em sua legitimidade. Nossos irmãos venezuelanos sabem bem disso...

Existe uma idolatria doentia imposta ao presidente e, em tempos de guerra, seu partido contava com o apoio da União Soviética e de Cuba. Mera semelhança socialista? Por outro lado não existe censura à imprensa e já há jornalistas valentes o suficiente para criticar abertamente a incapacidade do governo. Assim, sua possível democracia é bem questionável! Angola é o 25º país mais corrupto do mundo, segundo a lista da *Transparency International* ¹⁹. Ciente desse aspecto revoltante, é desesperador saber que Angola é um dos maiores produtores de petróleo e diamantes do mundo. Ou seja, é fácil considerar que boa parte desse dinheiro vai para os sem caráter.

A primeira conclusão a que chegamos é que o desejo por poder pode ser o sentimento mais destrutivo do homem. Ali, naquela terra de pessoas extremamente amorosas, a guerra civil deixou consequências extremamente desumanas. Quase três décadas de desrespeito aos **direitos humanos**, tirando vidas como se comesse um pão e machucando a alma e o corpo de pessoas pela eternidade. O que me provoca um sentimento incontrolável de tristeza é pensar que esses intermináveis atos inconsequentes eram praticados pelo desejo de poder, de mandar, de ser dono em um determinado espaço de terra neste planeta e de realizar sua ambição.

Com essa voadora dada, seria importante deixar claro que não se trata de um julgamento pessoal sobre esse povo que lutou por seus direitos e por todos os angolanos. Mas apenas àquelas pessoas que, em algum momento, acharam que fazia sentido usar armas, tanques e bombas como forma de negociação mais direta para resolver desentendimentos...

Respiremos.



18 - Vista do quarto onde nos hospedamos na região central de Luanda

Como um sinal do universo para não perder a esperança, a primeira experiência que tivemos em Angola foi impressionantemente positiva. Ao chegarmos à cidade de Lubango, a caminho de Luanda, o anjo Paulo apareceu. Um angolano extremamente gentil e generoso. Ao pedirmos ajuda, ele nos guiou por trinta minutos pela cidade e se prontificou a levar-nos até a rodoviária. Como se não bastasse, ele conseguiu duas passagens em um ônibus lotado. E mais: ao ver que me atrapalhava para pegar o dinheiro e pagar as passagens, ele tirou 20 dólares do bolso para completar o valor e não aceitou que pagássemos de volta. Pronto, pensei: "tenho que ligar para o Vaticano, no ramal da canonização".

Em alguns momentos da vida, acredito que pessoas abençoadas são colocadas no nosso caminho para nos fortalecer. Na minha busca por desmistificar essas aparições, após agradecê-lo vinte vezes, pedimos seu e-mail para apenas termos o contato e retribuirmos um dia no Brasil. Enviamos uma mensagem no dia seguinte e o e-mail voltou: o endereço que ele nos deu não existe... Cada louco com sua loucura, não é? Conclusão: conhecemos o anjo Paulo de Angola.

A seguinte etapa para sentir a cultura local foi tão divertida que choramos de rir e lembramos muito da nossa terra maravilhosa — viva a colonização portuguesa! Então, aqui vai nossa experiência em um ônibus angolano, em poucas palavras: (i) a partida atrasou uma hora em razão de cinco discussões acirradas entre pessoas que disputavam lugares, a ponto de um homem dizer para o outro: "Vamos para as quadras?". O que entendi foi: "Vamos sair no braço?"; (ii) um dos passageiros era uma galinha viva, silenciosa ao menos; (iii) um garoto escutava musica alta no celular enquanto cantava... bem; (iv) um rapaz levou um isopor cheio de cidra, que bloqueava totalmente o corredor; (v) tivemos que assistir a três filmes ironicamente engraçados (de tão ruins) porque o volume era alto, bem alto; e (vi) passamos muito frio porque o piloto não se importava em escutar os gritos de reclamação, então tivemos que ligar o computador para a bateria nos aquecer... Que aventura!

Em verdade, o percurso de 1.200 km nos revelou outro fator bastante lamentável. A pobreza está distribuída por todos os lugares. Todas as vezes que olhávamos pela janela, víamos vilarejos visivelmente carentes, sem saneamento e eletricidade. Lixo é uma calamidade pública, mesmo nas áreas mais nobres da cidade, o que é uma clara consequência da falta de consciência e de educação social básica. Muito mais do que pela poluição visual, é muito triste pelas diversas doenças que gera, além da destruição e de enchentes que afetam sempre os menos favorecidos.



19 - Nossa primeira impressão de Luanda vista do ônibus

Em qualquer metrópole angolana, o contraste entre os mais e os muito menos abastados é constante. Em primeiro lugar, existem barracos, casas inacabadas e prédios em construção em todos os quarteirões. Independentemente da região que estávamos, ao olhar para qualquer lado, víamos uma casa sem condições básicas para se viver.

Como consequência do desemprego, existem mercados de rua e vendedores ambulantes de qualquer tipo de produto em todos os lugares. As pessoas que chamam mais a atenção são as jovens mães com os filhos amarrados às costas e sua mercadoria equilibrada sobre a cabeça com a maior naturalidade. Todos são, geralmente, muito simpáticos, por isso, nos aproximávamos com o nosso constante "bom dia, tudo bem?" para tirar a impressão de que somos estrangeiros distantes.

Eu, particularmente, me incomodo com a ostentação exagerada e a demonstração de status. Sempre acreditei que as indústrias de filmes, novelas e comerciais, que cultivam aquele famoso desejo do desnecessário, fossem as maiores vilãs para o nosso desentendimento de "ter ou não ter", mas parece que a guerra pode ser pior. Uma característica bastante peculiar de Luanda é que, nas ruas, há muitos carros caríssimos. Muito mais que em São Paulo, que já tem uma grande concentração deles.

O ponto, aqui, não é o gosto do público do mercado automobilístico, mas a charada: a grande maioria desses veículos eram pomposamente pilotados por fardas militares. Ou seja, é o maior atestado oficial da corrupção e do sentimento de não se importar com o povo... Não resisti em perguntar o valor desses "brinquedos" e ouvi que seria a partir de 700 mil dólares. Ainda bem que eu não estava armado nesse momento, pois recomeçaria a guerra de novo, ali mesmo... Concluí que o que a guerra mais destruiu foram os princípios e valores humanos.

Outra prova dessa ostentação descabida, na contramão da grave **desigualdade social**, é que a cidade já foi eleita a mais cara do mundo para se viver e ganhou em 2014 de novo, segundo a consultoria *Mercer*²⁰. Mesmo procurando os preços mais baratos, os preços que encontramos foram absurdos. É compreensível, ao pensarmos que não existe um mercado desenvolvido para todos os bolsos em razão de sua economia muito jovem, com o país livre de guerras somente há doze anos. E naturalmente porque a indústria de propina para impostos deve estar a todo vapor ainda!

Respiremos mais fundo.

Em uma das nossas andanças pelas ruas, encontramos um candongueiro – nome dado aos transportes coletivos locais que cobram 1 dólar por qualquer trajeto. – Depois de muito aprendermos com o motorista, chegamos à parada final. Ao descer, percebemos que tínhamos nos esquecido de pagar as passagens e, de repente, o motorista falou "essa fica por nós!". Fechou a porta e foi embora. Gabi e eu ficamos

chocados de novo com a generosa **gentileza** e quase desacreditamos do que vimos num país onde existiu tanto sofrimento. Alegria!



20 - Nós com o motorista da lotação em Luanda

O mais incrível é que tivemos outra experiência de **generosidade** em um mercado de rua. Procurando sabão para lavar roupas encontramos um carrinho de mão com muitas pedras de sabão brancas. A simpática jovem vendia quatro por 1 dólar. Como não queríamos levar tantos, pedimos para ela cobrar 1 dólar e levaríamos somente uma pedra. Ela inicialmente confusa, ao entender que queríamos apenas uma, não pestanejou e disse "ah, apenas uma podem levar, é presente meu!". Assim, vindo de uma jovem que luta para sobreviver com dificuldades que sequer conseguimos imaginar. Ainda estou me perguntando como um gesto tão simples pode ter tanto significado para o que o mundo precisa?

Na nossa continua busca pelas partes da cidade com mais gente simples e do bem, fomos ao Mercado 30. Um mercadão de rua gigantesco onde se vende de tudo, como comida, roupas, peças para carro, eletrodomésticos e CDs. Não descobrimos o número oficial, mas arrisco afirmar, tranquilamente, que havia mais de dez mil pessoas ali. O mercado fica distante do centro, por isso, demoramos uma hora para chegar depois de três candongueiros.

Sendo os únicos brancos no local, notamos, de cara, que me viam como um *avatar* albino e a Gabi como uma escandinava. Mas não nos sentimos em perigo, em nenhum momento. Depois de muitas caminhadas empolgados, trocando muitos olhares e palavras, paramos para conversar com a simpática e sorridente Maria Pedro. Ela nasceu em outra cidade, Malanje, mas mora no bairro de Viana, em Luanda desde 1981.

Ela teve sete filhos, mas hoje apenas quatro estão vivos. Talvez pela guerra ou por doenças, ela não quis falar muito disso e respeitamos, claro. Ter muitos filhos é comum, sob a justificativa de que, no futuro, ajudarão no sustento da família. Por ora, essa é uma das crenças populares mais preocupantes que conhecemos, mas pretendo tratar desse assunto separadamente em outro momento.

Como em situações parecidas que vivenciamos desde o início de nossa estada em Luanda, nos impressiona que, apesar de todas as dificuldades, Maria era espontânea e visivelmente alegre, gargalhava de tudo e fazia piadas. Pode ser apenas um traço de personalidade, mas ainda nos faz refletir que, ali, a melancolia e a tristeza são sintomas pouco comuns... À medida que conversávamos com ela, ficava claro que os problemas básicos que têm são a falta de eletricidade e água. E o que mais a preocupa é a educação e ter sempre condições para pagar a escola dos filhos. Naturalmente, na situação do país, o ensino público não funciona para todos.



21 - Mercado 30, uma feira de rua nas redondezas de Luanda

Foi uma conversa inspiradora. Sendo a corrupção e o egoísmo os fatores mais prejudiciais à potencial igualdade social, Maria nos disse – de uma forma muito natural – que o que falta em Angola e no mundo, para que possamos resolver tudo, é só amor. Pode parecer uma conclusão infantil demais, mas, o que garante a matrícula dos filhos numa escola pública, muito além de filas e falta de vagas, é a propina. Mas, espera! A pessoa que representa o governo exige dinheiro de pessoas que não o têm, apenas para exercer sua função elementar de educar os líderes do futuro? Sim, e muito infelizmente sabemos que isso não acontece só ali.

A sutileza está na forma emocionada como Maria nos disse "o que falta é amor" e isso tem uma verdade muito essencial. E ela continuou falando de muitas outras situações complicadas da vida, em que esse sentimento poderia ser a solução. Foi uma gentil cutucada em todos que usam sempre "te amo", mas olham só para o próprio umbigo e tentam tirar vantagem de tudo. Falta muito amor para quem mais precisa dele para sobreviver e devemos repensar esse conceito. O que é amor pra você?

Dá pra ver a naturalidade dessa conversa no vídeo²¹ que publicamos.

Felipe

Experiência 5 - Lamqabhi, Suazilândia

Publicado em 24 de setembro de 2014



22 - Senhoras artesãs da Gone Rural Swaziland, em Lamgabhi

Depois de uma semana intensa em Angola partimos para o Reino da Suazilândia, um país quase dentro da África do Sul com pouco mais de um milhão de habitantes.

É uma das cinco monarquias absolutas do mundo (as outras quatro são Brunei, Catar, Omã e Arábia Saudita) e ainda admite a poligamia. Ainda assim, o Fê continuou a viagem comigo... Então, acho que é mesmo amor de verdade.

De acordo com a *UNAIDS*²², 26% dos Suazis entre 15 e 49 anos são portadores de HIV/AIDS, o que coloca o país na lista dos mais afetados pelo vírus. Importante lembrar que o alto índice de contaminação está diretamente relacionado ao fato de a poligamia ser cultural e legalmente aceita pela população. Não é a toa que o número de mulheres portadoras de HIV é assustadoramente maior do que o número de homens.

Por lá, passamos tempo suficiente para viver algumas boas experiências, incluindo dividir o quarto com uma barata e um ratinho (pra parecer mais fofo e meus pais não me obrigarem a voltar pra casa). Mas estamos na África, não é gente? Barata e ratinho está até tranquilo perto do que achei que pudesse encontrar... Quem me conhece sabe do meu pânico de cobras e da extensa pesquisa prévia que fiz sobre o que fazer se eu for picada por uma mamba negra (umas das mais venenosas na África).

Além desse contato intenso com a natureza, também tivemos a chance de conversar pessoalmente com um antropólogo e especialista na história do país. O papo que tivemos com ele foi fundamental para entender a dinâmica das pessoas, da economia e da política.

Ficou claro que o sistema de monarquia imposto à população traz consequências bastante sérias para o país e boa parte disso ocorre porque o rei não conhece a realidade do seu reino. Em uma monarquia absoluta, como acontece por lá, o rei tem poder supremo, manda e desmanda sobre qualquer assunto e a qualquer momento. O X da questão é que sua equipe, que supostamente deveria aconselhá-lo e orientá-lo, parece não ter lá toda aquela liberdade para falar algumas verdades, sabe?

No final, pra evitar que o rei se zangue e aplique alguma punição ao "sincero" e sua família, a melhor alternativa é simplesmente dizer que está tudo bem... sempre.



23 - Filhos das artesãs da Gone Rural Swaziland e Felipe, em Lamgabhi

Inclusive, Rei, se você estiver lendo isso, sugiro uma visita às comunidades rurais do seu país. Tem muita gente boa por lá, mas também tem muita pobreza. E não adianta querer me punir, porque quem avisa amigo é e se ninguém te contou isso até agora, é melhor rever suas amizades.

Pausa para solicitar reforço na segurança (risos...).

Mas mesmo com todas essas dificuldades, tivemos a chance de conhecer um **negócio social** de encher o coração de esperança. O *Gone Rural Swaziland*²³.

Tudo começou em 1970, quando a fundadora, Jenny Thorne, abriu uma pequena loja para vender artesanatos, roupas e livros antiapartheids. O negócio foi crescendo e ela enxergou uma incrível oportunidade de aproveitar uma das matérias-primas mais abundantes da região, a grama, e transformá-la em lindos artesanatos. Trata-se de uma grama especial, que mais se parece com capim.

Foi quando, em 1992, a *Gone Rural* nasceu com o **propósito** de empoderar as mulheres e dar a elas uma voz. E para isso, Jenny criou um modelo de negócios que permite às mulheres que vivem em zonas rurais, obterem uma renda mensal capaz de mudar completamente suas realidades.

O processo é simples. As mulheres colhem a grama de uma região montanhosa necessária para a produção e periodicamente recebem a visita dos funcionários da *Gone Rural*, que fazem a pesagem do material e a entrega da grama especial, que já passou pelo processo de coloração e está pronta para ser transformada em lindas peças. A composição das cores é predeterminada e depois de prontos os produtos ainda passam por um teste de qualidade.

Na produção também são utilizados materiais reciclados e toda a matéria prima é extraída e processada pensando no meio ambiente. Mais consciente e ecologicamente responsável impossível.

As mulheres recebem pela venda da grama e, posteriormente, pelo produto final. E se não bastasse, elas também recebem aulas sobre micro finanças, onde aprendem a poupar o dinheiro e investi-lo em questões relevantes para a família. Enquanto acontecem as visitas, as crianças brincam juntas e outras mulheres vendem frutas e legumes. Um verdadeiro ponto de encontro e comércio para a comunidade.

É tanto sucesso, que atualmente são quase 800 mulheres trabalhando na colheita e fabricação dos produtos, ao longo de 53 comunidades espalhadas pelo país.

Agora a cereja do bolo: 100% do lucro obtido é reinvestido em favor das comunidades. A *Gone Rural* disponibiliza uma clínica móvel, que passa pelos grupos e oferece consultas e tratamentos médicos gratuitos, paga integralmente as taxas de admissão para 300 crianças em fase escolar e ainda disponibiliza água tratada para mais de oito mil pessoas.

Durante a nossa visita a Lamgabhi, uma das comunidades apoiadas, tive a chance de conversar com a Thimbisile Mthembu, líder comunitária e professora de micro finanças para as mulheres. Foi fantástico do começo ao fim.



24 - Mulheres na fila da Gone Rural Swaziland para entregar a grama que colheram e Felipe, em Lamgabhi

Primeiro pelo tema, que tende a ser um dos meus preferidos – gênero –, segundo pelo carinho com que fomos recebidos e por fim, pela paixão e admiração que Thimbisile tem pelo seu trabalho, pela *Gone Rural* e por acompanhar o florescimento de tantas mulheres.

No final do dia, depois que o Fê passou horas ajudando a pesar as gramas – enquanto eu papeava com as meninas – distribuímos as nossas fitinhas como forma de agradecimento. Aí virou festa, mas de mulher, sabe? Eu rindo alto e todas as mulheres pirando quando eu dizia que tinham direito a três pedidos quando eu amarrava a fitinha. Foi a prova de que mulher ama brinde – eu principalmente – e se dá bem mesmo sem falar a mesma língua. Só basta ter o coração aberto. O vídeo²⁴ que publicamos mostra um pouco disso tudo.

E na hora da despedida, agradecemos a todas e, sem esperar, recebi um abraço carinhoso acompanhado da seguinte frase: "This is my sister!" (essa é minha irmã).



25 - Thimbisile Mthembu e outras artesãs da Gone Rural Swaziland, em Lamgabhi

Engoli o choro, entrei no carro e já fiz as contas de quanto custaria comprar 75 peças *Gone Rural* para levar pro Brasil. Então lembrei que na minha mochila não cabe nem maquiagem, muito menos um vaso artesanal de 130 centímetros. Foi triste, porque é tudo lindo. Praticando o desapego.

Mas eu já tinha ganhado o que precisava: energia e inspiração pra seguir viagem. Com o coração cheio de amor e a cabeça cheia de ideias. Além de um plano secreto para exportar produtos *Gone Rural* pro Brasil.

Quem quiser contribuir com o projeto pode doar diretamente pelo site. Também dá para comprar os produtos, mas é necessário enviar um e-mail solicitando instruções sobre a forma de envio ao Brasil. Vale a pena!

Gabi

Experiência 6 - Mafalala e Boane, Moçambique

Publicado em 1º de outubro de 2014



26 - Mulheres do grupo de dança tradicional Tufo da Mafalala, em Maputo

Moçambique foi uma experiência tão intensa que faremos dois relatos em textos separados para contar sobre as tantas inspirações que tivemos lá!

Essa imersão de aprendizado aconteceu graças a uma amiga, Carlota Vilalva, que mora em Moçambique há um ano. Ela e três amigas criaram a $Mozup^{25}$, uma plataforma que coloca em contato organizações sociais que precisam de voluntários e pessoas que querem se voluntariar, mas não sabem como. Contaremos tudo sobre essa iniciativa no próximo texto. Agora...

A história de Moçambique lembra a de Angola por ter sido colonizada por portugueses e se tornado independente no mesmo ano, 1975, fato também seguido de uma triste guerra civil. Só que, em Moçambique, a guerra terminou antes, em 1992, com alguns rastros de conflitos mantidos até 2014, em algumas regiões centrais do país, entre as duas principais guerrilhas-partidos: *FRELIMO* (*Frente de Libertação de Moçambique*) e *RENAMO* (*Resistência Nacional Moçambicana*). O acordo oficial de paz entre elas foi assinado em setembro de 2014, dois meses antes das eleições que acontecem desde 1994 e ainda não são exatamente confiáveis, segundo a opinião pública. Em razão desse fator duvidoso e da preferência de todos que ouvimos pelas ruas, a *FRELIMO* deve permanecer por algum tempo no poder.

Esse suposto gosto popular pelo partido dominante me chamou muito a atenção, já que todos sabem que a corrupção ainda é latente e os sistemas de educação e saúde não funcionam. Pior: na maioria das vezes em que perguntei se as coisas têm melhorado em Moçambique desde que o povo escolhe os governantes, a resposta foi negativa... Muito provavelmente o que falta é uma boa educação política, além de melhores candidatos.

Um fato inusitado é que logo após a declaração da independência, foi criada uma lei ordenando os portugueses a deixarem o país em 24 horas com 20 quilos de bagagem. Já imaginou uma notícia dessa? Chocante, vingativo e inconsequente. Assim eu descreveria tal ato em qualquer lugar do mundo. Seu desdobramento desastroso se nota por ser um dos países mais pobres do mundo, grande parte em razão dessa desordem gerada pela decisão precipitada de ter novos homens com o poder em suas mãos.

Depois dessas primeiras impressões, conhecemos pessoas do bem e dispostas a se dedicar para melhorar a vida de quem não tem nada a ver com tudo isso: as crianças!

Uma das iniciativas mais interessantes é a organização *Livro Aberto*²⁶, fundada em 2007 por pessoas especializadas nas áreas da linguagem, educação e alfabetização. Seu objetivo é complementar o trabalho fundamental de educar, que é de responsabilidade básica das escolas locais, mas o sistema de ensino não é capaz de atender tal compromisso. Conversamos com uma das fundadoras, Mindy Brown, professora de uma escola em Maputo que se espantava ao ver meninas aprovadas para o ano seguinte sem nem mesmo estarem

alfabetizadas. Claro que seria injusto colocar a culpa apenas nos professores, uma vez que o problema é mais complexo: nem governo, nem sociedade dão a devida atenção a essa questão. E o resultado só pode ser triste: crianças que sequer sabem ler e têm seu aprendizado seriamente comprometido.

Com um olhar generoso para essa lacuna social, Mindy criou a *Livro Aberto* para contribuir com o desenvolvimento de crianças de áreas menos favorecidas como o bairro da Mafalala (sobre o qual contarei mais adiante). Além de ensinarem, de fato, a ler e escrever, todos que lá trabalham têm como missão criar o hábito da leitura como um momento de prazer. Participando de uma manhã com os voluntários, pude sentir algo que nunca tinha vivenciado de perto: como a alfabetização pode ser alegre em meio a brincadeiras. Naquele momento, fiquei pensando como uma atividade divertida por algumas horas na semana pode influenciar profundamente a vida das crianças, por torná-las capazes de ler e ter acesso a um conhecimento interminável, o que é o começo para garantir uma vida repleta de oportunidades.



27 - Crianças durante uma aula oferecida pela Livro Aberto, em Maputo

Empolgados com tantas inspirações ao nosso redor, tivemos a oportunidade de conhecer ainda mais crianças na Associação *Projeto Cidadão*²⁷ (APC) em Boane, que fica a trinta minutos da cidade de Maputo. Além da missão de educar na primeira infância, a família Cavalheiro criou a APC para ajudar no desenvolvimento econômico e social da comunidade em diversas esferas como cultura, arte, profissionalização e saúde. O mais incrível é que tudo está progredindo até hoje por meio da rede de amigos que construíram uma forte rede, que lhes permitiu conseguir locais para aulas, materiais e voluntários interessados em liderar as diversas ações que integram o programa.

Quando os conhecemos, chegamos no horário das aulas e, apesar de ser uma escola muito carente, que precisa de melhorias, a garotada estava estudando compenetrada e com muita alegria. No vídeo que publicamos é possível ver as brincadeiras que a titia Gabi realizou. Nos outros países africanos, o desconhecimento do inglês não nos deixava interagir tão bem com os jovens, mas ali a língua portuguesa nos aproximava muito das crianças. Vê-las sendo educadas mais uma vez, onde essa responsabilidade humana essencial não é exatamente cumprida, nos emocionou. Principalmente porque presenciamos como a generosidade pode melhorar substancialmente a vida delas.

Sem culpa nenhuma pelo passado, essas pequenas pessoas são as que mais sofrem as consequências no futuro por não terem acesso a serviços básicos que a sociedade deveria se esmerar para oferecer. Mas, em vez de fazer disso um objetivo coletivo, os que têm o poder de decisão, hoje, preferem o comodismo de investir dinheiro, tempo e intelecto na criação de tecnologias para desenvolver xampus mais avançados para deixar os cabelos mais bonitos e brilhantes. Este é apenas um exemplo da inversão de valores que vivemos no planeta.

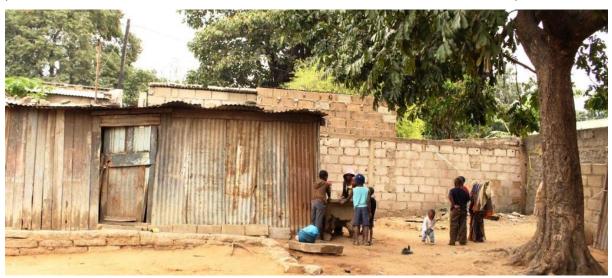


28 - Gabi numa atividade de recreação com crianças da APC, em Boane

Voltando a falar de Moçambique, sua economia por muito tempo dependeu de doações, porque além da exploração sofrida em sua colonização, o país não tinha tantas riquezas naturais até a descoberta recente do gás natural. Essa novidade deu mais esperança à prosperidade, pois isso realmente atrai investidores externos, ainda que tenham a intenção de levar uma parte embora, óbvio...

Independentemente disso, hoje, o potencial mais incrível do país é o turismo e tivemos o prazer de conhecer um pouco de seu potencial na praia de Tofo. Em sua geografia alongada de norte a sul, o país tem uma grande extensão costeira, com arquipélagos, natureza exuberante e muita vida marinha. Além dos parques nacionais onde os safaris acontecem. O desafio ainda está na capacidade de o governo conseguir enxergar o turismo como um estímulo para a economia, já que possibilita a entrada de recursos e, o mais importante, como geração de renda incremental para a população que vive em torno de cada novo ponto turístico. Esse assunto tem sido discutido por lá. Primeiro, porque, na contramão dessa oportunidade, o preço dos vistos de entrada no país mais que dobrou (junho de 2014). Segundo, porque os conflitos violentos que ainda aconteciam na região central até meados desse ano disseminaram uma preocupação muito negativa na indústria do turismo mundial.

Visando essa oportunidade com um olhar muito mais consciente e pensando no coletivo, nasceu a *Associação Iverca*²⁹, em Mafalala, um bairro bastante peculiar de Maputo. Essa área foi criada no início do século passado pelos portugueses para regionalizar as moradias dos trabalhadores do porto da cidade, que passou a se desenvolver juntamente com a descoberta do ouro no país vizinho, África do Sul, e gerou grande migração no continente. Não foi uma segregação tão intensa como no Apartheid, mas seu conceito similar curiosamente também deu origem a personagens importantes na história de Moçambique, como expresidentes e escritores. Inclusive o estilo musical da *marrabenta*, uma identidade cultural do país, nasceu ali.



29 - Crianças na rua do bairro de Mafalala, em Maputo

Em razão dessa riqueza cultural enraizada, Ivan Laranjeira, então estudante de turismo, percebeu que naquelas ruas onde, de fora, existia preconceito, violência e pobreza, havia também grande potencial de turismo inclusivo. Isso significa muito mais que utilizar os traços históricos tão fortes no país para o lucro de um negócio pessoal, mas é, sim, desenvolver a comunidade de Mafalala, gerando renda para seus moradores também.

A *Iverca* foi criada em 2009, quando Ivan e seus amigos, Erica e Carlos, resolveram começar inovando a imagem de Mafalala através da realização de três festivais de música em 2010. O que no começo parecia uma ideia de jovens loucos, acabou se tornando um festival anual elogiado e frequentado por moçambicanos de diferentes regiões, com atrações de diversos gêneros musicais. À medida que o **negócio social** foi crescendo, a *Iverca* desenvolveu a região não somente por meio da música, mas também do turismo cultural, do artesanato e da gastronomia. Sempre com a missão clara de evoluir em conjunto com a comunidade, oferecendo, inclusive, formação de guia de turismo para jovens moradores do bairro.



30 - Pessoas reunidas em protesto numa praça de Mafalala, em Maputo

Pudemos fazer o já famoso *Tour de Mafalala* e assistir a uma apresentação do grupo de dança *Tufo da Mafalala*, formado por senhoras da etnia Mácua com uma alegria e charme impressionantes. Até a Gabi foi convidada para participar do show e aprender a dançar.

Como se não bastassem tantas realizações, eles ainda viabilizam intervenções para beneficiar as escolas e o sistema de saneamento da comunidade. O ensino público em Mafalala não é uma tarefa fácil: uma das escolas que visitamos tem mais de mil estudantes e funciona em três turnos com sessenta alunos por turma.

Uma prova ainda mais contundente da responsabilidade consciente desse empreendedorismo social foi notada por nós numa conversa com Ivan. Muito além de fazer crescer o negócio, seu objetivo é divulgar o modelo de negócio que criaram para que muitas outras regiões, com oportunidades similares, possam replicar o que a *Iverca* faz e impactar positivamente sua comunidade. E ainda o mais importante: que todos os moçambicanos lembrem que estimular o turismo cultural é de responsabilidade de todos, já que, juntos, todos podem plantar ainda mais sementes como essa para melhorar o país coletivamente!

Felipe

Experiência 7 - Maputo, Moçambique

Publicado em 8 de outubro de 2014



31 - Alunos na escolinha comunitária Muodjo, em Maputo

Nossa passagem por Moçambique foi muito valiosa e o contexto social e político vivido nos ajudou a compreender melhor os desafios enfrentados pelo povo moçambicano. Um deles é a prática da solidariedade, que está diretamente relacionada com o voluntariado.

Moçambique já foi considerado um dos países mais pobres do mundo e um dos protagonistas das ações internacionais de ajuda humanitária. Tanto investimento estrangeiro pode ter contribuído para a inércia da população, que parece ter desaprendido a se ajudar. Prova disso é que, ainda hoje, a maior parte das iniciativas ligadas ao desenvolvimento social é criada e conduzida por cidadãos estrangeiros e quase não recebem apoio do governo, nem da sociedade.

Foi a partir dessa contradição com um povo que precisa de ajuda, mas não sabe se ajudar, que nasceu a *Mozup*³⁰: uma plataforma para promover o voluntariado. Ela foi criada por quatro amigas que resolveram aproveitar a passagem pelo país para plantar uma nova semente na sociedade, que vai deixar frutos muito preciosos. Carlota Vilalva, Eduarda Vaz, Marta Ribeiro e Teresa Graça, uma brasileira e três portuguesas, respectivamente, escolheram unir seus talentos para conectar organizações que precisam de voluntários e voluntários que não sabem por onde começar.

Pra quem acompanha o *Think Twice Brasil*, em algum momento já deve ter lido sobre o *Atados, Juntando Gente Boa*³¹, que também é um canal de conexão entre ONGs e voluntários no Brasil. A *Mozup* segue a mesma linha genial de pensamento! Não é a toa que os integrantes das duas organizações já andaram trocando figurinhas... Afinal, o objetivo maior é simplesmente fazer o bem. Não importa se no Brasil, em Moçambique ou no mundo todo.

Acompanhamos de perto o trabalho delas – em especial da Carlota, que foi a grande responsável por nos apresentar projetos transformadores na região – e ficou claro o impacto crescente das ações que vêm desenvolvendo. Com apenas cinco meses, a *Mozup* já reúne doze organizações parceiras e eu espero que esse número cresça ainda mais nos próximos meses.

O sonho da *Mozup*? Despertar e cultivar a prática do voluntariado entre os próprios moçambicanos, já que eles, mais do que ninguém, sabem do que o seu povo precisa e de que maneira isso pode ser feito. Na conversa que tivemos com Carlota, deu até pra lembrar um dos lemas do *Think Twice Brasil*: "A felicidade só é real quando compartilhada", quando nos disse que, se todos soubessem como é boa a sensação de fazer o bem, o mundo seria muito melhor. O vídeo ³² que publicamos mostra mais desse papo.

Foi graças à Carlota que conhecemos o Osvaldo Lourenço que, como exceção à regra, é um moçambicano da Beira, cheio de carisma e energia e fundador da *Associação Cultural Muodjo*³³.



32 - Escolinha comunitária Muodjo, em Maputo

Durante os anos em que o país esteve submerso na guerra civil, Osvaldo ainda era uma criança e sofreu de perto as consequências, inclusive durante o tempo em que viveu na rua. Foi quando despertou para o seu grande sonho: trabalhar para que nenhuma outra criança tivesse que passar pelas mesmas dificuldades que ele.

Quando ainda vivia pelas ruas de Maputo, Osvaldo recebeu a ajuda de um missionário, que lhe deu a oportunidade de mudar a sua história e o ajudou a compreender o sentido daquilo que hoje ele defende com tanta força: "Ninguém vive para si mesmo!".

Os anos se passaram, o sonho de Osvaldo cresceu e acabou se transformando em uma realidade que muda a vida de dezenas de crianças: a *Muodjo*.

A palavra muodjo significa escuridão, justamente de onde Osvaldo pretende livrar as crianças e os jovens, por meio da educação. Ele oferece vários programas que vão da alfabetização à profissionalização, incluindo também atenção especial à portadores de deficiência física ou visual.

As atividades se concentram no bairro de Matendene, no subúrbio de Maputo, que surgiu no ano 2000, depois da série de enchentes que assolaram a cidade e forçaram as famílias que perderam tudo a reconstruírem suas vidas em outro lugar.

Pudemos conversar também com a diretora da escola, Marta Cavel, e sentimos de perto o amor que circula entre as crianças e os voluntários. Marta carinhosamente nos acompanhou até as salas de aula e nos apresentou à criançada, que nos recebeu com palmas, músicas e muitas danças.

Marta, assim como Osvaldo, é pura inspiração. Deixou seu posto como professora da escola internacional de Maputo para se dedicar, integral e exclusivamente a formar as crianças na *Muodjo*. Para ela "estamos aqui de passagem", então o melhor que podemos deixar é amor. E eu senti esse amor na pele com a meninada pendurada nas minhas costas e pescoço.

De novo o amor. A solução parece tão simples...



33 - Professora da escolinha comunitária Muodjo e seu filho, em Maputo

Saindo de lá, perguntei para o Fê como seria se o mundo fosse feito só de crianças. Teria muito bullying, óbvio. Mas também teria pureza, inocência, amizade e o tal amor. Porque a gente nasce sabendo amar. As crianças amam qualquer coisa. Pai, mãe, tias esquisitas, pessoas desconhecidas, desenhos animados...

Acontece que, em algum momento da vida, a gente passa a acreditar que deve escolher quem recebe o nosso amor, quando, na verdade, a gente pode amar todo mundo e pode ser amado por todos também. O amor não precisa fazer escolhas. Quem ama e é amado, simplesmente é escolhido.

Carlota, Osvaldo, Marta, Fê, eu e todas as pessoas que têm cruzado nosso caminho são provas disso. O amor nos conduziu e a nossa missão nos escolheu.

Gabi

Reflexão 2 - Educação Social x Senso Comum

Publicado em 15 de outubro de 2014



34 - Crianças que conhecemos caminhando pelas ruas de Checheche, no Zimbábue

Depois de dois meses de viagem, muitos duros aprendizados passam pela cabeça, mas uma sensação positiva de que tudo vai melhor ainda prevalece. Tenho uma clara prioridade pessoal de dar mais espaço para minha intuição antes da razão. Mas depois de estar intensamente com as pessoas de sete países africanos, alguns raciocínios enraizados nessas culturas me impactaram bastante. Essa chacoalhada mental pode ser por um simples fator no qual eu já acreditava antes de viajar: os seres humanos são altamente capazes de fazer e seguir o que certo grupo de pessoas toma como verdade, apenas por um comodismo natural, sem ao menos parar por um minuto de silêncio para refletir sobre o porquê. Em outras palavras: o senso comum.

A imagem mais comum que muitos, não africanos, têm daquele continente é negativa: lá só há crianças negras sofrendo. Dos inúmeros preconceitos criados pelos poderosos meios de comunicação (nem sempre condizentes com a realidade), esse é, infelizmente, real e talvez o efeito mais desastroso das desumanidades modernas.

Relato algumas situações que vivemos para que você possa tentar sentir a sensação que nos domina praticamente todos os dias (em seguida contarei o que pode ser a causa):

(i) É habitual ver crianças, desde recém-nascidas, perambulando pelas ruas com suas mães enquanto elas se locomovem a algum lugar ou trabalham informalmente. Isso é normal porque as mulheres sustentam e criam seus filhos com muita luta. (A Gabi ainda entrará mais a fundo no tema da forte mulher africana.) Ou seja, esses bebês não têm a possibilidade de ficar em casa no seu primeiro ano de vida, receber a devida atenção, começar a aprender e brincar num local limpo e seguro. Para quem teve acesso a tudo, esse fato poderia parecer minúsculo, mas sinto todos os dias a imensidão deste contraste com os olhos de quem teve esse privilégio.

(ii) É muito comum ver crianças vendendo de tudo nas ruas: de doces e bebidas a eletrônicos. Esses o fazem por conta própria a partir dos cinco anos de idade e a grande maioria é de meninos. O maior desafio desses momentos em que somos potenciais clientes é a turbulência de conflitos mentais que temos ao querer ajudar ali, naquele instante. Primeiro, por não querer estimular o trabalho infantil. Segundo, por não saber se aquele dinheiro vai para a comida no prato do menino ou para a cerveja do pai que o obriga a trabalhar. Terceiro, pelo receio de, ao tirar 1 dólar do bolso, formar um tumulto de pessoas querendo mais.



35 - Mulher carrega grande pacote na cabeça e seu filho nas costas, em rua de Luanda, em Angola

(iii) É menos comum (que bom!) ver crianças pedindo esmola, mas também acontece diariamente. O curioso é que aí a turbulência psicológica entra no nível seguinte de complexidade, pois brasileiros costumam ter uma percepção aguçada contra a malandragem. Há os que visivelmente se acham mais sábios e querem apenas tirar um dinheiro extra por sermos turistas e talvez com cara de bobos. São sempre meninos também. O conflito aí é querer acreditar que ele está fazendo aquilo só para ajudar a família a sobreviver. Há outros que são criativos e contam uma história cheia de detalhes para impactar e aí o conflito é titubear se pode ser verdade. Também há situações onde meninas e meninos, ao notarem a nossa presença, correm e dizem "money" (dinheiro), associando a nossa aparência ao dinheiro, de certa forma. É de arrepiar ver que existe claramente um trauma da colonização transmitido pelos pais e pela sociedade.



36 - Nós ao lado de uma mãe com seu filho no peito num ônibus em Vilanculos, em Moçambique

Bom..., ao longo de infinitas indagações sobre esse tema, conversamos com muita gente para entender mais sobre as possíveis causas desse papel da criança africana. Falamos com pessoas de diferentes cores de pele, posições sociais, riquezas intelectuais aparentes e abundância financeira. Tudo na busca de um aprendizado imparcial.

Nessas interações, compreendemos a essência cultural muito característica dos países do sul do continente africano: o senso comum de que quanto mais filhos você tiver melhor. O que desencadeia, muitas

vezes, o objetivo social de casar cedo e eleva seriamente os riscos à saúde, principalmente por causa da AIDS, pela falta de conscientização quanto ao uso de preservativos.

Aprendemos até agora que, o principal fator que justifica tal anseio, é pensar que mais pessoas podem trabalhar e contribuir para o sustento da família no futuro. O detalhe é que estamos falando de crianças que começam a trabalhar aos cinco anos. Ou seja, é uma lógica maluca achar normal uma criança não ter infância e esquecer que ela precisa aprender a viver, para quem sabe, em idade adulta, poder trabalhar com seu **propósito** e, assim, mais próxima de sua realização pessoal. Também é uma tamanha irresponsabilidade reiterarmos um princípio humano elementar de que pais devem cuidar dos filhos e, assim, sucessivamente, viver o ciclo da vida.

No caso das filhas, ainda existe a recompensa financeira futura, pois o costume de pagar dotes para a família da noiva em casamentos adolescentes ainda existe de forma ampla, muito mais do que imaginávamos.

No Brasil, sabemos que existem grupos de pessoas que adotam conceito similar sobre ter filhos, pela mesma falta de educação social. O dolorido no nosso país é saber que, mesmo em um contexto de severa desigualdade, muitas pessoas que tiveram acesso à educação têm a coragem de inventar críticas maldosas a esses grupos desfavorecidos. Já li comentários incultos julgando que pessoas têm muitos filhos para fraudar e viver de programas de governo, como o *Bolsa Família*. Muitas vezes, porém, esses críticos nem sabem como funciona o programa, desconhece suas regras em relação ao limite de filhos beneficiários e suas exigências. Além disso, essas mesmas pessoas nem sabem fazer uma conta simples, que indicaria que a estratégia de ter filhos pelo benefício nem seria rentável para a "mãe investidora".

E, por favor, este comentário não trata de política, apenas de raciocínio lógico e bem comum.

Naturalmente, gerar um filho é o dom mais precioso que temos e o sentimento de amor mais verdadeiro! Não sou pai, mas sou filho. Todavia, na sociedade moderna, para ter filhos você precisa de um planejamento responsável para poder criá-los com dignidade até se tornarem independentes. Cada um no seu ritmo claro. Tenho amigos da minha idade, na faixa dos trinta, que ainda não conseguiram conquistar autonomia.

O que revela a magnitude desse problema é pensar que estamos falando, hoje, de uma média de cinco filhos por mãe na África, segundo o índice de fertilidade publicado pela *ONU*³⁴.

Esta é a média do continente, ou seja, existem países em que as estatísticas apontem oito filhos por mãe. Pasme! No caso das famílias desfavorecidas – infelizmente a maioria –, é simples fazer a conta: quanto mais bocas para alimentar mais comida é necessário comprar... Sem falar de moradia, escola, saúde e... amor. Basta elucidarmos esse costume considerando a população africana feminina adulta fértil vezes cinco e chegamos a um resultado global inquietante.

O mais preocupante é que essa se tornou uma pressão social muito comum. Na África, muitas vezes nos perguntaram nossa idade, e quantos filhos temos, e todos se espantavam ao ouvir que, aos 30 anos, ainda não temos filhos. Mas é verdade também que encontramos alguns jovens (viva as gerações X, Y, Z!) conscientes para questionar essa pressão descabida e se colocam contra esse costume.



37 - Crianças no pátio da escola em Chiredzi, no Zimbábue.

Por ora, o aprendizado que podemos levar e deixar registrado aqui é que a educação pode mudar, a partir de agora, o caminho da humanidade e, por mais desafiador que seja implementá-la, não devemos desistir. A educação das crianças compromete o futuro próximo, quando nós adultos não estaremos mais aqui. Este é um motivo a mais para pensarmos duas vezes e abrirmos os olhos para o amanhã. Precisamos inovar as formas de conscientizar pessoas de todas as idades, sexos e crenças a se perguntarem se o que o senso comum lhes diz está em perfeita harmonia com o seu merecido livre arbítrio.

Ideias?

Felipe

Experiência 8 - Harare e Chiredzi, Zimbábue

Publicado em 24 de outubro de 2014



38 - Alunas de uma escola em Chiredzi, no Zimbábue

Enfim, Zimbábue! Sempre tive vontade de conhecer esse país. Nenhum motivo específico, mas acho o nome engraçado e me parecia ser o lugar mais improvável de se visitar. E como essa viagem se trata de quebrar paradigmas, cá estamos. Chegamos a Harare, capital do país, depois de mais uma daquelas viagens infinitas que inclui ônibus, lotação, caminhadas e dezenas de horas passando calor e comendo bolacha.

A cidade encanta logo de cara. Primeiro, porque tem como protagonistas centenas de jacarandás, que emolduram quase todas as ruas com flores lilases e pétalas caídas pelo chão. Segundo, porque as pessoas são demais! Eu tenho problema com sorrisos, não é? Além de sorrir pra tudo e todos – sim, meio boba mesmo – acredito que o sorriso é um conector universal. Você sorri, a pessoa sorri e se cria um campo de energia boa que desarma qualquer baixo astral.



39 - Rua de Harare

No Zimbábue tem sido assim. Eu até arrisco dizer que 99% da população, que chega a mais de treze milhões de pessoas é sorridente. Mesmo com um histórico de guerras civis e graves ofensas aos **direitos humanos**.

Pra falar a verdade, problema é o que não falta por aqui. Um dos mais impressionantes é a deficiência no fornecimento de energia elétrica. O país não consegue produzir energia suficiente para toda a população e, por conta disso, as cidades programaram um sistema de racionamento diário — e aparentemente deve permanecer assim — em que a energia é cortada em diferentes períodos do dia. Isso se aplica inclusive na capital. Vivenciei intensamente essa questão durante meus banhos de canequinha no escuro.



40 - Crianças num vilarejo próximo à Chiredzi

Mas deixando os problemas de lado, saímos em busca da solução. Como sou brasileira e não desisto nunca, depois de alguns e-mails sem resposta, resolvemos visitar pessoalmente o escritório internacional da *CARE*³⁵, uma das organizações sociais que mais admiro. Colocamos nossas melhores roupas – uma camiseta e uma calça que vira bermuda – e nos apresentamos na recepção com o coração transbordando de alegria. E, chegando assim, não tinha como o resultado ser diferente! Fomos recebidos pela **gentileza** em pessoa: Cathrine Bwerinofa, assistente de projetos da *CARE Zimbábue*.

A intenção da nossa visita era obter indicações de projetos e comunidades rurais que pudéssemos visitar. Não só conseguimos isso, como também ganhamos de Cathrine uma aula de história e desenvolvimento social. Claro que não demorou para percebermos que ela seria o anjo da vez. O dom da **generosidade** é inconfundível.

Assim como eu, Cathrine é apaixonada pelas questões que envolvem gênero e, pelo que ela contou, ainda existe um longo caminho até transformar alguns conceitos tidos como certos pela sociedade zimbabuense.

E para que pudéssemos conhecer de perto esses contrastes, ela nos apresentou a Joseph Mutsvaidzwa, um dos fundadores da *Save Save Trust*, uma organização em fase de constituição que tem como objetivo integrar as comunidades e o meio ambiente, com destaque para a **função social** da mulher, além da preservação do rio Save e de seu entorno.

Viajamos com Joseph para o interior do país até chegar à região sul, nas cidades de Checheche e Chiredzi onde visitamos algumas vilas e conhecemos projetos de agricultura e reflorestamento, que oferecem às comunidades a possibilidade de se reconectarem com o meio ambiente, sentindo-se corresponsáveis pela sua preservação. Todas as famílias que visitamos vivem sem eletricidade e água encanada. Dedicam-se ao cultivo de frutas e vegetais, além da fabricação de tijolos. A venda desses produtos é sua única fonte de renda, o que reforça a crença de que as crianças devem ajudar com sua força de trabalho, seguindo a ideia de que quanto mais mão de obra melhor, mesmo se for um pequenino de cinco anos.



41 - Famílias trabalham na produção de tijolos nas redondezas de Chiredzi

Entre as várias aventuras que vivemos estes dias, como atravessar o rio a pé na parte onde não havia crocodilos (eu estava bem tranquilinha nessa hora), a mais especial foi visitar uma autêntica vila rural, tão afastada, mas tão afastada, que a nossa visita se tornou um evento social e cada vez chegavam mais pessoas para participar da festa.

Foi no meio dessa festa que conheci uma princesa muito mais interessante do que os contos de fadas nos contam: Tariro Chekenyere.



42 - Mulher cozinha num vilarejo próximo à Chiredzi

Tariro é uma garotinha de 10 anos que, sorrindo com os olhos, me apresentou uma realidade que eu sabia existir, mas relutava em acreditar. Ela vive com a mãe e quatro irmãos e, como já percebemos por aqui, a

figura do pai é pouco relevante, sendo a mulher a principal responsável pelo sustento da família e pela criação dos filhos. Isso ocorre porque a poligamia e a infidelidade são práticas exercidas larga e exclusivamente pelos homens, recebendo, inclusive, proteção legal. O mesmo não é permitido à mulher, claro, mas por esse motivo é natural que a presença do homem seja quase que desconsiderada pela família ou pelas famílias.

Tariro caminha dez quilômetros, todos os dias, para chegar à escola e demora em média duas horas para ir e duas horas para voltar. Ao chegar em casa, ela parte pra outra missão: cortar lenha, que é uma das formas alternativas de se obter energia e uma oportunidade de renda para as famílias que vivem na zona rural. Infelizmente, o problema aí não é só a mão de obra infantil, mas também o desmatamento inconsciente das árvores da região, o que compromete significativamente a saúde do meio ambiente.

Além desses desafios diários, ela tem um ainda maior: tentar se manter no controle da sua própria história. Isso pode parecer precoce demais para uma menina de 10 anos, mas não é. No Zimbábue, o casamento infantil ainda é bastante praticado.

Em algumas vilas, a partir dos 12 anos, as garotas interrompem a frequência à escola para participar de outro tipo de aula, em que aprendem sobre técnicas corporais para satisfazerem os maridos sexualmente e como se comportarem adequadamente como esposas. Essas aulas costumam durar de maio a julho e é comum que, depois disso, as meninas não retornem à escola, pois passam a ser consideradas adultas e prontas para o casamento, na maioria das vezes com homens muito mais velhos.

Nessas regiões, o casamento é um negócio lucrativo para as famílias, que recebem um dote pago pelo noivo (lembrando que lucrativo nesse caso varia de acordo com o nível social. Na zona rural, por exemplo, a família da noiva costuma aceitar vacas como forma de pagamento). Cathrine nos relatou que muitas famílias investem o dinheiro recebido pelo casamento de uma filha na educação dos filhos homens. O documentário *Girl Rising* (garotas em ascensão) conta a história de uma jovem menina cujo dote pago pelo casamento foi usado para comprar um carro para o irmão mais velho.

Essas práticas são tão enraizadas na cultura do país, que somente este ano, 2014, entrou em vigor uma nova constituição que reconhece a **igualdade de gênero** como um direito fundamental.



43 - Crianças num vilarejo próximo à Chiredzi

Mas Tariro nem se abala com isso. Quando perguntei o que ela pensava sobre o casamento, a resposta foi certeira: "I don't want to get married" (eu não quero me casar). E o que ele pretende fazer, então? Tariro quer se tornar professora de inglês e trabalhar para ser dona da sua própria vida. Ela me respondeu exatamente nessas palavras: "I am the owner of my own life!" (eu sou a dona da minha própria vida).

E de lembrar que aos 10 anos eu colecionava papel de carta e organizava chás da tarde para as minhas bonecas. Meu maior dilema era como convencer meus pais a me deixarem ir ao cinema sozinha com as amigas. Falhei, claro.

Mas Tariro me fez refletir muito além da questão do gênero. Ela me fez refletir sobre a nossa capacidade de sermos as protagonistas da nossa própria história. E mais, da nossa habilidade para usarmos a nossa história em benefício dos outros.

Isso porque, para ser dona da sua própria vida, ela precisa lutar contra costumes, crenças e a falta de oportunidades. Uma verdadeira batalha contra o senso comum e tudo aquilo que, supostamente, é o caminho certo a se seguir. Essa ausência de questionamento tem se feito tão presente durante as nossas experiências, que não tem como não retomar esse ponto.



44 - Tariro Chekenyere, sua irmã e Gabi em seu vilarejo próximo à Chiredzi

Será que temos nos questionado o suficiente? Será que sabemos justificar – pra nós mesmos – as nossas escolhas? E mais: as nossas escolhas nos tornam mais do mesmo ou uma parte mais relevante de um todo?

Sempre há tempo para se reconhecer, revisitar e reconectar. Mudar de opinião, mudar de emprego, mudar de vida. Ou simplesmente se dar conta de que aquele velho conselho do *Gandhi* "seja a mudança que você quer ver no mundo" é a mais pura verdade.

O vídeo³⁷ que publicamos mostra essas pessoas inspiradoras.

Enfim, a Tariro segue em sua luta. E você, luta pelo que?

Gabi

Experiência 9 - Kafue e Kasanka, Zâmbia

Publicado em 12 de novembro de 2014



45 - Na fazenda orgânica Old Orchard Farm, em Kafue

Nossa mentalização positiva funciona! Vivendo mais intensamente em cada lugar, as coisas que tanto buscamos aparecem. Assim foi na Zâmbia!

A República da Zâmbia se tornou independente em 1964. Até esse ano, o país foi um protetorado britânico chamado de Rodésia do Norte. Uma curiosidade bem particular é que o vice-presidente, Guy Scott, é branco em um país onde menos de 1% da população é dessa cor. A curiosidade — parte dois — é que hoje ele é o presidente interino por tempo limitado, pois o ex-presidente Michael Sata faleceu no dia 28 de outubro e, por não ter pais zambianos o vice só poderá comandar o país até as eleições emergenciais nos próximos noventa dias... Estranho? Imagina o sorteio urgente para um novo presidente.

Um dos principais meios de sobrevivência no continente africano é a atividade agropecuária, que eu acredito ser parte da solução para a fome. Sempre quis aprender muito sobre essa atividade para, um dia, ter uma horta em casa, saber a procedência de tudo que como e alimentar a família! E, quem sabe, mais famílias. Essa seria uma perfeita harmonia! Estou falando de sua vertente orgânica claro, uma vez que a convencional atual e a pecuária moderna fazem mal à saúde, por mais irônico que pareça.

Eis algumas informações, apenas para ilustrar a gravidade dessas atrocidades:

(i) O frango das grandes indústrias (que nós muito provavelmente comemos) chega ao tamanho propício para abate em sete semanas, quando naturalmente seriam dez. Isso em razão dos hormônios injetados somente no peito, por ser a região que mais se consome. Dão tantos antibióticos para esses animais que seu organismo cresce desordenadamente, por isso órgãos e ossos são desproporcionais. Essas mutações impedem que ele se equilibre e consiga andar, consequentemente engorda mais rápido. O frango é criado enclausurado, no escuro, para andar o mínimo possível e fica o tempo todo vivendo em suas próprias fezes e apertado entre muitos amigos. Em resumo, além de serem tratados com crueldade, todos esses químicos nocivos à saúde ficam na carne que chega ao nosso prato.

(ii) Os transgênicos são mutações genéticas de sementes para criar as mais resistentes e minimizar perdas financeiras do fazendeiro. Essas são dez vezes mais caras que as sementes convencionais, pois prometem ganhos maiores e têm praticamente um monopólio de variedades das indústrias globais. Detalhe: são quimicamente desenvolvidas para germinarem somente uma vez, assim é preciso comprar novas sementes. O agricultor fica refém do controlador das sementes. O uso de fertilizantes e pesticidas que são feitos com petróleo, também carregam diversos produtos químicos que ficam impregnados no alimento que comemos.

(iii) A cumplicidade dos governos é assustadora a ponto de um dos pesticidas mais distribuídos nos EUA, a *atrazina*, ser proibido na maioria dos países europeus em razão de estudos que comprovam sua nocividade para os humanos por contaminar a água. O mais irônico disso é que a empresa fabricante é europeia e é proibida de vender no seu próprio país.

Calma, não jogue o computador longe, porque ainda não falamos da obsolescência programada de equipamentos eletrônicos, para que eles parem de funcionar intencionalmente para você comprar um novo (risos...), mas é sério.

Voltando à alegria! Para estudar o tema, em vez de fazer um curso tradicional, por que não nos campos da Zâmbia com agricultores extremamente conscientes e generosos? Assim o fizemos graças à rede WWOOF³⁸, World Wide Opportunities on Organic Farms (oportunidades globais em fazendas orgânicas), que tem a incrível missão de conectar fazendeiros orgânicos ao redor do mundo com voluntários interessados em aprender e trabalhar com eles. Uma forma incrível de troca que independe de dinheiro, já que a mão na massa do trabalhador voluntário recebe por escambo acomodação, alimentação e ensinamentos. Não a conhecia até planejar esta viagem, mas a alegria de descobri-la se fez valer nas primeiras experiências fenomenais que tivemos nesse país.

Nosso primeiro fazendeiro amigo foi o Sebastian Scott, na *Old Orchard Farm*, em Kafue, uma cidade a cinquenta quilômetros da capital Lusaka. Ele cultiva principalmente bananas, legumes e vegetais. Como um dos princípios orgânicos, ele também cria porcos e galinhas para adubar o solo e, consequentemente, vende sua carne. Foi uma imersão em agricultura e biologia. Fiquei me lembrando daquelas aulas na escola, quando aprender o funcionamento da vida parecia desinteressante. Crianças...



46 - Na fazenda orgânica Old Orchard Farm, em Kafue

Existem diversas visões e opiniões sobre essa prática, especialmente a orgânica. Contudo, não discutirei neste momento o conteúdo já que ainda preciso plantar muito para criar o meu ponto de vista e poder compartilhar as minhas ideias. Mas já posso adiantar que tive muita alegria ao ver de perto que é realmente possível ter uma produtividade excepcional ao entender apropriadamente as leis da natureza e trata-la com o devido respeito.

Identifiquei-me muito com o Seb de algumas formas. A primeira tem a ver com sua motivação inicial para ser fazendeiro: ele queria contribuir de alguma maneira contra a fome, já que a sua missão é gerar alimento. A segunda é que ele não vê seu meio de vida com olhos de negócio pelo lucro acima de tudo – que é a doença do capitalismo. – Ele tem o princípio admirável de dividir conscientemente os ganhos da fazenda com os trabalhadores que a ela se dedicam. Seb é branco e seus dois parceiros negros, o que não é nenhum empecilho, mas seria bastante fácil e aceitável no meio social em que vive, ele, como proprietário, estipular um salário minimamente aceitável para alguns trabalhadores e desfrutar lucros maiores sozinho.

Seguindo as identificações que senti, ele é simplista na forma de viver, o que almejo para o meu estilo de vida. A casa é agradável, mas não tem geladeira, micro-ondas e nem ar condicionado. A melhor parte é que antes de cada refeição ele caminhava até a horta para colher o que comeríamos em seguida, mais fresco impossível. O que mais nos alegrou nessa experiência é a **generosidade** que norteou nossa visita desde o

começo: como nos recebeu e abriu sua casa, nos alimentou abundantemente e ensinou com muita naturalidade. Isso tudo sem estipular regras e obrigações. Apenas estivemos com ele coletando adubo de galinha (carreguei quilos) e ajudando Victor e Ivan, que são os dois outros fazendeiros, no tomate. Tudo com muita leveza.



47 - Nós, Victor e Ivan, responsáveis pelas hortas orgânicas na fazenda Old Orchard Farm, em Kafue

A segunda aula de agricultura foi no parque nacional Kasanka, que fica na região central da Zâmbia. Depois de uma aventura noturna de dez horas de ônibus fomos recebidos por Pieter Snyman, um sul-africano que mora na Zâmbia há vinte anos. Sua fazenda, a Mulembo, já operou com força total cultivando de milho a mandioca, assim como gado e até viveiro de peixe. A verdade é que à medida que a fazenda cresceu se tornou um grande desafio gerenciar tantos trabalhadores, muitas vezes sem a aptidão necessária para o trabalho e algumas vezes com má fé. Depois de anos nessa tentativa, sua frustração o cansou e Pieter passou a criar somente gado.



48 - Fazenda orgânica Mulembo, em Kasanka

Como fruto de muitas pesquisas, ele nos ensinou o conceito de *bio-multi*, um concentrado natural de micro-organismos dissolvido em água para irrigar o solo e hidratar os animais. Formas 100% orgânicas como essa, usadas corretamente, aumentam a produtividade das plantações evitando ervas daninhas e otimizando as horas trabalhadas no campo. Outro aprendizado fundamental é que o biodiesel, a partir de mandioca, é fácil de fazer e pode ser combustível renovável para máquinas. Fechar um ciclo autossustentável é um princípio da agricultura orgânica também.



49 - Pieter Snyman nos levando pela sua fazenda orgânica, Mulembo, em Kasanka

Bom..., muito além do conteúdo técnico, ficou claro que é totalmente viável realizar agricultura orgânica consciente e o mais motivador é que existem oportunidades/necessidades gigantescas para disseminar esse conhecimento pela comunidade rural de pequenos agricultores, já que em países como o Brasil e a Zâmbia essa forma de cultivo representa apenas 1%. Não é um discurso anticapitalista, mas o formato cegamente aprimorado na busca pelo lucro infinito criou meios de fazer os pequenos serem reféns das grandes indústrias e formas diretamente destrutivas à natureza e maléficas à saúde humana. O que significa ser social e ambientalmente irresponsável. Como tais conceitos caíram no famoso e inquestionado senso comum (rural), se faz necessário uma grande conscientização para reverter erros aprendidos.

Essa falta de instrução nas áreas rurais tem complicações ainda mais graves na alimentação, principalmente de crianças, uma vez que a subnutrição é uma deficiência comum. Muitas das vezes que perguntamos a idade de uma criança nos impactava saber que ela deveria ser bem maior e teve seu crescimento afetado.

O esperançoso desse tema é que sentimos, numa comunidade rural na qual ficamos – contaremos todos os detalhes no próximo texto – que, muitas vezes, eles têm acesso a vegetais e legumes variados e os produzem, mas, por força do hábito, comem muito mais do mesmo. É o caso do prato local mais típico, o *nshima*, que é uma mistura de água, milho, mandioca ou sorgo. Todos fazem questão de comer essa iguaria no almoço e no jantar como prato principal, o que acarreta um déficit de muitos outros nutrientes já que não balanceiam melhor os ingredientes.

O mais prazeroso de cada experiência é ver que alguns problemas têm soluções mais próximas do que parecem estar, só precisamos caminhar na direção correta dispostos a investir um pouco de nós em guiar quem precisa e permitir que sejamos guiados quando precisamos. A evolução é constante!

Felipe

Reflexão 3 - Vamos fazer as pazes?

Publicado em 31 de outubro de 2014



50 - Crianças animadas e nós em Checheche, no Zimbábue

Quando a notícia de que eu deixaria meu emprego para viajar pela África e Ásia se espalhou na mídia (brincadeira, só entre amigos mesmo), fui bombardeada com muita energia positiva, mas também com muitas perguntas e comentários desafiadores, como:

"Vai largar o emprego?", "Se quer ajudar, vai pro nordeste!", "Deve estar muito rica pra poder fazer isso.", "Vai viajar sem se casar?"... Essas foram algumas das minhas preferidas (risos...), que são capazes de mostrar um pouco como estamos condicionados a enxergar só a superfície. O fundo do mar, que é tão mais bonito, quase nem dá tempo de olhar.

E é sobre isso que eu quero falar. Sobre o fundo do mar. Não no sentido literal, até porque tentei fazer um curso de mergulho e desisti submersa nos primeiros cinco metros. Deu um pouco de pânico.

Quero falar sobre a beleza e a libertação de ver além do que estamos acostumados. E aceitar que podemos fazer diferente.

Essa reflexão é especial pra quem acha demais a ideia do *Think Twice Brasil*, pra quem sente que tem que achar demais só porque é meu amigo ou pra quem acha a maior babaquice do mundo (risos...). Isso é como uma cartinha pra você.

Eu decidi seguir o meu coração. Demorou alguns anos pra entender o que ele queria me dizer, mas aos poucos fui descobrindo que eu podia fazer escolhas e seria a única responsável por elas.

Eu podia escolher trabalhar muitas horas por dia, ganhar um bom salário, perder alguns jantares em família, esperar ansiosamente pelas férias, financiar um apartamento, comprar o que todo mundo "tem que ter", trocar de carro, sofrer pra fazer ginástica e acordar sonhando com a sexta-feira. Eu podia escolher deixar pra viver depois de ter cumprido aquela velha lista de pendências: casa própria, casamento, filhos crescidos e previdência privada.

Mas não! A minha escolha foi viver desde já, mesmo que isso pareça ser nadar contra a maré. Mas, cá entre nós, nadar contra a maré nunca foi um problema pra quem sofria muito bullying na escola e ainda acredita que pode mudar o mundo. Pelo menos um pouco.

Por que será que a gente aceita tudo sem acreditar que existe outra saída? Quando alguém foge do padrão, as pessoas acham que você consumiu drogas e ficou muito doido. Como o que alguns acham de mim agora... Justo eu, que costumava ser modelo de "coxinha" desde o nascimento.

Percebi muito essa resistência ao diferente nas últimas semanas, observando alguns dos meus amigos que subitamente se tornaram economistas, sociólogos e políticos e se esqueceram de olhar para o tal fundo do mar. Ficaram só na superfície e, mesmo assim, se afogaram em colocações preconceituosas, infundadas e vazias. O que mais me impressionou é que muitos dos que defendem o separatismo de São Paulo e se manifestaram em ofensiva aos nordestinos e eleitores de um determinado partido, são também os que, curiosamente, acham incrível eu estar no meio da África tentando aprender sobre como trabalhar pela igualdade social. Amigo, você está me zoando ou você está se zoando?

E depois de muito pensar sobre o que poderia ter gerado essa avalanche de posicionamentos descabidos, eu acabei concluindo que isso deve ser um pedido de ajuda de um tanto de gente que passa os dias fazendo o que não gosta, pra comprar o que não precisa e esperando que o governo, a sociedade, Deus, Nostradamus ou qualquer outra entidade dê fim aos problemas que todo mundo enfrenta.

É isso! Um pedido de ajuda, gente! Um pouco desesperado, claro, mas é porque ninguém estava ouvindo antes. É como briga de irmão... Você tenta chamar a atenção e ele nem liga, até que você é obrigado a dizer que ele foi encontrado no lixo (risos...) e pronto! Gera tristeza, baixo astral e desrespeito, mas ele te ouviu.

Estamos vivendo uma grande briga de irmãos. Simplesmente porque precisamos de ajuda pra fazer as nossas escolhas. Melhor: porque queremos ter certeza de que somos nós quem devemos escolher e parece não haver muita gente esclarecida pra pegar na nossa mão e falar: "Não, você não foi encontrado no lixo, a cegonha que te trouxe... Agora lava o rosto, faça as suas escolhas sem copiar o coleguinha e seja feliz".

Vamos parar de culpar os outros, pessoal! O nordeste, o partido X, o seu chefe, o ex-namorado... isso tudo é superfície. O fundo do mar é você. E o que você tem feito pelo país, pelo seu **propósito**, pelo seu amor? O que você tem feito por você? É meio cansativo esse papinho de achar que é sempre culpa do irmão.

Outro dia, assistimos a um documentário incrível que chama *I Am*³⁹ (eu sou) – que entre várias coisas, fala um pouco sobre essa história de nadar contra a maré, sair da superfície e buscar respostas fora do que todo mundo costuma repetir, sem parar pra pensar, claro.

Um exemplo fantástico de nadar contra a maré é o querido Pepe Mujica, presidente do Uruguai. Ele quebra todos os protocolos e vai de encontro ao que todo presidente precisa ser. Dirige um fusca, doa 90% do salário e defende que "para que todos esses sonhos sejam possíveis, precisamos governar a nós mesmos, ou sucumbiremos porque não somos capazes de estar à altura da civilização que fomos desenvolvendo". Esse trecho é parte de um discurso 40 de Mujica na *ONU* que vale muito a pena ler na íntegra.

Enfim, respondendo a algumas daquelas perguntas do início, larguei meu emprego, peguei minha modesta poupança e resolvi atravessar o oceano para entender como posso me desprender de tudo que aprendi até hoje e parece não fazer mais sentido. Viajei sem casar, mas aguardo as cenas dos próximos capítulos (risos...).

Hoje, estou aqui escrevendo este texto ouvindo uma boa música em um albergue na Zâmbia – com o Fê por perto organizando alguma coisa, pra variar – e sentindo a beleza de viver o simples e a liberdade de ter feito uma escolha consciente.

Agora não preciso mais culpar a minha irmã... Quer fazer as pazes?

Gabi

Experiência 10 - Chintando, Zâmbia

Publicado em 18 de novembro de 2014



51 - Família Kasonde, que nos hospedou, e nós em sua casa em Chintandu

Desde o começo da viagem tínhamos alguns sonhos. Um deles era o de viver a vida de vilarejos rurais africanos e tivemos essa oportunidade em Chintandu, próximo à Kasama, no extremo norte da Zâmbia. Por mais que imaginássemos mil formas de como poderia ser essa experiência, o que sentimos os três dias que estivemos vivendo com a família Kasonde superou, de longe, as expectativas.

Essa vivência foi possível graças aos grandes amigos Claire Albrecht e Justin Hostetter que conhecemos através da *WWOOF*⁴¹, *World Wide Opportunities on Organic Farms* (oportunidades globais em fazendas orgânicas). Essa organização tem a incrível missão de colocar em contato fazendeiros orgânicos ao redor do mundo dispostos a receber voluntários interessados em aprender e trabalhar com eles. São dois jovens americanos absolutamente inspiradores e iluminados que mudaram suas vidas pra morar na Zâmbia e transformar a vida de jovens locais. Através da criação da *Bakashana*⁴² eles realizam o sonho de meninas de comunidades rurais ao empoderá-las por meio da educação.



52 - Família Kasonde que nos hospedou em sua casa em Chintandu

De volta à vila, as primeiras impressões que tivemos e levamos de lá foram alegria, **generosidade**, bom humor e respeito. Só isso... Valores com os quais tenho muita afinidade por acreditar que melhorariam só um pouquinho o mundo...

Chegando à casa deles, literalmente no meio da floresta sem cerca nem portão, o casal Kasonde veio correndo e sorrindo em nossa direção para um grande abraço apertado de boas vindas. – Foi o nosso primeiro contato, detalhe. – A criançada imediatamente pegou as malas de nossas mãos, como uma **gentileza** de primeiro impacto. Evidente que não me senti bem em deixar uma criança carregar mais peso do que eu, mas lembrei do zelo por respeitar a cultura local, dentro do tolerável, claro.

Ao entrarmos na fazenda, por ser uma área aberta com dependências separadas, imediatamente nos buscaram cadeiras e fizeram questão que sentássemos nelas, enquanto eles se sentavam no chão. Em minutos, a senhora Kasonde nos trouxe pratos, copos com água e colocou comida ao centro. Em seguida, trouxe uma jarra com água, sabonete e bacia para lavarmos as mãos ali mesmo. É costume já que as refeições são feitas com as próprias mãos. Nos pediram para pegarmos a comida antes deles e nem titubearam em pedir que repetíssemos. Uma curiosidade da cultura masculinizada é que só a Gabi, ele e eu sentávamos sobre a toalha no chão para as refeições. A mãe e demais filhos comiam ao redor das panelas a alguns metros de nós e as meninas é que vinham retirar tudo da mesa e lavavam depois. Todas muito educadas.



53 - Meninas da família Kasonde mostrando o nshima na sua cozinha, em Chintandu

Naturalmente, comemos tudo o que nos ofereceram. O *nshima* é o mais tradicional, uma mistura de água, milho, mandioca ou sorgo. No Zimbábue (onde também é típico), acompanhamos o preparo – como já comentamos – e vimos que dá trabalho, pois, depois que toma corpo, não pode parar de mexer. No dia a dia também comem feijão, molho com ervas, tomate e vegetais cozidos. Quando o orçamento alcança comem frango, pequenos peixes com espinha e tudo, como o bagre, mas com uns dez centímetros de comprimento. Ocasionalmente cabra, porco e boi. O mais inusitado para o nosso padrão de culinária é a lagarta. É bem pequena, crocante, salgada e frita. Saborosa, mas a nossa superstição cognitiva ainda tentava dizer para o nosso pensamento: "eca"...



54 - Estella come nshima, lagartas e feijão, em Chintandu

Ba Kasonde, como chamam o líder masculino da família, é super bem humorado: fazia piada de tudo e dava aqueles tapinhas para rir junto. Eu gargalhava mesmo, sou bobo. Quando as crianças nos cumprimentavam, elas faziam uma reverência flexionando os joelhos e reclinando o corpo em demonstração de respeito. Nos chamou a atenção tamanha **gentileza** o tempo todo, num lugar onde o nosso preconceito associa simplicidade e pobreza à falta de educação. Essa associação é ainda mais grotesca ao lembrarmos que somos de um meio social muito mais mal educado, só lembrar de como as pessoas se tratam no trânsito, no trabalho, no restaurante, na vida...



55 - Ba Kasonde ensinando música pro Felipe após o jantar, em Chintandu

Ele foi militar por vinte anos até se aposentar e mudar para esse vilarejo em 1989. Eles tiveram nove filhos, hoje sete estão vivos e três moram com eles. Netos... ele perdeu as contas faz tempo. O mito popular que diz que os africanos têm muitos filhos para que sustentem seus pais no futuro ficou um pouco questionável, já que no caso dele, os quatro filhos que moram e trabalham na cidade próxima não ajudam em nada.

Além das duas cabanas onde dormem, há uma cabana principal onde cozinham e comem, além de viveiros para animais e banheiros. Para quem foi acostumado com privilégios na cidade grande, a maior diferença é neste último cômodo. As paredes são de grama seca alta, se toma banho com balde e caneca e o sanitário é um buraco no chão com tijolos de apoio. Toda a água que usam vem de um poço que construíram e a coletam na mão com uma corda e um galão.

Aos 67 anos, ele sustenta a família com sua aposentadoria mensal de 30 dólares e sua horta. Cultiva mandioca, tomate, cana de açúcar, milho e alguns vegetais. Também cria galinhas, cabras e porcos para vender e esporadicamente alimentar a todos em casa.

Ao ritual de **generosidades** que nos ofereceu desde que chegamos, a família Kasonde se dispôs a sacrificar uma galinha para celebrar nossa visita, mas agradecemos e pedimos para que a guardassem vivinha ainda. Eles nos agradeceram bastante a resposta negativa. Foi um momento pensativo, talvez porque dispensamos algo substancial para eles. Curioso...

Além de admirar esse estilo de vida simples, fomos para aprender ainda mais técnicas de agricultura. Ba trabalha sozinho em sua horta desde que mudou pra lá e fez tudo com as próprias mãos. Como não tem recursos, a irrigação é feita com balde e água de pequenos poços que construiu. É uma obra muito cansativa e ele estava feliz que a temporada de chuva começará a qualquer momento em novembro e deve durar até maio. Deu pra imaginar o alívio depois que fizemos algumas levas de dez litros de água para ajudar. Ai, que dor nas minhas costas...



56 - Casa da família Kasonde, banheiro (à esquerda) e poço artesiano (balde azul) em Chintandu

Na convivência do dia a dia, pedimos para que ele seguisse normalmente sua rotina, para que não atrapalhássemos e pudéssemos conhecer como era, ao máximo, e participar. A partir das 5h30min cuidávamos da plantação por algumas horas e voltávamos só para almoçar. De tarde, ele alimentava os animais e descansava com a família. Depois gostava de escutar rádio, quando conseguia achar o sinal. Da coleção de **generosidades** família, fez parte o preparo, com muito carinho, da cerveja local feita de milho miúdo (também chamado de painço) para que experimentássemos. Ela é de cor bege e tem flocos do cereal, sabor bem amargo e não faz espuma. Não é ruim, mas nem tão boa.



57 - Nossa anfitriã da família Kasonde tomando sua cerveja artesanal na sua cozinha, em Chintandu

Em um dos dias, Ba caminhou conosco pelo vilarejo. Passamos por muitas casas sempre saudando com o pouco que aprendemos de *bemba*, o idioma local. Fomos à casa do chefe da comunidade, ele é uma espécie de juiz para resolver qualquer discórdia interna e, também, o representante externo do povoado. A parte triste da visita foi quando conhecemos a escola comunitária, que está largada por falta de recursos e professores voluntários interessados. Ver uma sala com chão de areia, mesas empoeiradas e outra sala apenas

com mato nos chocou ainda mais, pois grande parte das crianças que conhecemos por lá vão, em teoria, a essa escola. Aí ficou claro que, muitas das respostas positivas que recebíamos ao perguntarmos se aquela criança estudava, não eram reais. Ou pela vergonha de responder que não ou por ser a forma mais fácil de responder. Pelo tanto que pudemos nos aprofundar nesse assunto, com nosso tom preocupado, percebemos que um movimento para arrecadar 1 dólar por mês de cada uma das duzentas famílias, que ali vivem, para pagar uma professora da vila mesmo, seria bem plausível. Mas sentimos falta de iniciativa. A Gabi tentou ser incisiva em dar essa ideia, mas a verdade é que está somente nas mãos deles. Torceremos sempre!

O mais incrível desses dias rurais foi fazer questão de estar com eles a todo instante, exceto no sono. E até nesse momento, não faltou generosidade: a filha mais velha, Estella, nos cedeu gentilmente sua cabana para que ficássemos mais confortáveis. Posso revelar que dormíamos com amigos inesperados, como gafanhotos gigantes e ratos abusados comendo nossas comidas. Apesar de acordar poucas vezes (trinta por noite, mais ou menos), descansamos bem.

Nesse ritmo familiar local, confesso que senti um grande impacto para a minha mente constantemente acelerada e querendo fazer coisas. Ficamos horas sentados no chão "assistindo" as árvores, acompanhando a conversa deles sem entender nada, caminhando entre os porcos, resgatando as cabras foragidas e dando susto nas galinhas. Até aqueles momentos de silêncio total aconteceram e uma sensação de estar presente, ali, só flutuando no tempo foi inexplicavelmente prazerosa.



58 - Momento de descanso da família Kasonde em casa, em Chintandu

Nos momentos de reflexão, fica cada vez mais claro que meu eu interior consciente tem absoluta convicção de que tenho prazer de estar ali em harmonia, com pessoas generosas, do bem, com a natureza e apreciando a vida. Mas meu ego pensante ainda quer resistir, às vezes, e tentar me convencer de que o bom não é ali. É difícil estabelecer essa conversa entre a consciência e o ego, depois de três décadas sendo influenciado diariamente por desejos muitas vezes necessariamente desnecessários... Ué, estou me conhecendo mais, que bom! Mas calma aí pessoal de dentro (da minha mente), relaxem que estamos na África!

Esse é o conflito constante da nossa sociedade: impor um ritmo que um grupo de poder quer e ditar o que cada um de nós tem que achar que é melhor. Bom, te desejo força para conhecer e nutrir o seu eu!

O vídeo⁴³ que publicamos mostra um pouco como foram esses dias incríveis.

Felipe

Experiência II - Kasama, Zâmbia

Publicado em 29 de novembro de 2014



59 - Claire Albrecht e Justin Hostetter conosco na sua casa em Kasama

Ah, a Zâmbia! Foram tantas inspirações e momentos marcantes que fica até difícil tentar colocar tudo no papel.

Nos últimos dois textos, o Fê contou sobre nossas experiências nas fazendas orgânicas e na casa da família Kasonde, na zona rural de Kasama. Foi intenso e valioso! Mas não parou por aí.

Chegando em Kasama, nos encontramos com Claire Albrecht, uma havaiana de olhos azuis e abraço apertado, que há alguns anos esteve pela primeira vez na Zâmbia como voluntária em comunidades rurais. Foi quando conheceu Justin Hostetter, um nova-iorquino que também participava do projeto. Se apaixonaram e resolveram seguir juntos dali em diante.

Em 2009, quando Claire ainda morava em Nkole Mfumu, uma vila próxima a Kasama, ela recebeu a visita de seu pai, William Albrecht, que se sensibilizou com as dificuldades enfrentadas por aquelas pessoas. Foi quando resolveram, juntos, se mobilizar para reduzir um dos problemas que mais os incomodava: ver meninas longe da escola.

Eles notaram que muitas das crianças não podiam frequentar a escola porque tinham que caminhar longas distâncias, não tinham dinheiro para pagar as taxas escolares ou, simplesmente, porque tinham que trabalhar para complementar a renda da família. E além de todos esses obstáculos, as garotas ainda enfrentavam outro, em particular: lutar pela equidade de gênero. Isso porque, para a maioria das famílias que vive em zonas rurais, quando sobra um dinheiro para pagar as taxas escolares, os filhos homens sempre têm prioridade, pois acreditam que os meninos terão mais condições de conseguir bons empregos no futuro e as meninas estão mais adaptadas às tarefas domésticas. O resultado disso é que milhões de meninas ficam longe da escola e presas em uma vida que não lhes oferece nenhuma perspectiva de melhora.

De acordo com a UNESCO⁴⁴, estima-se que 65 milhões de meninas não frequentam a escola, hoje.

Para mudar esse cenário, Claire e seu pai passaram a financiar, à distância, o estudo de algumas das garotas de Nkole Mfumu e viram que era possível contribuir significativamente para a formação delas. Assim, nasceu o *Kasama Micro Grants*, que hoje se chama *Bakashana*⁴⁵. É uma organização sem fins lucrativos, cujo objetivo principal é levantar fundos que permitam arcar com os custos necessários para manter meninas na escola.

Passados alguns anos, Claire percebeu que apenas financiar os estudos poderia não ser suficiente para dar novas e melhores oportunidades para aquelas meninas. Invariavelmente, quando se formavam na escola, acabavam voltando para as tarefas de casa.

Foi quando Claire e Justin resolveram retornar para a Zâmbia e acompanhar de perto a formação dessas meninas. Hoje, eles estão construindo uma casa em uma vila próxima à Kasama para receber pessoas do mundo todo que se interessem em conhecer o trabalho incrível que desenvolvem por lá. E, enquanto a casa não fica pronta, se hospedam na casa da família Chileshe, que tem o coração tão grande que acolheu a gente por algumas noites também. Não é a toa que a *Bakashana* tem como cofundador Christopher Chileshe, que por ser homem, pai de família e zambiano, desempenha o papel fundamental de articular a comunidade para que mais atenção seja dirigida ao tema.



60 - Família Chileshe, Claire Albrecht (de roxo) e nós em Kasama

A partir daí, a *Bakashana* ganhou força e, agora, muito mais do que financiar os estudos, também empodera as meninas por meio de acompanhamento emocional, planejamento de carreira, workshops de artesanato, aulas sobre **direitos humanos**, micro finanças, computação, empreendedorismo e métodos contraceptivos.

Claro que certos temas apresentados às garotas, como a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e uso de preservativos, ainda não são abertamente discutidos na região, onde a influência da religião e dos costumes tradicionais é intimidadora. Ainda assim, Claire o faz e prova que esse tipo de informação dá às meninas a chance de fazerem escolhas mais conscientes. Quando perguntamos a ela se já é possível enxergar algum impacto causado pela organização, a resposta foi: "Nenhuma das meninas está grávida até agora. Isso já é um grande avanço".

Uma das inspirações que motivou Claire a pensar em criar a organização foi a história de uma jovem menina, Christine Chileshe, de olhar forte e sorriso tímido (ela não é da mesma família do Christopher! Esse é um sobrenome bastante comum na Zâmbia). Há alguns anos, Christine caminhava diariamente cerca de treze quilômetros para chegar à escola. Claro que ainda faltavam os outros treze pra voltar pra casa. Como se não bastasse, ela levantava às 5h da manhã para dar tempo de lavar a louça e preparar o almoço para toda a família. Isso tudo antes mesmo de enfrentar a maratona até à escola. Quando chegava em casa de volta, ainda tinha que preparar o jantar. Ela era a primeira a acordar e a última a dormir.

Christine passou a ser uma das beneficiárias da organização, para ter a chance de concluir os estudos em meio a todas as dificuldades. Hoje, Christine tem 18 anos e já está formada, trabalha na própria *Bakashana* e é o braço direito da Claire. Na conversa que tivemos com ela, perguntamos se gostaria de ir à universidade e pudemos sentir a convicção com a qual nos respondeu dizendo que, em breve, pretende se tornar contadora. Isso nos prova o quão valioso é investir em educação. E ela ainda contribui diretamente para que as crianças da família estejam devidamente matriculadas na escola.

Outra grande inspiração foi conversar com a jovem Ceciliah Lesho, que nos recebeu radiante em sua calça jeans, colares e maquiagem, coisas não muito comuns por aqui. Ela nos contou, com leveza e propriedade, sobre o quão importante é investir na educação de meninas, quando a voz embargou e a leveza deu lugar a uma força indescritível. Há alguns anos, Ceciliah foi estuprada — o que é bastante comum em zonas

rurais da África – e ela afirma que poder frequentar a escola na época foi o que lhe deu forças para pensar sobre outras coisas que não fossem ligadas ao sofrimento que ela viveu.



61 - Ceciliah Lesho, Claire Albrecht, Christine Chileshe e Gabi em Kasama (da esquerda para a direita)

Milhões de meninas e mulheres são estupradas todos os anos e quase nunca há punição do culpado – ou culpados. Em alguns países da África e da Ásia, até 7 em cada 10 meninas sofrem algum tipo de violência, como estupro, abuso ou mutilação (fonte: *CARE*⁴⁶).

O estupro é uma das causas que mantém as meninas longe da escola, pois as famílias têm medo que elas percorram longas distâncias sozinhas e acabem se tornando vítimas. Quando acontece, elas se tornam estigmatizadas e acabam marginalizadas pela família e pela vizinhança porque passam a ser consideradas como impróprias para o casamento.

Daí se forma um ciclo negativo, pois sem acesso à informação, as meninas desconhecem seus direitos e não se sentem seguras para lutar contra esses absurdos. Longe da escola, só lhes resta aceitar passivamente o que parece ter sido destinado a elas.

Por outro lado, para os mais céticos, há estudos que comprovam que educar uma menina gera um ciclo virtuoso e muito valioso para a sociedade. Uma criança cuja mãe teve a chance de frequentar a escola tem 50% a mais de chances de sobreviver depois dos 5 anos de idade (fonte: $CARE^{47}$). Isso porque uma mãe alfabetizada e com acesso à informação tem muito mais condições de investir em higiene, saúde e alimentação para os filhos, livrando-os da morte precoce por subnutrição, cólera ou diarreia. Além disso, quase sempre é a mulher que se encarrega de cuidar da casa e dos filhos e, quando tem informação e educação suficientes, é capaz de investir com mais consciência no estudo das crianças e em pequenos comércios que possam gerar renda para a família.

Enfim, eu poderia ficar aqui horas falando sobre por que eu acredito que investir na educação de meninas merece a atenção especial de todos, mas como estamos apenas no começo da viagem espero que, aos poucos, eu consiga convencer todos que nos leem, por meio de histórias reais como a da Tariro, que conhecemos no Zimbábue, da Christine e da Ceciliah, que conhecemos na Zâmbia.



62 - Gentis alunas de uma escola em Kasama

A educação é o único caminho para a prosperidade. Frequentar a escola, principalmente nas regiões que estamos conhecendo, é a chave para um futuro longe da miséria e mais perto da abundância. Para as meninas então, a escola é a ferramenta que lhes dá o poder de conhecer e desejar oportunidades que não se resumam ao casamento e à gravidez. Uma menina educada pode fazer escolhas. Por si, por sua família e por sua comunidade.

E finalmente, constatei que, ao lado de uma grande mulher, sempre existe um grande homem, que a incentiva, apoia, inspira e compartilha da mesma luta. A participação efetiva e assertiva dos homens é fundamental para alcançarmos a verdadeira equidade de gênero e caminharmos rumo a uma sociedade inclusiva, ativa e consciente. Foi assim com a Claire, que teve o suporte do seu pai e do Justin para fundar e gerir a *Bakashana*. E tem sido assim comigo, com meu pai sendo um dos maiores apoiadores de todas as minhas ideias, principalmente a do *Think Twice Brasil*, e com o Fê, que é o meu melhor amigo, incentivador e companheiro de vida e de causas.

Claire, Justin e *Bakashana*, vocês têm toda a minha admiração! O vídeo⁴⁸ que publicamos mostra bem por quê. Estamos juntos pela mesma luta e espero que surjam cada vez mais corações abertos para se juntarem a nós.

A *Bakashana* aceita quaisquer doações pelo site e ainda dá pra escolher patrocinar integralmente os estudos de uma garota!

Que tal pensar em uma menina que você ama e dedicar a ela uma doação que transforme definitivamente a vida de outra menina? Simples assim.

E seguimos mudando o nosso mundo. E um pouquinho do das outras pessoas também.

Gabi

Experiência 12 - Lukupa, Zâmbia

Publicado em 5 de dezembro de 2014



63 - Mulheres do vilarejo Lukupa

Desde que comecei a me engajar em projetos e ações sociais, minha opinião sobre vários assuntos foi amadurecendo e, em alguns casos, se transformando. Percebi que isso acontecia porque eu estava mais aberta a enxergar questões que antes eu não conseguia ver com clareza da janelinha do meu quarto.

Uma delas é viver na prática a minha teoria e, a partir daí, vislumbrar novas percepções e concluir que sempre temos muito a aprender. Como advogada, não adiantaria saber de cabeça a nossa constituição, se não fosse capaz de traduzi-la para o meu cliente. O mesmo acontece nessa nova fase. Não adianta resolver que quero trabalhar para reduzir a pobreza, sem antes ouvir o que têm a dizer aqueles que efetivamente sofrem com ela. Enfim, não posso decidir batalhar pela **equidade de gênero** sem saber o que, na realidade, ainda a impede de ser absolutamente inquestionável.

Falei tudo isso pra contar sobre minha participação na experiência mais inusitada e engraçada até agora. Mas só pra mim, porque o Fê não pôde participar! No último texto falamos sobre a Claire, a amiga que fizemos na Zâmbia e a responsável por nos apresentar inspirações incríveis, incluindo ela mesma e a sua organização, a *Bakashana*.

Foi graças a ela que recebi o convite para participar do ritual de iniciação sexual de uma jovem de dezesseis anos, que está de casamento marcado com o amiguinho da escola. Isso é bastante comum por aqui, como já contei em outros textos. Mas dessa vez a escolha foi dos noivos, que mesmo sendo muito jovens, parecem estar bastante apaixonados. Menos mal.

A cerimônia se chama *Cisungu* e é exclusiva para as mulheres da vila, mas como a presença de gente nova — ainda mais branquela e faladora como eu — costuma despertar muita curiosidade, acabei sendo gentilmente convidada para me juntar a elas. Foi parecido com um chá de cozinha, mas daqueles que as suas amigas te zoam tanto que fazem você repensar sua decisão de se casar e suas amizades...

Sem sombra de dúvidas, foi a festa mais diferente e impactante em que eu já estive presente. Até supera as festas de final de ano da firma, que todo mundo solta a franga como se não houvesse amanhã...

Às 4h da tarde, chegamos à casa dos pais da noiva. As mulheres já estavam no quintal, acomodadas no chão em volta da vovó, a matriarca da família e a única sentada em uma cadeira, como símbolo do respeito e admiração que sentem por ela. Elas se revezavam entre tocar os tambores e beber cerveja local, enquanto a noiva esperava, dentro de casa, pelo momento certo de se juntar a nós. As crianças aproveitavam a farra para dançar, sempre remexendo os quadris.



64 - Claire Albrecht (sentada de óculos) no vilarejo Lukupa

Um fato curioso é que sempre que alguém entra na roda pra dançar, não importa aonde, tem que amarrar uma canga na cintura, pois o tecido realça os quadris e ajuda a calcular o nível de requebrado da pessoa.

Voltando ao que importa, a cerimônia é conduzida por uma professora especial para o tema e que parece ter uma posição de destaque entre as mulheres. Quando ela e todas as convidadas estavam a postos, caminhamos até uma sala fechada, onde os homens não pudessem nos ver, e a noiva entrou engatinhando, coberta por um pano. Os tambores foram à loucura nessa hora e eu estava felizona. Mal sabia eu o que me aguardava...

Passada a euforia, fomos todas até o meio do mato, pois é onde acreditam que nos conectamos melhor com a natureza e os instintos femininos ficam aflorados, o que é fundamental para os exercícios que viriam a seguir. A noiva teve que tirar toda a roupa e ficar apenas de calcinha e, obviamente, ela não parecia muito confortável.



65 - Claire Albrecht (ajoelhada de óculos) e outras mulheres na cerimônia Cisungu no vilarejo Lukupa

A professora começou explicando que, antes de cada exercício, era preciso rolar na terra, como uma demonstração de respeito ao conhecimento das mulheres mais velhas. Logo ela partiu para demonstrar a primeira tarefa, que foi a seguinte: em um prato cheio de amendoins, a noiva deveria encontrar uma semente diferente e resgatá-la com a boca. Como se fosse aquela história de mandar a amiga encontrar a aliança no

meio da farinha. Depois de capturada a semente, a noiva deveria cavar um buraquinho na terra e plantá-la. Tudo isso com a boca, sem utilizar as mãos.

Então, depois das instruções, a noiva rolou na terra – só de calcinha – resgatou a semente e a plantou com a boca. As mulheres gritavam, riam e comemoravam como se estivessem no show da sua banda favorita e me assustou um pouco não saber quais seriam os exercícios do nível avançado do curso. Em seguida, foi a vez da Claire, que concluiu a tarefa e também provocou a euforia da plateia.

Eis que chegou a minha vez. Até aquela hora eu achei que poderia apenas assistir, mas a minha efetiva participação nos exercícios parecia ser um motivo a mais de diversão para as colegas! Além disso, por se tratar de um ritual tradicional e, até certo ponto, sigiloso, a minha presença somente seria admitida sob a justificativa de que eu também seria iniciada.

Lá fui eu, rolar na terra de um lado para o outro, caçar a sementinha no meio dos amendoins e plantá-la na terra com a boca. A boa notícia é que pude continuar vestida...



66 - Gabi planta semente com a boca na cerimônia Cisungu no vilarejo Lukupa

E esse foi só o primeiro exercício. Em seguida, tive que plantar bananeira pra pegar um cordãozinho amarrado em um galho usando o meu dedão do pé e participar das rodas de dança. Quando chegou a noite, teve também uma caminhada até o rio, pelo meio do mato, apenas com a luz da lua... Foi uma explosão de emoções pra quem tem pânico de cobra. Claire me salvou de ficar de calcinha e entrar no rio para alguns outros exercícios.

Nessa hora, a noiva ganhou maquiagem e penteado de lama. Ela foi enrolada em um tapete de palha e voltamos pelo mesmo caminho cantando algumas músicas. Eu cantei naquele meu estilo de sempre quando não sei a letra e deixo a imaginação rolar solta.

Chegando de volta à casa, eu estava exausta. Foi quando Claire e eu tivemos que deitar no chão, cobertas por um lençol, enquanto as mulheres tocavam os tambores, cantando e dançando em volta da gente. Um cestinho foi colocado no centro da roda para que as convidadas contribuíssem com doações em dinheiro. Minha bochecha estava atolada na terra e eu fiquei deitada naquela posição de conchinha solitária, sabe? Quase abraçando os joelhinhos. Mas como era noite de lua cheia e eu acredito muito nesse lance de vibrações e tal, acho que recebi bastante energia naquela hora!



67 - Gabi na cerimônia Cisungu no vilarejo Lukupa

Enquanto isso, a noiva continuava enrolada no tapete e eu abraçando o joelhinho e seria assim até que o cesto estivesse com uma boa quantia de dinheiro. Nessa hora, me deu até vontade de oferecer a minha câmera fotográfica como forma de pagamento. A propósito, a câmera estava enrolada no pescoço e dentro da blusa pra não riscar a lente e, eu, deitadinha na terra, claro. Quando finalmente o cesto ficou cheio, Claire e eu pudemos nos levantar e eu fui parabenizada pelas mulheres com vários daqueles tapinhas carinhosos que deixam sangue pisado no braço, sabe?

Mas depois de tudo isso, quando eu estava quase pedindo pra minha mãe me buscar, eu lembrei que a noiva ainda esperava dentro do tapete. Então, ela finalmente foi libertada com um belo balde de água fria para limpar a lama da cabeça e do rosto. Moral da história: nunca reclame, porque sempre pode ser pior.

Entre as lições mais importantes, a professora nos ensinava alguns movimentos sexuais que dariam mais prazer aos maridos e também sobre como deveríamos guiar o nosso corpo no momento do parto. Além de algumas dicas para o dia a dia como, por exemplo, não soltar pum perto do marido (verdade! Tinha até uma música sobre isso). Achei esses conceitos super valiosos, principalmente para lembrarmos que o nosso corpo foi feito para operar da maneira mais natural possível (guardadas as exceções, é claro).

O jantar foi servido às 10h. Algumas bacias com *nshima*, feijão, peixe frito e vegetais foram colocadas no chão. Nos sentamos todas em círculo e comemos juntas com as mãos, que é o costume local. Deu medinho lembrar que não lavei as mãos direito e minhas amiguinhas também não. Mas comi e sobrevivi! Isso é o que importa.

Depois disso, Claire conseguiu convencer as mulheres de que já estava muito tarde e precisávamos voltar pra casa. Isso porque o ritual costuma durar três dias seguidos e as mulheres podem dormir pouquinhas horas durante esse período. Nós nos despedimos e caminhamos, pelo mato e no escuro, até a fazenda de Claire e Justin. Fê já estava dormindo na barraca e eu não fazia ideia de que horas eram. Obviamente ele teve que acordar pra ouvir tudo sobre as minhas aventuras. Ah, a cereja do bolo: mesmo depois de fazer diversos croquetes na terra, eu dormi sem banho. Já estava tarde (quase meia noite) e muito escuro para chegar até o rio. Um grande abraço para o inventor dos lencinhos umedecidos para bebês!

Demorei pra pegar no sono. Era muita informação nova na cabeça, terra na orelha e o som dos tambores que durou até de manhã... Afinal, era só o primeiro dia de festa.

Levei tempo pra digerir toda aquela experiência que registrei em vídeo⁴⁹. E foi curioso pensar que os exercícios pareciam, ao mesmo tempo, empoderar e oprimir aquelas mulheres. Por que não ensinam lições

que tragam prazer também às esposas? E ainda assim, tive a sensação que elas pareciam sair de lá mais poderosas, depois de aprender – ou relembrar – como somos capazes de comandar lindamente o nosso corpo.



68 - Mulheres na cerimônia Cisungu no vilarejo Lukupa

Por alguns dias vivi um dilema, sem saber identificar exatamente o que eu havia experimentado naquele dia. E algumas semanas depois, consegui desenhar as minhas primeiras impressões sobre tudo isso.

A primeira delas é que, muitas vezes, construímos nossas percepções baseadas na opinião dos outros, no senso comum ou em algo que lemos/escutamos algum dia. Por isso, temos que estar sempre abertos para mudar a nossa interpretação. Digo isso porque aposto que, até agora, você pode ter achado todo o ritual que eu descrevi acima bastante estranho e um tanto machista. Eu também achava, literalmente até participar, e concluir que o princípio é quase o mesmo do nosso famoso Chá de Cozinha — ou sua versão moderna no Chá de Lingerie — mas muito mais rico em tradição e cultura local. Lá não se investe grandes quantias de dinheiro em *cupcakes*. É uma simples troca de risadas e conhecimentos entre as mulheres.

Nós contratamos professoras para nos ensinarem a fazer strip-tease, massagem e pompoarismo, ou simplesmente esperamos ganhar colheres de pau e lixinho de cozinha. Poxa! Isso também é super machista e ainda assim a gente se diverte! E passada a emoção inicial, eu até gostei de aprender o que eu devo fazer na hora do parto. Nunca ninguém me falou sobre isso e parece ser mais útil do que aprender a usar uma vela de massagem com gosto de chocolate (risos...).

Claro que essa mesma interpretação não se aplica às iniciações sexuais que, em algumas regiões, são impostas a meninas a partir dos nove anos de idade, obrigando-as a deixarem a escola para frequentar o novo curso. Depois de concluído, elas se tornam aptas ao casamento, quase sempre com homens mais velhos. Nesse caso, o casamento é justificado como um atalho para beneficiar financeiramente a família da pequena noiva ou, até mesmo, uma forma de livrá-la dos estigmas colocados pela sociedade às mulheres que não se casam.

Então a primeira conclusão que tiro desta experiência é que, no fundo, a gente é bem parecido mesmo: respeitar o diferente e abrir espaço para reconsiderar nossas percepções é uma forma de enxergar essas similaridades.

Outra coisa que me fez pensar bastante é que, mesmo nos queixando dos clichês que são impostos às mulheres, muitas vezes somos nós mesmas quem colocamos nossas amigas em cheque. Sempre tem a querida que parece insistir em perguntar o porquê de você não estar namorando, não ser casada, não ter filhos ou

ainda o porquê de ter se separado, trocado de emprego ou simplesmente ter seguido por um caminho diferente do dela.

Não sei o fundamento disso, mas sei que acontece bastante e tende a ser mais comum entre as mulheres do que entre os homens. Essa reflexão surgiu porque, durante a cerimônia, pude notar que algumas mulheres pareciam mais empolgadas que outras, faziam certa questão de nos intimidar na hora dos exercícios e se divertiam horrores nos vendo em posições bizarras. O mais engraçado é que um dia elas já estiveram no nosso lugar e, provavelmente, se sentiram intimidadas também. Isso não seria o suficiente para desejarem que as próximas gerações não precisassem enfrentar os mesmos desafios que elas?

Pois é... Não precisa ir até a Zâmbia para encontrar pessoas assim.

Acho que, às vezes, a gente esquece de olhar pra nós mesmas e no quão valiosas são nossas experiências e aprendizados, mesmo que tenham sido dolorosos, e acabamos focando mais em replicar perguntas, padrões e comportamentos que não agregam nada e ainda trazem energia negativa. Claro que mudar culturas e tradições é um caminho muito mais demorado e que precisa de uma força tarefa, mas pra quem vive na cidade grande e é bombardeado de informações diariamente, replicar padrões é uma mera comodidade. Não é sempre que precisamos escolher entre casar ou comprar uma bicicleta. Nós podemos ter os dois. Ou nenhum deles.

Se todas nós tivéssemos consciência do poder da nossa mente, do nosso corpo e das nossas palavras, acho que não ficaríamos tão preocupadas em nos adequar ao que, supostamente, parece ser o caminho normal. Seríamos todas livres para criar nossos padrões, sem ter que replicar o que todo mundo usa. E o melhor, não teria ninguém querendo ouvir de você respostas que você não tem que dar.

Enfim, nós somos todas bem parecidas – no Brasil, no Zimbábue ou na Zâmbia – e temos muito a aprender umas com as outras. Basta deixar de lado esse costume de sempre reparar no que está faltando (o namorado, o marido, o filho, o casamento...) e passar a ver a beleza em nós mesmas. Sem precisar seguir nenhuma lista, muito menos o daquela amiga que sempre te pergunta se você está namorando, enquanto você está mais ocupada planejando suas próximas férias pra Bahia.

Gabi

Experiência 13 - Bwawani, Tanzânia

Publicado em 16 de dezembro de 2014



69 - Crianças na sala de aula da escola da NGERIV, em Bwawani

Crianças! A importância da educação para elas já faz parte do senso comum e é uma prioridade para o mundo, não é? Que bom! Porém, com tudo que está acontecendo eu vejo essa priorização como fictícia e conhecer de perto comunidades rurais na África elevou, significativamente, a importância dessa educação elementar no meu entendimento.

Para aprender, desta vez, tivemos a preciosa oportunidade de conhecer um projeto em Bwawani, próximo a Dar es Salaam, a principal cidade da Tanzânia. Através da rede *WWOOF*⁵⁰, *World Wide Opportunities on Organic Farms* (oportunidades globais em fazendas orgânicas) conhecemos o gentil Remmigius Mushenga, um tanzaniano muito esclarecido, que transmite credibilidade e está super conectado. Você entenderá mais porque tantas qualidades.

Quando trabalhava na prefeitura de outra cidade, Remmy sentiu seu coração dizer que ele precisava fazer algo mais por pessoas desprivilegiadas e para melhorar a comunidade. Nesse momento teve coragem para decidir que queria dedicar seus recursos e energia para tanto, e mudou de vida com a família para uma área rural onde fundou A NGERIV Environmental & Community Development⁵¹ (desenvolvimento ambiental e comunitário).



70 - Gabi, Annette Woehrle, Remmigius Mushenga, equipe da NGERIV (da direita pra esquerda) e Felipe, em Bwawani

O que mais nos impressionou desde o início é que fica cada vez mais claro que um **agente de transformação** precisa ser capaz de abstrair barreiras e ir atrás do seu **propósito** com determinação. Foi assim que Remmy começou em 2003, educando famílias cujas crianças sofriam de subnutrição. Na maioria das vezes, o problema não tinha origem na falta de recursos, (que alegria!), mas sim na falta de conscientização, ou seja, de informação sobre como variar os nutrientes tem papel fundamental no desenvolvimento das crianças. Ele ensinava o poder de introduzir mais grãos nas refeições, acabando, assim, com a subnutrição. É incrível pensar como a vontade e a ação de uma pessoa podem influenciar decisivamente na saúde de dezenas de crianças.

A confiança de que era possível e a certeza da sua missão, foi o que tornou tudo real. Seu dom de formar redes de amigos e sua capacidade de estar em contato com a comunidade por uma causa me inspiraram muito. Remmy começou pela conscientização das pessoas e nos disse algumas vezes que não foi fácil provar sua intenção genuína. Foi muito demorado para conquistar o acolhimento da comunidade e convencer que seu papel ali seria apenas o de um líder servidor para o bem de todos. Ele chegou a passar por situações, nos vilarejos, nos quais as pessoas se mostraram hostis, duvidando da idoneidade de suas intenções.

Depois de muitas conversas, apresentações e inúmeras ligações, ele teve a concessão de alguns hectares de terra para o projeto. Um dos objetivos principais é disseminar a importância do desenvolvimento sustentável para as famílias e para o meio ambiente. Atividades centenárias como a produção de tijolos, carvão e queimadas são muito comuns e, até hoje, acontecem, como forma de renda. Ele confessou que transformar a mente de pessoas que fazem a mesma coisa há tantas décadas ainda é difícil. É o famoso problema do senso comum inquestionável...



71 - Senhor com a visão muito debilitada logo após ganhar seu primeiro óculos de grau na NGERIV, em Bwawani

Precisamente, esse princípio da conscientização é o que eu mais admiro por acreditar no potencial de começar a transição aos poucos, um a um. A forma que Remmy encontrou foi começando por pequenos grupos, tornando as pessoas cientes da importância de mudar alguns hábitos para seu próprio bem. Isso as torna naturalmente parte da mudança e propagadoras de ideias. Imagine o poder disso para mudarmos tudo o que sabemos que está errado, mas muitas vezes nem tentamos por preguiça, medo, comodismo, entre outras auto desculpinhas?

Um caso conhecido que tenho como grande referência, sem entrarmos na discussão capitalismo versus socialismo, é a campanha de conscientização à alfabetização em Cuba em 1961, após a revolução. Em apenas um ano, essa iniciativa do governo para conscientizar a população da importância de educar a todos

elevou a taxa de alfabetização de 76% a 96%. – Existe um documentário recente sobre isso chamado *Maestra*⁵². – Hoje, a taxa é de 99.8%, segundo o *World Factbook*⁵³. No livro *El Pensamiento Económico de Ernesto Che Guevara*⁵⁴, o autor Carlos Tablada Perez conta sobre a forma incisiva como *Che*, que participou ativamente da revolução, abordava especificamente isso. É repetido diversas vezes que, na sua visão e na de *Fidel Castro* obviamente, a transformação é gerada quando o povo tem ciência da causa e faz parte do movimento.

Vale lembrar que no Brasil, hoje, estamos em 2014, essa taxa ainda é de 90%, segundo o *World Factbook*⁵⁵. Sem falar do triste analfabetismo funcional. Ah, mas o Brasil é grande, tem mais gente... Desculpas escapatórias, sempre temos! Em 1961 não tinha nem internet hein, se bem que lá em terras dos irmãos Castro quase não tem ainda, mas por opção.

Além da parte do projeto focada em sustentabilidade como o plantio para reflorestamento, a *NGERIV* também ensina agricultura nas escolas, constrói poços artesanais, consegue bicicletas para as crianças e desenvolve a profissionalização de mães viúvas. Haja atividade!

Logo que chegamos lá ficamos felizmente impactados com a estrutura existente, principalmente para os voluntários. Claro que o banho frio de caneca já era esperado. Não é à toa a capacidade do Remmy de fazer amizade ao redor do mundo. Ainda mais felizes ficamos ao ver a grande novidade do projeto: depois de muito trabalho, ele conseguiu um investimento do bem da Inglaterra para construir a primeira escola comunitária para as duzentas crianças do vilarejo. Em vez de professores voluntários, cabanas improvisadas e crianças no chão, agora a educação ali será com professores formados e remunerados pelo governo, salas com lousa, mesas, cadeiras e material escolar. Acho que dá pra sentir essa alegria só lendo, não dá?



72 - Remmigius Mushenga e crianças na sala de aula da escola da NGERIV, em Bwawani

De cada experiência que vivemos, fica uma conclusão, um aprendizado pessoal de uma conversa, um sorriso e um abraço. Essas situações deixam marcas que causam muitas reflexões. Dá pra imaginar a hiperatividade mental e as emoções no coração! Contudo, essa escola nos deixou algo a mais, porque fomos professores por alguns dias. Muito além da responsabilidade de ensinar, que nos deixou até apreensivos, me impactou a instrução que eles dão para os professores voluntários, que inicialmente parecia perdida... Ali, qualquer momento dedicado a ensinar já tem um imenso valor, simplesmente pelo fato dessas crianças não terem acesso a praticamente nada.

Mas o que isso quer dizer? Infelizmente pelo fato de seus pais não terem tido a oportunidade de estudar, não têm capacidade de educar seus próprios filhos em casa, no dia a dia. É um ciclo familiar muito triste. Um exemplo claro é que, mesmo em casos onde existe fácil acesso a água, é muito comum ver crianças com a pele encardida. Outra situação que me choca é notar como elas não se mexem para espantar uma mosca quando pousa em seu rosto. Podem parecer detalhes, mas, para mim, é uma prova muito grande do poder de educar e da consequente falta da educação em cadeia para a vida.



73 - Enquanto ajudávamos na aula com crianças na escola da NGERIV, em Bwawani

Nossa preocupação inicial burocrática com o conteúdo que iríamos ensinar caiu por terra quando percebemos que aquelas crianças precisam aprender de tudo e qualquer aula dada com o coração começa a gerar uma transformação. Nesses momentos, a oportunidade que tivemos no passado de aprender a pensar, nos distanciava da realidade e um sistema de ensino bem elaborado não tinha valor nenhum para aqueles poucos dias.

Tendo isso em mente, tentamos apenas brincar de contar até dez e ensinar os números em inglês. – Lembre-se que o idioma era um desafio a mais, pois elas falam apenas suaíli, o idioma local. – Depois de algumas horas, sentimos na pele essa falta de educação fundamental. Tentamos brincar de jogo de memória com apenas seis cartas e, mesmo com a ajuda de amigos locais explicando em suaíli, conseguimos ver que eles não entendiam uma mecânica tão básica quanto encontrar duas cartas iguais. Acredite, ficamos jogando por um bom tempo apenas para conseguir transmitir esse raciocínio e falhamos.

Querendo ajudar um pouco mais, nós e uma amiga voluntária alemã que conhecemos lá, a Annette Woehrle, compramos alguns materiais escolares para as aulas. Foram folhas de papel, lápis de cor, giz de cera e cadernos de exercício. Primeiro, sentimos a alegria no sorriso espontâneo dos pupilos ao receber algo novo em suas mãos. Foi demais! Porém, a segunda sensação deixou ainda mais claro que eles não recebem estímulo nenhum, nem mesmo para desenvolver a curiosidade e a criatividade. Isso porque propusemos que eles fizessem desenhos na entrada da nova escola e tivemos uma grande dificuldade. O desafio estava em deixá-los à vontade e se soltarem para apenas pintar um ponto no papel.

A boa notícia é que, aos poucos, os artistas dentro deles se manifestaram, a atividade se tornou uma grande diversão e todos faziam questão de mostrar sua arte ao correr em nossa direção gritando: "Teacher, teacher!" (professora, professora). Foi uma sensação indescritível, principalmente quando respondíamos "nzuri" (muito bom).



74 - Um dos alunos da escola da NGERIV na sala de aula, em Bwawani

Fomos recebidos de forma carinhosa do início ao fim: todas as manhãs éramos recebidos com um coral de bom dia e a despedida dos alunos foi cheia de amor nos desejando paz e boa viagem. Uma forma bastante intensa de sentir o efeito da educação feita com amor.



75 - Alunas da escola da NGERIV na sala de aula, em Bwawani

O que tiramos de mais positivo disso tudo é que a mudança é gradativa e começar pelo básico do básico pode despertar muitas reações. Pessoas dispostas a se dedicar à educação mudam substancialmente cada pequenina vida e esta é a inspiração que levamos. O que fortalece a esperança é que Remmy ainda sonha em fazer desse sucesso uma referência para ser compartilhada com outras comunidades para melhorar ainda mais vidas.

É muito inusitado por parecer até pouco provável, mas podemos significativamente influenciar a educação social o tempo todo, mesmo com minúsculos atos e palavras. Lembremos que, hoje, isso vai muito além das crianças, porque todo dia vemos a falta de respeito, de civilidade e a escassez de amor mesmo entre pessoas exaustivamente educadas. Isso no trabalho, nas ruas, na televisão, em todos os lugares. Temos que enxergar e começar a mudar, isso depende apenas de cada um de nós.

O vídeo⁵⁶ que publicamos mostra um pouco mais dessa experiência.

Se você quiser contribuir diretamente para esse projeto, acesse o site⁵⁷ deles e saiba mais.

Felipe

Experiência 14 - Burundi

Publicado em 24 de dezembro de 2014



76 - Evangeline Igiraneza (de lilás à frente), sua irmã logo atrás e sua mãe carregando a irmã menor (de azul no colo), em frente à casa onde moram no vilarejo Nyabikere, em Karusi

No meu último aniversário, ganhei um dos melhores presentes da minha vida. Amei desde que o recebi, por ter um valor muito especial para o meu conceito de valor, mas eu não tinha ideia de que ele guardava uma surpresa emocionante para depois. Minha irmã Gabriela, em vez de dar uma daquelas lembranças que o presenteado tem o privilégio de não precisar, como roupas e eletrônicos, apadrinhou, em meu nome, uma criança que não teve as mesmas oportunidades que eu tive. Acho que com essa breve explicação dá pra sentir o enorme valor para o bem que uma compra pode ter.



77 - Josias Ukuriniyesu (de branco à esquerda), um funcionário da ActionAid (de vermelho), Evangeline Igiraneza (de lilás), seus pais, suas irmãs e nós em frente à casa da família no vilarejo Nyabikere, em Karusi

Ela fez isso através da *ActionAid Brasil*⁵⁸, uma organização global que trabalha por um mundo sem pobreza e injustiça em 45 países, desde 1972. Eles se descrevem da seguinte forma: "Trabalhamos em parceria com as comunidades e organizações locais para garantir o acesso das pessoas em situação de pobreza aos direitos de alimentação, educação, infraestrutura urbana, participação cidadã e equidade entre homens e mulheres, raças e etnias".

Quando a Ga fez o apadrinhamento, ela não escolheu o país, apenas onde a urgência era maior. Para essa causa e momento foi escolhida a Evangeline Igiraneza, que tem cinco anos e mora no vilarejo Nyabikere, em Karusi, no nordeste do Burundi. Essa foi a surpresa, porque esse país estava na rota inicial do *Think Twice Brasil* e foi para a lista dos imperdíveis assim que descobrimos que poderíamos visitá-la pessoalmente. Confesso que, no início, eu não estava totalmente seguro que seria possível conhecê-la por um preconceito em relação a algumas organizações gigantes, por ter tentado entrar em contato antes sem resposta alguma.

Para a nossa alegria, a *ActionAid Brasil* me respondeu imediatamente após o meu contato, confirmando que seria possível a visita. O Burundi é um dos dez países mais pobres do mundo, segundo o ranking do *World Bank*⁵⁹ medido por PIB per capita. Mesmo não concordando muito com o critério de ordem, pudemos vivenciar, perambulando pelo país que pode ser verdade, por ver a pobreza espalhada por todos os cantos, assim como vimos em Angola. Por ter menos riquezas naturais e o turismo pouco desenvolvido conseguir informações sobre como chegar por terra à capital, Bujumbura, e onde ficar foi um belo desafio, mas conseguimos superá-lo muito bem empolgados em encontrar a Evangeline! Modéstia à parte.

Continuando as boas impressões, o amigo Josias Ukuriniyesu, gerente de apadrinhamento da *ActionAid Burundi*, nos acolheu com muito carinho e foi um anfitrião excepcional. Além de toda a coordenação da visita, ele também nos levou para conhecer outros projetos da organização no país e nos guiou pela cidade. Foram dois dias intensos de conversas por muitas estradas, conhecendo pessoas e muita coisa boa sendo feita.

O trabalho deles vai muito além de assistencialismo e de doação de dinheiro. Seu foco é no desenvolvimento, na capacitação e no empoderamento de pessoas para que a transformação sempre esteja na mão delas. Nas associações de agricultoras que conhecemos, por exemplo, em vez de dar sementes para plantarem, eles entram com o dinheiro e monitoram para que os trabalhadores rurais tenham o poder de decidir onde comprar, quanto pagar e se posicionarem assim na sua comunidade. Nunca tinha pensado dessa forma e foi muito bom aprender. Outra prova disso são os cursos que fazem continuamente para educar as pessoas de acordo com as oportunidades que encaram.



78 - Mulheres agricultoras em Karusi

Vimos o efeito incrível desse trabalho ao conhecer a Monique da associação *Tujehamwe*, que significa "estejam juntos". Ela ensina as pessoas a plantarem feijão e soja para consumo e venda. Muito além da preocupação em lucrar mais, me impactou bastante saber que o objetivo maior da associação é garantir que cada família seja capaz de cuidar da sua horta e tenha disciplina financeira para ser autossustentável. —

Imagina se existisse esse conceito no capitalismo? Que genial... – Uma evidência dessa conscientização é que, através das reuniões comunitárias, são identificadas as famílias que estão passando por reais dificuldades e, com parte do lucro, a associação ajuda a comprar materiais escolares para crianças e cartão para medicamentos, por exemplo. Maravilhoso! A educação é uma prova de quando **propósitos transformam realidades**.



79 - Monique da associação Tujehamwe, em Karusi

Mas a *ActionAid* não para por aí: para suprir as necessidades que o governo não consegue prover, construiu uma escola primária novinha. Demoramos para chegar até ela por caminhos de terra intermináveis que até nos pareceu ser afastado demais para ter tantas crianças. Para nosso deslumbre, quando chegamos havia apenas cerca de 250 crianças alvoroçadas com os branquelos na área. Foi a maior multidão com a qual tivemos contato e foi muitíssimo divertido.



80 - Nós com o diretor (de paleto preto) em uma escola em Karusi

Conversamos com o diretor e nos alegrou entender que, depois de erguida, é o governo que remunera os funcionários, assim não dependem de doações para continuar. Ainda mais importante é que conseguiram uma concessão de terras do governo para construir ali e muito pesquisaram para encontrar o

local intermediário no vilarejo para que todas as crianças tivessem que caminhar uma distância humana para chegar às aulas.

Foi o meu primeiro contato direto com beneficiários de projetos liderados por instituições de grande porte e a impressão inicial, que se manteve até o final, foi excelente e nutriu minha esperança. Parabéns à *ActionAid* pela missão e realização que geram para a vida de muitas pessoas!

Não comecei o texto contando sobre o encontro com a Evangeline porque a emoção tomaria conta de mim! Meio clichê, mas é verdade. Foi o momento em que, mais vezes, tive que conter as lágrimas nesta viagem. Isso porque me esforço para não chorar nessas situações por respeito às pessoas, uma vez que podem associar essa reação a sentimentos como dó e inferioridade, que não são positivos. Bom, cada um com as suas teorias. Essa é uma minha!

Saímos de Bujumbura cedinho e depois de quatro horas de carro e vinte minutos de caminhada por trilhas chegamos à casa da família Igiraneza. Uma casa simples com plantações em volta, um porco, cabras e galinhas. A casa tem dois cômodos, uma espécie de sala onde as cabras dormem de noite por segurança e um quarto onde dormem a Evangeline, duas irmãs e os pais.



81 - Evangeline Igiraneza, sua mãe e irmãs atrás na sua casa no vilarejo Nyabikere, em Karusi

Estava ansioso para sentir na pele o resultado de um presente do bem. Ao chegarmos com as comidas que compramos para a família – é tradição levar algo quando se faz uma visita por lá –, a mãe dela nos abraçou forte e começou a falar sem parar *em kirundi*, o idioma local. Eu presumia que algo bom, mas então o Josias começou a nos traduzir. Foram muitas palavras de agradecimento e benção para nós (1º choro contido).



82 - Evangeline Igiraneza (à esquerda) e sua irmã, em frente a sua casa no vilarejo Nyabikere, em Karusi

A pequena Evangeline e sua irmã não perderam tempo para um abraço carinhoso e agradecimentos. Muito bonito! Ela ainda estava acanhada com a nossa chegada, mas as nossas brincadeiras foram soltando sua timidez. Claro que não nos esquecemos de levar doces e já a notamos maravilhada com um pirulito (2º choro contido).

Notando a movimentação anormal, a vizinhança logo se aglomerou em volta da casa e um momento muito especial de **generosidade** aconteceu. O pai dela pegou um pacote de biscoitos que tínhamos levado e distribuiu um a um para TODOS que estavam ali. Imagina nós ali pensando em tantas dificuldades e minimalismos, assistindo um gesto de tamanha **generosidade** com tanta espontaneidade (3º choro contido).

A Gabi e eu não resistimos em atiçar a criançada com brincadeiras de novo e a alegria foi tomando outra proporção. Ela começou a gargalhar sem parar que até o Josias ficou chocado. Nunca saberei se é o jeito da Evangeline ou alguma força maior que estava ali para nos transmitir um sentimento de realização indescritível. Mas por dez minutos havia uma energia de êxtase naquele pontinho do mundo que era um claro sinal do universo que aquilo tinha sentido (4º choro contido).

Vivendo tudo aquilo, não conseguimos resistir a um agradecimento a mais e deixamos uma contribuição para conseguirem duas cabras para uma renda adicional para a família. Eu sentia que eu precisava fazer isso por retribuição a aquele momento, nada mais.

E assim foi uma hora intensa e uma despedida alegre, cientes de que uma decisão de compra diferente pode gerar um efeito em cadeia significativamente maior que mais um bem material para quem tem todos.

Não quis me estender em criticar nosso consumismo doentio, porque essa experiência deixou muito mais amor que qualquer outro sentimento, mas quem sabe este relato possa verdadeiramente impactar pessoas a refletir sobre o conceito de valor, de presente, do material, especialmente no Natal que está aí. Sempre que me perguntam sobre presentes tenho o prazer de poder responder que não preciso de nada, pois já tenho tudo e para tantas pessoas por aí aquela pequena quantia do "dinheiro de pinga" pode melhorar a vida.



83 - Evangeline Igiraneza (de lilás) e sua irmã com Gabi (ao centro), a mãe delas (à direita) e vizinhos, em frente à casa da família no vilarejo Nyabikere, em Karusi

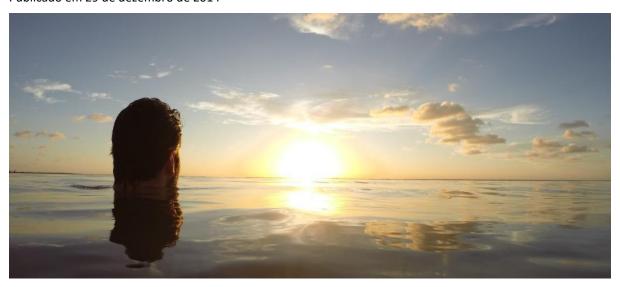
Bom, tudo é relativo obviamente, mas quem sabe cada um pode criar uma relatividade consciente para deixar de comprar sem parar, sem pensar e sem querer, para ajudar.

Dá pra conhecer a Evangeline no vídeo 60 que publicamos.

Felipe

Reflexão 4 - Nós, os sonhadores!

Publicado em 29 de dezembro de 2014



84 - Felipe numa praia em Zanzibar

Há alguns dias, recebi um e-mail muito especial de uma amiga que é uma das maiores e mais queridas incentivadoras e divulgadoras do *Think Twice Brasil*.

Ao longo do e-mail que ela enviou para mim e o Fê, havia várias palavras de amor, elogios generosos e um desabafo muito especial. Ela nos contou sobre como estão as coisas no Brasil. As conquistas, as angústias e as descobertas. E terminou dizendo que, por tudo que ela tem vivido, foi possível concluir que, para se tornar uma pessoa melhor e ajudar ao próximo, não é necessário vir pra África. Ela pode começar em casa mesmo.

Essa é uma verdade absoluta e, ainda assim, talvez eu não tenha dado a atenção merecida a esse tema desde que a viagem começou. Largar o emprego, sair de casa e viajar o mundo não é certeza de encontrar as respostas que a gente procura. Pelo contrário... Você pode voltar com ainda mais perguntas.

Quando escolhi seguir por esse caminho, já tinha boa parte das minhas questões solucionadas e embarcar no *Think Twice Brasil* seria apenas mais uma etapa do meu processo de evolução pessoal e profissional.

Eu queria aprimorar meu inglês e ter uma experiência vivendo em outro país, com todos os desafios de sair da zona de conforto e sem os carinhos da casa da mamãe. Além disso, eu sentia que, para fazer a transição de carreira que eu desejava — de advogada pra empreendedora social —, eu precisaria de mais conceitos práticos do que teóricos. Eu ainda tive a sorte de compartilhar com o Fê esses mesmos objetivos, o que tornou tudo mais simples e possível.

Por todos esses motivos, viajar para países com altos índices de pobreza e desigualdade foi a escolha mais certa pra mim. Mas talvez não seja pra você.

Inclusive, como já contei antes aqui, um dos comentários que mais ouvi quando falava sobre a ideia do *Think Twice Brasil* foi: "se quer ajudar aos pobres vai pro Nordeste, não precisa ir pra África!". E quase nunca quem me disse isso tinha paciência pra ouvir todos os pontos da minha explicação.

De qualquer forma, essas pessoas têm um argumento muito válido, que eu carinhosamente interpretei da seguinte maneira: "Gabi, não precisa ir tão longe pra encontrar quem precise de ajuda".

Devo confessar que concordo 100% com elas. Não preciso, mesmo! Outro dia li uma frase que me fez rir muito e dizia "quer mudar o mundo, mas não ajuda nem a mãe a lavar a louça". Mãe, foi você que escreveu? (Brincadeira, eu ajudava sim).

Esse foi um jeito divertido de cutucar quem acha que mudar o mundo tem que ser algo grandioso! Como criar uma ONG, doar toda a sua poupança pras crianças carentes ou pedir demissão e viajar em busca de inspiração.

Se você é desse time, lamento dizer que não é bem assim. A gente também muda o mundo com pequenos gestos. Devagarinho. Começando por ajudar a mãe com a louça.

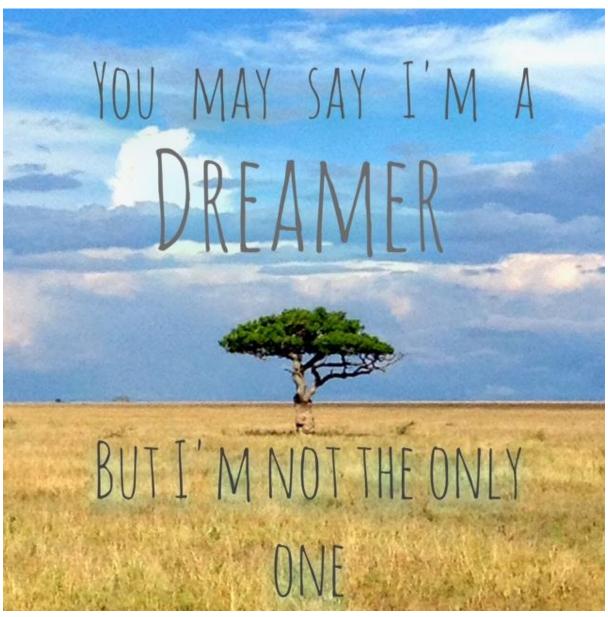
Aí não tem a desculpa do tempo, do dinheiro, dos problemas e tudo o mais que pode te impedir de ser um pequeno milagre na vida de alguém. Escrevendo este texto me lembrei do primeiro texto⁶¹ que publiquei no *Think Twice* em 31 de janeiro de 2013, quando ainda era um blog, eu ainda era advogada e os únicos dez seguidores eram quase todos da família.

Nesse texto inaugural, eu nem imaginava o que viria pela frente, mas já defendia o poder das sutilezas, das **gentilezas** e da **generosidade**. Desde lá, eu sabia que essa era a fórmula perfeita pra resolver, ou pelo menos suavizar, várias das questões que nos trazem angústia, ansiedade e infelicidade.

Acontece que eu escolhi mudar o mundo direcionando minhas energias e meu trabalho para melhorar a vida de quem não teve muitas oportunidades e acabei esquecendo de reforçar que esse é apenas um dos caminhos pra quem sonha com um mundo melhor como eu.

E são essas pessoas que, independentemente do caminho escolhido, eu chamo de sonhadores.

Nós, os sonhadores, compartilhamos um denominador comum: todos nós temos um coração inquieto.



85 - Parque Nacional do Serengeti, na Tanzânia

É comum que a gente não descubra com facilidade de onde vem essa inquietação e do que é preciso para se livrar dela. E talvez seja justamente isso que nos move. Nessa hora, entram as terapias, o colo da mãe,

o ombro das amigas, a cartomante, o mapa astral, o suco de maracujá e o desejo secreto de simplesmente passar um tempo viajando.

Engraçado como a gente associa viagens a algo mágico. Quando eu era mais nova e vivia aquela fase do "tudo na minha vida dá errado", devo ter pensado cerca de vinte vezes em fazer um intercâmbio em outro país. Acho que, na minha cabeça, se eu ficasse um tempo longe de casa as coisas que me incomodavam teriam se resolvido sozinhas quando eu estivesse de volta. Eu também pensava muito em como seria minha festa de despedida, eu juro... Uma prova de que talvez eu me importasse mais em me sentir querida e amada do que fazer a malinha pra morar fora.

Enfim, os sonhadores vivem muitas crises e a principal delas é a que nos faz olhar para o nosso "fundo do mar", entender que somos responsáveis por nossas escolhas e que recebemos do universo somente aquilo que oferecemos a ele. Por isso, cuidado! Mesmo assim, depois que essas crises passam o resultado é sempre acalentador e multiplicador. Isso porque nós, os sonhadores, temos uma pré-disposição quase sempre desconhecida de despertar novos corações para se juntarem ao time.

Nós, os sonhadores, procuramos não julgar e focamos em soluções em vez de problemas. Ouvimos com atenção e olhamos nos olhos. Preocupamo-nos com as sutilezas e tentamos ser generosos, acolhedores, humildes e questionadores. Praticamos a **empatia** e, quando dá, "nos colocamos nos sapatos do outro". Quase sempre somos indecisos, afinal tem tanta coisa pra sonhar que fica difícil decidir o foco. Nós abraçamos apertado e acreditamos na força dos pensamentos. E das palavras. Nós buscamos ser gratos, inconformados e esperançosos. Nós acreditamos que tudo se resolve com amor e muita mão na massa.

E o mais engraçado: quase nunca sabemos que somos sonhadores. E imagino que você pode ter acabado de descobrir que é um também. Isso porque a gente se reconhece, mas não se classifica. Aí está mais uma das nossas esquisitices...

Pra se reconhecer nesse time basta se identificar com, pelo menos, uma das características que eu apontei ou, simplesmente, simpatizar com elas. O resto é por conta das boas energias.

Mas escrevi tudo isso pra dizer que estamos espalhados por aí. Pelo Brasil, pela África, pela Ásia, pelo mundo. Somos uma espécie de sociedade secreta. Tão secreta que nem os membros sabem que fazem parte dela.

Juntos, formamos um formigueiro de sonhadores, onde cada um usa seu talento, sua indignação, seu ombro amigo e sua paixão para dar luz ao que está perdido no caminho, começando por nós mesmos. E a gente faz isso o tempo todo. Com um elogio a um desconhecido, um e-mail carinhoso no meio do dia, uma ligação pra amiga sumida ou um bilhete apaixonado na geladeira. Pra quem já está no nível avançado, vale doar seu tempo, seu dinheiro ou os dois em prol de causas transformadoras.

Vale também prestar mais atenção em você, em quem você ama e amar sem impor condições. Distribuir surpresas, **gentilezas** e abraços apertados. Vale simplesmente ser o milagrezinho da vida de alguém, ainda que seja só por uns minutos.

Dito isso, acho que ficou claro que não precisa atravessar o oceano pra mudar o mundo, não é? Nós, os sonhadores, sabemos que, juntos, podemos ir longe. Cada um mudando o seu mundo, ajudando a transformar um pouquinho do mundo dos outros e inspirando mais gente a sonhar junto.

Por tudo isso, nesse novo ano eu só desejo que você se redescubra um sonhador.

E bem vindo ao nosso formigueiro.

Gabi

Experiência 15 - Kigali, Ruanda

Publicado em 8 de janeiro de 2015



86 - Criança em Musanze

Vivi um caso de amor em Ruanda.

Quando chegamos a Kigali, a capital do país, nada pareceu muito diferente. Até porque a sensação era a mesma de sempre: depois de mais uma daquelas viagens de ônibus que duram catorze horas, não dá pra mexer a perna, fura o pneu, arruma o pneu, para pro pessoal comprar milho, para pra irem ao banheiro e, finalmente, chega ao destino com cinco horas de atraso.

Nos hospedamos em um albergue com cara de casa da vó, bem familiar e calminho. Fomos recebidos pela proprietária com um abraço bem apertado e um pedido de que "nos sentíssemos em casa". Quase chorei de emoção. Sério.

Até chegar lá, a única informação que eu tinha sobre o país foi adquirida assistindo o filme *Hotel Ruanda*, que conta sobre o genocídio que, há exatos vinte anos, matou mais de um milhão de pessoas em quatro meses. Pelo pouco que eu conhecia, me preparei para encontrar um país se reerguendo de uma triste tragédia que deixa marcas eternas.



87 - Mulheres de uma organização, capacitada pela ActionAid, que faz pães e nós em Musanze

Mas cheguei em Kigali e encontrei uma cidade limpa, cheia de jardins bem cuidados, **gentilezas** no trânsito e gente sorridente caminhando pela rua. Eu perguntei: "Fê, esse é o mesmo lugar do filme?". A resposta foi que sim, acompanhada de alguma piadinha boba que eu não me lembro agora.

Nos dias que seguiram, saímos em busca de inspirações e fizemos nossa estreia no mototáxi. Eles são tão organizados que têm até capacete para o passageiro. Além disso, pudemos sentir, pela primeira vez, a alegria de pegar um ônibus sem ter ninguém no nosso colo – ou estar no colo de alguém –, já que lá não é permitido superlotar os meios de transporte público. Tem coisa mais linda e digna para o cidadão, que pode voltar cansado do trabalho sem metade do corpo pra fora da janela do ônibus? Pois é, mas isso quase não acontece na África...

Eu já estava completamente apaixonada por Ruanda quando tivemos a chance de conhecer alguns dos projetos apoiados pela *ActionAid Ruanda* na cidade de Musanze, próxima à capital.



88 - Escola em Musanze

Na companhia do Michel Ndayambaje, gerente de projetos da *ActionAid*, passamos por uma escola que educa crianças na primeira infância e duas cooperativas de mulheres que produzem artesanato e pães caseiros. Nos impressionamos com o capricho da escola, a beleza dos artesanatos e a delícia dos pães! E, pra variar, não faltou risada.

Curiosamente, foram as crianças e as mulheres quem mais sofreram as consequências da brutalidade e da crueldade que assolaram o país.

Por volta de 1890, quando alemães e belgas chegaram a Ruanda, encontraram uma sociedade estável e em harmonia. Em todos os processos de colonização de que eu tenho conhecimento, os colonizadores chegam, se apropriam da terra, impõem sua cultura e introduzem novos conceitos e regras que quase nunca fazem sentido para o povo nativo. Em Ruanda não foi diferente.

A fim de facilitar o controle sobre a terra, alemães e belgas trataram de segregar a sociedade em três diferentes grupos étnicos, sendo Hutus e Tutsis os dois principais. Nessa lógica irracional adotada por eles, uma minoria era considerada como sendo Tutsi, sob a justificativa de que guardavam mais semelhanças físicas com o homem branco. Para justificar essa classificação, eram feitas medições do tamanho do nariz e da cor dos olhos e o poder aquisitivo também era determinante. Quem tinha mais de dez vacas era automaticamente considerado Tutsi e a eles eram concedidos privilégios e benefícios em detrimento da grande maioria Hutu.



89 - Cooperativa de artesãs em Musanze

Dali em diante, Hutus e Tutsis quebraram a cordialidade e passaram a se reconhecer como etnias opostas e divergentes.

Como se não bastasse, em 1932 foi instituído o uso do cartão de identidade, que indicava expressamente a qual etnia o cidadão pertencia. Esse documento, décadas depois, seria o principal instrumento que decretaria a pena de morte de milhões de cidadãos.

Os anos se passaram e as diferenças se acentuaram, até que, por volta de 1992, o presidente do país na época, Juvénal Habyarimana, um Hutu, se colocou à frente de organizar e comandar o treinamento militar de milhares de jovens civis. Era o início da formação da *Hutu Power* (Força Hutu). Subitamente, foi importada uma monstruosa quantidade de armamentos, como machados, armas de fogo e facões. A França, a fim de manter relações cordiais por algum interesse econômico, não só emprestou milhões de dólares para a compra dos armamentos, como também o seu exército nacional, que ficou encarregado de treinar jovens meninos a usar os "novos brinquedos" e se tornarem parte do exército. Esse assunto ainda parece ser um pesadelo para os franceses...

Ninguém parecia entender bem o porquê de tudo aquilo. Os loucos e dedos-duros, que previam a futura tragédia, eram ignorados e colocados na lista negra dos inimigos do governo. E, aos poucos, se formava uma nuvem espessa sobre os cidadãos que, em breve, derramaria uma chuva de crueldade que mudaria pra sempre a história do país.

Os ânimos se acirravam dia após dia, impulsionados pelas propagandas de ódio transmitidas no rádio e nos jornais subsidiados pelo governo da época. A mensagem era clara: "Hutus, exterminem todos os Tutsis do país. Se não o fizerem, serão vocês os eliminados". Inclusive, a ordem era para que fossem elaboradas listas com os nomes dos Tutsis e Hutus que eram casados ou mantinham relações comerciais com Tutsis. Esses eram os chamados "Hutus moderados" e também estavam marcados pra morrer.

Foi quando, na noite de 6 de abril de 1994, um atentado de autoria até hoje desconhecida derrubou o avião que levava até Kigali o presidente Habyarimana e o presidente do Burundi, o país vizinho. Todos os passageiros morreram e essa foi a justificativa perfeita para o início do ataque.

Menos de uma hora após a queda do avião, já havia barreiras nas ruas e Tutsis começavam a ser cruelmente assassinados em suas próprias casas.

A história é muito mais longa e impressionante, por isso não me dou o direito de resumir aqui algo que merece ser estudado e compreendido nos mínimos detalhes por todo mundo.

A verdade é que, nos quatro meses que duraram o massacre, foram mortos mais de um milhão de Tutsis, incluindo crianças e mulheres, que quase sempre eram estupradas e torturadas em frente aos filhos e maridos antes de serem assassinadas. As armas utilizadas não podiam ser mais cruéis: machados e facões. Os

"soldados" (militares e civis) faziam questão de não poupar o sofrimento das vítimas e depois de concluído o trabalho, os corpos eram largados pelas ruas, criando um tapete de impiedade.

Ruanda foi dilacerada pelo próprio povo. O país estava devastado. E o resto do mundo não deu muita bola pra isso.

Nós visitamos a Igreja de Nyamata que, durante o genocídio, serviu de refúgio para milhares de Tutsis que acabaram massacrados ali mesmo. Hoje, o espaço é um memorial em que podemos ver dezenas de pilhas de roupas, crânios e ossadas das pessoas que se abrigavam lá. Uma guia local nos recebeu logo na entrada e nos explicou com detalhes um pouco da história do lugar. Ela é uma sobrevivente. Perdeu os pais e todos os irmãos e, ainda assim, reconta a mesma história todos os dias, sob a justificativa de que, quanto mais pessoas souberem disso, mais chances temos de impedir que isso se repita no mundo.



90 - Igreja de Nyamata, Memorial do Genocídio, em Bugesera

Aí você me pergunta: "Gabi, mas com tanta tragédia, por que você viveu um caso de amor com Ruanda?". Eu te respondo que não tem como não se apaixonar pelo país que me ensinou uma das lições mais valiosas da viagem: aprender a perdoar. As ruas de Ruanda falam por si só. Uma energia diferente. Uma energia boa.

Depois de entendermos a fundo a história, Fê e eu caminhávamos imaginando como estaria aquilo tudo há vinte anos. E o mais impressionante, como eles foram capazes de se reconstruir.

Ruanda está entre os países africanos com menor índice de corrupção e, pelo que conversamos e observamos, os serviços públicos parecem funcionar bem. Caminhávamos tranquilamente pelas ruas, inclusive à noite, e não se ouvia falar em assaltos, assassinatos ou qualquer tipo de violência. Ruanda hoje é paz.

Eu me peguei noites e dias tentando descobrir como conseguiram isso. Reconstruir o país e recriar a unidade em perfeita harmonia. E cheguei à minha conclusão: **eles aprenderam a perdoar e o fizeram por amor**. Perdoaram-se entre si e a eles próprios. Mas perdoaram de verdade. Sem guardar mágoas, só lembranças. Foi quando eu compreendi que amor e perdão caminham juntos. O amor é o instrumento catalisador do perdão. Quem ama, perdoa e liberta a si e o próximo. O perdão gera transformação, renascimento, reconstrução. O perdão cura.

Por isso, o povo de Ruanda, movido pelo amor incondicional àqueles que se foram e às próximas gerações, decidiram perdoar. Sem o perdão, nunca haveria trégua nessa guerra e os seus filhos, netos e bisnetos continuariam vivendo o terror de temer pela morte. Dia após dia.

Eles perdoaram incondicionalmente a maior tragédia que marcou a sua história. Perdoaram e pediram perdão. E, assim, nasceram de novo. Eu vivi um caso de amor com Ruanda e vou viver isso pra sempre porque Ruanda me ensinou que o amor e o perdão curam as feridas, libertam a tristeza e trazem a certeza de prosperidade e harmonia.

Como se não bastasse, Ruanda me lembrou de uma das orações que minha mãe me ensinou quando eu ainda era criança:

"Eu te perdoo, você me perdoa. Eu te amo, você me ama. Eu te agradeço, você me agradece. Somos uma só alma perante Deus. Muito, muito obrigado".

E foi assim que, em Ruanda, eu vivi um caso de amor e nasci um pouquinho de novo.

Gabi

Experiência 16 - Kampala, Uganda

Publicado em 15 de janeiro de 2015



91 - Jovens e crianças no orfanato Mission of Hope, em Kampala

Esse país já tem um lugar especial no nosso coração por ser este o primeiro Natal e ano novo longe da família e de casa. Gosto muito dos sentimentos de união, amor e família que pairam nos ares durante essa época do ano, apesar de discordar da proporção consumista inconsciente que essa festividade tomou. – sem perdoar alfinetadas... – Para não deixar de lado os costumes da sociedade, me dei um chinelo exuberante por 2 dólares...

Além da complexidade que tivemos ao chegar à casa de Kampala, como contei na reflexão anterior, nossa caminhada para encontrar o transporte local foi divertida, com os branquelos empacotados andando pelo centro perguntando pra todo mundo como chegar onde. Quando encontramos a lotação ficamos aliviados. Ao sentar com a mala de vinte quilos no colo (pois não há bagageiro) nos deparamos com um trânsito terrível: ficamos totalmente parados por uma hora.

O mais incrível desses sessenta minutos é que fiquei lembrando que, há um ano, no trânsito maravilhoso de São Paulo, sozinho, no meu carro espaçoso, com ar condicionado, minha música favorita e respondendo mensagens no celular, eu estava puto por me sentir um idiota ali parado e perdendo tempo de vida útil... E ali, na desconhecida Uganda, no centro, de noite, apertado, desconfortável, com um senhor falando aos gritos no celular, sem saber a hora de descer da van, preocupado com a Gabi e com a importância das nossas malas, eu estava tranquilo e em paz.

Acabamos nos hospedando mais afastados da cidade para descansar e tivemos o privilégio de desfrutar de um lugar calmo.

Na nossa busca por organizações, nossa leitora Elisa Pires fez uma grande **gentileza**: indicar o projeto *TORUWU*⁶². Esse nome não é uma palavra da língua local como o gênio aqui presumiu (risos...). Ela vem de *Training Of RUral Women in Uganda* (treinando mulheres da zona rural de Uganda).

Entramos em contato com um dos fundadores, o senhor Augustine Yiaga, que prontamente se colocou à disposição para buscar-nos na cidade, super gentil. O projeto está no vilarejo Kikajjo, próximo a Kampala. Depois de trabalhar com um indiano muito generoso por anos, ele decidiu abrir mão de tudo para ajudar a comunidade a se desenvolver. Ele acredita piamente no poder do trabalho comunitário, visando, em conjunto, pelo bem coletivo. Mas, sabemos bem que, na contramão, infelizmente, o mundo deixou de ser essa comunidade faz tempo...



92 - Sophie Bemba e Augustine Yiaga na TORUWU, em Kampala

Ele investiu todos os seus recursos juntamente com a Sophie Bemba para iniciarem o *TORUWU*. Ela, enfermeira de formação, se inspirou profundamente no trabalho generoso de sua mãe que ajudava pessoas sofrendo sem cobrar nada. Assim, não resistiu em se entregar a fazer o bem. Ambos me impressionaram pela consciência do que precisam fazer e como o fazem.



93 - Crianças na aula de computação na TORUWU, em Kampala

O projeto educa e empodera mulheres, em sua maioria viúvas, com aulas de costura, artesanato, cultivo de cogumelos, produção de vinhos e de sabão. Tudo na busca por ensinar um meio de trabalho para gerar renda e desenvolver autonomia para as mulheres liderarem suas próprias vidas. Surpreendeu-me a forma como explicam a missão: equipar habilidades de sobrevivência econômica para tornar-se independente.

Esse é um princípio essencial para o trabalho da *TORUWU*. Incrível! Além disso, também dão aulas de computação e música para as crianças, quase sempre órfãos.

Um detalhe que admiro infinitamente em organizações como essa, é que encontram sua independência financeira. No caso da *TORUWU*, isso se deu através da produção e da venda de vinho. Para crescer e mudar a vida de mais comunidades, eles ainda dependem de contribuições já que seu foco, obviamente, é ajudar mais pessoas e não tornar o negócio de vinho altamente lucrativo. Essa é uma linha tênue quando se pensa em crescer sem perder o foco na missão. Mas eles demonstram claras prioridades.

Outro detalhe inspirador é a escola que criaram para órfãos e crianças sem condições de pagar. Mesmo com o desafio do salário dos professores, que não são voluntários, eles não deixaram de zelar pela importância fundamental do conteúdo de ensino. Isso porque, se tratando de um grupo de crianças com idades bastante diferentes, eles poderiam ter escolhido o caminho mais fácil e barato ao dividi-las em apenas duas classes. Em vez disso, assumiram a responsabilidade de manter o ensino por série e separaram a criançada em sete turmas diferentes, de acordo com a idade. Cada uma com seu professor e, em média, apenas onze alunos por classe. Também há um cozinheiro para todos.



94 - Sophie Bemba na produção de vinho da TORUWU, em Kampala

Isso é muito diferente do que vimos em diversos países, onde escolas têm turmas de sessenta alunos com idades variadas, juntos. De forma alguma as estou criticando, pois todas já fazem um milagre. Porém, encontrar maneiras para superar desafios como esse é ainda mais admirável. Essa preocupação nos provou ser um compromisso com o futuro da comunidade através das crianças. Ser **agente de transformação** é pouco para eles!

Como se não bastasse tanta sabedoria, eles ainda nos transmitiram pura humildade ao pedir nossa opinião sobre a organização, em comparação com o que temos conhecido e como poderíamos ajudar. Tivemos uma longa conversa sobre casos que conhecemos como referência para eles, assim como sobre a importância de promover continuamente o trabalho realizado para que mais pessoas conheçam. Além da ajuda financeira, que sempre contribui claro, eles valorizam pessoas dispostas a passarem dias ou meses na comunidade, liderando um novo projeto. Mais uma prova do quão bem elaborado é o escopo de trabalho da *TORUWU*.



95 - Jovem na aula de costura na TORUWU, em Kampala

O site da organização conta mais a respeito do projeto e também como você pode fazer contato caso tenha interesse em contribuir.

Perambulando pela cidade sem cansar, como sempre fazemos, o gentil Joseph Kiwanuka nos abordou numa grande avenida para perguntar se éramos europeus. O alegramos quando dissemos nossa procedência latina. Nunca desconfiam que somos brasileiros, infelizmente. Ao contarmos sobre o *Think Twice Brasil*, ainda em movimento, ele prontamente se empolgou e nos falou brevemente sobre sua história, nos emocionando de volta. Joseph é órfão e já foi menino de rua. Deixou essa condição por meio da arte e, assim que possível, se juntou a amigos com histórias parecidas para cuidar de meninos que ainda permaneciam nas ruas. Foi assim que criaram o orfanato *Mission of Hope*⁶³ (missão de esperança).

Os cinco minutos que passamos com ele foram intensos e um presente mútuo. Trocamos contatos e combinamos de conhecer a molecada no primeiro dia do ano, pra começar com muito amor. E assim o fizemos, na companhia de Joseph e de Simon Mukasa, também fundador do orfanato.



96 - Jovens, crianças e nós no orfanato Mission of Hope, em Kampala

O Mission of Hope foi criado em outubro de 2013 e ainda não tem uma boa estrutura, pois ainda falta captar recursos. Os meninos não vão à escola porque não há dinheiro para pagar a mensalidade mas, enquanto isso, aprendem a fazer acrobacia, tocar instrumentos e participam de atividades da igreja. Uma regra importante é não trabalhar nas ruas, porque isso gera um ciclo negativo e os tiraria do orfanato.

Apesar de já conhecermos algumas realidades daqui, sentimos um grande impacto ao entrar no local onde moram. É apenas um quarto alugado numa zona desfavorecida da cidade, com doze metros quadrados. É bem úmido e não estava exatamente limpo. Vimos cobertores no chão que servem de cama, mochilas velhas nas paredes, poucas roupas jogadas, pequenas panelas, pratos e comida em saquinhos num canto. Ali vivem quinze meninos órfãos.

Fomos muitíssimo bem recebidos com um número acrobático, que me cansou só de ver a força e a capacidade que têm de se empilhar. Nunca tinha visto de perto e o treinamento realmente leva à perfeição, independentemente das condições. Sério.

Depois de conhecer o local e mais sobre o projeto, os sete meninos que estavam lá naquele momento, nos contaram um pouco sobre suas histórias e seus sonhos. A emoção era incontrolável porque sentíamos uma energia intensa no tom triste de cada palavra que diziam. Foi uma chacoalhada e tanto e, talvez por negação ou esperança, preferimos dizer ao cérebro para pensar que era tudo mentira.



97 - Jovens e crianças na aula de acrobacia no orfanato Mission of Hope, em Kampala

Cada movimento do universo tem um sentido e aquele momento, no 1º dia de um novo ano, significou muito pra mim.

Bom, o dilema aí foi pensar o que poderíamos fazer para ajudar a melhorar um pouquinho de tudo que ainda é necessário para que tenham uma vida mais digna. Não resistimos em começar pela alimentação, claro, e fomos ao mercado mais próximo comprar comida com todo o dinheiro que tínhamos. A alegria de todos, os abraços e sorrisos quando voltamos, foi uma emoção indescritível.

Nas conversas que tivemos com eles, procuramos saber do que mais sentem falta, hoje. Além da escola, claro, mencionaram coisas que a Gabi e eu nunca tivemos que pedir na vida como colchão, roupas, tênis, cadernos, pratos e comida. Impossível não pensar na quantidade de coisas guardadas que existem no meu quarto ainda hoje e que, ali, naquele quarto minúsculo, moram quinze crianças e que aquilo é tudo o que têm. Difícil não me sentir egoísta e fraco por querer acumular tanto para nada.

O que todos pediram, ao final de cada conversa individual, é algo que hoje parece realmente escasso no planeta: amor. Não estou dramatizando, eles disseram que precisam de mais amor.

Saímos de lá pensando em tudo que nos disseram e no que poderíamos levar, no dia seguinte, para mudar um pedaço da vida deles a partir daquele dia. Naquela noite, deitado numa cama espaçosa num quarto confortável, eu não conseguia parar de pensar que, naquele exato segundo, aqueles quinze meninos estavam amontoados naquele pequeno espaço de terra, tentando dormir.

Talvez impactados pela falta de sono, Gabi e eu decidimos, então, comprar colchões para aquele chão, pratos e livros, lápis e jogos para aqueles garotos aprenderem se divertindo, enquanto não vão à escola. Conversei com minha família nesse dia e, talvez sentindo minha emoção, meus pais quiseram "patrocinar" o ato. Foi uma aventura pelo centro para encontrar tudo e levar até eles, mas conseguimos.

A entrega foi um momento único! Queríamos dar mais do que aqueles bens materiais, mas, essa era uma forma de transmitir amor naquele momento. Era o que podíamos entregar naquele dia. Sabíamos que éramos uma gota no oceano, mas queríamos deixá-los com esperança e perseverança.



98 - Jovens, crianças e nós no orfanato Mission of Hope, em Kampala

Ao nos receberem, explodiram de alegria e muitas palmas. Percebemos que aquela energia era bem mais que um agradecimento. Era mais profundo que gratidão pelo amor, por saber que alguém se importa com eles. Era quase como se estivéssemos tapando um pedacinho do buraco que existe no coração de cada menino, pela falta de amor de pai e mãe que eles nunca sentiram.

Foi forte. Nós, que tivemos o privilégio de ter o amor verdadeiro dos pais nunca saberemos o que eles sentem e sentiram. Mas podemos sempre, todos os dias, doar amor para qualquer um de graça, sem compromisso, porque amor não tem preço, amor não exige retorno, amor é generoso e não tem medida de grandeza, o amor cura qualquer problema e o respeito é seu melhor amigo.

Um ensinamento que aprendi no budismo e que peço todos os dias para ainda conseguir praticá-lo genuinamente é simplesmente amar a todos, como amamos a nossa mãe. É possível! (Pai, também te amo!).

O vídeo ⁶⁴ que publicamos mostra todos os detalhes dessas emoções.

Felipe

Reflexão 5 - O que é relativo pra você?

Publicado em 11 de janeiro de 2015



99 - Favela de Kibera, no Quênia

Uganda começou impactante, porque, depois de boas doze horas de ônibus, cansaço físico e mental nos deparamos com um conflito de expectativas. Onde passaríamos a noite estava precário e diferente do lugar no qual acordamos. Um vazamento nos impedia de ter água quente na torneira, então, para não nos atermos apenas a lavar as mãos e comer, tomamos banhos de água gelada. Lembre-se que água fria já é algo costumeiro pra nós, mas esta estava quase gelo líquido...

Com base nas realidades que temos conhecido na África parece até ridículo pensar em reclamar disso, ainda mais com tantos privilégios e mordomias que nos cercam. Mas é exatamente nesses contextos que mora uma reflexão que vem à minha mente muitas vezes.

Quando chegamos ao mundo, não temos referência nenhuma de nada, nem de bom nem de ruim, bonito ou feio, cheiroso ou malcheiroso. Claro que esses conceitos são criados por todos nós, a gloriosa raça humana na sociedade moderna. Assim, desde crianças os fatores externos são responsáveis por criar a maior parte dessa consciência na nossa mente, como somos criados, o meio onde vivemos, ao que temos acesso, o que ouvimos, lemos e vemos. Principalmente durante os primeiros anos. Embora acredite que existe uma essência interna que guia nossos gostos e nossa personalidade, a influência desses fatores é gigantescamente decisiva.

Meu ponto aqui é que, com essa relatividade criada, condicionamos o que significa conforto, o que parece seguro, o que é minimamente aceitável e o que é justo. Vim com o auto compromisso de me desapegar ao máximo de tudo nesta viagem, mas esses meus padrões singulares tentam frequentemente ditar as regras da minha harmonia. Digo singular porque, em sua completude, eles são absolutamente pessoais e intransferíveis...

Mesmo me esforçando, nos momentos de trajeto de um país para outro, os sentimentos de incerteza, insegurança e do inesperado se afloram em conjunto. Obviamente todos eles criam uma expectativa mínima para cada detalhe e tudo isso associado à exaustão promovem a sensibilidade. Acho que estou viajando demais, mas espero conseguir me explicar...

Graças a muita meditação acredito que melhorei a paciência e a **compaixão** para lidar com decepções, mas, em alguns momentos, as emoções acumuladas me tornam menos tolerante e é difícil controlar a frustração. O lado positivo é que, a cada experiência, aprendo a dar mais valor para coisas que antes não tinham a devida importância. Como, por exemplo, a regalia de poder sempre chegar numa nova cidade, ter uma cama pra deitar, tomar banho e sentar à mesa pra comer. Exalamos gratidão e alívio nessas horas.

O que quero compartilhar é que, nesta jornada, tenho aprendido que devemos ter muito cuidado ao perceber o que é verdadeiramente necessário para nós e como associamos a felicidade a essa necessidade.

Nada mais justo que relatar sobre mim para exemplificar. Sempre vivi numa casa com tudo limpo, paredes brancas, quarto espaçoso com uma cama confortável só pra mim, sala com televisão, banheiro com

vaso sanitário com descarga e chuveiro com porta de vidro, cozinha com água na torneira e eletrodomésticos e lavanderia com máquina de lavar e até varal. Sou muito grato por todas essas oportunidades!

Vivendo nesse ambiente diariamente por três décadas, todos esses detalhes passam a dominar o meu conceito de elementos básicos para se viver e sem eles a vida até parece vazia, triste. — Calma lá, pois não chegarei a dizer que bom é viver pelado na selva comendo minhoca e tomando banho no rio... — Querendo ou não, esse estilo de vida urbano foi criado para o conforto do homem, para vivermos mais em harmonia com tudo mais fácil e prático. Buscar essa evolução constante é uma das nossas maiores qualidades, sem dúvida.

Porém, na minha opinião, o problema está nos passos seguintes. Como achar que precisamos sempre trocar o que temos por algo novo, de última geração, importado, caro e que meus amigos têm, ao querer passar do nível "conforto" para o "luxo que preciso mostrar pra todo mundo que eu tenho"...

Essas duas novas aspirações nos colocam num círculo vicioso e nos faz acreditar que precisamos sempre consumir para viver o melhor possível, em linha com os avanços e com o que os outros acham bom. Ou seja, nosso critério de bom e do que é realmente importante para a nossa vida se perde completamente.

Comentei tudo isso para contar o que temos visto por aqui: uma relatividade de valores totalmente estranha para este "eu" que precisa viver sempre com tudo.

Em um dos projetos sociais que conhecemos em Uganda (contaremos no próximo texto), o fundador, Augustine, um senhor extremamente gentil, humilde e dedicado à sua comunidade, nos convidou para almoçar. Nosso breve contato por e-mail contando a respeito do *Think Twice Brasil* e propondo uma visita para conhecê-los foi suficiente para que ele gentilmente preparasse um almoço especial pra nós. Bondade.

Chegando à sua casa, bem recebidos, me peguei pensando sobre o local com estranheza... Uma impressão totalmente pessoal. Talvez por pensar que, se ele investe seu tempo e recursos no projeto para os outros, ele deveria ter uma condição muito boa de vida. Os quartos estavam bem cuidados, mas com objetos espalhados pelo chão, uma árvore de natal tombada na sala e uma cozinha aberta do lado de fora com tudo no chão, prateleiras velhas e nada parecia limpo (segundo o meu critério de limpeza).



100 - Casa de barro em Wagoma, no Quênia

Me peguei pensando que aquilo tudo para ele é maravilhoso, é mais que bom para se viver. Ele ainda dá abrigo para quatro meninos da comunidade, já que seus filhos são crescidos e moram e trabalham em outros vilarejos.

Depois que saímos de lá, esse pensamento não saia da minha cabeça o resto do dia, por deixar cada vez mais claro que o conceito de conforto é absolutamente relativo. Ele é extremamente feliz ali e vive em plena **generosidade**. Aprendi que devemos, de uma vez por todas, nos desassociar de padrões que a sociedade

acabou inserindo em nossas vidas, dominando a nossa mente, e pararmos para conhecer outras realidades para poder remodelar nossas próprias referências. Cada um no seu tempo.

Temos visto isso ao longo de toda a viagem. Conhecemos muitos **agentes de transformação** que se dedicam integralmente aos outros e são intensamente realizados vivendo com simplicidade, como a Rose e o Martin que conhecemos no Quênia. Pessoas inspiradoras, de princípios, carinhosos, que riem de tudo e nos tratam como família. Para mim, que venho de um padrão bastante diferente, a forma como vivem me faz sentir até inferior, por ainda ter profundamente enraizado na minha mente que preciso de muito mais para viver com o básico.



101 - Jovens e crianças no orfanato Mission of Hope, em Kampala, Uganda

Essa é a minha relatividade e é um desafio transformá-la. Ao que damos valor e sentimos que realmente precisamos somente nós sabemos, mas é fundamental encontrarmos os meios para evoluirmos. É nisso que eu acredito.

Se você está confortável com o seu ideal de conforto e de necessidades básicas, fico feliz por você. Eu confesso que ainda não estou conformado com o meu, em razão do simples fato de que ainda me parece necessário o excesso para estar bem, mas quero conseguir sentir que preciso de menos. Isso tem uma implicância no coletivo claro, já que hoje, por um fator matemático nós, os poucos, temos muito e exageramos, e os outros, os muitos, têm pouco e sofrem.

O que é ainda mais provocante, sem entrar em dados estatísticos, é que os que têm pouco parecem estar muito mais felizes e em paz do que os que têm muito. Estranho? Precisamos questionar diversos conceitos e remodelá-los. Só estou tentando.

Felipe

Experiência 17 - Wagoma, Quênia

Publicado em 21 de janeiro de 2015



102 - Mulheres ajudando na construção de uma casa de barro em Wagoma

Pra mim, algumas experiências são mais difíceis de colocar no papel. Eu aprendo tanta coisa, que tenho dificuldade para organizar tudo na cabeça e depois contar pra você. Foi assim nos nossos primeiros dias no Quênia. Desde 2013, eu cultivo um carinho especial por esse país, mesmo sem tê-lo conhecido antes.

Quando eu ainda trabalhava como advogada, ganhei de presente um dos casos mais especiais que já tive a chance de conduzir. Não por acaso, antes da primeira reunião com o cliente, eu senti um enorme frio na barriga que acabou em um abraço apertado e a sensação de que eu já os conhecia de outras vidas.

Os clientes, que hoje são amigos, são a llaina Rabbat e o Roshan Paul, fundadores do genial *Instituto Amani*⁶⁵, com sede em Nairóbi. A reunião era pra discutir a viabilidade jurídica de levar o *Amani* para o Brasil. E para a nossa alegria, conseguimos.

O Amani é uma escola de formação de novos líderes, e faz com que eles consigam enxergar o mundo com todas as suas belezas e dificuldades, tornando-se capazes de pensar, criar e implementar ideias e projetos que transformem essas realidades. Pra sua sorte, agora o Amani está no Brasil e lá você pode aprender muito, na teoria e na prática, de tudo aquilo que a gente costuma falar por aqui.

A lla foi uma das primeiras pessoas a saber da ideia da *Experiência de Empatia* e desde o primeiro momento foi uma das maiores apoiadoras do projeto. Chegando ao Quênia, não foi diferente. Graças a ela e a seu coração enorme, fomos apresentados a alguns dos ex-alunos do *Amani*, que hoje estão à frente de iniciativas fantásticas desenvolvidas no país.

A maior delas foi conhecer a *RONA Foundation*⁶⁶ criada pela Roseline Orwa, que acolhe viúvas e órfãos em situação de vulnerabilidade.

Rose é um ser de outro mundo. Até conhecê-la, se eu pudesse escolher ser alguém, eu escolheria ser a lvete Sangalo, mas depois de passar quatro noites com a Rose, a lvetinha perdeu o posto. Inclusive, eu tenho a sensação de que até a lvete gostaria de ser a Rose, se não fosse ela mesma... Enfim, você vai entender o porquê.

Quando chegamos de ônibus à Kisumu, uma cidade no sudoeste do país, Rose já estava à nossa espera. Quando cruzamos o olhar, ela já abriu o sorrisão e os braços como se fosse apenas um reencontro. Abraço apertado, óbvio. Coisa de sonhadores...



103 - Roseline Orwa, Gabi, Kevin (da esquerda pra direita) e crianças na RONA Foundation, em Wagoma

Mesmo na companhia de dois dos seus escudeiros, entramos no carro e a Rose assumiu a direção. Foi quando gritei "Girl Power!" (poder das meninas). Juro. O Fê já estava preparando um olhar de vergonha alheia.

O caminho até a *RONA* durou quase duas horas e depois de um longo percurso, numa estrada de terra, chegamos a um paraíso às margens do Lago Victoria, onde ainda não chegou água encanada, nem eletricidade (o que já não nos assusta mais).

Descemos do carro e havia um coral de cerca de vinte crianças cantando e dançando músicas super alegres. A festa durou o resto do dia. Comemos manga, demos risada e nos apaixonamos pela **generosidade** e pelo amor com os quais nos receberam. Um quarto foi reservado só pra gente e frutas frescas eram colocadas no criado mudo quase que de hora em hora.

Quando caía a noite, acendiam a fogueira e jantávamos todos juntos. Como uma grande família, mesmo. Toda noite eu tive a sorte de ter um pequeno dormindo no meu colo, enquanto alguns outros mexiam no meu cabelo. Eu que gosto pouco disso, quase paguei pra que eles não parassem com o cafuné, mas lembrei que trabalho infantil é crime.



104 - Gabi abraça Ocampo e assiste as meninas tomando banho no lago Victoria na RONA Foundation, em Wagoma

Rose nasceu ali, em Wagoma, em Bondo. Filha de pais professores, ela cresceu ouvindo sobre a importância da educação em uma vila em que a grande maioria da população é portadora do vírus HIV. Não é a toa que Wagoma é conhecida como *dead village* (vilarejo da morte). Isso porque, lá, o comportamento ainda é predominantemente machista. Todos os homens, inclusive os casados, costumam se relacionar com muitas mulheres e quando descobrem que são portadores do HIV se recusam a receber tratamento, muito menos a evitar a contaminação das parceiras. Essa omissão é a grande responsável pelas mortes, que deixam dezenas de viúvas e crianças órfãs todos os anos.

Mas Rose enxergou esse ciclo negativo desde jovem e alguma coisa dizia que ela deveria fazer algo contra isso. Depois de casada, quando já vivia em Nairóbi, Rose descobriu que não podia ter filhos. Isso foi o suficiente para arruinar o seu casamento e, se ela deixasse, a sua vida. Em seguida, veio o divórcio e Rose não conseguiu fugir dos estigmas impostos pela sociedade a uma mulher sem filhos e divorciada. Sua casa e seu escritório foram incendiados, ela perdeu seu emprego no governo e uma bolsa de estudos. Tudo por causa do divórcio.

Mas como precisa de muito mais pra se tirar o brilho de alguém que nasce com o coração aberto, Rose conheceu um novo amor com quem se casou novamente. O casamento durou o suficiente para ela ainda falar dele com muito carinho. Há oito anos Rose ficou viúva.

De novo, ela não se deixou abalar. Rose já conhecia o caminho a percorrer e decidiu fazer diferente. Aos poucos, sua casa foi se tornando um ponto de encontro pra outras viúvas que enfrentavam o mesmo desafio que ela. Emocionante ouvir de Rose que sua grande inspiração veio da sua mãe, Mama Patricia, que já mobilizava a comunidade em prol de assuntos relevantes quando Rose ainda era uma menina.

No Quênia, assim como em boa parte da África e do mundo, as mulheres vivem em situação permanente de vulnerabilidade com relação aos seus direitos e obrigações legais. A nova constituição do país, que entrou em vigor em 2010, prevê a **igualdade de gênero** entre homens e mulheres em vários aspectos da vida civil. Mas, na prática, não é bem assim.



105 - Roseline Orwa, Felipe e Ocampo na RONA Foundation, em Wagoma

Mesmo com a nova lei, os costumes locais, sobretudo na zona rural, continuam sendo aplicados. Um deles é a crença de que o homem é o único proprietário da casa e dos bens materiais adquiridos pelo casal. No caso de divórcio ou da morte do marido, as mulheres perdem tudo, que na maioria das vezes acaba sendo confiscado pela própria família dele.

Foi quando Rose percebeu que podia ser a precursora de um novo movimento contra a discriminação e o estigma da mulher. Por que não criar um espaço que pudesse acolher, também, as dezenas de órfãos que cresciam abandonados?

Assim nasceu a *RONA, Wagoma Orphans and Widows Center* (centro para órfãos e viúvas de Wagoma) e Rose, com seu coração de mãe, largou seu emprego e decidiu levar vida nova na vila da morte.

Hoje, quase 200 crianças e jovens órfãos são atendidos pela *RONA*. Para alguns deles, o centro é tudo o que têm. Para outros, é onde passam o dia, se divertem com os amigos, fazem todas as refeições e depois seguem para dormir na casa de algum parente ou vizinho. Isso acontece todos os dias. Graças aos recursos doados à *RONA*, é possível mandar quase todas as crianças para a escola, já que é cobrado um valor trimestral. Dois dos jovens que cresceram na *RONA* estão, hoje, na universidade.

Para Rose, a *RONA* tem três objetivos principais: (i) promover a campanha #StopWidowAbuse (#ChegaDeAbusarViúvas), com a intenção de dar publicidade a essa questão e ensejar a criação de leis que protejam os direitos das viúvas; (ii) transformar-se em um modelo de centro de acolhimento e suporte de viúvas e órfãos que possa ser replicado em diversos países; e (iii) advogar para que seja criada uma política clara que assegure mulheres e crianças em caso de falecimento do marido/pai, já que, de acordo com Rose, o seguro de vida não é um mecanismo que funciona bem no Quênia.

Não para por aí! A Rose formou uma verdadeira tropa de elite reunindo as viúvas de Wagoma, oferecendo treinamentos para geração de renda, criando uma horta comunitária, doando para elas cabras e galinhas para a produção de leite e ovos e realizando rodas de discussão sobre direitos e deveres. Ela trouxe consciência a mulheres que sequer sabiam que é possível discordar de algo que não lhes favorece e, assim, elas passaram a se sentir mais e mais poderosas e capazes de superar os preconceitos e as dificuldades que suas histórias insistem em lembrá-las.

Além disso, graças à Rose, foram construídas dezesseis casas para acolher algumas das viúvas e seus filhos. Oito delas ainda estão na fila para ganhar um lugar assim também. Nós até participamos da construção de uma das casas de barro, que foi levantada em um único dia com a ajuda conjunta dos vizinhos. Foi uma festa!

O curioso disso é que os homens responsáveis pela construção dessas casas passaram por um processo árduo de convencimento, já que seria contra os costumes trabalhar em favor de uma viúva, ainda mais construindo uma casa pra ela.



106 - Felipe e um jovem na construção de uma casa de barro em Wagoma

Observando isso, nos últimos tempos foram justamente os homens que ganharam mais atenção da RONA com a criação de um time de futebol. Essa foi a maneira que Rose encontrou de aproximá-los dos problemas da comunidade e trazê-los para as discussões necessárias, como a importância da prevenção e do controle da AIDS e da campanha para se acabar com o abuso de viúvas (#StopWidowAbuse). Os homens, como sempre, são aliados fundamentais na luta contra as desigualdades de gênero e, quanto mais próximos eles estiverem, mais fácil é superar os obstáculos.

Engraçado é perceber o quão respeitada é a presença da Rose! Tivemos a chance de assistir uma partida entre o time da *RONA* e o time vizinho (o Fê jogou e deu aula nos gramados, como ele mesmo costuma dizer...). Mas, mesmo com a participação do craque Felipe Valderrama (novo apelido dado por mim em homenagem à cabeleira que ele adotou), o jogo terminou em 0 a 0, com direito a um discurso de Rose ao final.

Tranquilamente e com a maior segurança do mundo, ela afirmou que se não há dedicação, não há vitória e a primeira providência a ser tomada deveria ser a retirada de uma montanha de areia que fica literalmente no centro do campo... Você pode ver no vídeo⁶⁷ que publicamos.



107 - Felipe (de camiseta cinza), Roseline Orwa (de vestido) e jovens no campo de futebol na RONA Foundation, em Wagoma

Aí, eu me peguei pensando como aquela mulher, com uma história construída sobre desafios, que inclui também graves problemas de saúde e perda de vários familiares, foi capaz de renascer e tomar as rédeas da própria vida, se transformando a maior referência de sua comunidade e na principal inspiração que tive até agora. O que será que eu tenho que fazer pra chegar a isso?

Concluí que a primeira providência é engrossar a minha voz sem o uso de aditivos. As outras respostas a Rose mesmo me deu, quando nos disse que não somos nós que escolhemos o caminho. É o caminho que escolhe a gente.

Ela foi além quando disse que dinheiro não constrói nada. Quem constrói são as pessoas e ela é prova disso. A *RONA* se mantém por meio de doações e Rose investiu o pouco que tinha nesse projeto. O sonho é que, em poucos anos, a *RONA* se torne um modelo financeiramente autossustentável e replicável em diferentes partes do mundo.

Rose é puro amor e a esse amor ela dá o nome de Deus. O mesmo Deus e o mesmo amor, aqueles que nos fazem acreditar que a felicidade só é real se for possível compartilhá-la. Quem é feliz MESMO, deseja que todos sejam também e não dá pra querer isso ignorando toda a realidade que a maioria do mundo vive.

Enquanto você está lendo esse texto, as 200 meninas que foram sequestradas na Nigéria em abril de 2014 ainda não foram encontradas, as crianças sírias refugiadas no Líbano estão morrendo de frio por conta do inverno rigoroso e centenas de milhares de brasileiros ainda não têm acesso a saneamento básico e água (muito antes da Cantareira secar). Ao mesmo tempo, 1% da população mundial detém 48% da riqueza do mundo (fonte: *OXFAM*⁶⁸) e isso significa que você, eu e a Rose fazemos parte dos 99% restantes. Logo, estamos no mesmo barco, compartilhando os 52% restantes, e deveríamos nos ajudar ainda mais, certo?



108 - Roseline Orwa (ao centro em pé de azul), moradores e nós no vilarejo da RONA Foundation, em Wagoma

Mas se você faz parte do 1%, por favor me liga, porque tenho sugestões bacanas sobre como investir o seu dinheiro e te fazer se sentir REALMENTE feliz por SER. E não por TER.

E pra quem quiser ser parte da mudança, acesse o site da *RONA*⁶⁹, entenda mais sobre a história, os projetos e faça sua contribuição *on-line*, para que a Rose continue compartilhando a felicidade. Que agora é sua também.

Gabi

Reflexão 6 - Que tal mais generosidade?

Publicado em 30 de janeiro de 2015



109 - Pessoas na rua em Harar, na Etiópia

Depois de quase seis meses convivendo diariamente com pessoas nas ruas de mais de trinta cidades africanas, meu autoconflito de querer ajudar, mas não querer instigar ao erro e não ser enganado continua em alta.

Em especial na Etiópia foi onde, tristemente, vimos o maior número de mendigos. De todas as idades e sexos em diferentes áreas. Tentamos entender a razão de essas pessoas estarem nas ruas, mas quando perguntamos as respostas foram apenas óbvias: pobreza. Ainda esperamos conseguir entender melhor.

O dilema começa por não se querer julgar. Sem saber absolutamente nada sobre a vida dessas pessoas, é injusto concluir se é certo ou errado estarem ali. A discordância seguinte é matemática, por ter consciência de que a mesma quantia que eu poderia gastar para satisfazer a minha gula (não a fome) por uma bala, um queijo e um vinho, poderia comprar as refeições de uma mãe e de sua filha por alguns dias.



110 - Pessoas dormem na rua em Harar, na Etiópia

A dúvida é ter certeza que o meu Eu não será induzido ao erro por uma possível malandragem daquela pessoa que está ali e viu a possibilidade de sobreviver pedindo dinheiro na rua. Parece que fico analisando até demais, mas existem casos onde os meninos estão com roupa sem furos e dentes limpos e outros com roupa velha, suja e dentes pretos de cáries. Há uma clara diferença que aumenta a minha estranheza.

Depois da preocupação pela nossa segurança, ainda mais com a Gabi, vem a autodefesa para não ser passado pra trás, mas receio quão descabida ela pode ser... Se estou de frente para um ser humano que sobrevive com pouca dignidade, abrindo mão do seu orgulho para pedir esmola e piedade aos outros, seria um desconfiança pertinente? Talvez me equivoque em priorizar o meu orgulho, enquanto questiono a idoneidade daquela pessoa que desistiu do seu próprio. Tudo por alguns trocados.

Sempre volto a pensar no certo ou errado que é quase um instinto, mas ele ainda não ajudou a decidir meu ponto de vista sobre essa questão. Tentei adotar uma postura de não incentivar a esmola e não dar dinheiro, apenas comida quando a situação permitir, um abraço, um sorriso e uma energia positiva! Mas, na Etiópia, com meninas tão pequenininhas dando a mão para pedir qualquer coisa, tem sido difícil para o coração. A lógica tenta me dizer que, se ninguém desse dinheiro, eles não estariam ali e encontrariam outra forma de viver. Pode até fazer sentido, mas que meio de vida seria? Ainda não me convenci.



111 - Crianças na rua no trajeto a caminho de Harar, na Etiópia

Outro grande dilema tem sido nutrir essa mesma paciência quando somos abordados nas ruas por vendedores, guias, pais de santo e estudantes. É um conflito parecido com a esmola, porém como a conversa começa com um sorriso e "bem-vindo, de onde vocês são?", o pensamento de cuidado com possível interesseiro soa na mente com outra cautela.

Acho totalmente incorreto julgar que todos são malandros e estão ali para tirar alguma vantagem. Com certa base estatística de vivência, confio dizer que, em 90% das situações em que fomos abordados na rua "na base da amizade", eles queriam oferecer alguma coisa em troca de dinheiro, claro. Então, calma, não era malandragem, eles só querem se destacar no trabalho deles e conquistar novos clientes. Justo, segundo os ensinamentos para ser vitorioso na sociedade moderna.

Quem nunca recebeu aquele telefonema inoportuno de uma pessoa querendo oferecer seguro, empréstimo, TV a cabo, catacumba? Pode ser uma opinião pessoal, mas acho falta de respeito ter que parar para ouvir uma empresa tentando vender algo que você não está procurando. Imagine dez ligações dessas por dia... Ao mesmo tempo, geralmente respiro fundo e esforço a minha educação por saber que, do outro lado da linha, a pessoa está fazendo um trabalho que pode ter sido a sua única oportunidade. Apontar culpados de tantas palhaçadas que acontecem hoje não é fácil. Viva a competição e o respeito que se afunde!

O desafio é realmente ter paciência para tolerar e respeitar o que parece ter sido ensinado como conceito de sucesso pra nós: vender cada vez mais, custe o que custar. Na maioria das vezes, eles conversam com respeito, mas claro que, cientes de algum interesse, já interagimos sabendo que têm um objetivo específico... Então, atendemos numa boa e respondemos: "obrigado, mas tenho que ir". Uma dica aqui é não continuar andando como se estivesse fugindo. Pare, aproxime-se, olhe no olho, agradeça, manda um beijo e corra! Sempre funcionou comigo.

Para explicar o nível de complexidade mental que esses fatores atingiram na minha cabeça, pequenos atos de **generosidade** passaram a mexer muito comigo. Quando nos deparamos com uma pessoa proativamente gentil, que deixa clara sua intenção de ajudar e a isenção de qualquer retorno esperado, sentimos uma gratidão tão grande que surge a necessidade de querer reconhecer essa bondade. É como dar um chocolate em troca de um exercício bem feito por aquele aluno na escola. Entretanto, penso que um ato de **generosidade** não deveria precisar de um reconhecimento financeiro ou material, bastaria um gentil agradecimento e o sinal universal de alegria: um sorriso. É assim que o fazemos do nosso jeitinho brasileiro, celebrando, gritando, abraçando e pulando...



112 - Jovem na rua em Harar, na Etiópia

Em nossa visita a Angola, vivenciamos alguns atos de **generosidade** que nos alegraram bastante, principalmente vindos de gente simples num país profundamente corrupto que esteve em guerra até 2002.

O ponto de reflexão pra mim, é que, infelizmente, hoje, um ato de **generosidade** e bondade é tão raro que senti-lo gera emoções. Seria injusto generalizar essa conclusão apenas para o continente africano, mas arrisco dizer que essa tendência ainda é global. Dá pra imaginar a diferença que seria na felicidade do dia a dia se essa **generosidade** estivesse na moda? Parece que perdemos a responsabilidade de nos importar com os outros. Cá entre nós, a culpa é só nossa e, agora, é nosso dever parar com essa brincadeira e resolver mudar.

Nós, por aqui, ainda precisamos ter mais paciência, **compaixão** e tolerância. Minha estimada sogra sempre lembra de um pensamento (do qual não sei a fonte nem as palavras precisamente) que diz que, depois de um ato de bondade feito, você deve apenas absorver sua energia positiva e abstrair qualquer dúvida sobre a boa índole do receptor e seus efeitos. Assim, você fica exclusivamente com o BEM. Boa dica pra quando fico na dúvida, aí ajudo e pronto.

Minha conclusão preliminar talvez seja óbvia. Acho que precisamos apenas relembrar e prezar, de verdade, por alguns princípios que todos nós já aprendemos e conhecemos. Inclusive muitos "grandinhos" de hoje, que se esqueceram de usá-los, tentam ensinar aos seus filhos. São valores humanos que independem de religião, crença e sonhos. O tempo e nosso dito desenvolvimento esconderam esses sentimentos de nós mesmos, mas temos consciência que eles ainda vivem conosco.

Agora basta querer, não é? Amar, respeitar e ser generoso! Só isso.

Felipe

Experiência 18 - Etiópia

Publicado em 10 de fevereiro de 2015



113 - Mulheres na rua, em Harar

Quando começamos a traçar o roteiro inicial do nosso projeto, a Etiópia foi um dos países que consideramos como prioridade. Isso porque, pelas notícias que chegam até nós, esse país é quase como um símbolo da pobreza e das piores dificuldades que a África enfrenta.

Além disso, a Etiópia é considerada o berço da humanidade. Lucy, um esqueleto de mais de três milhões de anos, foi encontrada em 1974 em uma cidade no norte do país e é considerada a mais velha evidência da espécie humana no planeta.

Diferentemente de todos os lugares por onde passamos, lá não houve processo de colonização. Os italianos até tentaram, mas o pouco legado que deixaram se resume a prédios antigos e pizzarias. Isso é motivo de orgulho para os etíopes, que enchem o peito para dizer que sua cultura é única e muito especial. Eu quase levei "uma voadora" quando comentei com o cara do hotel que eu achava a língua deles — o amárico — bem parecida com o árabe. A verdade é que é realmente parecida, mas preferi encerrar a discussão antes de ser deportada.

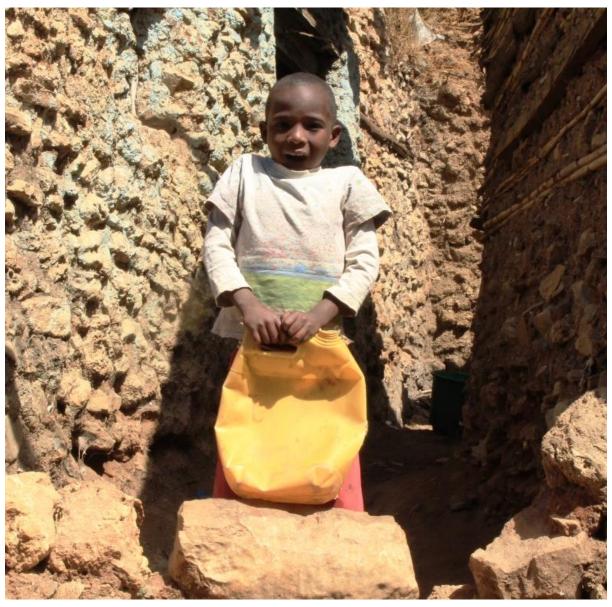
Mas, mesmo com todas essas exclusividades e diferenças, a Etiópia não ganhou meu coração e, curiosamente, foi a primeira vez que isso aconteceu nestes quase seis meses de viagem.

Pelas ruas de Adis Abeba, a capital, encontramos dezenas de pessoas pedindo esmola. Era impossível caminhar mais de cem metros sem que alguém se aproximasse para nos pedir algo. Nada muito longe daquilo que já estamos acostumados, mas ali foi diferente.

As crianças perambulavam pelas ruas com roupas sujas e rasgadas esticando a mãozinha para receber algo, enquanto as mães aguardavam sentadas em algum lugar próximo. Nós temos um acordo de nunca oferecer dinheiro, porque acreditamos ser a maneira mais fácil de contribuir para um futuro vazio, sem perspectiva de mudança. Ao invés disso, passamos a comprar comidinhas extras e distribuir para quem estivesse pelo caminho, embora nunca fosse suficiente.

Quando não tínhamos mais o que dar, eu oferecia um abraço ou um carinho nos cabelos. Esses gestos sempre foram bem recebidos, mas com aquela cara de "valeu tia, agora cadê o dinheiro?".

Foi lá onde eu também me senti um pouco paranoica, com a sensação de que estávamos sendo seguidos o tempo todo. Quase sempre, por coincidência ou não, eu estava certa. Ao longo das caminhadas, sempre aparecia alguém querendo fazer amizade e, no final da conversa, aproveitava a chance pra pedir um dinheiro, uma passagem de ônibus, um carro ou uma casa própria.



114 - Menino na rua, em Harar

Mas em meio a todos os meus receios e questionamentos, com a ajuda da *ActionAid Etiópia*⁷⁰ conhecemos um projeto incrível chamado *WISE*⁷¹, *Women In Self Employment* (mulheres trabalhadoras autônomas). Ele me lembrou da importância de enxergar além das aparências. Fomos muito bem recebidos e tivemos uma roda de conversa com três mulheres beneficiadas pelo projeto. Lá, elas aprendem conceitos de economia doméstica e empreendedorismo. Sabendo poupar e investir, elas iniciam ciclos virtuosos que incluem criação, produção e venda de artesanatos.

Como se não bastasse, elas ainda participam de competições que instigam ideias inovadoras e as mais criativas recebem investimento significativo em dinheiro para desenvolverem seus negócios. Elas nos deram depoimentos emocionados contando sobre como a vida muda depois que tomam consciência de que são responsáveis pelo seu destino.

Essas mulheres amoleceram o meu coração e me mostraram que, em meio à hostilidade, ainda é possível encontrar um punhado de virtudes espalhado por aí.

Tenho a impressão de que todas essas características são próprias de uma grande cidade com milhões de pessoas. Isso porque viajamos para o leste do país até Harar, a quarta cidade mais sagrada do Islamismo, e tivemos experiências bem diferentes. Começando pelo hotel que não tinha água, nem pia no banheiro e à noite servia de refúgio pra hienas. Tudo tão luxuoso que eu preferi não tomar banho e não olhar pela janela.



115 - Mulheres integrantes da WISE e Gabi, em Adis Abeba

Caminhando pela cidade, recebemos muito mais sorrisos e menos tentativas de venda, mas ainda havia pessoas pedindo. Era engraçado porque, em algumas situações, crianças super bem vestidas se aproximavam correndo e pronunciavam um sonoro "money" (dinheiro). Foi quando eu passei a perguntar o que fazem com esse dinheiro. A conversa sempre acaba em sorriso, ou porque eles não entendem a pergunta ou não sabem a resposta.



116 – Em uma rua de Harar

Em algumas situações, eu ia adiante, como por exemplo, com dois meninos de uns oito anos que encontramos saindo da escola, uniforme limpo, sapato engraxado, mochila nas costas e tomando um sorvetinho. Bastou trocarmos olhares pra surgir a palavrinha mágica "money" (dinheiro). Aí eu não aguentei... Minha vontade era parar e dizer "queridos, sentem aqui que a tia vai explicar uma coisinha pra vocês!", mas lembrei de um antigo lema da minha primeira chefe – e grande amiga Tekinha – que prega que todo ensino e aprendizado feitos com amor, produzem efeitos mais especiais e duradouros. Então, preferimos continuar

caminhando ao lado deles enquanto eu dizia que ele já tinha coisas muito mais importantes do que dinheiro, como a chance de ir à escola, ter uma boa roupa e tomar um sorvete gostoso.

Eles ouviram atentamente o meu discurso e, na hora de ir embora, ainda fizeram uma última tentativa esticando a palma da mão, o que eu entendi, carinhosamente, como um aperto de mão (risos...) e assim o fiz



117 - Meninos em rua de Adis Abeba

Continuamos nossa caminhada e chegamos a uma reserva natural, onde não há nada além de natureza, pedras e poucas famílias. Então, fomos surpreendidos por cinco crianças que surgiram dos arbustos correndo e gritando em nossa direção. Eu já estava quase me rendendo, quando uma delas se pendurou no pescoço do Fê e outra no meu. Todos pediam abraços e acabou rolando quase que um montinho de gente... Todo mundo se abraçando e eu recebendo muitos beijos, o que não é um gesto muito normal pra quase ninguém na África. Esse momento deve ter durado uns dois minutos e quando eles se cansaram de tanto carinho e apertões, pegaram novamente os baldes e continuaram o caminho até o poço para buscar água. Assim eles foram embora sem pedir nada e nos deixando com uma sensação deliciosa de amor genuíno e puro, coisa que só as crianças conseguem nos fazer sentir com facilidade.

Esses dois momentos combinados com as demais situações que já tínhamos vivido, me trouxe uma reflexão curiosa, na linha daquela questão filosófica sobre "quem surgiu primeiro, o ovo ou a galinha?". Comportamo-nos como os nossos líderes ou nossos líderes se comportam como a gente?

É uma boa questão, não é? Quando somos crianças, nossos líderes são nossos pais, nossos tios, nossos avós e qualquer outra pessoa mais velha que admiramos por algum motivo. Isso significa que, se você fura fila e finge que não tinha visto aquelas 576 pessoas aguardando, se você repete opiniões sem checar se elas têm fundamento, se você é fofoqueiro, materialista ou oportunista, seu filho, neto ou sobrinho muito possivelmente vai enxergar tudo isso como um exemplo. E mais: se você instiga uma criança a agir com preconceito, discriminação, intolerância e individualismo, ela vai crescer assim e lá na frente é provável que te deixe na mão.



118 - Mulher vendedora em sua barraca numa feira em Harar

Por outro lado, se você tem o coração grande, é generoso, grato, educado e consciente, você está no caminho pra criar um anjo do bem, daqueles que todo mundo quer por perto. O mesmo acontece pra quem já é maiorzinho. Em um país como o Brasil e tantos outros pela África que conhecemos, eu me pergunto: nós somos fruto dos nossos líderes ou eles são fruto da nossa postura? Pelo amor, não venha me dizer que o Brasil está assim porque aquela gente votou naquela criatura. A resposta vai muito além e me faz refletir sobre como agimos no dia a dia.

Quem são nossos formadores de opinião? São aqueles que nos ensinam receitas de tapioca light, exercícios pra chegar na barriga negativa e onde encontrar o *look* perfeito? Pois é, vejo menos gente do que eu gostaria discutindo assuntos relevantes e se envolvendo com os problemas do mundo. Eu não estou dizendo que todo mundo só pode discutir política na *happy hour*, porque eu acho bem chato quem não consegue encontrar o equilíbrio. O que eu quero dizer é que, quanto mais distantes estivermos de construir nossas próprias opiniões e ter claro o que é admissível ou não no país e no mundo, mais próximos estaremos de sermos liderados por pessoas que não se preocupam com nada além dos seus interesses pessoais. Deveria ser uma mudança coletiva e, se cada um começar a tempo, ainda temos chance.

O mesmo deve acontecer na Etiópia, em Angola, em Moçambique e outros países extremamente corruptos da África, que aprenderam a sobreviver com ajuda internacional. Enquanto o pessoal está pedindo na rua, os seus líderes estão dando uma volta de iate por aí. Foi assim que eles aprenderam e se está dando resultado, por que mudar, não é?

Enfim, eu confesso que não tenho uma boa resposta pra minha pergunta, mas tenho pensado muito sobre o que estamos ensinando e o exemplo que estamos passando para as nossas crianças. Mas antes disso acontecer, temos que tomar consciência de como estamos agindo. Parar de olhar a grama verde do vizinho e regar a nossa. Quando isso acontecer, me parece que poderemos voltar a sonhar com uma nova geração de líderes conscientes e uma sociedade proativa e participante.



119 - Mulher vendedora em sua barraca numa feira em Harar

Por tudo isso, a Etiópia não me encantou, mas me chacoalhou. Mostrou-me que não há mudança se não houver boas referências para nos espelharmos e basta estar vivo pra ser um bom — ou mal — exemplo pra alguém. Pensando bem, na Etiópia e no Brasil é isso mesmo que está faltando: repensar nossos valores, nos reconhecermos como um exemplo pra quem convive com a gente e saber escolher quem a gente considera um exemplo.

Tapioca e *look* do dia não mudam o mundo, mas se acompanhar uma boa dose de ativismo social, ambiental e político, aí a gente está no mesmo time.

Gabi



Experiência 19 - Omã

Publicado em 18 de fevereiro 2015



121 - Homem numa feira tradicional em Muscate

A famosa expectativa foi esmagada, para o bem, no nosso encontro com o sultanato de Omã.

É fato que nossa cabeça influenciada pelo bombardeio diário de informações que recebemos passivamente, acaba formando *pré-conceitos* de tudo. Qual é o conceito da palavra Omã pra você? Pra quem não tem nem curiosidade sobre o que está fora de sua terra natal e nunca foi bem em Geografia, pode nem saber que é um país, muito menos a sua localidade... Mas que imagem você tem?

No meu caso, mesmo com uma breve pesquisa sobre o nível de periculosidade, o que fazer e onde ficar, eu não esperava nada além daquela imagem de um dos países mais abastados do Oriente Médio. Também tinha em mente ver possíveis exageros do mandante de uma das cinco monarquias absolutas oficiais remanescentes no planeta. Ainda...



122 - Jardim da Grande Mesquita do sultão Qaboos

A verdade é que, estando lá, esses temidos exageros se mostraram, na verdade, como um desenvolvimento bom para todos, porque tudo parece funcionar e existe um cuidado impecável com o patrimônio público. As fotos comprovam.

O sultão Qaboos se autocolocou no poder em 1970, depondo seu pai por meio de um golpe. Desentendimentos familiares... Segundo a ONU^{72} , Omã é o país que mais se desenvolveu nos últimos quarenta anos. Imagine, então, para quem chegou lá direto da Etiópia, depois de ter recentemente passado pela também monarquia da Suazilândia... Ambos com uma miséria descarada.

Omã está ao sul da Arábia Saudita, tem aproximadamente quatro milhões de habitantes, dos quais quase metade são estrangeiros. Suas principais fontes de riqueza são petróleo e gás, mas não está entre os vinte maiores produtores mundiais. Pelo tanto que pudemos perguntar, ver e sentir, a pobreza não existe. Acredite se quiser. Ficamos a maior parte do tempo em Mascate, a capital, mas andamos pelos arredores e fomos até a antiga capital, Nizwa, para ver com os próprios olhos esse sonho de igualdade social na zona rural. Ainda é difícil de acreditar, mas parece real.

Algumas curiosidades para conseguirmos aceitar a veracidade disso seriam: as casas menos privilegiadas que vimos eram evidentes apenas por pinturas mal feitas, mas tinham ar condicionado; não se vê lixo nas ruas, apenas lixeiros de moto caçando, literalmente, sujeira; a paisagem na cidade é impressionante com tudo novo, belos jardins, ruas organizadas e excelentes sinalizações; com menos de 15 dólares é possível encher o tanque do carro, o que mostra que, pelo menos, a riqueza natural é justamente mais barata para os donos dela. (Vale refletir sobre uma tal de Petrobrás, por exemplo, e alguns fatos vergonhosos sobre ela...); serviços públicos de educação e saúde funcionam muito bem.



123 - Lixeiro de moto "caçando" sujeira na rua, em Muscate

Trabalhos como de jardineiro, garçom e faxineiro são usualmente feitos por estrangeiros, em sua maioria de países com grande desigualdade como Índia, Bangladesh, Paquistão e Filipinas. Existem leis que os protegem seriamente, garantindo moradia, saúde e alimentação (subsidiadas pelas empresas). O salário mínimo é legalmente estabelecido de acordo com o custo de vida no país de origem. Acaba sendo uma oportunidade incrível para esses imigrantes que, se continuassem em seus países, teriam poucas chances de viver com dignidade. O salário mensal para filipinos começa em 310 dólares, por exemplo, e ainda existe a possibilidade de ascender na carreira.

Conversando com eles, descobrimos que muitos moram em quartos coletivos no local onde trabalham, o que presumi não ser uma moradia exatamente confortável. Isso acontece porque praticamente não existe transporte público dentro da cidade, o que me pareceu inacreditável e só consegui crer quando não vi ônibus pelas ruas.

Além desses postos de trabalho, eles valorizam e procuram professores qualificados de fora para dar uma boa educação aos omanis, seja acadêmica ou técnica. Esses fatores justificam a grande presença de forasteiros do mundo todo.

Mas claro que, por lá, também existem problemas, principalmente por baixo do pano, que não pudemos descobrir ao certo em apenas alguns dias. Há traços de corrupção, já que sempre existe um amargurado sem caráter... A cultura de esbanjar segue em alta especialmente para carros barulhentos novos e tristes enchentes acontecem, pois a cidade não foi preparada para tempestades que têm piorado com as mudanças climáticas.



124 - Rua do principal mercado de Muscate

Do lado cultural religioso, eles são em grande maioria Ibadi, uma vertente do islamismo. Respeitam as outras religiões, aceitam igrejas no país e a data do Natal cristão também é feriado, mesmo não sendo uma data comemorativa para eles.

Permitem poligamia, aborto e divórcio. Um fato que eu nunca tinha escutado, é que a primeira esposa precisa aprovar um segundo casamento e, inclusive, a mulher com quem irá dividir o marido. Nessas situações, em que as mulheres não podem se casar por amor e acabam submetidas aos costumes impostos, pode até ser uma vantagem ter uma companhia escolhida por ela e ainda ganhar um tempo livre do marido... Com todo o respeito.

Algo inusitado é que o sultão é divorciado e não se casou novamente, o que me intriga bastante já que se trata de um líder com poder absoluto onde a poligamia é permitida. Ainda estou na dúvida a respeito do motivo e prefiro não deixar explícita a minha hipótese, infelizmente...

Um costume preocupante é que, para preservar a riqueza da família, muitos casamentos entre primos acontecem, o que aumenta a probabilidade de filhos com doenças genéticas. É triste esse protecionismo, assim como a preferência por meninos, que ainda prevalece.

Querendo entender a realidade que o turista não pode ver, também li mais sobre o país. O analfabetismo é de 13% (fonte: *Wikipédia*⁷³) e a questão dos **direitos humanos** e liberdade de expressão ainda é bem controversa. Especialmente sobre isso é difícil descobrir através da internet e de livros, mas há casos de prisões sem justificativa e censura a jornalistas. Aí fica uma dúvida nebulosa e um momento de suspense...

O sultão tem autonomia total de poder e, por mais que isso soe autoritário, sentimos uma visão de desenvolvimento social que não vimos em nenhum outro país pseudodemocrático. Assim, ele tem seus méritos, especialmente quando comparamos a nações com ainda mais riquezas naturais, como Angola, que também tem seu "sultão" no poder há mais de trinta anos e o país é amplamente pobre e corrupto.

Contudo, ele esbanja poder e propriedades. Aí começam meus questionamentos... Se o líder foi capaz de garantir serviços, infraestrutura e dignidade para a vida de seu povo, ele tem o direito de ter e usar a renda nacional como quiser?



125 - Assembléia de Omã, em Muscate

Ele tem um dos cinco maiores iates já construídos, uma mesquita pomposa com um jardim monstruoso e o parlamento – que não passa de um corpo consultivo, já que não tem poder algum – parece uma fortaleza gigante com novos prédios maravilhosos. Faz sentido?

Minha primeira ideia é que, por ele ter "resolvido" bem o país, ele tem o direito de fazer o que quiser com a renda nacional excedente. Aí, eu lembro que ele se colocou no poder num golpe de estado, destituindo seu próprio pai. Em seguida, penso que o trabalho feito pelos estrangeiros desafortunados pode ser uma oportunidade para eles, mas também o uso de mão de obra barata. Por último, ainda existe um sólido problema relativo a **direitos humanos**.

Minha conclusão preliminar pode ser ranzinza ou utópica demais, mas é minha. Por mais que este possa ser o caso do líder mais consciente para o bem coletivo, o estimado sultão ainda se rendeu aos prazeres do "ter" e tem um ego muito sensível por oprimir a liberdade de crítica. Seria sonhador demais pensar que depois de aperfeiçoar a sua pequena parte de terra e água do mundo, chamada de Omã, ele poderia ajudar outras partes de terra da mesma raça – humana – em vez de embelezar seu país? Eu acredito que sim.

Ressalva: este relato é uma forma de compartilhar as minhas impressões dessa experiência e minhas reflexões. Não se trata de um estudo aprofundado de toda a história e um julgamento da situação atual do país!

O mais magnífico desta vivência omani é que comprovamos que desenvolver o meio onde se vive nutre a **generosidade** e a boa educação. Sempre que precisamos de ajuda, fomos gentilmente tratados, independente de ser menina ou menino (Gabi ou eu), o que também prova quão errado é aderir aos preconceitos pregados pelos não islâmicos. Não se trata de um discurso religioso, mas só de uma evidência de que o senso comum seguido por muitos se deve à pura ignorância intencional de não querer aprender apropriadamente antes de julgar e opinar...

Sentimos isso, em especial, quando nossa amiga Vickie Reynecke nos ofereceu uma carona ao ver dois perdidos no meio da rua. Sua gentil atitude só nos salvou umas cinco horas do dia! Mesmo não sendo local, ela mora lá há quase dez anos e transmite claramente a energia local. Além de nos apresentar a cidade e nos ensinar bastante durante uma noite na qual jantamos com ela e suas irmãs, nos deixou uma energia gigantescamente positiva de que **generosidade** gera alegria espontânea e esperança.



126 - Condomínio residencial em Muscate com iluminação por energia solar

No fim, nossa busca por inspirações se fez na verdade através de vivências em que pudemos experimentar uma nova e diferente realidade em meio a muitos novos amigos.

Além de tantas reflexões, ainda levei uma pequena dúvida no bolso quando sai de Omã: o que será desse país e seus quatro milhões de habitantes quando o petróleo acabar? Bom, não soframos por antecipação, não é, mesmo?

O pensamento que fica pra mim é como encontrar um desenvolvimento social justo, como aparentemente vimos lá, e ainda conseguir o desenvolvimento mental perfeito para entendermos que os vícios do "poder de ter" são apenas realidades artificiais que cria dependências.

Felipe

Reflexão 7 - Sobre os problemas do mundo

Publicado em 26 de fevereiro de 2015



127 - Pauline lava roupa no lago Victoria na RONA Foundation em Wagoma, no Quênia

Há tempos, descobri que a vida segue exatamente para o caminho que a gente escolhe guiá-la. Parece mais um daqueles clichês, mas eu sou a prova de que isso é real.

Em 2011, eu vivia um momento esquisito. Trabalhava muitas horas e sempre parecia ser pouco. Quase não tinha tempo pra minha família e para os meus amigos, que já namoravam e pareciam não ter muito tempo pra mim. Eu tinha medo. Medo de ficar sozinha, de não ter dinheiro, de não poder trabalhar, comprar, viajar. Foi quando eu resolvi tirar férias e realizar o meu sonho de ir pra Índia sozinha.

Torrei minha poupança e parcelei em 12 anos, como se fosse casa própria, mas algo me dizia que compensaria. Fiquei um mês viajando pelo Rajastão, conhecendo templos, sendo atropelada por vacas e confundida com reencarnações de deusas hindus. Mas muito mais do que isso, foi o mês em que eu, sozinha, me esqueci dos meus medos, aprendi a cuidar de mim mesma e a gostar da minha companhia.

Voltei de lá diferente e confesso que eu ainda me perco na hora de enumerar todas as mudanças, mas uma delas é muito clara. Descobri que a beleza está, única e exclusivamente, nos olhos de quem a vê.

É curioso porque sempre temos dois caminhos a seguir, o que te traz serenidade, harmonia e felicidade e o que te impregna de energia negativa, estraga o seu dia, te afasta das pessoas e tira o seu sono. Somos nós quem escolhemos o que queremos receber.

Na índia, isso ficou muito claro. Eu podia ter reparado apenas no lixo espalhado por todos os cantos e nas crianças pedindo comida no farol. Eu podia ter me movido pelo medo de ser uma menina, bastante brasileira, sozinha em um país como aquele, mas por algum motivo, não foi isso que marcou a minha memória. Eu consegui ver a beleza das mulheres em suas roupas coloridas e da simplicidade com que manifestam sua fé. Eu escolhi enxergar isso, mesmo com dezenas de outros fatores chamando a minha atenção. É claro que nem sempre essa escolha é clara e fácil de fazer, mas ainda assim é possível extrair uma bela lição dela.



128 - Crianças em Wagoma, no Quênia

Pra quem já acorda se lamentando, que deixa comentários ofensivos na internet, que inflama o ódio com opiniões vazias, que coloca a culpa do mundo em um partido político, que cria intrigas no trabalho, inveja a alegria da amiga, espalha preconceito e intolerância e faz sempre questão de julgar e criticar mesmo quem não conhece, aqui vai um aviso: você precisa de mais beleza no olhar.

Eu desconfio que, antes de ir pra Índia, eu poderia estar caminhando ao encontro desse time que citei no parágrafo anterior. Acreditava que não existia amor verdadeiro, que trabalho era só pra ganhar dinheiro e só gente rica podia se dar ao luxo de viajar e escolher trabalhar com o que gosta. Também não perdia muito tempo construindo minha própria opinião em vez de seguir com a maré. Eu estava virando craque em desmerecer a beleza alheia e subestimar o valor de tudo que me parecia ser difícil — ou fácil — demais de conseguir.

Resumindo, eu era bem chata... Minha irmã costumava me dizer isso quase todo dia. Pena que eu demorei pra entender. Inclusive, gostaria de agradecer publicamente minha família e minhas amigas pela compreensão e paciência. Vocês já têm lugar no céu, por isso.

Mas que bom que eu tive a chance de passar uns dias só comigo mesma e perceber que poderia escolher entre ser insuportavelmente mala ou tentar ser uma pessoa agradável, respeitando minha personalidade, meus gostos e minhas habilidades. Eu preferi seguir com a segunda opção e acabei me tornando bem amiga de mim mesma. Comecei a me achar engraçada e uma ótima companhia de viagem, principalmente depois que eu criei uma vozinha de desenho animado que virou um amigo imaginário, mas não quero falar muito sobre isso porque pode comprometer a minha carreira política no futuro.

Voltando ao que interessa, eu concluí que podia enxergar beleza em tudo, mas eu precisava estar aberta pra isso. Toda pessoa e toda experiência é, em grande parte, reflexo do que a gente enxerga. Mais que isso, é reflexo de como a gente se enxerga e escolhe enxergar o mundo. Gente amargurada, infeliz, confusa e frustrada projeta maus sentimentos em quem está por perto e isso cria um ciclo de energia sempre negativa. Afinal, você recebe do universo exatamente aquilo que oferece a ele.

É um estilo de vida e depois que se começa a praticá-lo ele se torna natural e fluído. Toda moeda tem seus dois lados e podemos escolher a importância que damos a cada um deles e a lição que podemos levar com isso.

Ao longo desses anos e dos últimos meses, eu percebi que a felicidade pode ser um sentimento permanente, que varia entre picos de euforia e serenidade contínua. Eu não sou cientista, psiquiatra, nem psicóloga e essa é a minha humilde opinião pessoal baseada no pouco que aprendi até agora.



129 - Homens costuram na rua em Harar, na Etiópia

Tudo isso foi pra contar sobre minha teoria que justifica os problemas do mundo. Para mim, a causa de tudo de ruim que nos acontece é uma combinação de dois fatores: não amar a si próprio ou o companheiro que escolheu + não ter paixão pelo trabalho.

Começo pelo primeiro ponto. Quem ainda não aprendeu a amar a si mesmo está sempre em busca de algo que o complete e a maneira mais fácil de conseguir isso é seguindo aquela lista que o senso comum desde sempre nos ensinou como sendo o "normal" a se fazer, mesmo que isso não te faça sentir uma alegria arrebatadora.

Isso explica muitos dos problemas, principalmente quando paramos pra observar as culturas em que o casamento se trata muito mais de uma aliança político-econômica do que de uma história apaixonante.

Quem não ama a própria companhia e não reconhece suas qualidades e vontades, acaba sempre incomodado com aquelas perguntas inconvenientes da tia, no almoço de domingo, e pode acabar sozinho e amargurado ou, na pior das hipóteses, juntando escovas de dente com alguém que surgiu pelo caminho trazendo a mesma angústia. No final, a verdade é que não tem nada melhor do que a liberdade e a leveza de ser você mesmo, estando sozinho ou com o amor da sua vida (que aparece quando você já se ama!).

O meu segundo ponto é na mesma linha. Somos estimulados a escolher nossa profissão muito cedo, seja por necessidade ou por oportunidade, o que muitas vezes sequer nos dá a chance de pensar sobre de que forma realmente gostaríamos de servir ao mundo.

Afinal, o trabalho é a forma mais digna de servir ao próximo, colocando seu dom, seu talento e sua paixão à disposição de quem dele precisar. Eu adoraria poder dizer a todos os garçons, motoristas, médicos, engenheiros, jardineiros e todos os outros milhares de profissionais que seguem por aí, o quão mágico é o trabalho deles. A chance do garçom de transformar uma refeição solitária em um momento de prazer e gentileza e a do motorista em conduzir gentilmente dezenas de corações apaixonados, preocupados e ansiosos são coisas que provavelmente não passam pela cabeça das pessoas. Mas se passarmos a enxergá-las como sendo a manifestação do melhor de cada um, dá a impressão de que se pode mudar muita coisa, não é?

Já que é pra sonhar com o ideal, imagina se todos os funcionários públicos compreendessem que a eles é confiada a missão especial de zelar pelo que é de todos nós e nos tratar com a dignidade que todo e qualquer cidadão merece...

Mas ainda não dá pra esperar isso de quem não ama o que faz ou não compreende que estamos todos a serviço uns dos outros, invariavelmente.

Gente que não ama a si mesmo, o companheiro ou o trabalho tem tendência a ser baixo astral, emburrado e a buscar o que falta no dinheiro, no poder e nas coisas materiais. Tudo aquilo que se ganha gratuitamente quando nos permitimos sentir e receber o amor verdadeiro e genuíno. Essas pessoas são

movidas pelo medo. Aquele mesmo medo que eu tinha de ficar sozinha, de não ter dinheiro, de não ser reconhecida... Medo de sair da zona de conforto e se lançar em algo novo que traz recompensas valiosas para a alma e não para o bolso. São essas mesmas pessoas que extravasam seus vazios com comentários maldosos na internet, brigas no trânsito, corrupção, guerra, individualismo e tudo aquilo que nos faz perder a fé na humanidade.

Então, você resolve dar uma chance pra essa tal de "beleza no olhar" e começa a se esforçar pra ver o lado bom de cada experiência. Deixa de julgar, de invejar, de se omitir, de se corromper e começa a enxergar um novo reflexo no espelho, que te traz serenidade, harmonia e novos olhos brilhantes.

Passa um pouco mais de tempo e você, agora, aproveita da sua companhia e descobre que não existe metade da laranja. Eu adoro o Fabio Jr., mas ele há de convir comigo que essa história de metade da laranja cria um medo absurdo de ficar ali esperando a outra parte que nunca chega. Quando a gente se percebe completo, o melhor que temos a receber é alguém/algo que nos faça sentir vivos e prontos para presentear o mundo com tudo o que reconhecemos de melhor na gente.

A gente é uma laranja completa e o que precisamos mesmo é só de um belo espremedor que consiga tirar o nosso melhor.

Esse espremedor costuma vir na forma de um amor companheiro, por si mesmo e também por outra pessoa, e um trabalho honesto. E por honesto eu quero dizer aquele trabalho que te permite manifestar seus reais talentos e paixões.



130 - Crianças no campo de futebol na RONA Foundation em Wagoma, no Quênia

Aí você está feito! O amor voltou pra sua vida e você se apaixonou de novo. Pra mim, não tem nada mais simples, corajoso, verdadeiro e solidário do que viver uma paixão. Gente apaixonada se diverte com pouco, ri de qualquer bobeira, se acha lindo, acha o mundo todo lindo e deseja que todos possam compreender esse sentimento. Gente que faz o que ama não foca no dinheiro e a recompensa é tão maior, que precisa de muito menos pra se viver.

Por favor, sem aquele papinho de trabalhar com o que gosta é coisa pra gente rica. Se você pensa isso, volta pro primeiro parágrafo e começa a ler de novo (risos...). Trabalhar com o que gosta é pra quem se ama além das aparências e aprendeu que acumular bens e dinheiro é uma coleira que nos prende a obrigações e desejos que, definitivamente, são efêmeros e substituíveis. Se tiver dúvidas de que isso é possível, os personagens das experiências deste livro comprovam isso. Quanto mais amor pelo que se faz, menos importante o dinheiro é pra sua vida.

Por isso, eu acho que gente apaixonada, verdadeiramente apaixonada, quer mais é que o mundo inteiro se apaixone, assim não vai ter ninguém com dor de cotovelo.

E é justamente essa dor de cotovelo que é, pra mim, a raiz de todos os problemas do mundo. Gente apaixonada por si mesmo, pelo namorado/marido e pelo trabalho não se deixa consumir por pensamentos negativos. A cabeça está ocupada demais adorando o simples, suspirando alegria, compartilhando sonhos e tentando resolver os problemas que surgirem com leveza e otimismo.

Enfim, gente que ama não deseja pro outro nada que não seja amor. E amor é abundância. Transborda e nunca deixa faltar dinheiro, alegria, esperança, fé, **generosidade** e gratidão. Quem crê no amor, pratica o amor e oferece amor cria um campo de colheita que só gera frutos do bem. A gente se sente capaz e amparado por uma força maior. A força do amor mesmo.

Gente que ama enxerga o mundo diferente, com mais cor, mais verdade, mais humildade e mais beleza.

Afinal, a beleza está nos olhos de quem a vê. E eu vejo amor em você.

Gabi

Experiência 20 - Irã

Publicado em 10 de março de 2015



131 - Malaley Habibi (primeira à direita), Gabi (ao centro de hijab rosa) e alunas na ILIA, em Teerã

Malaley Habibi O avião pousou e caminhamos até a imigração. Na minha vez, o policial pediu que eu cobrisse a cabeça com o xale que estava no meu pescoço e assim seria pelos próximos dias. Chegamos ao Irã.

Nosso primeiro dia em Teerã, a capital do país, foi bastante desconfortável pra mim. Estava bem frio e eu com a minha única roupa quente da viagem — um moletom verde água nada discreto e todas as outras blusas por baixo — andando pelas ruas parecia estar sendo julgada por algum crime que eu nem imaginava ter cometido. Os olhares de reprovação vinham de homens e mulheres e eu não entendia o porquê. Talvez pela combinação de cores — do xale rosa com o moletom verde — mostrando toda a brasilidade que quase não se vê entre as mulheres de lá, que só usam preto e cores escuras. Mas em compensação carregam na maquiagem, que é a única maneira que encontram de expressar publicamente sua vaidade, pois apenas o rosto pode ficar exposto.

O ano de 1979 no Irã foi marcado pela Revolução Islâmica que surgiu, inicialmente, como um movimento em prol da democracia, cujo objetivo principal era condenar o estilo de vida e governo adotado pelo xá Reza Pahlevi, que na época estava à frente do país, e instaurar melhores condições para a população iraniana.

Ao final da revolução, o xá foi deposto e Ruhollah Khomeini, mais conhecido como Aiatolá Khomeini, assumiu o cargo de líder religioso e político. Acontece que o desejo de renovação e liberdade alimentado pelo povo acabou em novas proibições, restrições e muito medo. Entre as novas regras, o consumo e a venda de qualquer bebida alcoólica foi proibida, assim como filmes e músicas ocidentais, e o uso do *hijab* (o xale da cabeça) passou a ser obrigatório para todas as mulheres, inclusive turistas.

Essas características somadas a uma população de maioria absoluta muçulmana fazem do Irã um prato cheio para preconceituosos e desinformados. De qualquer forma, assim como em tantos lugares, lá existe muita coisa a ser melhorada e, pra variar, os direitos (ou falta de) da mulher na sociedade lideram essa lista.

Sempre que perguntávamos aos homens iranianos sobre a equidade de gênero, todos respondiam em coro: "Aqui todo mundo é igual, as mulheres podem até trabalhar e dirigir!". O engraçado foi que, logo após ouvirmos uma dessas frases, conhecemos um senhor muito simpático, mas, quando estendi a mão para

cumprimentá-lo, ele se recusou porque, de acordo com o Alcorão, os homens não podem tocar mulheres que não sejam suas filhas ou esposas...



132 - Rua de Teerã

Então, na verdade, falta muito para a tal igualdade, não é? Mas, neste caso, pelo que entendemos conversando com os iranianos, o papel da mulher e a forma como ela deve ser tratada estão exclusivamente relacionados aos fundamentos religiosos que seguem. Quem pratica com mais fervor, segue à risca todas as normas. Isso nos dá a impressão de que uma mudança efetiva da condição da mulher, neste caso, só seria possível a partir de uma reforma profunda dessas premissas.

Foi daí que, logo no início, já me surgiu a primeira reflexão dessa experiência: os homens, por mais empáticos que sejam à nossa causa, não estão sujeitos a olhares repressivos, sedentos e julgamentos preconceituosos daqueles que nos fazem sentir pequenininhas ou uma picanha com vinagrete. Ainda falta muito pra todos termos uma consciência real do que significa a tal igualdade. Me refiro às próprias mulheres também. Não dá pra batalhar por causas como essa se, no dia a dia, nós, mulheres, julgamos umas as outras por suas condutas "comprometedoras" e os homens recorrem a xingamentos sexistas para condenar uma mulher que não agiu de acordo com a sua vontade ou opinião.

Como eu tenho muita sorte, logo o Fê se convenceu de que algo diferente acontecia ali e aproveitamos o frio para comprar um sobretudo preto pra mim, na altura do joelho, que me fez sentir mais à vontade para completar a etapa do Irã.

O traje usual das mulheres por lá é o bendito sobretudo, na maioria das vezes em tons escuros e sóbrios, capaz de cobrir os braços e o bumbum, evitando que as curvas das mulheres sejam acentuadas. No verão, a opção é a mesma, só muda o tecido. Além disso, como já disse, o uso do *hijab* é obrigatório por lei e não usá-lo costuma terminar na delegacia (Irã e Arábia Saudita são os únicos países que adotam essa lei).

Com todas as meninas que conversei, tentei instigar o autoquestionamento perguntando sobre o que achavam do uso obrigatório do *hijab*, como era viver no Irã e o que gostariam de mudar. Não foram muitas, mas a maioria disse não gostar de não poder vestir o que quiser, nem usar os cabelos soltos, mas se sentem impotentes para mudar esse cenário já que essas normas estão relacionadas à lei islâmica, que não pode ser alterada e cujas disposições são a base de todo o governo.

Uma das meninas me deu respostas curiosas. Ela é parte de uma família bastante religiosa e, por conta disso, além do *hijab*, deve usar também o xador, aquele manto preto largo que cobre tudo da cabeça aos pés, deixando apenas o rosto de fora. Fui enxerida e fiz várias perguntas. Ela me disse que o uso do *hijab* e do xador é algo com o qual não é possível lutar e, por isso, ela simplesmente aceita, sem qualquer resistência. Ao mesmo tempo, parece contraditório, mas, no carro, ela ouvia rock pesado e dizia adorar festas em casa, onde as meninas se permitem tirar o *hijab* e vestir o que quiserem. No final, eu perguntei se ela tinha alguma curiosidade sobre a minha vida no Brasil e recebi um sonoro "*no, thanks!*" (não, obrigada). O que me deixou com cara de paisagem e me fez pensar que talvez seja menos inquietante continuar sem saber como é o mundo fora de lá.



133 - Um dos principais mercados de Teerã

Para nós ocidentais, o uso do *hijab* e xador é uma repressão tremenda. Mas, pra mim, que pude sentir na pele, me pareceu apenas mais uma forma de tornar a mulher refém de algo imposto pela sociedade, assim como acontece com os padrões de beleza e o machismo velado.

Mesmo com todas essas diferenças, tivemos experiências incríveis por lá. Em nossa visita ao *Tehran Peace Museum*⁷⁴ (museu da paz de Teerã), pudemos compreender mais sobre guerras, regimes autoritários, o uso de armas químicas e os efeitos nocivos sentidos por várias gerações. Como se não bastasse, ainda conhecemos o Ali Ahmadi Dastjerdi, jovem voluntário proativo e apaixonado pelo Brasil. Foi graças a ele que rodamos a cidade e imergimos na cultura iraniana.



134 - Ali Ahmadi Dastjerdi (ao centro) nos recebe em sua casa, em Karaj



135 - Jantar com a família de Ali Ahmadi Dastjerdi e seus amigos, em sua casa em Karaj

Na companhia dele e da Malaley Habibi, afegã refugiada no Irã, visitamos uma organização incrível, a *ILIA*⁷⁵, *Iranian Life Quality Empowerment* (empoderamento da qualidade de vida iraniana), que acolhe e educa crianças afegãs que, na maioria das vezes, vivem excluídas no país.

O Irã faz fronteira com vários países, entre eles Afeganistão, Paquistão e Iraque, o que facilita a migração de refugiados que chegam ao país em busca de condições menos extremas do que aquelas que se experimenta em zonas de conflito e campos de refugiados. Essas pessoas são completamente marginalizadas e só é possível conseguir um trabalho formal ou frequentar escolas e universidades se conseguirem a documentação expedida pelo governo, o que, pra variar, tende a ser uma tarefa quase impossível.



136 - Da direita para a esquerda, Felipe, Malaley Habibi, Ali Ahmadi Dastjerdi, Gabi e o pessoal da ILIA, em Teerã

Observando essa realidade, a professora Monireh Arezoomandi decidiu intervir em favor de quem é invisível para o resto do mundo e fundou a *ILIA*. Ela não cobra absolutamente nada dos alunos, e além de todas as matérias obrigatórias, as crianças também aprendem sobre a história do Afeganistão, para que sejam capazes de conhecer e cultivar suas origens.

Para Monireh o maior desafio é reeducar as famílias de modo que as meninas, principalmente, cresçam mais conscientes. Isso porque ela acredita que essas meninas, quando se tornarem mães, terão condições de transmitir sua força, consciência e lucidez para os filhos. Assim, será possível iniciar uma lenta revolução que colocará a mulher no centro das mudanças necessárias para se criar uma sociedade — e uma forma de governo — muito menos repressiva, desigual e muito mais inclusiva e coexistente.

Eu fiquei bastante emocionada com a visita e mais do que nunca pude entender melhor como é a vida de milhares de pessoas que vivem em zonas de guerra e são completamente reféns da sorte para sobreviver.

Em uma das salas de aula que entramos, as meninas estavam aprendendo inglês e a nossa chegada foi uma festa. Elas me ajudaram a arrumar o *hijab*, disseram quais profissões pretendem seguir e até cantaram uma música em inglês. Enquanto eu distribuía as nossas fitinhas, ouvi de uma delas um sonoro "*I Love You!*" (eu te amo). Caímos todas na gargalhada como uma grande manifestação de amor gratuito. Para aquelas meninas, que desde pequenas já guardam histórias sofridas e uma luta incansável pela sobrevivência com dignidade, ouvir um "eu te amo" tão espontâneo me mostrou que, para muitas pessoas, o simples fato de ser enxergado por alguém já é uma enorme prova de amor.



137 - Gabi amarrando nossa fitinha no pulso de uma professora na ILIA, em Teerã

Eu arrisco dizer que esse é o mesmo amor que circula com timidez pelos corações iranianos. O amor à vida e à oportunidade de fazer dela uma escolha especial e individual, ao invés de imposições e regras opressivas. Com tantas proibições, o povo segue obedecendo, mas esperançoso de que um dia as coisas mudem. Para outros, enquanto cumprem com os protocolos nas ruas, aproveitam para quebrar regras dentro de casa com reuniões divertidíssimas regadas a vinho e cerveja feitos em casa, música pop, meninas circulando com os cabelos ao vento e jovens se exibindo com cigarro.

E como isso muda! Os semblantes sisudos e hostis que caminham pela cidade se transformam em sorrisos largos e risadas demoradas. Dentro de casa é onde se encontra um pouco da liberdade que lhes foi tirada. Nós tivemos a chance de conhecer esses dois lados opostos e viver experiências inspiradoras graças aos amigos que fizemos por lá e isso me fez concluir, uma vez mais, que experiências são marcadas simplesmente pelas pessoas que fazem parte dela. Nada além disso.

Nossas lembranças, saudades e memórias estão sempre relacionadas às pessoas que, em algum lugar do mundo e em algum momento da vida, despertaram algum sentimento na gente.

Isso vale pro bem e pro mal. Da Etiópia, por exemplo, saímos desapontados por termos sido engolidos pela hostilidade de uma grande cidade como São Paulo, sem que ninguém se dispusesse a nos mostrar a verdade daquele povo. Já em Angola foi diferente... O país mais pobre que conhecemos foi o que mais nos deixou lições de **generosidade**, mesmo ainda se recuperando de uma guerra civil que durou muitos anos.

O mesmo aconteceu com o Irã. Um país muçulmano, onde há mulheres aparentemente reprimidas e um povo que parece estar sempre em alerta. Mas o que encontramos foi um país seguro, em que as pessoas parecem cuidar umas das outras e se organizam em silêncio contra tudo aquilo que lhes tira a liberdade, além de uma cultura encantadora que vai muito além dos tapetes persa.



138 - Gabi com alunas da ILIA, em Teerã

Isso tudo só foi possível graças à **generosidade** das pessoas com quem cruzamos e que nos acolheram como se fôssemos parte da família. Isso reforçou a minha crença de que pequenos atos podem gerar uma cadeia virtuosa de bons sentimentos e boas lembranças em nós e nos outros. Como já dizia a raposa do Pequeno Príncipe⁷⁶, "tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas" e que bom seria se só cativássemos e cultivássemos o bem.

Somos lembrados por nossos atos e palavras e por meio deles nos tornamos exemplos a serem seguidos. Ou não. Em momentos como este que estamos vivendo, nunca é demais lembrar que estar vivo, por si só, já impacta a vida de muita gente. Então, seria bom se todos usassem suas vidas como um instrumento de impacto positivo, cada um à sua maneira.

Já saímos saudosos do Irã e conscientes da lição que aprendemos traduzida em uma das minhas frases preferidas, embora eu não saiba quem é o autor: "Seja forte, você nunca sabe quem está inspirando".

Força pra nós!

Gabi

Reflexão 8 - Você se conhece e se importa?

Publicado em 19 de março de 2015



139 - Meninos abordam o grande barco (em que estávamos) para vender roupas no rio Nilo, no Egito

Entre as infinitas conclusões que tiro dos aprendizados desta viagem, o critério de felicidade de cada um é o que mais martela meu pensamento.

O que nos dá alegria, nos motiva a ir atrás de algo e a fazer o impossível para acontecer, nos torna indivíduos únicos e não existe privilégio mais precioso que esse. Até aí acho que fica claro que cada um busca realizar os seus sonhos e faz o que dá prazer pelo simples livre arbítrio de gostar, mas entender o porquê de cada um desses gostos é uma pergunta bem difícil de responder. Primeiro, porque não nos perguntamos sobre isso, na verdade, e, segundo, porque é muito mais fácil aceitarmos o que os outros dizem que é bom para relaxarmos na zona de conforto.

Mas e se pararmos para pensar por um minuto antes de cada ato?

Parece complicado demais, mas pensar por que você quer ver aquilo na televisão, por que vai encontrar certas pessoas ou por que tem que fazer aquele trabalho por dez horas diárias pode ser bastante fácil. Não que cada passo precise de uma análise prévia profunda, com um relatório enviado por e-mail para todos os neurônios da consciência, mas é que, por amor próprio, você tem consciência dos porquês da sua vida. Se pensarmos bem, é até fundamental refletir sobre a motivação que leva você a investir horas do seu tempo, finito e exclusivo, em algo.

Por ser pessoal e intransferível, essa decisão é apenas sua e quem irá viver e colher seus frutos será você. Por que será que nem mesmo por essa autorecompensa paramos pra nos conhecer?

Um dos motivos, acredito eu, é porque entramos num ciclo social. Sendo parte de uma sociedade onde o sonho é ter sucesso financeiro independentemente da **função social** que você exerça, perdemos totalmente a noção do nosso papel e da responsabilidade de um pelo outro.

Até porque esse conceito passou a nos incentivar a criar e a atrair pessoas para aderir a suas novas ideias de produtos e serviços, as ditas oportunidades, e quem atrai mais gente é o melhor. Hoje, os "melhores" são as empresas gigantes, da qual milhares de pessoas fazem parte.

Nesse contexto, pensar que devemos refletir sobre cada decisão parece um trabalho milagroso, já que as consequências são intencionalmente escondidas pelo criador (da ideia), pois seu êxito financeiro depende de conseguir dinheiro vindo de você. Tudo isso é teoricamente bom para prosperar a economia e para todos os envolvidos. Não estamos falando apenas de inventar um produto novo, mas também de criar um programa na televisão, um filme ou um serviço diferenciado.

Pensando no passo seguinte, que efeito essa compra pode gerar para o mundo e para essa pessoa que está vendendo? É complicado mensurar, mas basta lembrarmos do consumismo global descabido e os maus que ele traz para os recursos finitos do mundo.

Tenho fobia desse consumismo porque reconheço que, assim, o mundo vai acabar. Mas, vivenciando a realidade de países bastante desiguais, tenho me deparado com um dilema: querer ajudar, mas não querer consumir... Isso porque é muito comum encontrarmos vendedores ambulantes negociando de tudo. No Egito, foi o auge, e lá as pessoas ainda são bastante insistentes.



140 - Homem carrega pães na rua do Cairo, no Egito

Esse tipo de comportamento me afasta deles, pois me incomoda, aí fico pensando na motivação daquela pessoa ali, naquele segundo, naquele local. É como querer não julgar, mesmo ficando de saco cheio de tanta gente em volta, enquanto ele está ali agindo assim apenas para sobreviver e respeitando as regras do jogo.

Qual é o ponto? Eu sozinho não resolverei todos os problemas, mas penso se posso contribuir para soluções agora, como ajudar em pequenos atos todos os dias, vivendo o meu presente e ajudando o agora dos outros

O tempo e o espaço não são matérias, eles não existem, são apenas palavras de referência para organizarmos nosso convívio. O espaço no universo que o corpo ocupa só varia um pouco de tamanho e local, mas durante esta vida será sempre seu. O tempo que usamos para viver passa só uma vez. Os minutos usados para ler este texto já passaram e só existem na memória, agora. Sabemos muitíssimo bem que essa vida pode acabar a qualquer momento, mas calma, relaxe e divirta-se!

Tenho teorias sobre o que amenizaria o consumismo em geral, mas o que muda o hoje? O hoje de pessoas que, literalmente, não têm acesso ao básico, nem sempre podem escolher o que comer, onde descansar (a mente e o corpo), entreter-se e ter tempo para amar, ser amado e viver a vida?

Todo esse desabafo vem de meses sendo rodeado por vendedores que não estão trabalhando na rua para trocar de carro de novo, mas para ter onde morar; que estão falando muitas coisas no meu ouvido em idiomas diferentes para pagar a escola dos filhos, mas não para comprar as roupas da nova coleção; que estão parando na minha frente e segurando o meu braço para ter comida na mesa todo dia, não para ir jantar no restaurante mais badalado da cidade.



141 - Grande mercado de Jerusalém, em Israel

Assim sendo, seria justo não ter paciência com eles e até julgá-los como malandros? Se eles estão usando estratégias vendedoras, assim como as empresas, mesmo sem terem o básico, precisam passar um dia todo te bajulando para trocar um produto por alguns dólares?

O agora dessas pessoas pode ser significativamente melhor com uma venda qualquer, enquanto eu prefiro não gastar para preservar economias para um futuro que nem existe ao certo.



142 - Vendedores se aproximam do grande barco (em que estávamos) para vender roupas no rio Nilo, no Egito

Ainda tem a barganha. Por mais que seja natural a negociação, parece que aprendi a fazê-la para poder ficar com mais dinheiro no bolso mesmo estando ciente de que o outro lado da transação teve e tem menos oportunidades que eu. Uma prova de que, por mais que tentemos, existem mecanismos defensivos automáticos inseridos na nossa mente. Isso está errado e a fórmula matemática social para desvendar a troca de dinheiro justa dificilmente existirá, mas hoje está tudo injusto e ainda sou parte ativa disso...

O pior é que os mais vitoriosos e experientes, os milionários, que deveriam dar o exemplo, apenas acumulam cada vez mais. De onde vem esse dinheiro? De nós. Que sentido faz isso? Não tenho a solução, estou aqui apenas compartilhando quão fácil é ser injusto.

Sobre o comércio que temos visto (e vivido) aqui, no Egito, passei por duas situações verdadeiramente chocantes. A primeira foi de barco pelo rio Nilo. Enquanto apreciávamos a bela paisagem no deck, avistei um pequeno barco logo à frente que parecia estar prestes a colidir. De repente, em questão de

segundos, vejo que os meninos no barquinho tinham uma corda nas mãos e a amarraram ao barco grande que estava em velocidade constante. Só não deu medo de pirata porque estávamos muito próximos à margem, mas a curiosidade tomou conta de mim.

No momento seguinte, o que é que os meninos tiram do bolso? Roupas típicas para venda! Acredite, eram ambulantes radicais aquáticos... Fiquei assistindo aquilo perplexo por horas. Eles jogavam as roupas para o barco, negociavam o preço no grito e, para fechar a venda, o passageiro jogava o dinheiro de volta. Ficou claro que não existem limites para inovar e aproveitar as oportunidades de "ganhar a vida".

A segunda ocasião foi ainda mais forte e senti um aperto no coração. Depois de viajar por três horas pelo deserto do Saara, com conforto, segurança e comida, chegamos ao vilarejo Núbia.

A Gabi perguntou o preço de uma bolsinha (apenas pesquisar ali é quase uma oferta de leilão) e mesmo sem ter mais a intenção de comprar o senhor nos seguiu até o carro. Dos 3 dólares iniciais que disse, chegou a oferecer duas bolsas por 1 dólar e quase implorar para comprarmos. Dissemos não e fomos embora, porque realmente não queríamos.

Assim que o carro saiu, notei uma feição de tristeza do senhor guardando as bolsinhas de volta na sacola, demonstrando sua decepção por não conseguir realizar uma venda. Estamos falando de 1 dólar. O que para nós seria um valor insignificante, seria de grande valor para ele, que parecia ter uma vida sofrida num país difícil. Mas, ainda assim, só preferimos não comprar.



143 - Vendedores às margens do rio Nilo, no Egito

Deve ser a força da razão dominando o coração, mesmo estando aqui tentando nos entregar ao máximo. Isso evidencia o quanto devemos nos perguntar sobre o que aprendemos nesse modelo social de hoje e se ele está certo! Por mais que pareça uma situação cotidiana ínfima, me senti um egoísta socialmente irresponsável, exercendo meus direitos. Essa é a vida me ensinando.

A moral dessa responsabilidade está na consciência de cada um, mas para entendê-la acredito que precisamos parar. Parar pra que? Pra tomar vergonha na cara e nos importar. Dar um pouquinho de nós apenas para pensar como é a vida de cada um que está ao nosso redor e quem precisa mais, do que e por quê. Isso pode ser desde a discussão sobre o aumento salarial da empregada, até olhar o garçom nos olhos para agradecer uma **gentileza**.

Eu fiz toda essa reflexão pra compartilhar com você como errei e aprendi. Se puder, tente fazer esse exercício com você.

Felipe

Reflexão 9 - Entre ricos e pobres, salvam-se os lícidos

Publicado em 26 de março de 2015



144 - Crianças numa escola em Bekaa, no Líbano

Há algum tempo venho sendo instigada a escrever sobre isso. Pelas coisas que leio e escuto, sejam elas dirigidas a mim ou não.

Esse duelo é antigo, o velho maniqueísmo conhecido, que insiste em dividir gordo/magro, bem/mal, esquerda/direita e por aí vai. Curiosamente, parece que somos sempre induzidos a escolher uma das pontas e quem decide pelo meio, quase que buscando uma coerência e um equilíbrio (que poucos entendem), corre sérios riscos de ser mal interpretado.

Eu sou parte dessa turma do meio e apesar de estar me sentindo um pouco solitária, guardo a sensação de que existe mais um tanto de incompreendidos por aí.

Esse meio não é estar em cima do muro. É simplesmente não compactuar com nenhuma das pontas que já se mostraram ineficientes para o país, tentando extrair de cada lado apenas o que restou de bom (se é que restou algo). É não aceitar menosprezar o colega que pensa diferente de mim e é ser intolerante com quem acha que se conquista algo positivo com ações e discursos pautados no ódio, na segregação e na superficialidade.

Estou infeliz com o meu país. Eu gosto de dizer "meu país", porque isso me lembra de que tenho total responsabilidade por ele e minhas ações e omissões estão sendo, positiva ou negativamente contabilizadas.

Não é de hoje, nem de outubro passado. É desde quando eu me dei conta de que algo muito estranho tomou conta da gente. Eu ainda não me dou o direito de falar sobre economia e política pelo simples fato de reconhecer que, por mais empenhada que eu esteja nesses estudos, ainda tenho um longo caminho a percorrer.

Mas eu me sinto à vontade para falar sobre pessoas e é isso que eu farei aqui.

Venho observando a formação de duas torcidas. Opostas, claro, como o figurino manda. O estádio vai lotando gradativamente, mas teve uma pausa na Copa do Mundo pra todo mundo confraternizar, se abraçar, publicar foto com a mesma camisa e chorar durante o Hino Nacional. Depois disso, as torcidas voltaram a encorpar, até que houve outra pausa pra todo mundo curtir o Carnaval, se apropriar das ruas e mostrar a alegria como só a gente sabe fazer. Aí, acabam a Copa e o Carnaval, que curiosamente são eventos notadamente impregnados de corrupção, e todo mundo lembra que tem um país gritando por socorro há anos. Cadê a coalizão da torcida que se encanta pelo mesmo **propósito**?

Eu ainda não sei de que torcida eu sou. Na verdade, eu sei que não sou de nenhuma delas, mas, hoje em dia, com tantos críticos disponíveis para uma rápida fragmentação do texto ou, até mesmo, uma interpretação distorcida do que se pretende dizer, eu posso acabar sendo classificada de uma, de outra, das duas ou posso simplesmente ter a minha opinião desqualificada por gostar de programa de TV do Chaves. A lógica irracional dos analistas do mundo virtual...



145 - Meninas numa escola em Bekaa, no Líbano

Há quem diga que eu sou coxinha, afinal sou branca, estudei em escola e faculdade particulares e me dei ao luxo de comprometer minha poupança investindo em um projeto no qual eu acredito. Há quem diga que eu sou "esquerda caviar", já que trabalho com desenvolvimento social, desejo um país menos desigual, mas não moro na favela. E há quem me julgue de esquerda pelo simples fato de eu relembrar incansavelmente que o *Bolsa Família* (que pra quem não sabe, felizmente nasceu no governo do Fernando Henrique) é uma das políticas públicas mais eficazes de todos os tempos, quer você queira ou não.

Eu perderia horas explicando por que o governo da Dilma me desagrada e por que ela, como mulher e líder, não me inspirou em absolutamente nada. Também perderia mais um bom tempo contando o porquê do Aécio e seu discurso não terem me convencido. Mais outras tantas horas tentando entender em que momento o Geraldo Alckmin se esqueceu de controlar a torneira e o que leva um tal Jair Bolsonaro a se colocar vergonhosamente contra direitos humanos fundamentais.

Como se não bastasse, muitas das horas acima eu também gastaria tentando compreender o que se passa na cabeça de quem faz comentários agressivos e violentos na internet e de formadores de opinião que inflamam a população com seus discursos de ódio, de quem defende a volta da ditadura militar, quem carrega uma faixa dizendo "Basta de Paulo Freire!", quem continua xingando mulher de vaca, quem acha que beneficiário do *Bolsa Família* é tudo malandro e acha proibido moradores de prédios com varanda se manifestarem.

Devo confessar que pensar sobre tudo isso me desanima, e muito. Isso porque eu ainda nem entrei na discussão absurda sobre a redução da maioridade penal e a proibição de adoção de crianças por casais homoafetivos. Esses dois temas merecem um texto especial convidando os partidários dessas ideias a levantarem de seus sofás e visitarem de perto a realidade de jovens e crianças que vivem na favela, em abrigos ou orfanatos. Depois que fizerem isso, estarei aberta a discussões sobre o tema.

Soube que, no último dia 15, fomos mais de um milhão pras ruas. Cada um empunhando uma ideia, uma opinião, um sonho e uma justificativa, mas todos juntos contra a velha corrupção. Vi fotos e relatos de gente emocionada, esperançosa, orgulhosa e combatente. Mas também vi quem achou que fosse mais um bloquinho de carnaval da Vila Madalena.



146 - Crianças na sala de aula da escola da NGERIV em Bwawani, na Tanzânia

No dia seguinte li uma reportagem que repetia o novo slogan do que deveria ser nossa obrigação como cidadãos: "O Gigante acordou". Eu espero que tenha acordado mesmo e não seja só mais uma daquelas manhãs de segunda-feira, em que todo mundo acorda, se veste no escuro e espera chegar o final de semana.

Manifestar-se é fundamental. É o exercício pleno da democracia e é um instrumento poderoso para se fazer ouvir onde não há muita atenção. Mas é preciso saber o que gritar, certo? Me corta o coração ver gente que não sabe como funciona um processo de impeachment, que acha que a Dilma é a culpada por todos os nossos problemas e reforça a polarização de classes, de partidos e de país. Me corta o coração ver que temas fundamentais relacionados ao meio ambiente e aos **direitos humanos** parecem não dar muito "ibope". E me corta o coração gente que fala muito e faz quase nada.

Poxa, é demais pedir por consciência? Não estou falando de estar consciente do rumo lamentável que deixamos o nosso país seguir. Isso é quase que unânime e só não enxerga quem é teimoso.

Me refiro à consciência humana, social e moral. E isso independe da cor da sua pele, de onde você mora, de que panela você usa e de quanto dinheiro você tem na carteira. Ter essa consciência depende, única e exclusivamente, do seu senso de ética, de comunidade, de responsabilidade e de vergonha na cara.

Ir pra rua é um começo? Sim! Mas não se isente de estender sua manifestação para além do dia 15 e se policiar para não ser autor de faltas graves. Exercer nosso senso cívico e moral é um ótimo começo e isso se faz no dia a dia. Por civilidade e moralidade entenda um cidadão ciente da sua participação na construção do bairro, da cidade, da país e que não faz apologia a nenhuma forma de discriminação. Sua moral está exclusivamente relacionada às virtudes do seu caráter – ou à falta delas.

Eu estou cansada de ler e ouvir as mais diversas desculpas pra justificar o injustificável. E é por isso que acho que temos que lavar a roupa suja pra seguir em frente. São tantas coisas que eu queria pontuar aqui... Mas vou me ater as que soam mais absurdas pra mim.

Primeiro, está na hora de descriminalizar a riqueza honesta, não é? Parar de achar que quem tem dinheiro é sempre do mal e olha a todos por cima de sua varanda gourmet, mesmo que ela esteja sendo paga em trinta anos de prestações e muito trabalho duro. Dinheiro não é ofensa pra ninguém. Ofensa pode ser o que você faz com ele e aí você não precisa ter muito...

Segundo, até quando vai durar o mito de que todos temos oportunidades equivalentes e "vence na vida" quem se esforça mais? Se você teve a chance de estudar em uma boa escola e completar o ensino superior, acredite amigo, você largou muito na frente. O Brasil foi o maior país escravista do mundo e isso nos deixou consequências históricas e sociais bastante profundas. A violência urbana é um sintoma disso e movimentos sociais e políticos, que geram oportunidades de inclusão e igualdade a quem não foi tão sortudo, são capazes de grandes mudanças.

Terceiro, a gente ainda tem muito que aprender. Principalmente aqueles que perdem momentos preciosos da vida escrevendo textos, publicando opiniões, corrompendo ou se deixando corromper e articulando movimentos com o intuito de fragilizar as pessoas – principalmente aquelas que já são socialmente

fragilizadas. – Por favor, a vocês eu peço, parem de escrever sobre a "elite branca" e os "esquerda caviar". Parem de rotular e insinuar conspirações. Parem de reprimir o amor entre pessoas, sejam elas do mesmo sexo ou não. Parem de tratar as pessoas como um bloco de acéfalos e sem coração. Parem de tentar nos mover pelo medo e usem esse poço de criatividade para criar mais soluções, não problemas.

Quarto, e mais importante: sua ação, por menor que seja, conta muito. Essa emoção de ir pra rua, entoar o hino e sentir orgulho de ser brasileiro é multiplicada por mil toda vez que você doa seu tempo a um voluntariado, seu dinheiro a uma causa social e seu amor, seu talento e sua coragem para entender e minimizar os reais problemas que a maioria do nosso povo enfrenta diariamente. Praticar a **empatia** é a minha dica.

Enfim, o que te define não é a cor, o sexo, nem o dinheiro. Mas, sim, o que você faz deles. Existem organizações brilhantes que têm à frente gente da elite, da quebrada, de classe média, negros e brancos. Todos muito diferentes, mas com uma característica comum: são lúcidos.

Eles não se prendem a rótulos e não se limitam ao sofá de casa. Eles compartilham da mesma queixa contra o Brasil, mas enquanto tem gente ocupada apontando o dedo pra panela que você usa ou pra cor vermelha da sua calça, eles estão resgatando, renovando e transformando vidas, cada um à sua maneira. Por incrível que pareça, eles têm famílias, compromissos, pagam contas e recolhem impostos. Só têm menos tempo pra "mimimi".

Outro dia li um livro de um mestre hindu – o qual não lembro o nome – que dizia que: "... a consciência é um sintoma da alma. Então, estar consciente prova que a alma está presente".

E como ter a alma presente e estar consciente? Mais do que impeachment, reforma política, promessa pra Santo Antônio e oferenda pra lemanjá, o que traz consciência é a educação. É aprender a pensar, questionar a si e o outro e conseguir enxergar o mundo com a clareza e a liberdade que só os seus olhos veem. É parar de decorar o que se escuta pra depois registrar na prova, no *Facebook*, na vida. É cocriar o conhecimento se sentindo parte ativa do maior legado que a gente pode construir: sabedoria. É se redescobrir como ser humano, cidadão e responsável por toda ação ou omissão praticada. É reconhecer a existência do outro e tratar a si – e a todos – com dignidade.

Afinal, como já diria o mestre Paulo Freire: "Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor".

Estar consciente é SER em um mundo dividido e preocupado apenas entre TER e NÃO TER.

Hoje, eu quase desisti de um antigo sonho: aquele de virar ministra do desenvolvimento social. Justo eu que sei que política se faz todo dia, por todos e pra todos, que a corrupção persiste nos pequenos atos e que temos que ser a mudança que queremos para o mundo.

Quase desisti por perceber que pra realizar esse sonho a minha consciência não vai me deixar aceitar tudo sem antes me questionar e ficar cega quando meus planos derem errado. Também não vai me deixar fazer alianças por interesses pessoais e me omitir de me posicionar com medo de me excluírem do *Facebook*. Não vai me deixar julgar, menosprezar ou subestimar tudo o que for diferente e estranho a minha opinião e nem me permitir dar passos maiores que a minha perna e que o meu coração.

Aí, me dei conta de que, enquanto deixo o meu sonho na geladeira, sigo na esperança de um país transformado pelo povo, não por partidos. Um Brasil de uma elite pensadora, não econômica. Um Brasil de um povo autocrítico, conhecedor dos seus direitos e elegante nas discussões. Um país de gente rica em consciência e lucidez. Pobre em intolerâncias e incoerências. Um Brasil em que se pode acertar, errar e mudar de opinião. Uma democracia baseada na liberdade, na dignidade, na igualdade e no respeito. Não no medo, na ignorância, na violência e na opressão.

Quando isso acontecer, a gente não vai ter mais torcida de cá, nem torcida de lá. Vamos estar todos no meio, cada um convicto e certo da bandeira que levanta, caminhando no mesmo sentido: pra frente.

Quando isso acontecer, aí sim, eu posso voltar a sonhar o meu sonho com lucidez. E sem medo de que o meu sonho te impeça de sonhar o seu também.

Gabi

Experiência 21 - Israel

Publicado em 11 de abril de 2015



147 - Casa de fardo de palha no Kibbutz Lotan, em Eilat

Sempre quis conhecer Israel porque gosto muito de tudo que é diferente e claro que essa terra tem particularidades muitos fortes, especialmente em relação à religião e seus consequentes desentendimentos.

Nos primeiros dias, tivemos a oportunidade de viver uma parte da cultura dessa região que são os *kibutz*. Eles surgiram no início do século passado, quando a terra ainda era Palestina. O nome *kibutz* se refere a comunidades judaicas agrícolas que vivem coletivamente da produção do solo e assim, compartilham a renda entre as famílias. Também utilizam conceitos como o de responsabilidade mútua e um comprometimento consciente. Pode-se dizer que têm similaridades com o conceito de *ecovilas*, só não sentimos uma espiritualidade muito aguçada. Ali naquela região se formou uma grande concentração de pessoas mais conscientes do poder e limitações da natureza.

Esse estilo de vida cresceu tanto que, hoje, existem mais de duzentos *kibutzim*. Com o passar dos anos, diferentes modelos de comunidades se desenvolveram e tristemente, seguindo a tendência global, muitas delas se renderam ao individualismo e abriram mão de regras como a renda compartilhada...

Estivemos no *Kibbutz Lotan*⁷⁷ em Eilat, no extremo sul de Israel, beirando a fronteira com a Jordânia e o Egito. Além de sentir e aprender inúmeros cuidados com o meio ambiente no dia a dia, fizemos parte de um grupo de jovens num curso de agricultura. Mentes abertas com as quais nos identificamos bastante e trocamos muitas ideias. Tivemos até o privilégio de apresentar, pela primeira vez, os aprendizados do *Think Twice Brasil*, até então. Nos sentimos honrados pelo interesse e a carinhosa atenção que nos deram.

Todos os detalhes do trabalho coletivo e do meio de vida consciente são inspiradores. Desde os dormitórios ecológicos construídos com fardos de palha, ao uso da energia solar e do biogás feito com restos orgânicos. Amo essas invenções que têm o objetivo de preservar o mundo e não desperdiçar nada. Se pensarmos bem, a importância disso é até óbvia, mas pena que ainda não está na moda...

Já admirava esse tipo de construção, mas finalmente aprendi como se faz na prática. O primeiro benefício incontestável é que são quase 100% feitas de materiais renováveis, o principal deles é a palha natural provinda de grãos. Mais incrível é que ainda se consegue a palha por um preço meramente simbólico, até de graça, por não ter utilidade para os agricultores. Infelizmente, eles chegam a queimá-las depois da colheita pela facilidade, mesmo sabendo que afeta negativamente a biodiversidade.

Observação: como ainda não existe demanda, o preço é justo e a natureza agradece, mas assim que o mercado se desenvolver tenho certeza de que os preços subirão, pois a nossa lei econômica manda conseguir ganhar cada vez mais dinheiro sempre que houver uma oportunidade. Não parece um pouco contraditório pensar que à medida que o setor da construção se tornar mais consciente e sustentável, com mais gente construindo dessa forma, vai ficar mais caro e desencorajar pessoas a construírem com visão ecológica?



148 - Estrutura inicial para casa de fardo de palha no Kibbutz Lotan, em Eilat

O segundo principal material é a argila, que misturada com areia e água toma corpo e fica no ponto ideal para proteger o fardo e vedar a casa. Os seguintes materiais mais utilizados são estacas de bambu ou madeira para fixar os fardos e madeira para a estrutura, teto, portas e janela. Quer uma construção mais renovável que essa? Estou sorrindo enquanto escrevo isso!

Já contestando um mito equivocado, ao construir corretamente o fardo não pega fogo de jeito nenhum. Para comprovar isso, vários testes já foram feitos com chamas tocando a parede da casa (de argila) por mais de três horas sem incêndio. Também precisamos apagar qualquer preconceito arquitetônico, porque é possível fazer casas com argila como acontece com qualquer outro material, só depende de criatividade e de tempo.

O benefício natural mais impressionante dessa técnica é que esses materiais em conjunto têm capacidade de isolamento térmico incomparável. Isso significa que a cada 1 grau Celsius de variação na temperatura externa, apenas 0,1 grau é transmitido para dentro do ambiente. Isso foi o que mais instigou a minha admiração por ter sentido esse contraste chocante ao entrar em casas no Quênia e em Omã, que utilizam esse método. Mesmo num dia muito quente, o interior das casas estava bem fresco. Lembrando que isso significa que, além da natureza dos materiais, essa qualidade pode economizar muitíssima energia de arcondicionado, ventilador e aquecedor.

Emocionante, pelo menos pra mim!

Vale outra ressalva à menção de economizar, pois já ouvi muitos comentários absurdos quando o desperdício se trata de energia. Muitas pessoas ainda associam essa economia ao dinheiro que o indivíduo deixaria de gastar na conta, mas, por obséquio, precisamos espalhar que estamos falando de gastar menos inteligência e tempo. Isso porque, para termos energia mais produtiva, barata e acessível para todos, precisamos aperfeiçoar o seu uso também e não apenas sua geração. Basta nos recordarmos dos apagões que já tivemos no Brasil e que ainda existem em muitos países como no Zimbábue, onde só tínhamos energia metade do dia quando estivemos lá.

Se continuarmos no ritmo em que estamos, com o passar dos anos a energia e a água ficarão cada vez mais caras e quem sairá perdendo são os desfavorecidos, obviamente, por terem menos dinheiro. A desigualdade explodiria ainda mais... Mas, por ora, para quem não entende essa problemática, vale mantermos a ideia de que evitar o desperdício significa mais dinheiro no bolso...



149 - Máquina de lavar movida com pedais de bicicleta no Kibbutz Lotan, em Eilat

Voltando aos *kibutzim*, as inovações não param por aí. Eles também usam máquina de lavar movida com pedais de bicicleta, forno que funciona com espelhos para reter ainda mais o calor do sol e a incrível parabólica que concentra toda a luz solar num único ponto gerando a mesma temperatura de uma boca de fogão. Claro que, por ser num deserto com pouquíssima chuva, a eficácia é ainda melhor.



150 – Parabólica que concentra o calor num ponto e funciona como boca do fogão no Kibbutz Lotan, em Eilat

Tivemos muita sorte, pois os poucos dias em que estivemos ali também acompanhamos as aulas do instrutor Chaym Feldman que sabe tudo sobre agroecologia. Um passo a mais para aprender tantas teorias de agricultura orgânica e suas diversas frentes. Foram dois dias intensos de trabalho de campo e muitas anotações. O mais maravilhoso desses aprendizados foi entender ainda mais como a natureza se integra por si

só e que basta confiar nela. O trabalho do homem para gerar mais alimentos para todos apenas requer respeito e compreensão às suas regras.



151 - Alunos do curso de agroecologia na horta no Kibbutz Lotan, em Eilat

Já no eixo entre Tel Aviv e Jerusalém, eu não tinha muita curiosidade em ver os locais históricos, pois tenho minhas dúvidas para acreditar em tudo o que é dito e que geralmente se toma como verdade... De qualquer forma, estivemos em boa parte dos pontos turísticos e foi um baita aprendizado valioso relembrar o que os diferentes livros sagrados contam e o que as religiões pregam. Sigo com imensa dificuldade em aceitar o que permitimos regrar a nossa vida, sem nem mesmo perguntar, saber os porquês e, aí sim, concordar... ou não.



152 - Jerusalém

O primeiro impacto foi que apesar das terras ditas sagradas serem geograficamente dentro do país de maioria judaica, existe um domínio disperso de religiões, com muçulmanos, cristãos e ortodoxos. E também de nacionalidades, como palestinos, armênios, etíopes e russos, entre outros. O mais intrigante é que, em alguns lugares protegidos, qualquer um entra e, em outros, apenas os adeptos de certa religião. A famosa lógica do além...

Resumindo, confesso que foi um pouco confuso entender todos os detalhes do que é hoje e impossível memorizar todos os motivos do passado que justificam as leis do presente. Ficou claro que eu deveria ter feito a catequese de novo antes de ir a Israel...

Independentemente desses fatores, a vida no país é caríssima, como já tinham me dito. O turismo é um setor gigante, o que implica numa certa malandragem tradicional de extorquir o máximo de dinheiro possível dos forasteiros. Não é preconceito, pois, por exemplo, as duas vezes que conferi a conta do almoço encontrei valores a mais. Ao reclamar, o rapaz disse aquele "ah, ok" e deu o dinheiro de volta...

A negociação mais desrespeitosa pela qual já passei em toda a viagem aconteceu lá. Pela soma do desrespeito, à ignorância e à futilidade. No mercado da cidade velha de Jerusalém, em plena barganha o senhor vendedor chegou ao seu preço mínimo e, por algum surto rabugento, começou a dizer que aquilo era de melhor qualidade mesmo e ele vendia naquele valor porque só toma a bebida x e dirige o carro y. Se referindo a uma marca de uísque cara e uma de carro caríssima. E falou sério! Imagina a minha reação? Saímos da loja com uma sensação de desrespeito total, mas foi tudo bem. Preferi nem olhar na cara dele, pois não sei o que faria além de mandar um beijo. Estou chocado até hoje...



153 - Cidade Velha, Jerusalém

Talvez isso seja resultado da conscientização de proteção em alta desde que passaram a ter essa terra em 1948. Vimos jovens do exército armados com metralhadoras em todos os lugares e no sul escutamos caças voando em treinamento todos os dias. Todos são obrigados a fazer o exército aos dezoito anos ou logo após a escola, meninos por três anos e meninas por dois. Naturalmente, não existe aquele esquema de dispensa "festa da uva" que acontece no Brasil. Mas, ali, a aspiração por ser militar é totalmente diferente, tanto é que escutamos mais de um caso de jovens judeus de outras nacionalidades que foram morar em Israel só para se alistarem no exército. Cada um é cada um, eu respeito, mas é fato que essa adoração poderia ser voltada para a paz, em vez de se prepararem para o confronto.

Aprender é uma evolução constante e todos nós temos defeitos, mas parece que o orgulho e o poder continuam nos cegando do instinto do certo ou errado. Com toda a minha positividade, continuarei torcendo pela solução de paz entre os países ali.

Bom, queria muito ter ido para Israel e valeu a pena, do contrário, ficaria na eterna dúvida. Viva as diferenças e não cabe a nós julgá-las. Apenas como medito para amar todos por igual, desejo isso a eles, aos povos em volta da região e aos do mundo todo. A única humilde dica que posso dar é que esqueçam o orgulho, o passado, perdoem a si e aos outros. Só o futuro está por vir e só o amor faz bem. Todos sabemos.

Felipe

Experiência 22 - Libano

Publicado em 15 de abril de 2015



154 - Meninas numa escola em Bekaa

Eu ainda estou em dúvida se passamos pelo Líbano ou se me enganaram e, na verdade, era o Brasil. A identificação foi tanta que fica até difícil explicar.

Pra mim e pro Fê, que nos últimos meses aprendemos ainda mais a valorizar gestos generosos e sorrisos despretensiosos, o Líbano nos deixou a impressão de ser aquele abraço aconchegante, que acolhe e acalma o coração, sabe?

Graças à nossa amiga querida, Silvia Prada, tivemos o privilégio de conhecer a sua tia, Helen, uma brasileira que vive em Beirute há mais de quatorze anos e, logo de cara, aceitou cuidar de mais dois sobrinhos pelos próximos dias.



155 - Escola da Dreams of a Refugee Association em Shatila, bairro de refugiados palestinos em Beirute

O Líbano chama a atenção pelo charme das paisagens, pela **gentileza** das pessoas e por carregar marcas profundas deixadas por conflitos armados. Pra se ter ideia dessa realidade, atualmente, o país abriga quase dois milhões de refugiados, entre sírios e palestinos, além de ainda apresentar uma aparente **desigualdade social** entre os próprios libaneses.

Com a ajuda de Helen, pudemos vivenciar o país e descobrir histórias de fé, esperança e dedicação.

A primeira delas foi em um bairro pobre de Beirute, onde a irmã Aida, uma freira da Igreja Católica, está à frente do *Centre Social Des Soeurs du Bon Pasteur* (centro social de irmãs do bom pastor), que oferece aulas extracurriculares para mais de 120 crianças, incluindo libaneses e refugiados da Síria e do Iraque. A Helen contribui com arrecadações e doações que ajudam a manter a iniciativa.

A irmã Aida nos recebeu com um ar sereno que só se encontra em seres mais evoluídos e nos fez entender o sentido literal da palavra **compaixão**. Ela, católica, dedica-se integralmente a educar crianças sírias, cuja maioria é muçulmana.

Não tem nada mais humilde que reconhecer a existência do outro, respeitá-la e trabalhar pela dignidade de quem não tem absolutamente nada material para oferecer em troca. Eu gosto muito de uma frase, de autoria desconhecida, que diz: "O seu caráter se mede pela forma como você trata aqueles que não te trazem nenhum beneficio".

A irmã Aida, mais do que isso, nos mostrou que a prática da religião, seja ela qual for, quando nos faz instrumentos semeadores de paz, amor, **generosidade** e simplicidade, é a verdadeira manifestação de Deus por meio de nós. Qualquer coisa que fuja disso e nos faça apoiar atos discriminatórios, preconceituosos e intolerantes não é religião, mas, sim, a manifestação do ego e da vaidade. Quem compreende genuinamente o sentido de Deus, só trabalha pela valiosa dignidade que é poder ser quem você é, permitindo que o outro seja ele também.

Mas essa lição foi só o aquecimento para nos prepararmos pra tantas outras que vieram em seguida.



156 - Rua de Shatila, bairro de refugiados palestinos em Beirute

No dia seguinte, visitamos um bairro de refugiados palestinos, Shatila, que fica em Beirute. O campo surgiu logo após o início da guerra de 1948 (quando Israel se apropriou de terras palestinas) e hoje é um bairro da cidade. São cerca de trinta mil palestinos vivendo lá com escassez de recursos, falta de oportunidades de trabalho e estudo e cultivando a esperança de um dia voltarem pra casa.

Conhecemos o projeto *Dreams of a Refugee Association*⁷⁸ criado por cinco jovens palestinos, que nasceram no campo e perceberam que podiam fazer muito mais pelo seu povo. Com a ajuda da própria comunidade e de doações vindas de fora, Tarek e os amigos fundaram um jardim de infância que hoje acolhe mais de 230 crianças, inclusive sírias, que vieram com suas famílias depois do início da guerra em 2011. Assim como a Irmã Aida, Tarek reforça que "fazer o bem, sem olhar a quem" é a única forma de prosperar. Hoje, graças a essa iniciativa, crianças sírias e palestinas estudam e convivem em harmonia.



157 - Professoras da Dreams of a Refugee Association e Gabi (sem hijab) em Shatila, bairro de refugiados palestinos em Beirute

Foi ele também o responsável por um dos relatos mais emocionantes que ouvi até hoje, ao nos contar uma história que me enche os olhos de lágrimas toda vez que eu me lembro dela.

Quando falava sobre todas as atividades de sucesso do projeto, ele disse que, além de tudo, ainda haviam montado a maior chave do mundo. Eu me perguntei: "A maior chave do mundo, como assim?".

Ele seguiu explicando que, quando começou a guerra em 1948, ao povo palestino não sobrou outra opção que não fosse sair de suas casas e esperar os ânimos se acalmarem. Era uma questão de vida ou morte.

Foi quando milhares de palestinos, incluindo o avô de Tarek, trancaram suas casas e fugiram ao lado das famílias com a roupa do corpo. Eles esperavam que aquilo acabasse logo e guardaram as chaves de casa para a hora certa de voltar.

Hoje, 2015, a hora certa ainda não chegou e em homenagem ao milhões de palestinos obrigados a reconstruírem suas vidas na esperança de um dia recuperá-las de volta, foi montada uma chave gigante a partir das antigas chaves das casas, que continuam guardadas esperando o momento de abrir a porta para um futuro diferente.

Esse relato emocionado do Tarek se tornou, pra mim, a forma mais pura e verdadeira de definir um refugiado: luta e esperança. É esse mesmo relato que me faz refletir sobre o que leva chefes de Estado a se colocarem contra a vida de milhares de pessoas com o intuito, único e exclusivo, de manter e aumentar o seu poder. Gente, nossa casa é o nosso mundo... Parece utópico, mas se cada um parasse pra pensar nisso, teríamos uma chance considerável de encarar a segregação social, racial, religiosa e territorial de outra perspectiva: mais humana e espiritual.

Mas quando a gente ameaça se desanimar com a crueldade do ser humano, conhecemos mais projetos e mais pessoas que nos lembram que a nossa essência é amor, mesmo que alguns não tenham praticado com muito entusiasmo ainda.



158 - Felipe (à esquerda) e Tarek Thman da Dreams of a Refugee Association em Shatila, bairro de refugiados palestinos em Beirute

Foi nessa onda que conhecemos a querida Nimat Bizri, uma senhora cheia de energia e que representa com graça e leveza a força da mulher.

Há tempos Nimat se envolve com projetos sociais, mas foi a três anos que ela deu início ao seu maior legado. Sensibilizada pela situação de milhares de crianças sírias que não param de chegar ao país, ela articulou com a prefeitura da cidade de Bekaa a utilização de escolas públicas para atender a essas crianças.

Durante a manhã, os espaços recebem alunos libaneses e à tarde chegam os sírios, cujos custos como salário dos professores, roupa e material escolar são integralmente patrocinados por Nimat, através das doações que arrecada. O valor total anual para manter uma escola — atualmente são três — é de 150 mil dólares. São quase dois mil alunos, de 7 a 18 anos, beneficiados com essa iniciativa, que não precisam pagar absolutamente nada para frequentar a escola, receber mochilas com livros, cadernos, canetas, roupas e sapatos.

Na companhia de Nimat e Helen, visitamos as três escolas, assistimos a um ensaio do coral, interrompemos as aulas de História e brincamos de ciranda no recreio.

Mas, como toda mulher inspiradora, Nimat virou bicho quando viu uma das meninas fora da aula, coletando o lixo do pátio, e suspeitou que a mãe dela, funcionária da escola, tenha instigado a filha a fazer uns "bicos" para complementar a renda da família. Nimat ficou vermelha e, com a voz embargada, disparou a falar com firmeza alguma coisa em árabe para a suposta mãe negligente. Eu não entendi nada, mas pude sentir a vibração e a indignação de uma mulher que, assim como eu e tantas outras pelo mundo, acredita que a educação é a única saída para um futuro longe da pobreza.

Voltamos dessa experiência impressionados com a energia e a disposição de pessoas como Nimat, irmã Aida, Tarek e Helen, que se dedicam verdadeiramente a soprar novos ventos na vida de quem vive sem muitas expectativas. Cada um à sua maneira.



159 - Helen Edde (primeira à esquerda), Nimat Bizri (primeira à direita), funcionários e alunas numa escola em Bekaa

O Líbano, através de cada uma dessas diferentes pessoas, nos revelou o verdadeiro sentido de SERVIR.

E em um país cheio de contrastes, misturas e desigualdades, são as pessoas comuns que, contrariando a rigidez e a insensibilidade de quem só busca o poder, colocam-se a serviço de quem delas precisam, com a humildade e a **generosidade** necessárias para levar um sopro de dignidade a quem não restou nada além de esperança.

Saímos do Líbano com a sensação de que sempre podemos fazer mais e, inspirados por eles, concluímos que servir ao próximo é a melhor e mais simples maneira de descobrir o melhor de nós. E o nosso melhor é a chave pra abrir a porta de muita gente, inclusive a nossa.

Gabi

Experiência 23 - Jordânia e o Oriente Médio

Publicado em 22 de abril de 2015



160 - Gabi com meninas em Jabal Al-Hussein, bairro de refugiados em Amã

O último país que conhecemos no Oriente Médio foi a Jordânia e, ao partirmos para a Ásia, quis resumir na cabeça quais foram os grandes aprendizados nessa região.

Difícil tarefa e queria muito conseguir decodificar tantas anotações no meu "celular das antigas", inseparável nesta viagem: meu caderninho de "estimação" de bolso.

Bom, a Jordânia tem um estimado monarca que, diferente das outras duas monarquias que conhecemos – Omã e Suazilândia – não tem poder absoluto, mas ainda pode mandar muito. Sinto como se o tivesse conhecido pessoalmente de tantas vezes que tive que olhar pra sua foto em quadros espalhados por todos os lugares por onde passamos. Fica quase naturalmente obrigatório ir com a cara do excelentíssimo Abdullah II.

Então, depois de passarmos pela terceira monarquia, quero começar pela minha breve opinião sobre esse sistema de governo, agora que a civilização moderna já tem alguns milênios de história registrada. Primeiro, me veio uma questão antiga, algo que sempre me perguntei e para o qual nunca encontrei resposta: como surgiu o primeiro rei da História do mundo? Minha hipótese é que foi numa partida de bolinha de gude (pedrinhas redondas na época) em que o perdedor foi morto e o ganhador foi consagrado. Ou alguém que conseguiu convencer a sua própria tribo, por lavagem cerebral, que era um enviado do divino com o dever de comandar a todos.

Em outras palavras, o motivo do surgimento da primeira família real, deve ser algo tão absurdo quanto estas hipóteses. Claro que, com a evolução, critérios como força física e capacidade intelectual entraram na disputa, mas demorou. Assim, a questão seguinte é simples: porque, milênios depois, nós, os únicos seres racionais, ainda permitimos que um pequeno grupo de pessoas seja considerado superior aos demais bilhões e tenha inúmeros privilégios? Com todo o respeito, eu acredito profundamente ser, esta, apenas mais uma evidência da nossa zona de conforto em aceitar o senso comum sem nunca querer saber por quê. Covardes, somos assim e temos que aceitar.

Não importa sua opinião sobre carma, espírito eterno e vida após a morte, o fato é que um bebê que nasce hoje em uma família sem acesso à educação e à saúde, que vive no limite da sobrevivência, tem muitíssimo menos chances de ter uma vida digna. Ao passo que um bebê que nasce numa família real terá uma vida exagerada e descabidamente luxuosa e confortável por merecimento nenhum. É uma injustiça "divina" aceita por nós, um futuro duvidoso VS um futuro automaticamente glorioso. Não é nem uma questão de mérito, é uma espécie de nepotismo oficial já que o filho do rei, o príncipe, tem sua ascensão social garantida, independente de suas aptidões.



161 - Jabal Al-Hussein, bairro de refugiados em Amã

Isso não significa que precisamos de um golpe de estado ou de um conflito armado para deportar todos os reis e rainhas e pronto, resolvido! Só precisamos iniciar uma transição para acabar com isso. Mas, e se todos parássemos de apoiar e aceitar essa situação? Como, por exemplo, parar de achar incrível compartilhar notícias dos netos da rainha ou ir às ruas idolatrar e comemorar seu aniversário... Estes são apenas exemplos que podem começar a demonstrar que estamos em novos tempos. A igualdade social que todos dizem achar linda requer ação e por que não começar por estas? Fora comodismo!

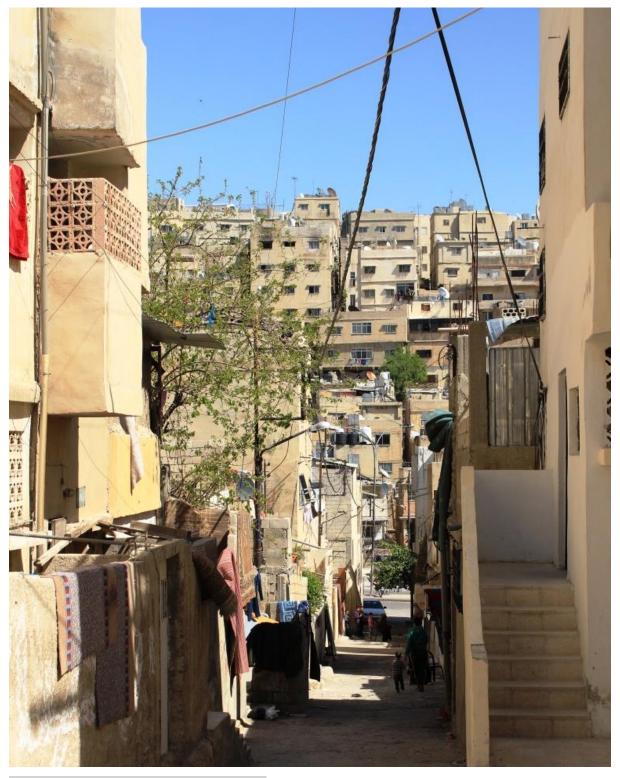
A desigualdade começa aí e não estamos falando de poucas monarquias. Existem as Absolutas onde o monarca tem total poder, as Constitucionais em que o soberano tem alguns poderes e as Parlamentaristas quando a realeza é apenas decorativa. São mais de quarenta, hoje, de todos os tipos! Mas por que tanta injustiça se estamos falando da realeza, poxa? Acho que justifica apenas lembrar o valor do salário mínimo de cada país e o custo para manter essas entidades extraordinárias vivas? Aviões, palácios, seguranças e empregados...

Para ajudar, como referência, em 2013, uma realeza europeia teve mais de 460 empregados e gastou 6.5 milhões de reais só em comida e bebida, segundo o jornal britânico *The Guardian*⁷⁹. – Menciono esta fonte por ter mais informações abertas publicamente. – Assim, já dá pra mensurar a injustiça a que me refiro.

Sou muito cauteloso pra não fazer qualquer acusação indevida, mas hoje não se fala de progressos ocorridos como resultado do trabalho da realeza. Se você sabe de algo concreto, por **gentileza**, compartilhe.

Aí está mais uma evidência de que o poder corrompe. Outro dia, escutei uma frase que dizia algo mais ou menos assim: "para conhecer o verdadeiro Eu de alguém dê o poder em suas mãos e então saberá". Faz sentido. De forma alguma estou julgando a índole das famílias reais, mas é absolutamente incorreto mantê-las hoje, se há no mundo uma vergonhosa miséria, injustiças e falta de oportunidades iguais para todos. Certamente, os milhões gastos para manter essas famílias poderiam ajudar a resolver para das questões.

Então, que tal pensar numa situação em que a majestade, a partir de amanhã, ficaria com tudo o que tem e deixaria de usar o dinheiro público. Que essa verba seria utilizada para fazer escolas e acabar com a fome? Parece utópico demais para nossas ambições de hoje.



162 - Jabal Al-Hussein, bairro de refugiados em Amã

Bom, se eu desaparecer depois deste texto publicado, foi algum príncipe do exército que sumiu comigo... Sei que tem um por aí, pois ouvi notícias a esse respeito diversas vezes, nos últimos dias, e ainda com um tom de que se tratava de "um exemplo admirável".

Pronto, ponto feito! Monarquias, em 2015, só nos contos de fada!

Voltando aos aprendizados obtidos nesta região, também conhecemos um campo de refugiados palestinos em Amã. A imagem que eu tinha de um campo de refugiados não condiz com todos que existem, pois não são feitos necessariamente de tendas de lona num campo aberto. Isso depende do tempo em que foram estabelecidos e de que forma se desenvolveram. O campo de Jabal Al-Hussein, que visitamos, existe desde 1948, quando Israel tomou "umas terras a mais" dos palestinos. Ele lembra os bairros menos

desenvolvidos de São Paulo, com muita sujeira espalhada, fios pendurados e obras inacabadas, mas ainda assim não é como as nossas favelas.

Como não conseguimos nenhum contato prévio por lá, tivemos que ir até lá com a cara e a coragem para conhecer. Tentamos por meio do escritório da *ONU* para refugiados no local e nada. Por intermédio de uma escola pública e nada. Até que, ao caminharmos pelo bairro, a Gabi fez amizade com meninas que deviam ter uns doze anos. Elas voltavam da escola e as acompanhamos até suas casas. Uma delas, ao chegar em casa, chamou sua mãe que, prontamente, convidou a Gabi para entrar. Eu tive que ficar fora porque, naquele momento, não havia nenhum homem presente na casa. Só ele é que poderia me convidar. A Gabi contou depois que a mulher a levou para um breve tour interno, mas que não deu pra entender as explicações por que elas não falavam inglês. Apesar de ser uma casa bem simples, a Gabi notou que, num dos quartos havia uma grande televisão de tela plana e que meninas dormiam separadas de meninos. Tristemente, no final da visita, aconteceu algo frequente em nossas andanças: a mãe nos pediu dinheiro. Demos apenas a nossa fitinha e fomos embora agradecendo muito!

Continuando a peregrinação, encontramos outras mulheres e meninas conversando e brincando com uns pintinhos na rua. Uma menina de cerca de dezoito anos nos convidou para entrar em sua casa. Ela falava um pouco mais de inglês do que as demais. Na casa, havia seis meninas e a mãe, todas rindo e muito simpáticas. Desta vez eu pude entrar porque a mãe era mais despojada. Em questão de minutos, sério, estávamos sentados na sala tomando café e comendo chocolate. — Vale ressaltar que este convite com a generosa hospitalidade foi feito a estranhos andando pela rua sem nem mesmo nos entendermos totalmente. — A casa era extremamente simples, mas agradável.

Durante a conversa de difícil entendimento, a garota mais faladora saca o álbum de seu casamento e começa a mostrá-lo. Como, nas fotos, ela não estava usando um traje cobrindo o corpo todo, eu não poderia ver. Só olhei uma vez sem saber e ela riu, sem graça. Nossa comunicação não foi clara, mas foi um momento maravilhoso e ainda mais incrível porque, desta vez, ninguém nos pediu dinheiro. Só trocamos e-mail e um grande abraço. Perfeito para tirar qualquer percepção generalizada que pudéssemos ter a partir de um comportamento oportunista. Tem prova mais pura de **generosidade** e carinho?

Fora isso, o povo da Jordânia é bastante educado. Muitos fumam e as construções são pintadas em tom de bege, meio entediante. Diferente do sultanato impecável de Omã, o país não é muito bem cuidado e a buzina é mais usada que o acelerador do carro.



163 - Amã

Saindo do Oriente Médio, no avião, enquanto escrevia este texto, uma situação me impactou. Com as luzes apagadas vi que, ao lado da Gabi, estava uma menina muçulmana com apenas os olhos descobertos. Na escuridão, ela estava quase invisível em sua roupa preta, mas sua linda filha recém-nascida sorria em seu colo. Eu as notei graças ao reflexo do filme que ela assistia sobre mulheres indianas que usavam poucas roupas e dançavam com rapazes. Contraste total! Senti que ela era muito jovem pelo seu olhar, o tamanho das mãos e a voz.

Lembrei de todas as mulheres que vi vestidas assim, em restaurantes, com aquele pano preto atrapalhando a comida que era levada à boca e no calor insuportável de Petra onde senhoras caminhavam com as mãos cobertas e uma redinha cobrindo até os olhos. Imagina o calor? Me dava uma angústia gigante por sentir que aquilo não podia ser humano e era tão sem sentido, independente de sexo, idade, país ou religião.



164 - Rua no centro de Amã

Naquele momento, no voo, acho que fiquei paralisado olhando pra ela por um minuto – disfarçando pra não parecer um maníaco –, com um turbilhão de pensamentos que diziam: por que, por que, por quê?

Por que será que temos que ser tão diferentes, condicionar o nosso convívio social a tantas regras que nos obrigam a honrar costumes sem nem nos permitirem compreendê-los? Por que outros decidem por nós? Não existe livre arbítrio religioso. Somos absolutamente coagidos a seguir o meio onde nascemos.

O que mais me incomoda é que não é possível questionar o que está escrito em livros sagrados, cuja linguagem pode resultar em diferentes interpretações e que, obviamente, não acompanharam a evolução dos tempos, os novos formatos das sociedades e os novos tipos de relacionamento.

Parece que é preciso um milagre divino para que as pessoas, principalmente as mais vividas, se permitam repensar e ver novos horizontes. Não sei como, mas precisamos implorar para abrirem a mente e mostrar que algumas regras não fazem sentido. Regulamentos que ditam uma vida inteira nos privam de realizar muitos sonhos, pequenos e grandes, além de encontrar o nosso **propósito**.

Não estou problematizando religiões e crenças, de forma alguma. Respeito absolutamente cada um com suas convicções. Apenas argumento a forma como nos rendemos a elas e nos cegamos. O mais triste é que, nas famílias ultraconservadoras, não existe abertura nenhuma para a evolução, parece que estão passando pela vida pra seguir um livro e pronto. E o livre arbítrio? Ah, só se a regra permitir.

Essa crítica não é a respeito do Islamismo em si, até porque tivemos experiências maravilhosas com pessoas amorosas nos países que o seguem, mas é a respeito da forma como a religião está em nossas vidas. Estou usando exemplos e situações da religião de lugares por onde passei nos últimos meses, mas sabemos que existem casos tão graves como esses em qualquer região deste continente. Como a homofobia praticada por vertentes do Cristianismo e a resistência em reconhecer a importância do uso de preservativos.

Algo contraditório nisso tudo, é que nos rendemos às inovações que não estavam mencionadas quando as religiões foram criadas. Talvez apenas porque nos deem conforto e facilidades, sem nos importarmos com suas consequências. É aquela história: se um grupo de pessoas diz que é bom, ok, pode fazer. Como, por exemplo, por que nos permitimos dirigir carros que fazem mal à saúde e usam um recurso natural tóxico que vai acabar em breve? Por que podemos produzir e comer alimentos com agrotóxicos nocivos ao corpo? Por que queremos fumar se corrói o pulmão? Por que buscamos ganhar mais dinheiro e ignorar quem não tem nenhum?

Esses hábitos vão contra regras de qualquer religião como respeitar e amar o próximo. Não é que esteja tudo errado, mas nos acostumamos tanto a fazer coisas absurdamente incorretas, que parar pra mudar esses costumes parece dar muito trabalho.

Isso é tão grave, que existem países em que, hoje, ainda é permitido por lei o estupro matrimonial. O que significa que o marido, resguardado pela lei, pode forçar a esposa a fazer sexo, mesmo que ela não queira. Uma ignorância egoísta, sexista e covarde.



165 - Loja de roupas femininas no centro de Amã

É, são muitos pensamentos e talvez meu lado questionador seja até incisivo demais, mas me parece que precisamos mudar muita coisa, ainda. Precisamos sair do comodismo de aceitar o que todo mundo está fazendo como sendo o melhor e nos permitir nos escutar. Permitir a adoção de novas ideias, respeitando a opinião dos outros e lembrando que mudanças sempre acontecerão. Me dói muito saber que milhares de pessoas criadas com base nesses costumes estão de mãos atadas, pois o espírito de renovação pode ter um sério castigo e até a morte. De novo, por estar contrariando o que alguém disse há milhares de anos e que todos, ali, têm que seguir.

Acho que precisamos abrir o coração, estar dispostos a remodelar regras do nosso convívio pelo bem de todos e milagrosamente aceitar que a transformação trará outro ar para o dia a dia. Pessoas mais realizadas e cientes dos seus **direitos humanos** (não os direitos da constituição blábláblá) e dos outros podem florir mais e melhorar a alegria de todos ao seu redor. Esse é um princípio no qual acredito profundamente como solução para o mundo, por meio do qual seja possível cada um se dedicar à sociedade de acordo com o seu **propósito** e suas habilidades. A forma como desenvolvemos a sociedade atual acabou aniquilando essa busca vital.

Por favor, se a sua busca na religião é o sentido para a vida, se estamos em constante evolução, as suas respostas não estarão a milhares de anos atrás. Se conheça mais!

Parece teórico demais, mas pra quem acredita que existe uma força superior no universo, seja lá qual for, faz total sentido acreditar que existe uma harmonia prevista dentro de nós. Como uma única religião. Nossa consciência se perdeu, se deixou poluir pelas tentações e se entregou aos frutos maléficos da nossa criatividade individual. Continuamos girando no ciclo de ter e nos distanciando do ser, mas mantenho a minha esperança de que o ponto de mutação para o bem já chegou para uns e está chegando para todos.

Paremos, pensemos e oremos!

Felipe



Experiência 24 - Sri Lanka

Publicado em 30 de abril de 2015



167 - Mulheres no Tooth Relic Temple em Kandy

Agora estamos, finalmente, na Ásia e começamos por um país de maioria budista, o Sri Lanka. Relembrei todos os princípios que aprendi num retiro no Nepal e que me fizeram ver o budismo como a religião que mais preza pelo bem comum. Essas memórias vieram ao andar pelas ruas e ver como as pessoas sorriem mais pra você do que nos outros países que visitamos até agora. É uma personalidade cultural, assim como senti no Nepal e na Tailândia, também de maioria budista. Pode não ser apenas em razão da religião, mas acredito ser a maior influência.

Calma que não estou menosprezando nem reclamando de maus tratos nos outros países, mas pensando em civilidade, seja em qualquer ponto do planeta, você acha mais prazeroso viver em meio a sorrisos ou a caras sérias?

Sri Lanka é uma pequena ilha logo ao sul da Índia e as pessoas se parecem, fisicamente, com os vizinhos. Para os distantes brasileiros é difícil diferenciá-los, mas entre eles não, claro. O país esteve envolvido num triste conflito étnico por vinte e seis anos e que chegou ao fim somente em 2009, com a vitória dos militares contra os rebeldes Tâmiles. O importante é que, hoje, a paz reina e não sentimos hostilidade nenhuma, pelo contrário, só muito amor.

Um dos ensinamentos do budismo de que mais gosto é a questão da pura motivação. Se sua ação, seja ela qual for, for movida por um motivo do bem, você só atrairá energias boas. Isso vale muito para refletir por um segundo à beira de uma decisão. O que vale, inclusive, para a mentira. Eis um exemplo interessante: falar para um ladrão que você não tem dinheiro enquanto ele tenta te roubar, parece um pouco justo, não? Aí também entra aquele instinto humano do certo ou errado. Parece sobrenatural e, salvo exceções, na grande maioria das vezes o certo é obviamente claro, mas as poluições mentais interferem na decisão, como o egoísmo, a pressa, a vergonha, a ganância etc.

Muitos dos valores que são elementares como respeito e honestidade não conversam com a sociedade de hoje por muitos motivos, mas o principal deles é o medo. Medo de ficar sem dinheiro, de não ter onde morar, de passar fome e de perder os amigos. Esses medos, por mais compreensíveis que possam parecer, dominam as nossas decisões e confundem as nossas prioridades de escolha entre todos os demais valores.

Entre muitos, para mim um princípio fundamental é saber dar valor, apreciar e agradecer o que somos e ao que temos acesso. Esse, na verdade, é o tema deste texto. Comecei a escrevê-lo sentado num ônibus a caminho do interior do Sri Lanka, e mesmo esmagado entre dois seres (um era a Gabi, ufa!), melados por aquele calor que ferve a alma, sem ar condicionado, estava em paz e agradecido.

Pensei que eu talvez tenha ficado louco de vez, mas acho que consigo me explicar.



168 - Rua de Colombo

Primeiro, que apesar das dificuldades estou aqui porque quero e isso eu decidi de livre e espontânea vontade. Quanto mais pudermos nos colocar na pele do outro, mais podemos aprender e, assim, acredito piamente nessa motivação pura. Outra relatividade importante é que, nessa mesma situação descrita, há umas vinte pessoas em pé. Então, imagine aquele ônibus circular lotado de São Paulo andando por cinco horas sem parar numa serra cheia de curvas. Sério. Então, estou sim agradecido por estar sentado a viagem toda.



169 - Ônibus de Colombo para Dambulla

Outra razão da minha gratidão é que não tenho ideia do motivo pelo qual essas pessoas estão viajando, para onde estão indo e para fazer o que. Mas só pelo fato de pensar que poderei chegar ao albergue, tomar um banho morno, sentar à mesa e pedir o que eu quiser comer com o ar condicionado funcionando me faz sentir imensamente grato.

Convenci? O ponto não é que todos temos que sofrer para aprender isso, mas compartilhar como situações relativamente simples podem significar muito num dia comum. Ponto concluído.

No Sri Lanka, tentamos ser voluntários numa organização com um foco diferente: os animais. E, juro, nada mais divertido que os delicados elefantes! Ao entrarmos em contato com a organização ficamos chocados com um detalhe: cuidar deles e ficar acomodado numa casa na floresta custaria 220 dólares por dia por casal. Não pagamos nem metade disso numa hospedagem até agora e ficamos intrigados. Como erros acontecem, tentamos esclarecer com a pessoa responsável se havia algum mal entendido, mas ele gentilmente nos explicou que era isso mesmo e que essa arrecadação imposta aos voluntários é responsável pela maior parte da sustentabilidade financeira da organização.

Conversei com a Gabi sobre essa situação uns dias para relembrar essa moderna visão de "turismo voluntário *premium* internacional" que surgiu há alguns anos. Até pesquisamos umas opções quando começamos a planejar a viagem e claro que as abortamos.

Isso não desonra a idoneidade das organizações e a missão que elas cumprem, porém, o formato sem fins lucrativos e o conceito de voluntariado ficam bem perdidos, na minha opinião.

Primeiro, qualquer organização social que tenha a finalidade de realizar um trabalho que a sociedade não consegue fazer, por incapacidade do governo ou cumplicidade dos cidadãos, tem por definição que lutar contra a "desigualdade de amor". Não necessariamente a **desigualdade social** nem a financeira, é mais uma desarmonia de atenção e carinho que pessoas, animais e natureza sofrem por termos nos esquecido do que realmente importa durante a evolução. Pensei bastante em como explicaria este meu ponto de vista sem ser mal compreendido, e espero conseguir.

Dentro da questão da igualdade, exigir que uma pessoa pague um valor altíssimo para trabalhar de graça, além de contraditório é seletivo, pois significa que só aceita a mão na massa de quem tem dinheiro suficiente para pagar o valor. Lembrando que o país em questão é o Sri Lanka, onde o custo de vida é um dos mais baixos do mundo.

A parte mais inconsistente é que voluntariado, entre várias definições, significa trabalhar espontaneamente sem obrigação nem retorno esperado, por livre arbítrio. Assim, exigir além dessa divina vontade própria, uma contribuição financeira alta me parece bastante estranho.



170 - Golden Cave Temple em Dambulla

Tudo bem que, pelo ponto de vista do aprendizado e dos momentos lindos com os elefantes, pode ser justo cobrar um valor. Mas que seja justo, realmente! Até porque não deve ser um trabalho fácil e tudo tem um preço hoje. Mas, para manter a forma atual do projeto pelo menos o nome deveria ser justo, como "turismo de luxo com experiências animais". A ideia não é tirar sarro. Falei isso para o responsável e contei que nós, potenciais voluntários, não participaríamos do projeto por discordar do formato, lembrando que existem inúmeras formas de arrecadação e a criatividade humana é ilimitada.

Como prova de que isso se tornou uma oportunidade de mercado, uma das justificativas foi que eles estabeleceram um preço baixo comparado a projetos na Tailândia. Ou seja, existe até uma estratégia de preço em relação à concorrência global no setor de "turismo voluntário *premium* internacional". De novo, não estou duvidando da boa vontade, mas eu não concordo.

Meu último argumento é que, se essa é uma forma de buscar fundear valores de voluntários abastados dispostos a doar mais, ok! Até pode ser um meio inteligente para redistribuir renda. Porém, temo que isso vire um posicionamento de preço e de marca que os leve aos vícios maléficos do capitalismo, como querer criar meios de convencer pessoas de que aquele serviço é o melhor. O famoso marketing, sabe? No episódio em questão, não houve flexibilidade nenhuma por parte deles. Nem mesmo quando contamos sobre o *Think Twice Brasil* e nossa intenção de divulgar o trabalho realizado pela organização. Ainda mais porque estávamos dispostos a ir no dia seguinte, quando a probabilidade de outro voluntário pagador aparecer era zero.

Ficamos constrangidos e desapontados depois de anos aprendendo sobre voluntariado e meses vivendo intensamente esse meio de vida.

É uma pena, mas a visão de economia de mercado livre e o oportunismo estão contaminando até as organizações do bem, então precisamos, sim, respirar e tomar cuidado com nós mesmos e com o que passa por nossa cabeça sem notarmos.

Amei reviver o budismo e conhecer uma nova cultura, agora em paz. Tentei calcular em quanto tempo essa mesma paz pode valer pra todos os países. Aí lembrei que, enquanto não largarmos o orgulho, a honra e a ignorância intencional, não vai rolar... Vamos tentando e que venha a divina consciência antes que acabe o tempo de reconstruir. Vai que dá!

Felipe

Reflexão 10 - Sobre a prequiça de viver na Terra

Publicado em 11 de maio de 2015



171 - Entrada do templo Tushita em Dharamsala, na Índia

Este é um desabafo de um ser humano que habita a Terra.

Antes de tudo, acho prudente definir "ser humano" para os fins deste relato. Ser humano é mais uma das incontáveis espécies de seres vivos, mas é considerada a única capaz de exercer o raciocínio. Não somos – ou não deveríamos ser – movidos pelo puro instinto que rege o restante do reino animal. O ser humano aparentemente foi abençoado com o poder da consciência, do questionamento e da livre escolha.

Existem boatos de que há centenas de milhares de anos atrás, o ser humano reconhecia a convivência coletiva e solidária como um dom precioso, digno de proteção e respeito. Os membros mais jovens dos grupos sociais, que costumavam dispor de mais saúde e vantagens físicas, tomavam para si a responsabilidade de sair à caça e abastecer todo o vilarejo. Enquanto isso, os outros membros do vilarejo se dividiam nas demais tarefas. Esse mecanismo poupava os mais velhos e as crianças de se exporem a condições extremas.

Funcionou assim por um bom tempo e todos contribuíam de alguma forma. Os mais velhos compartilhavam a sabedoria de vida, as crianças cresciam aprendendo e ensinando com leveza e ingenuidade e os jovens assumiam as obrigações sociais para suprir a grande família com alimentos e segurança.

Acontece que, em algum momento desse processo, ocorreu uma falha... Um dos jovens seres humanos não foi capaz de compreender o que seria exatamente ser consciente — em todos os sentidos — e resolveu mudar as regras. Ele se perguntou o porquê de ter que sair à caça, enquanto os demais só esperavam pela comida e achou prudente sugerir aos companheiros de trabalho que parassem de distribuir, entre todos, os alimentos que eram caçados/colhidos.

Sem se questionar sobre o que isso poderia causar, a sugestão foi aceita e a sociedade, que antes vivia em harmonia e prosperidade, se viu obrigada a lutar pela sobrevivência. Pessoas começaram a morrer de fome, enquanto os jovens inovadores acumulavam montanhas de comida em suas cabanas, que apodreciam antes mesmo de serem consumidas. Ninguém parecia se importar muito com esses novos problemas, afinal, a partir dali era cada um lutando pelos seus próprios interesses.

Daquele momento em diante, o ser humano sofreu uma forte mutação e se esqueceu da sua essência social e moral. O que sobrou foi o "Eu" e tudo aquilo que se concentra no nosso umbigo. Novas regras e conceitos foram criados para regular essa nova realidade e, aparentemente, impedir que sejamos capazes de lutar por algo que vá além da nossa própria sobrevivência.

Aqueles jovens entenderam tudo errado e criaram um precedente que passou a ser replicado pelo mundo e, hoje, é a premissa de atuação de grande parte das empresas e instituições que controlam a nossa vida por meio de pessoas que não têm consciência de que podem fazer diferente.

Mas eu me considero um ser humano à antiga, daqueles que preferem compartilhar a caça em vez de guardá-la no congelador, embora isso tenha se mostrado um desafio diário e nem sempre prazeroso.

Isso porque o mundo, agora, parece ter sido adaptado aos sistemas, aos processos, às atendentes eletrônicas e às mensagens de texto informativas. Não há nada que o ser humano possa fazer, se o "sistema" não autorizar. Viramos reféns da ganância daqueles jovens que, ao deixarem de se importar com a sociedade em que viviam, instigaram a criação de mecanismos que priorizam o interesse individual de poucos em detrimento da vida, das emoções e da dignidade de muitos.

Se pararmos bem pra pensar, os nossos dias são marcados por combates entre nós e o bendito sistema... O mesmo que debitou duas vezes uma despesa no seu cartão, que não permite o cancelamento da sua linha telefônica ou do seu plano de TV a cabo e o mesmo sistema que nega internações e cirurgias médicas urgentes enquanto seu seguro de saúde não autoriza.

O tal sistema é tão abstrato que nos deixa sem saber pra onde ir ou a quem recorrer. Gente, chama o chefe do sistema que eu quero resolver com ele! Nessas situações a resposta costuma ser: "Senhora, lamento, mas essa informação não consta no sistema". Aí você desiste, fica com vontade de chorar e é imediatamente tomado pela preguiça de viver no planeta Terra.

Este desabafo é exatamente sobre isso. Sobre a preguiça que eu, ser humano, sinto em ser habitante da Terra.

Tem gente que acha que viajar como estamos fazendo é o resumo da vida perfeita, mas a verdade é que, por trás de todo o nosso otimismo e empenho presentes em quase 90% do tempo, às vezes somos rendidos ao desânimo e à tristeza de questionar se o mundo tem mesmo solução.

Escrevo isso às 4 da manhã do aeroporto de Daca, em Bangladesh, minha segunda noite consecutiva dormida em um aeroporto (ontem foi em Délhi), depois de ter nossa entrada negada pela imigração, pois os seres humanos com quem cruzamos pelo caminho se recusam a nos tratar como tais e preferem ignorar nossa presença e a nossa justificativa para querer entrar no país deles. Apresentamos gentilmente todos os documentos solicitados, cartas-convite, confirmação da nossa inscrição em um evento de **negócios sociais**, passagem de ida, hotel e ainda lembramos a eles que alguns brasileiros conhecidos há pouco tempo obtiveram o visto na chegada ao país...

O curioso é que, mesmo com o visto negado, fomos instruídos a solicitar permissão a alguém do governo, que deveria ligar para a imigração autorizando nossa entrada. Ou seja, o **propósito** do *Think Twice Brasil*, que sequer teve a chance de ser apresentado a eles, não é tão nobre quanto conhecer alguém do alto escalão do governo bengalês. Afinal, é muito mais fácil seguir o protocolo mecânico do que encarar situações com mais humanidade.

Quando viajamos estamos totalmente expostos a situações inesperadas, que são potencializadas por estarmos longe do nosso país, dos nossos costumes e da nossa língua. Quando essas surpresas não são exatamente positivas, somos só nós dois na jogada e, salvo os momentos iluminados e abençoados — que já foram muitos —, eu e a outra parte desta dupla temos que consultar nossa bola de cristal e encontrar sozinhos uma solução, já que quase sempre àqueles a quem recorremos pedindo ajuda costumam estar ocupados demais seguindo ordens inflexíveis dos sistemas ou checando o status do *Facebook*.

Quem nunca perdeu horas tentando resolver um problema com o celular, com o cartão de crédito ou com o plano de saúde? E quem nunca ouviu a desculpa de que o sistema caiu, o sistema não autoriza ou não consta no sistema? Gente morrendo na fila do hospital, doando dinheiro indevidamente a empresas que agem de má fé e sofrendo humilhações em órgãos públicos. Aposto que todo mundo tem, pelo menos, uma história nessa linha pra contar.

Há quem fique totalmente descontrolado. Eu fico triste. Arrasada, na verdade. Choro e sou consolada pelo Fê, ao mesmo tempo em que soluço e digo: "Por que o mundo é assim? Eu não quero que meus filhos sejam reféns desse sistema".



172 - Felipe em repouso no aeroporto de Dhaka

Não quero mesmo. Não quero que meus filhos, nem os de ninguém, cresçam sendo tratados com desprezo, descaso e intolerância por causa de regras incoerentes, ignorantes e inflexíveis, que servem de base para justificarmos a nossa omissão e a nossa negligência no trato com o outro.

Somos seres humanos, gente! Precisamos resgatar isso e aplicar essa sensação maravilhosa de questionar, interpretar e aplicar inteligentemente as regras que nós mesmos criamos. O sistema somos nós, poxa! Quem trabalha em empresas que prestam serviços ou vendem produtos, pode começar a refletir sobre isso imediatamente. Como a sua empresa encara o ser humano? Como ela reage diante de uma situação delicada? Qual o valor dado ao pedido, à opinião ou à mera existência das pessoas com quem se mantém uma relação? E você, como parte dessa empresa, se sente responsável por isso também?

Esse exercício na verdade é pra todos. Como você reage quando alguém precisa de você, mesmo que seja pra informar um endereço? O que você faz quando encontra alguém em uma situação de emergência ou necessidade? Você dá atenção ao pedido de alguém que não vai te oferecer nenhum benefício?

Essas reflexões são boas pra avaliar se você também é um ser humano à antiga ou se foi rendido aos padrões de comportamento que tratam seres humanos como máquinas desprovidas de essência moral e emocional.

A desculpa de que você precisa do seu emprego e deve seguir as normas não cola. Você continua exercitando o raciocínio — espero eu — e isso é o suficiente para fazer bem feita a sua parte, que vai muito além de repetir protocolos inoportunos. Enquanto continuarmos reféns das regras que só nos prejudicam, o mundo não vai melhorar.

O 1% de criaturas humanas que detém os 48% da riqueza mundial (fonte: *OXFAM*⁸⁰) estão se divertindo, tomando um espumante gelado e pegando um bronze em algum lugar da Polinésia Francesa, enquanto você tenta receber o reembolso da empresa que debitou a mais no seu cartão de crédito e esqueceu de devolver.

Se todos nós pudermos reconhecer que precisamos invariavelmente um dos outros, talvez fique mais claro o valor especial que é servir ao próximo. E servir no sentido de estar disponível para simpatizar com a causa e tratar o interlocutor com dignidade, **empatia** e respeito.

Você que trabalha nas operadoras de telefonia, por favor, não me diga para ligar novamente e repetir pela 15ª vez o meu problema. Você que administra cartões de crédito, não me faça ter que buscar uma cafeteria com internet no meio da zona rural da Zâmbia para reclamar uma despesa indevida. Você que

trabalha em uma companhia aérea, não cobre duas vezes o mesmo voo achando que eu não vou conferir minha fatura. E você que simplesmente trabalha com pessoas, pare de culpar o sistema e seja a mudança que você espera ver no mundo.

Reaja, questione, ouça, ajude, sirva e compreenda que independentemente das normas e regras que temos que seguir, pessoas continuam sendo movidas a emoções — positivas ou negativas — e nós não devemos mais sobrepor o sistema a isso.

Façamos a nossa parte para resgatar a sensação de que podemos contar uns com os outros e que os problemas sempre são mais facilmente solucionados quando há energia de pessoas que se portam verdadeiramente como seres humanos conscientes de suas responsabilidades como cidadãos e não apenas como bonequinhos de massa que cumprem toda e qualquer ordem, independentemente do que ela pode ocasionar.

Não quero ver mais gente sendo mal tratada no fórum (eu que o diga nos meus tempos de estagiária, risos...) ou em qualquer órgão público. Ninguém perdendo horas de vida batalhando para cancelar a assinatura de alguma coisa ou perdendo a vida na fila de espera de um hospital. Não quero gente se esquivando de praticar a **compaixão** pelo outro, porque não é pago pra isso, nem sem paciência pra ser flexível, consciente e íntegro. Não quero mais ver gente resolvendo o problema só quando tiver ordens lá de cima. Por fim, não quero estar rendida ao desencontro de informações, à má vontade para encontrar soluções e a indiferença ao sofrimento alheio.

Suspeito que o motivo da minha preguiça de viver na Terra é porque, aqui, falta muita gente consciente dos seus direitos, das suas possibilidades e do seu valor. As regras absurdas, os protocolos e o abuso de poder foram se desenvolvendo em cima de pessoas que não fazem ideia que podem se levantar contra isso. Gente empoderada e ciente de sua condição como ser humano e cidadão não aceita tudo que lhe é imposto e tem a tendência de questionar a falta de bom senso, respeito, disponibilidade e razoabilidade de quem infelizmente tem a visão embaçada pelo descaso, individualismo e desconhecimento.

Quero ter o dom de poder ajudar a preparar um mundo mais coerente pros meus filhos. Um mundo em que eles possam ser tratados como seres espirituais, que colherão exatamente aquilo que plantarem. E eu vou dar a minha vida para que eles aprendam a plantar só o bem.



173 - Barefoot College em Tilonia, Índia

Que eles possam ter a tranquilidade para deitarem ao final do dia com a sensação de que não deixaram nada, nem ninguém, pra trás.

Que eles possam ouvir a história de um povo não muito antigo que era refém de um negócio chamado sistema e se machucavam uns aos outros para tentar aplicar regras desconexas, imprecisas e intolerantes criadas por eles mesmos.

Enquanto isso não acontece, eu espreguiço, engulo meu choro e pratico minha paciência virando mais uma noite no saguão de um aeroporto. E antes de perder a compostura e a fé na humanidade, eu lembro de ser grata por poder estar onde estou e independentemente da circunstância, conseguir tirar boas lições disso.

Que boas lições são essas, eu ainda não sei. Mas certamente uma delas é acreditar que nós, os seres humanos, ainda estamos vivos e espalhados por aí. Nadando contra a maré e desejando que a correnteza mude em breve a nosso favor e traga com ela a humanidade, a sensibilidade e a **compaixão** que a onda levou.

Até lá, resta desejar perseverança pra quem está preguiçoso como eu e consciência pra quem não tem força pra nadar sozinho.

Gabi

Experiência 25 - Auroville, Índia

Publicado em 19 de maio de 2015



174 - Crianças na escola New Creation em Auroville

Estamos de volta ao lugar mágico que despertou tantas mudanças em mim... Chegamos à Índia! Agora, venho acompanhada do meu grande amor e melhor amigo, exatamente como eu havia pedido à Ganesha na primeira vez. Não é a toa que ele é a minha divindade preferida.

Fomos direto para Auroville, uma cidade no sudeste do país e que é descrita por seus idealizadores como uma cidade universal, "que não pertence a ninguém em particular, mas à humanidade como um todo".

Auroville surgiu do sonho de uma francesa nascida em 1878, Mirra Alfassa, a quem hoje os aurovillians chamam de *The Mother* (a mãe). Ela iniciou sua busca espiritual ainda criança e o **propósito** de criar um espaço propício para a evolução da consciência humana se intensificou quando foi apresentada a Sri Aurobindo, o mestre indiano responsável por guiá-la e auxiliá-la na criação da ideologia da cidade.

Auroville foi fundada em 1968 com o intuito de servir como uma alternativa àqueles que buscam um novo estilo de vida, onde pessoas de todos os países convivem em paz e harmonia, independente de seus credos, convicções políticas e nacionalidade. A fundadora escreveu o manifesto da cidade, denominado *A Dream*⁸¹ (um sonho).

Hoje, são pouco mais de duas mil pessoas do mundo todo vivendo lá e sustentando um ideal de preservação e conexão com a natureza e com sua força interior.

Auroville parece nos apresentar um pouco do que poderá ser o nosso futuro se todos conseguirmos despertar a tempo de construir uma nova **consciência individual e coletiva**. Lá, quase ninguém usa carro, todos parecem ter tempo para dedicar-se a si mesmo, os preços são justos e há uma enorme preocupação com a conservação do meio ambiente, o uso da água, o cultivo dos alimentos orgânicos e a reciclagem de lixo.

Grande parte da mão de obra da cidade é exercida pelos indianos que vivem nos vilarejos ao redor, que trabalham nas mais variadas posições.

Os comerciantes e prestadores de serviço devem contribuir com 33% do lucro líquido. Esse percentual costuma variar em alguns casos, já que muitos optam por contribuir muito além desse valor, enquanto outros, que ainda estão iniciando seus negócios, podem receber descontos no valor até que se estabeleçam financeiramente. Este é um bom exemplo de como utilizar o bom senso, em vez de se ater exclusivamente à aplicação de normas.

Outro fato curioso é que lá ninguém é dono de nada. Todas as terras, os prédios e as construções pertencem à Auroville. Não há prefeito e as decisões são tomadas em assembleia, na qual se espera que haja consenso entre os participantes. Quando isso não é possível, o voto da maioria é suficiente. Pelo que observamos, esse sistema de administração tende a ser bastante complicado e muitas vezes retarda o processo de desenvolvimento, já que somos todos seres humanos e obviamente não é tão simples assim

concordar com o coleguinha todo o tempo. Uma das pessoas com quem conversamos classificou Auroville como uma anarquia espiritual.



175 - A natureza em Auroville

A educação é pensada e transmitida de forma diferente e existem inúmeras escolas para residentes de Auroville e dos vilarejos próximos. Passamos uma tarde conhecendo uma das escolas, a *New Creation* (nova criação), e aprendendo coisas incríveis com seu fundador, André Tardeil, que chegou à cidade em 1973. Crianças a partir dos cinco anos são estimuladas a desenvolver a criatividade e a consciência, ao mesmo tempo em que despertam, individualmente, interesses e afinidades. Não há provas, nem avaliações e, assim, crianças e jovens se desenvolvem verdadeiramente. Para André, a figura do professor não serve para ensinar e, sim, para guiar o aprendizado, que deve florescer de dentro da criança.



176 - Crianças na escola New Creation em Auroville

De acordo com André, é a partir dos sete anos que as crianças iniciam o processo de concentração e mostram-se mais aptas a absorver informações e conhecimentos mais profundos. Ambientes agressivos e

violentos, que fomentam a competição, deixam marcas significativas, assim como o aprendizado pautado em decorebas e na absorção superficial das informações.

André também insiste na importância de desenvolver a consciência espiritual, individual e coletiva da criança. O ser humano pode ser comparado a uma flor de lótus, que nasce pequena e tímida em meio ao lodo escuro. Com o passar do tempo ela se desenvolve, cresce e, por fim, floresce lindamente. Se não investirmos nosso tempo em desenvolver nossa consciência, nosso poder interno, nossos talentos e dons naturais, corremos o risco de estar sempre mais perto do lodo, do que da flor.



177 - Flor de Lótus, em Auroville

Mas grande parte das pessoas que conhecemos por lá JÁ são flor e aproveitam esse privilégio para se colocarem a serviço da sociedade, implementando ideias inovadoras e inspiradoras, como o caso do *Eco Femme*⁸², um dos projetos mais fantásticos e completos que conhecemos até hoje.

Pelo mundo todo e principalmente em algumas regiões da Índia, a menstruação não é um assunto discutido entre as meninas, o que gera muitas dúvidas, segredos e falsas interpretações sobre o tema. Quando entram na puberdade, as meninas são pegas de surpresa pela primeira menstruação e não recebem nenhum apoio ou informação, pelo contrário: passam a ser discriminadas e impedidas de frequentar lugares e celebrações durante o período.

Também por falta de informação, dinheiro e vergonha do próprio corpo, utilizam absorventes feitos de retalhos de pano – do jeito que se usava antigamente – e a verdade é que essa é a realidade de mais de 74% das mulheres que vivem na zona rural da Índia (fonte: *Eco Femme*). Foi pensando nisso que um grupo de mulheres fundou a *Eco Femme*, um **negócio social** cujo principal objetivo é permitir que as mulheres vivam a menstruação com mais dignidade.

O *Eco Femme* não só leva conhecimento aos vilarejos e desmistifica o período menstrual, como também dá às mulheres a oportunidade de trabalharem fabricando absorventes feitos de algodão que são distribuídos em várias vilas e vendidos a preços justos. O absorvente de tecido é higiênico, antialérgico e reutilizável por até cinco anos. O custo inicial de cada um é entre 3 e 6 dólares. Isso significa economizar dinheiro e evitar o descarte de lixo.



178 - Absorventes de tecido da Eco Femme, em Auroville

Os produtos são fabricados em diferentes tamanhos para que se adequem ao fluxo e ao corpo de todas as mulheres. Podem ser lavados e secados na máquina, mas pra quem não as tem não há problema algum em lavá-los à mão e colocá-los para secar no varal. Pensando nisso e para evitar constrangimentos com os vizinhos — e até mesmo com os maridos —, um dos modelos é feito em forma retangular, que pode ser aberto e colocado para secar sem chamar a atenção de quem passa.

Pra se ter ideia do impacto social e ambiental desse produto, eis alguns números: um absorvente descartável é equivalente a quatro sacolas de plástico. Uma mulher utiliza em média entre 125 a 150 quilos de absorventes durante a vida e cada um deles leva cerca de 800 anos para se decompor. Essas estatísticas também se aplicam ao copo coletor, que já é utilizado com mais frequência por milhões de mulheres ao redor do mundo. O copinho funciona como um tampão, mas o material é reutilizável e dura até dez anos. O *Eco Femme* também incentiva o uso do copo coletor e trabalha em parceria com algumas das empresas sociais que os fabricam.

Consegue imaginar o benefício dessa invenção para as mulheres e para o mundo?

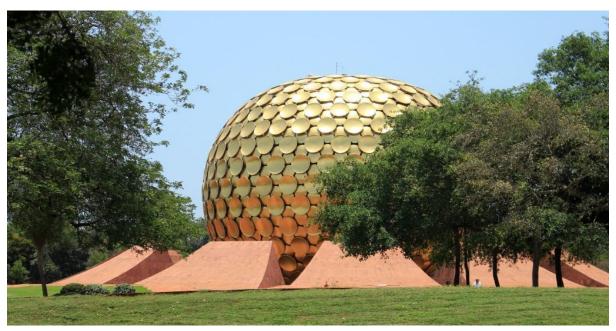
Como se não bastasse, as mulheres dos vilarejos próximos a Auroville, que antes se encabulavam e se assustavam com o assunto, agora são as peças-chave da produção dos absorventes e também as encarregadas de conscientizar a comunidade sobre o tema. Este é um exemplo fantástico de como implementar ideias inovadoras a favor da inclusão social.

Na mesma linha, segue o trabalho da *Life Education Centre*⁸³ (centro de educação para a vida), que oferece cursos de inglês, costura e workshops em temas variados para as mulheres da região. Essa é uma maneira poderosa de empoderá-las e levar a elas o conhecimento necessário para que possam se colocar contra abusos, violências e qualquer outra forma de discriminação e preconceito a que possam estar sujeitas em casa ou no trabalho.

Fomos recebidos com muito amor pela Devi Namasivayam, que nos explicou com paciência e detalhes o **propósito** do projeto e a realidade de Auroville. Ela também reforçou a nossa crença de que gente informada não aceita qualquer coisa e tem força pra resistir, mesmo quando todo mundo se entrega. Esse é o poder da consciência.

Para materializar essa bela caminhada rumo ao despertar da consciência, o ponto central de Auroville, considerado a alma da cidade, é uma construção hipnotizante — o *Matrimandrir* — idealizada para aqueles que buscam aprender a concentrar-se e encontrar sua própria consciência. No centro do globo está a

câmara principal, almofadas milimetricamente alinhadas, uma enorme bola de cristal no centro e uma pequena abertura no teto, que permite passar um pequeno feixe de luz do sol. Em volta do globo, ficam as chamadas pétalas, que são pequenas salas de meditação específicas para as virtudes nas quais se pretende concentrar.



179 - Matrimandir, em Auroville

Para visitar o *Matrimandrir* é preciso agendar horário e assistir alguns vídeos transmitidos em um pequeno auditório reservado para isso. A instrução é de que deve prevalecer o silêncio absoluto e não há espaço para a prática de nenhum ritual religioso. É você, sua consciência e sua força interior, só.

Nossa primeira visita foi mágica e me remeteu àqueles filmes futuristas. Me vi entrando em uma câmara toda branca e quase ensurdeci com o barulho alto do silêncio absoluto. Quem já passou por isso, pode entender que nem sempre o silêncio é silencioso... Nunca tinha experimentado essa sensação e foi incrível.

No dia seguinte, voltamos lá e, dessa vez, pude meditar também nas pétalas. Eu escolhi *humildade* e *perseverança* e o Fê escolheu *bondade* e *igualdade*. A construção das pétalas foi baseada nas doze virtudes da mãe natureza, que se referem à nossa relação com a gente mesmo e também com o outro. Foi especial poder escolher a virtude de acordo com os significados atribuídos a cada uma delas. Nem sempre nos lembramos exatamente do sentido real e espiritual de algumas palavras e ler as descrições me fez concluir que eu preciso meditar – e melhorar – muito em todas elas.

Esses momentos em silêncio, concentrada e tentando evitar pensamentos indesejados acabaram sendo muito esclarecedores e eu sugiro que todos tentem de alguma forma. Mas entre os poucos *insights* que tive durante esses minutos, um deles chamou especialmente a minha atenção. Me mostrou com clareza que o meu **propósito**, que hoje se resume a esta viagem de descobertas, é uma verdadeira busca pela sinergia e sincronia entre consciência espiritual e desenvolvimento social.

Digo isso por dois motivos. O primeiro é que não dá pra tentar mudar o mundo, se não mudarmos antes a nós mesmos. Isso é básico, mas quando penso que quero trabalhar com desenvolvimento social, criando oportunidades, compartilhando conhecimento e despertando talentos eu preciso estar ciente de que devo me cobrar uma evolução constante. E que meus olhos e meu coração devem estar sempre prontos para praticar a **empatia** e meus ouvidos devem estar mais disponíveis para ouvir do que minha boca para falar.

O segundo motivo diz respeito à espiritualidade. De uns tempos pra cá, foi criado um mercado valioso para consumistas espirituais. Gente que pratica yoga, toma *detóx*, recebe *reiki*, medita, escolhe o seu guru e segue buscando respostas e algum tipo de "iluminação". Isso é ótimo e eu faço parte dessa turma (de certa forma). Mas nunca é demais lembrar que a espiritualidade não se resume SÓ a isso. Pelo contrário, a consciência espiritual está muito mais ligada a sua maneira de encarar a vida, de despertar sua força interior e manifestá-la de forma gentil e respeitosa com o próximo. Não há verdadeiramente uma presença espiritual se você está submerso em suas meditações, rituais e descobertas pessoais e não aplica efetivamente seus

aprendizados na convivência do dia a dia. Em outras palavras, não adianta fazer yoga e beijar os pés do seu guru, se você é rude com o garçom, a moça da limpeza e até com você mesmo.



180 - Virtudes para praticar no Matrimandir, em Auroville

Auroville deixou isso bastante claro pra mim. Pessoas reunidas por objetivos nobres, como no caso dessa cidade, devem – ou deveriam – estar cientes de que ao aceitarem fazer parte dessa nova era, se tornaram automaticamente **agentes de transformação** e mensageiros de virtudes imprescindíveis. Mas, pelo que pudemos observar, sentir e comprovar em algumas conversas, nem sempre isso acontece por lá. Os indianos que vivem nos vilarejos próximos e que espontaneamente receberam o ideal de Auroville em sua terra são a principal força de trabalho da cidade e nos pareceu que boa parte deles ainda não está tão por dentro dessa consciência espiritual e ambiental tão amplamente defendida pelos residentes.

Alguns residentes, por sua vez, sobretudo aqueles que conduzem negócios na cidade, parecem não se preocupar em investir tempo e dinheiro em transmitir mais informação e conhecimento aos empregados, contribuindo para que eles também tenham acesso ao caminho que elucida a espiritualidade, preservação do meio ambiente e etc. Ao contrário, notamos certa hostilidade no tratamento dos empregados e uma aparente **desigualdade social**, já que parece não ter havido um esforço significativo para compartilhar os ideais de Auroville com os empregados que, apesar de não serem residentes, são a locomotiva da cidade.

Isso me incomodou bastante, mas, ao mesmo tempo, me relembrou que somos seres humanos e a nossa evolução é um caminho difícil e cheio de sutilezas que podem passar despercebidas. Algumas das

pessoas inspiradoras com quem conversamos compartilham da nossa sensação e, pelo que nos contaram, direcionam parte de suas forças para transformar completamente essa minoria. Auroville está construindo uma nova possibilidade de viver em sintonia com a natureza e com a humanidade, mas, pra esse sonho se desenvolver sem perder as raízes, é preciso que as pessoas compreendam que a unidade não se refere somente a um indivíduo e sua relação consigo mesmo, mas também à forma como se coloca a serviço do próximo, seja ele quem for.

Mas ainda assim, Auroville é futuro. É sonho, realidade, presente e possibilidade. É um pedacinho do mundo em que enxergamos uma sociedade verdadeiramente interessada em evoluir como humanidade.

Temos uma longa caminhada pela frente, mas Auroville se mostrou uma luz no meio do túnel, que podemos seguir até o final, quando vamos poder encontrar um pote cheio de gente de ouro e de flores de lótus.

Gabi

Experiência 26 - Tushita, um retiro budista na Índia

Publicado em 26 de maio de 2015



181 - Entrada do templo Tushita, em Dharamsala

O desafio era passar dez dias em silêncio, sem acesso a eletrônicos e dedicada exclusivamente ao estudo dos ensinamentos budistas e da meditação. Eu aceitei, me despedi do Fê e fiz meu check-in no *Tushita Meditation Centre*, em Dharamsala, no noroeste da Índia.

A cidade fica aos pés do Himalaia e é bastante conhecida por ser o lugar onde mora o Dalai Lama desde a ocupação do Tibete pelo governo chinês na década de 1950. A Índia concedeu exílio a ele e a outros milhares de tibetanos que conseguiram escapar do violento autoritarismo imposto pelos chineses. Na época, além do assassinato de milhares de tibetanos e do confisco de bens da população, as mulheres também foram compulsoriamente esterilizadas sob a aplicação da política chinesa de controle de natalidade. Isso pra não falar das centenas de monastérios incendiados e monges torturados e levados à prisão.

Ainda assim, sob a influência abençoada de Dalai Lama, que é a principal autoridade do governo tibetano no exílio, o povo segue resistindo pacificamente à ocupação chinesa e cultivando perseverantemente a esperança de um dia voltar pra casa sem medo de retaliações. Pra eles, pra mim e pra milhares de pessoas que reconhecem o Tibete como uma nação essencialmente independente, a figura do Dalai Lama nos conforta e nos mostra que a não violência também é uma arma de combate, mas daquelas que, infelizmente, somente poucos conseguem enxergar a força.

Eu poderia falar muito mais do que aprendi sobre o Tibete, sua luta e sua cultura, mas falar sobre as premissas do budismo tibetano, por si só, já se encarrega disso. De qualquer forma, fica aqui o meu apelo para que a questão do Tibete ganhe cada vez mais atenção e que possamos nos engajar na batalha por sua autonomia e sua liberdade.

Foram dez dias dividindo o quarto com doze meninas sem poder conversar nadinha, consegue imaginar? O mesmo aconteceu com os outros quase cem alunos que vieram do mundo inteiro. Pra mim, que falo sozinha, canto no banho e chego a enjoar da minha própria voz, não imaginava que ficar em silêncio poderia ser tão especial e transformador.

O silêncio sugerido pelos monges não se resume à ausência de barulho. Vai muito além disso e nos induz a silenciar a mente e o coração. Prestar atenção nos pensamentos, na comida, na paisagem, no próprio corpo e principalmente ouvir com atenção os ensinamentos que nos são transmitidos lá. Estar em silêncio nos faz presentes no agora e o ato de respirar profundamente nos ajuda a compreender isso. Como dizia o nosso

guia de meditação: "Não dá pra respirar pelo passado ou pelo futuro. A gente só consegue respirar pelo exato momento do presente".



182 - Vista de Dharamsala

Esse silêncio é necessário por vários motivos. Cito dois: nos permite olhar pra dentro de nós e a aprender a conviver com a gente mesmo, sem celular, mensagens, fofocas e conversa mole. Além disso, só no silêncio é possível nos tornarmos observadores da nossa própria vida e refletir sobre quem somos, o que estamos construindo, onde queremos chegar, como temos nos cuidado e o que tem nos movido. Um exercício que eu fiz por lá e ajuda a instigar esses questionamentos foi imaginar que eu estava prestes a morrer... "E aí? Minha vida fez sentido? O que estou deixando de lembranças?". Respirei aliviada com a sensação de que consegui mudar essas respostas a tempo.



183 - Interior da principal sala do templo Tushita, em Dharamsala

O budismo surgiu há mais de 2.500 anos, baseado nos depoimentos e nas reflexões do primeiro Buda, o Sidarta Gautama, que nasceu no Nepal e cresceu na Índia. Pela história, ele foi o primeiro de muitos outros Budas que floresceram desde então, já que Buda é a denominação dada àqueles que atingem a iluminação, que é um estado mental de felicidade plena e ausência completa de sofrimento, com a intenção pura e genuína de conduzir os outros seres pelo mesmo caminho. Isso significa que todo ser vivo é um potencial Buda, principalmente o ser humano que é o único entre todos os seres vivos que teve o privilégio de nascer podendo exercer consciência e raciocínio.



184 - Pagoda no templo Tushita, em Dharamsala

A filosofia budista parte do princípio de que todos os seres vivos buscam ser felizes e se afastar do sofrimento, mas, em vez de concentrarmos essa busca em respostas que vêm de dentro da gente, acabamos projetando-as no mundo exterior. É aí que está o problema.

De todas as lições que recebi, a mais básica me marcou significativamente pela verdade e simplicidade das palavras e interpretações. No budismo, todo e qualquer sofrimento deriva de três principais causas: ignorância, raiva e apego. Abaixo, coloco o meu entendimento dessas causas, com base em tudo o que me foi ensinado.

A ignorância é descrita como a sabedoria que sabe errado ou o nosso hábito de projetar a nossa visão particular sobre algo ou alguém tomando isso como uma verdade absoluta. É ignorar a realidade e se ater única e exclusivamente aos nossos conceitos e percepções. Trazendo pra prática, a ignorância nos cega diante das infinitas possibilidades que temos para agir e reagir. Um exemplo disso dado durante a aula é o dos fumantes, que sabem dos malefícios absurdos do cigarro pra si mesmos, mas seguem alimentando o hábito. No Brasil, a gente costuma dizer que "o pior cego é aquele que não quer enxergar" e acho que Buda concordaria com isso pra definir ignorância.

A raiva é a mais fácil de ser descrita e sentida, pois se trata da reação desproporcional e agressiva que tomamos diante de uma situação desagradável. Um ataque de ciúme, uma fechada no trânsito e um sermão do chefe são oportunidades perfeitas pra despertar a fera. A questão é refletir sobre de que forma a raiva consegue resolver seu problema. Quase nunca resolve e quase sempre nos faz agir de forma descompensada, dando à pessoa ou à situação uma relevância muito maior do que aquela que daríamos se tivéssemos condições de responder com tranquilidade e serenidade. Não significa ser uma planta, mas, sim, evitar um dano maior a si mesmo, sabendo identificar a melhor forma de responder, se for preciso.

O apego é a causa cuja definição mais me marcou: exagerar a qualidade de algo ou alguém e atribuir a isso a fonte da felicidade. Partindo dessa definição, o apego me parece ser a causa mais notadamente praticada no mundo e o exemplo mais verdadeiro disso é o consumo desenfreado de boa parte da população. Os celulares, os sapatos, os carros do ano, as roupas de marca e as festas luxuosas são a prova disso. O valor emocional atribuído a esses bens é exagerado a ponto de acharmos que tê-los é o suficiente para nos trazer felicidade. Acontece que nós e as coisas somos inconstantes e, hoje, o que aparentemente nos traz alegria, amanhã pode ser facilmente esquecido ou substituído por outra vontade. Quem nunca comprou uma roupa e quando provou em casa não gostou mais? Quem nunca comprou um carro zero e trocou por outro novo depois de dois anos? O mesmo acontece com os amores... Quem nunca inventou qualidades para aquele potencial futuro marido/esposa?

Viu como é inevitável não praticar ou ter praticado o apego em algum momento da vida? Como disse o professor, a felicidade que é fruto de um ato praticado com apego é como beber água com sal: não importa quantos litros sejamos capazes de beber, a sede nunca vai passar. Viver no apego nos faz reféns de buscar a felicidade fora da gente e esperar que ela venha junto com um produto ou uma pessoa. Mas se o vestido sai de moda, o carro deixa de ser zero ou o príncipe não liga no dia seguinte, a felicidade se vai e logo precisamos arranjar uma nova vítima pra projetar nosso contentamento.

O curioso dessas causas é que estão todas interligadas de alguma forma e o hábito de cultivar uma ou outra implica aceitar estar sujeito a todas elas, invariavelmente. O maior exemplo disso pra mim é o meu péssimo hábito de ler comentários a notícias na internet. Por ignorância, eu pareço esperar que todas as pessoas se posicionem com respeito, sensibilidade e de forma não violenta. Quando vejo que a realidade é diferente disso, fico tomada pela raiva (que eu sei que é raiva só pelo fato de a minha bochecha ficar vermelha e a voz embargar) e o meu apego ao ideal de que todos os seres humanos deveriam semear o amor ao invés do ódio, acaba supervalorizando opiniões ofensivas, infundadas e parciais que não merecem absolutamente nada além de serem desconsideradas. Descoberto isso, posso escolher me poupar dessas sensações. É um caminho muito difícil e que exige dedicação diária, mas é possível.



185 - Jardim da principal sala do templo Tushita, em Dharamsala

Outro conceito fundamental para o budismo é o carma, que pode ser comparado à lei da ação e reação. Pra quem acredita em reencarnação o carma pode ser mais facilmente compreendido, mas para os céticos basta aplicar a esta vida mesmo e já faz uma diferença absurda. O carma pressupõe que os bons atos praticados por nós nos tornam merecedores de retribuições positivas e vice versa. Trata-se simplesmente de colher os frutos que você planta, sejam eles positivos ou negativos, em algum momento da sua existência. Essa é uma discussão profunda e complexa na filosofia budista, mas independentemente da sua crença religiosa, essa dinâmica me soa muito familiar e, na dúvida, prefiro continuar me esforçando pra plantar o bem.

Como referência de conduta, o budismo destaca dez virtudes, que é uma espécie de dez mandamentos para uma existência positivamente relevante, que são os seguintes:

(i) **Respeitar a vida**: básico, mas não custa lembrar, não é? Nesse contexto são considerados todos os seres vivos e isso significa que matar mosquito também não pode, mesmo. Conduza-o gentilmente até uma

janela... É o que o Fê costuma fazer desde que eu o conheci (juro). Ser vegetariano é algo normalmente adotado pelos budistas, mas a instrução aqui é faça o maior esforço possível para respeitar a vida de todos os seres vivos, sabendo que algumas situações são inevitáveis.

- (ii) **Respeitar a propriedade dos outros**: também é básico, mas está fora de moda. O budismo classifica o roubo como sendo tomar algo que não lhe tenha sido oferecido livre e expressamente.
- (iii) **Respeitar o corpo dos outros**: essa virtude considera também a prática de relações sexuais, sugerindo que o nosso corpo seja respeitado por nós mesmos e pelos outros, sem abusos, violências ou coerções. O estupro e a traição são tidos como más condutas geradoras de sofrimento.
- (iv) **Praticar a verdade**: essa virtude vai muito além de não mentir. Aquelas exageradinhas que damos nas histórias também contam.
- (v) **Discurso harmonioso**: essa é uma das minhas preferidas antes mesmo de eu saber que era uma virtude budista. Propagar a harmonia, a reunião e a paz entre as pessoas por meio das nossas palavras é uma virtude poderosa e pouco observada por alguns, que insistem em fazer apologia ao ódio e à segregação. Aquela zombada secreta na vizinha, no colega do trabalho ou em qualquer outra pessoa que te desagrade, entra nesse conceito também.
- (vi) **Discurso gentil**: seja amável na hora de comunicar-se. Isso quebra barreiras e abre espaço para sermos bem compreendidos e atendidos.
- (vii) **Discurso relevante**: essa é perfeita pra quem participa de 26 grupos de mensagens no celular. Não há possibilidade de sustentar um discurso relevante se estamos expostos 100% do tempo à necessidade de expressar nossa opinião sobre os mais diversos temas, que variam entre a alta do dólar ao casamento da Preta Gil. Não precisamos falar sobre tudo o tempo todo e seria mais produtivo se pudéssemos destinar nossos pensamentos e palavras a questões que vão além da fofoca, opiniões vazias e críticas amargas. O silêncio nos ajuda a refletir sobre o que pode ser mais significativo pra se discutir ou, pelo menos, nos convencer que gastamos mais tempo do que imaginamos alimentando esses hábitos.
- (viii) **Contentamento**: é a sensação de que temos exatamente o que precisamos e estamos exatamente onde deveríamos estar. É como aquela deitada no sofá da sala depois de um dia de trabalho. Para os budistas o contentamento é o oposto da inveja, pois quando se está plenamente contente com o que se é e se tem, não há motivos para desejar o que é do outro.
- (ix) **Sentir amor e compaixão**: o amor verdadeiro é aquele que deseja, pura e simplesmente, que o outro seja feliz, sem exagerar qualidades e encontrar justificativas. Dalai Lama costuma dizer que podemos amar uma pessoa, mas não precisamos gostar dela. Uma maneira singela de dizer que podemos desejar que todos sejam felizes, mesmo aqueles com quem não temos muitas afinidades. Já a **compaixão** é o desejo ativo de livrar a si e aos outros dos sofrimentos e praticar a **empatia** é uma ferramenta imprescindível para tentar mensurar o sofrimento do outro.
- (x) **Responsabilidade pelo carma**: é a virtude que nos lembra sobre o peso das nossas escolhas. Somos responsáveis pelos nossos pensamentos, palavras, atos e, consequentemente, por tudo aquilo produzido por eles, seja bom ou ruim.

Conhecer as causas do nosso sofrimento e as virtudes que podem nos conduzir a uma vida mais ética são as premissas de muitas outras lições do budismo, que nos ensina que somos os mestres da nossa própria mente e do nosso futuro, que depende apenas da força dos atos que praticamos no presente. A meditação é a ferramenta-chave pra isso e, de maneira simplista, pode ser considerada o hábito de desenvolver a consciência interior, se autoconhecer, observar e interpretar.

Um dia antes do retiro, tivemos a chance de ouvir pessoalmente uma aula da Jetsunma Tenzin Palmo, a primeira ocidental a ser ordenada monja, e aprender mais sobre o que é dedicar-se verdadeiramente a cuidar de nós mesmos. No documentário *A Natureza da Mente*, ela disse que estamos sempre preocupados em morar em um bom lugar, estar bem vestidos, com o corpo saudável e bem apresentáveis, mas quase nunca temos tempo para cuidar da nossa verdadeira casa, que é a nossa mente. Desde o nascimento somos expostos a diferentes informações, memórias e padrões, mas em vez de esvaziarmos o que ocupa espaço nela, vamos acrescentando mais coisas. A meditação nos ajuda com isso. Quem é você? O que tem feito com a sua vida? Como você se definiria? Se você morresse agora, você estaria contente com o que pôde construir?

Essas perguntas, assim como a prática das virtudes podem ser feitas por qualquer pessoa de qualquer religião. O budismo não é seguir os ensinamentos de Buda, mas, sim, tê-lo como um guia de práticas virtuosas para que possamos nos tornar um Buda também, um ser iluminado que se afasta do sofrimento e ajuda os

outros a fazerem o mesmo. É simplesmente uma filosofia que nos relembra que somos os mestres de nós mesmos

Enfim, foram dias especiais e renovadores, mas recebi tanta informação que fica difícil até pra colocar no papel o que mais me marcou. Eu queria ter muita sabedoria e sensibilidade pra conseguir transcrever exatamente as emoções que eu vivi e convencer você de que dar atenção e ouvidos a si mesmo pode ser revelador.

Nessa linha, perguntei ao guia de meditação como eu poderia ajudar as pessoas a despertarem suas consciências e revelarem o que têm de melhor em si. A resposta dele foi simples: você pode indicar o caminho, mas não pode fazer isso por elas.

Essa resposta acalmou meu coração e me trouxe clareza para compreender o porquê de às vezes me sentir uma sonhadora que fala, age e escreve sobre coisas que nem eu consigo explicar direito. Mas eu continuo falando, agindo e escrevendo mesmo assim, pois essa é a forma que tenho de compartilhar o que ilumina a minha vida e pode iluminar a sua também.

Por isso, depois desses dias comigo mesma e com tantas novas lições, descobri que não há nada tão valioso quanto ser gentil com a nossa mente, nossos pensamentos e nosso coração. Isso nos faz ser gentis com o mundo e perceber que as respostas que buscamos estão mais próximas do que imaginamos, só estamos procurando no lugar errado.

Ofereça amor, pratique a **compaixão** e deseje evoluir. No final do dia, antes de dormir, agradeça a você mesmo por ter a chance de escolher ser uma pessoa melhor e ao resto do mundo por te ajudar com as lições necessárias.

Quem quiser mais informações sobre o *Tushita Meditation Centre*, é só acessar o site⁸⁴ que mostra todos os detalhes.

Gabi

Experiência 27 - O silêncio e a meditação budista Vipassana, Índia

Publicado em 26 de maio de 2015



186 - Templo Vipassana, em Dharamsala

Quer saber quem é você? Respire e observe!

Entre os muitos planos desta viagem, fazer um retiro era fundamental pra mim. Especialmente na Índia, por sentir uma atração diferente pela energia de lá.

Para contar sobre ele, comecei pelo significado da palavra *retiro*. Gostei de um que define como um local afastado da conversação e da vida social para descansar a mente. Perfeito, só a distância da sociedade e das pessoas pode realmente nos descansar, bem irônico isso... Então procurei ver o significado da palavra meditar, e uma boa forma de explicá-la é que se trata de uma autocontemplação à mente, a do meditador, claro.

Existe uma técnica de meditação em particular, sobre a qual já tinha escutado, mas nunca tinha praticado que se chama *Vipassana*. Sabia que é mais extrema, só não sabia o quanto, mas estava totalmente ciente e disposto a me entregar. Pra mim mesmo!

O intenso desse método é que são onze horas diárias de autorreflexão, sem contato algum com o mundo externo, nem por leitura, e inclusive sem qualquer interação com os demais participantes no centro de meditação. Fica proibido se olhar, gesticular e encostar. Também prevalece o silêncio total. Tudo isso por dez dias numa estrutura muito simples, cama dura, comida local vegetariana e banho frio com nove graus lá fora (outros foram quentes, pois me entendi com as canecas).

Eu poderia tentar explicar todo o conceito da técnica, mas, em vez disso, vou contar um pouco do que aprendi nesses dias em conjunto com outras ideias na quais eu acredito.

Qual a maior causa das nossas infelicidades? Eu diria que os diversos tipos de sofrimentos psicológicos que criamos. Na verdade eles são gerados e multiplicados pelo nosso pensamento estimulado por infinitas formas externas. A raiz dele está sempre na mente, porque mesmo qualquer sofrimento corporal é sentido pela mente que cria reações. São externalidades porque, hoje, somos um corpo que está em constante contato com tudo que está fora dele, sejam objetos ou ações de outrem.



187 - Entrada do templo Vipassana, em Dharamsala

Esses fatores externos são absolutamente fora do seu controle e, desde o primeiro dia nessa vida, você pondera o bom e o ruim de acordo com eles. Exemplos: se a comida tem um sabor que você gosta, ela é boa; se o ambiente é agradável segundo os padrões que você aprendeu, você curte; se as pessoas à sua volta são do jeito que te agrada, você se sente bem; e se você tem as coisas que você queria (por motivações desconhecidas na maioria das vezes), você está feliz.

Essas externalidades, objetos e situações são captados pelos nossos Sentidos, visão + audição + olfato + degustação + toque + emoção, que geram uma Sensação que é interpretada pela nossa mente, consciência, que gera uma reação e seu respectivo Sentimento. Vários "s": sentido, sensação e sentimento. Em resumo, o externo ponderado pelas sensações do corpo e compreensão da mente rege nossos atos e decisões da vida por meio dos sentimentos.

É bem simples, basta você se lembrar de uma situação qualquer e você os sentirá. (Tente alguma mais marcante, aí os sentimentos são mais facilmente notáveis). Essa reação por atos é um ponto chave, pois é responsável pelas decisões que tomamos a cada segundo e ditam nosso rumo. Desde querer tomar água ou não a querer comprar uma casa ou não.

O grande risco desses sentimentos gerados está nos dois lados da vida, o bom e o ruim. Porque sempre que algo agradável acontece temos uma tendência natural a gostar, querer mais e precisar frequentemente para estar bem. Quando algo é desagradável não queremos mais, temos um desgosto para que nunca mais aconteça. Assim, condicionamos nossa felicidade a essa dependência do desejo de ter esse algo bom sempre e da aversão a nunca ter esse algo ruim.

Até aí tudo bem? Somos condicionados ao externo para ser feliz.

É uma conclusão dura que demonstra que nós mesmos escolhemos viver na angústia da nossa mente, naquele dilema de querer e desquerer. Por livre arbítrio. Mas calma, nossa mente é quem somos, não desistamos nunca! Quem cria essa perturbação são os pensamentos que se alimentam desses fatores. Eu digo que aí entra um grande primeiro passo, o de aceitar essa realidade que vivemos. Assim o fiz.

Ao admitir essa verdade absoluta, reconhecemos que *ser o mestre da nossa mente* é o que controla a vida. Sei que soa como título de autoajuda, mas o que significa isso? Basicamente se conhecer profundamente e se perguntar os seus porquês. Você acredita no **propósito** do seu trabalho? Você sabe por que tem a intenção de ver aquilo na televisão? Você saboreia o que come ou come pra sobreviver? É querer se entender com sabedoria, utilizando seus conhecimentos inteligentemente.

Você pode observar esses pensamentos num exercício simples de parar de pensar por cinco minutos. Já vai perceber que tentar pensar em nada é bem difícil, mas sente num local quieto e tente pensar em nada. Você consegue claro, mas a cada segundo aparecerão pensamentos variados que dominam a sua mente. Eles são agradáveis ou desagradáveis, passados ou futuros. Note que cada um desses pensamentos que veem à mente são a base de memórias que já aconteceram ou imaginações do que pode acontecer. Cada um deles carrega sentimentos e sensações. Exemplos: uma memória triste de uma discussão grosseira pode carregar um sentimento de raiva que acelera seus batimentos cardíacos; um sonho futuro de férias numa praia pode carregar um sentimento de alegria que relaxa o corpo e te faz sorrir.

Nessa simples prática você mesmo pode sentir que o nosso presente, o seu agora, vive em ilusões, como prazeres do passado, medos futuros e angústias eternas. Assim, nesse momento, você não está curtindo a realidade, não está ali naquela situação, você só está vivendo o irreal. Não parece sem noção? Eu faço esse exercício sempre e dou risada quando de repente estou pensando e pensando sem nem me dar conta e me digo "bobo, ok (risos...), agora volta pra mentalização". Não é uma catástrofe se lembrar de uma memória ou pensar num plano para o ano que vem, mas é uma irrealidade ficarmos reféns desses pensamentos o tempo todo.

Isso não passa de um raciocínio para explicar como ainda me vejo vivendo. Se ainda acha teórico demais tire só uns minutos de silêncio pra você e verá. É natural que uma tempestade de pensamentos brotem. Desde coisas muito simples como "não posso me esquecer de comprar frutas amanhã" ou "que camisa maravilhosa eu ganhei", como outras mais graves como "preciso comprar um carro no ano que vem" ou "que sacanagem aquele amigo fez comigo". Cada um desses pensamentos carregam um turbilhão de sensações. Imagine se você parar para analisar cada um sempre que vierem à cabeça! Você pode ter muito trabalho a fazer (risos...), então tente apenas voltar para o silêncio. Eu confesso que ainda fico tentando entendê-los e fico nesse ciclo por uns bons minutos...

Um detalhe elementar que esse exercício mostra é que essas sensações são todas impermanentes, estão em constante mudança. Você se lembrará disso, vem a sensação, aí você lembra daquilo com outra sensação e, assim, sucessivamente. O que significa que realmente não são do momento, são ilusões que vêm e vão sem parar e evidenciam um motivo a mais para se purificar.

Ah, purificar a mente, é essa a grande chave da meditação. Você, sozinho, unilateralmente, por livre e espontânea vontade busca se conhecer e limpar todos esses sofrimentos condicionadores da felicidade. Mas pra quê todo esse esforço? Acho que uma resposta, por mais óbvia que pareça, seria para viver melhor.

Isso estimula a consciência e a equanimidade como princípios-chave. Estar ciente da sua mente e do seu corpo com equilíbrio, para não reagir a essas sensações. Independente de qualquer definição isso é uma arte para viver. Além da metodologia para praticar, não existem muitas regras específicas, mas, por sermos reféns da nossa própria ignorância, é relembrado que vale seguir alguns mandamentos do Budismo. Isso porque essa técnica foi criada pelo Buda mais conhecido, Sidarta Gautama, mas não aborda a religião em si. Esses preceitos são bem básicos e é triste concordar que temos, sim, que relembrá-los

Os mandamentos: não matar nenhum ser, não roubar, não mentir, não se intoxicar e não praticar má conduta sexual. – Então, se quiser participar, para com a mentirinha de desculpa, sem matar moscas e corte a cervejinha. – Vou presumir que os demais preceitos você já pratica...

A verdade é que, na minha opinião, cada um, com suas crenças e seus momentos, mas independentemente da ordem, começar apenas praticando o silêncio e meditando já é um baita passo para o autoconhecimento. Essa pureza e essa paz de espírito, com certeza, são capazes de erradicar o sofrimento irreal de cada um e nos colocam no caminho da realização. Eu acho.

Pra quem acredita numa força universal, como eu, é natural pensar que, com todos os indivíduos conscientes e livres das angústias e ignorâncias da mente, uma harmonia perfeita nasceria para o mundo. A conduta do nosso convívio social seria correta e justa, largaríamos o egoísmo, o desrespeito e o "não me importo". Imagina!



188 - Turma ao final do retiro no templo Vipassana, em Dharamsala

Bom, para conhecer mais sobre essa ou qualquer técnica de meditação basta querer e ir atrás. Aqui recomendo um retiro que fiz no Nepal há alguns anos, se chama *Kopan Monastery*⁸⁵. É da mesma doutrina do que a Gabi fez na Índia agora, o *Tushita*. Ambos também ensinam a filosofia do budismo. O *Vipassana*⁸⁶, que fiz em Dharamsala, tem no mundo todo, inclusive em alguns estados do Brasil. Ah, é de graça, você contribui como puder, no final. Acho que a autodesculpa de "não tenho dinheiro e tempo pra viajar" já era...

A vida é sua e as escolhas também! Se entregue, pra você!

Felipe

Experiência 28 - Tilonia, Índia

Publicado em 5 de junho de 2015



189 - Crianças e professor numa Escola Noturna do Barefoot College, numa comunidade rural de Tilonia

Nosso mês na Índia foi intenso por muitos motivos. Além da minha grande expectativa de conhecer o país conseguimos passar por cidades com culturas bem diferentes. A primeira foi Auroville, que está no estado de Tamil Nadu, no sudeste do país. Depois foi Dharamsala, no noroeste, onde fizemos nossos retiros. Essa é uma região com influência do budismo tibetano pela grande migração ocorrida após a descabida dominação do Tibete pelos chineses em 1950. Também estivemos duas vezes em Deli, onde, na verdade, passamos o dia e deu pra sentir o calor humano da metrópole. Em seguida, fomos à Tilonia, um vilarejo no estado do Rajastão, onde aprendemos muito com a organização que é a pauta deste texto. Ainda teve Jaipur e Udaipur onde conhecemos muitos palácios e um pouco dos contrastes indianos.



190 - Moradores da zona rural de Tilonia

Começo por particularidades que falam por si levando em conta o modo de viver dos indianos. A buzina é tão usada quanto o acelerador, inclusive os caminhões têm escrito na traseira: "Buzine, por favor!". É sério, é a forma correta para pedir passagem. Assim, eles são realmente condicionados a achar normal ter um som estridente ininterrupto como parte do cotidiano, mas qualquer estrangeiro provindo de um país que não usa tanto a buzina é premiado com sustos constantes ao andar pelas ruas. Divertido, pelo menos... Ainda no contexto do trânsito, as vacas são parte integrante dele, até no meio da estrada. Elas são respeitadas lá e quase ninguém come sua carne, apesar de não serem bem cuidadas, no meu ponto de vista, já que as vi desnutridas comendo restos de lixo inúmeras vezes.

Na busca por conhecer organizações do bem, entre as várias que já sabíamos da existência e outras que nos indicaram na preparação da viagem, o *Barefoot College*⁸⁷ era imperdível. Sinceramente, não lembro como, nem quando figuei sabendo dele, mas, desde então, tinha uma excelente impressão do seu trabalho.

Ele foi fundado em 1972 por pessoas do vilarejo, com a liderança de Sanjit "Bunker" Roy, para lutar contra a pobreza e a desigualdade, com o compromisso de cuidar dos pobres, negligenciados e marginalizados da sociedade. Não pelo puro assistencialismo de dar, mas por ajudar a desenvolver o talento de cada um. Muito mais do que uma organização, eles conseguiram se desenvolver com um princípio de comunidade que só vi ali, redefinindo o conceito de profissionalismo para que todos sejam capazes de saber e demonstrar suas habilidades para prestar um serviço à comunidade por meio de um trabalho digno. Isso se dá por diversos motivos e, na minha opinião, o principal deles é que a **inclusão social**, que foi levada ao pé da letra com sucesso em prol da igualdade entre todos seus cidadãos membros.

Para explicar isso melhor, é importante contar que existe uma séria segregação social na Índia por meio do seu sistema de castas. Nele, a classe de status mais discriminada é chamada de *Dalit*, na qual as pessoas são vistas como "intocáveis" por fazer trabalhos considerados "impuros". Um exemplo são as atividades que envolvem lixo e sangue, como lixeiro e açougueiro. Essa discriminação já foi tão ignorante a ponto de proibir a entrada de *Dalits* nos templos e obrigar as crianças a comerem em pratos separados na escola. O tempo está amenizando essa diferenciação absurda, mas a verdade é que ela ainda existe, como ouvimos, vimos e sentimos.

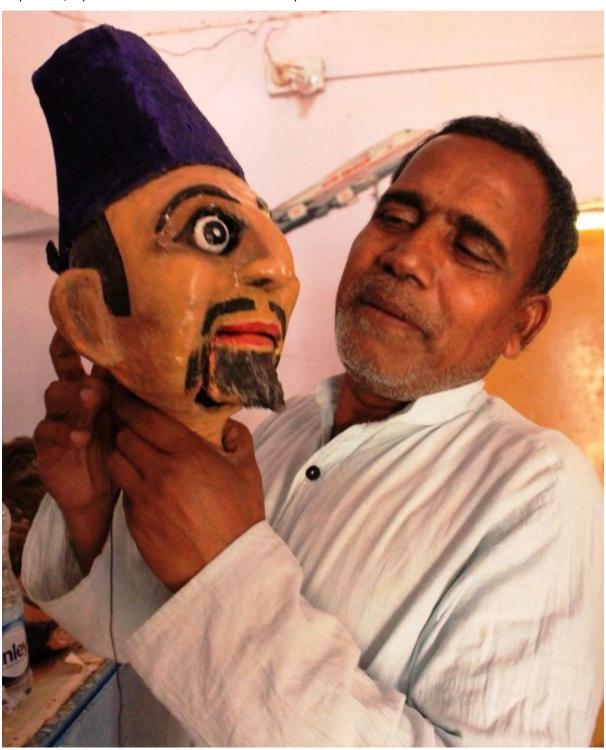
O desenvolvimento comunitário do *Barefoot* foi capaz de abstrair esse preconceito e promover o aprendizado entre todos, independentemente de castas e condições financeiras. Outra inclusão que me impressionou foi a de pessoas que tiveram problemas de atrofia muscular e paralisia na infância em razão da poliomielite. Até a grande campanha de vacinação nos anos 90, esse foi um sério problema na Índia.



191 - Crianças, Felipe e professores no pátio de uma das escolas do Barefoot College, na zona rural de Tilonia

Um amigo que fizemos lá, o Ramniwas, é mobilizador comunitário e nos ensinou bastante sobre a comunidade, além de contar sobre sua vida. Sendo um *Dalit*, ele lembra bem da diferença no tratamento social que seu pai recebia, depois ele mesmo em sua juventude e, hoje, suas filhas. Felizmente, com certo pesar e alívio por elas não serem discriminadas, nem maltratadas.

Durante a tarde que passamos juntos, ele contou, com alegria espontânea, a respeito de um aprendizado sobre igualdade e respeito. Uma vez lhe perguntaram, ainda jovem, quem seria o chefe da família quando seu pai partisse e, numa reação de virilidade, ele respondeu que seria ele, claro, o filho mais velho. No mesmo instante, ele se deu conta de que só a sua mãe seria capaz de tomar conta da família, da casa e assumir todas essas responsabilidades. Foi assim que ele percebeu quão enraizada a equidade de gênero está na sociedade e levou, daquele momento, uma sabedoria pra a vida toda, reconhecendo o seu papel e o valor do próximo, especialmente o da mulher. Foi muito inspirador ouvi-lo em seu tom de confissão do bem.



192 - Ramniwas, um mobilizador comunitário e artista do Barefoot College, em Tilonia

Ramniwas faz parte de um trabalho de conscientização incrível, criado há 28 anos. Por meio do teatro de marionetes eles conseguem abordar e educar a população a respeito de temas delicados que são raramente discutidos, como violência sexual. Mostrando situações do dia a dia com humor, eles encontraram a forma perfeita para conscientizar povoados que têm pouco acesso à informação e aos serviços aos serviços

públicos. Esses eventos itinerantes chamam a atenção por onde passam e acontecem cerca de 150 vezes por ano, em várias cidades do Rajastão.

A educação é um forte pilar que vai além do ensino tradicional. Trocando aprendizados com um convívio intenso, ali mesmo se formaram dentistas e patologistas em meses, por exemplo. Pessoas que eram analfabetas depois de adultas e foram capazes de aprender. A Gabi até fez uma breve consulta com uma doutora e foi tratada com muito carinho. Isso, sim, é empoderar.



193 - Gabi e a dentista do Barefoot College, em Tilonia

Outra ideia inspiradora é o parlamento infantil, onde crianças se organizam para exigir os seus direitos e aprendem, desde cedo, sobre o poder de estar ciente da responsabilidade de cada um e como viver em sociedade faz bem para todos. Funciona tão sério que, caso um acordo com um adulto não seja cumprido, seu salário de membro é destinado ao fundo da criança. Dá pra imaginar o tanto de autoconfiança que isso constrói e ensina.

Um princípio de igualdade muito interessante é que todas as pessoas membros do *Barefoot* têm sua devida responsabilidade comunitária, recebem o mesmo salário mensal de acordo com os dias trabalhados. Se for de segunda a sábado, o mais comum, recebem aproximadamente 82 dólares por mês. Pode parecer irrisório, mas a Índia tem um dos menores custos de vida do mundo e o padrão da região é ainda mais simples, o que permite uma vida minimamente digna. Vale ressaltar que muitas dessas pessoas cresceram num meio onde existiam pouquíssimas oportunidades de prosperar e de ganhar a vida.

Além das responsabilidades de cuidar dos campus, existem diversos negócios sendo feitos nas oficinas. Ali se produzem absorventes, mosquiteiros, brinquedos de madeira, cadernos, sacolas com materiais reciclados e até painéis solares. Existe também uma rádio para compartilhar discussões em andamento. Muitos produtos são vendidos para fora, garantindo, assim, parte do sustento dos membros. Eles são tão organizados que até o relatório financeiro anual está disponível no site.

Os painéis solares fazem parte de um projeto ainda maior que treina mulheres do mundo todo para fornecer energia aos seus povoados. Uma rede foi construída entre 64 países da qual mulheres são escolhidas e vão à Tilonia para um treinamento de seis meses sobre energia solar. Elas saem de lá como engenheiras aptas a treinar e construir painéis para as casas da vizinhança no seu país de origem. O desafio mais surpreendente é que, como elas não tiverem acesso à educação, e falam pouquíssimo inglês, então a comunicação é por meio de sinais e de materiais já construídos.



194 - Oficina de treinamento dos painéis solares para mulheres de diferentes países e Felipe (à esquerda ao fundo) no Barefoot College, em Tilonia

Conhecemos uma turma de quarenta mulheres de doze países de continente diferentes, como Guatemala, Congo e Mianmar. Pudemos conversar mais com as latinas, claro, e sentimos que, apesar de estarem aprendendo, esta não é uma experiência fácil pra elas por estarem longe da família, comendo a comida local e com as limitações da comunicação. Sinceramente, ficamos na dúvida em relação aos lados positivos e negativos deste projeto, mas os números mostram que é um trabalho incrível que já forneceu eletricidade a mais de quarenta mil casas rurais pelo mundo e já empoderou muitas mulheres.

Além de passear muito pelos projetos internos, pudemos conhecer um pouco dos vilarejos em volta e foi um privilégio muito grande poder ver como vivem ali. Vimos pessoas dormindo do lado de fora da porta de casa, já que a brisa externa é melhor que o calor intenso dos ambientes fechados (já tinha escutado isso, mas nunca tinha visto). Quem tem coragem de dormir na porta de casa ou do prédio em São Paulo? Por sorte, assistimos até um casamento sendo realizado em plena noite de terça-feira, no qual o noivo, montado num cavalo branco todo enfeitado, percorria as ruas, com muita música e mais de cem pessoas em volta, a caminho da casa da noiva. (Não temos nenhum registro porque eles nos pediram para não tirarmos fotos). Nos contaram que, na zona rural, todos os casamentos ainda são arranjados entre famílias, enquanto, nas grandes cidades, isso acontece com apenas metade deles. Culturas!

Entre tantas coisas que conhecemos na Índia, as mais impactantes foram as *Night Schools* (escolas noturnas). Elas funcionam para crianças a partir de seis anos até jovens de quinze, sendo 70% meninas. Apesar da missão admirável de educar, a primeira pergunta que me surgiu foi: "Por que à noite?". Infelizmente, em razão da pobreza, as crianças trabalham no campo desde cedo para ajudar na renda familiar. Assim como aprendemos na África, a família prioriza os estudos dos meninos por acreditarem que têm maiores chances de trabalho no futuro, por isso as meninas acabam trabalhando em casa, nas plantações e com os animais.

Então, a única hora livre do dia para estudar é depois do trabalho. Entra, aí, um breve dilema para opinar se isso é correto, pois essas escolas são cúmplices do trabalho infantil, mas pensando em respeitar as raízes e dar um passo de cada vez para o progresso, pode ser melhor que nada. Fica para sua reflexão.



195 - Mãe artesã de tapetes e sua filha no Barefoot College, em Tilonia

Pudemos participar de uma aula no vilarejo Baghpura com o seu coordenador, Rameshwar. Foi uma emoção muito grande ver crianças aprendendo números, sentadas no chão e com pouca luz. Eles têm lousa e giz para os exercícios. Os professores são membros da organização do *Barefoot* e moram próximos ao local onde dão aula das 7h às 10h da noite. Hoje, são 85 escolas educando duas mil crianças.

Os professores que conhecemos eram extremamente carinhosos e brincavam muito durante as aulas, o que nos inspirou muito ao sentir aquilo tudo acontecendo. Uma curiosidade da cultura da qual eles mesmos riram ao contar, cientes da estranheza que poderia ser pra nós, é que um dos meninos já estava casado. Ele tem oito anos e está, na verdade, prometido para a família da esposa. Pelo menos, eles se casarão e morarão

juntos, efetivamente, aos 18 anos. Enquanto ouvíamos tudo isso, os dilemas não paravam de agitar a cabeça. Contrastes, mesmo!

As realizações do projeto são inquestionáveis, porém, como sentimos em muitas organizações que conhecemos ao longo dos meses, os voluntários não têm um papel exatamente claro. Conhecemos um casal mexicano, uma brasileira e um indiano que estavam aprendendo e contribuindo cada um do seu jeito, que é o que mais importa. Mas, para recomendar que você participe também é fundamental alinhar expectativas. O mais fundamental é lembrar que aquelas pessoas são mestres no que fazem e não faz sentido querer redesenhar tudo do zero. Porém, problemas existem, disposição para melhorar é sempre bem-vinda e muito efetiva, principalmente com amor.

É difícil transmitir sensações com palavras, mas o que fica dessa experiência marcante é que incluir todos na sociedade, seja do tamanho que for, não é apenas dar trabalho e dinheiro. É permitir que pessoas sejam alguém, que participem e saibam que merecem viver com dignidade. Reconhecer que todos têm direitos e que ignorar os outros em razão do formato do seu corpo ou da sua classe social é absolutamente desumano.

Ter consciência de que isso está errado é natural, mas sabemos que toleramos desigualdades e discriminações todos os dias.

Bom, a mudança está ao alcance de todos, basta querer.

Se quiser conhecer mais, visitar e doar, o site é bem explicativo.

Felipe

Experiência 29 - Tailândia

Publicado em 12 de junho de 2015



196 - Mulheres que nos hospedaram no vilarejo Hoi Hoi, em Chiang Mai

Depois do visto negado em Bangladesh, o jeito foi improvisar e antecipar nossa chegada à Tailândia.

Minha tendência é de não me entusiasmar tanto com lugares muito turísticos e, definitivamente, a Tailândia é um prato cheio pra isso. De qualquer forma, é inegável que Bangkok é uma das cidades mais vivas e encantadoras que eu já conheci. As ilhas, ao sul do país, são mesmo de tirar o fôlego e as pessoas fazem questão de espalhar sorrisos por onde passam.

O país é uma monarquia que, desde maio de 2014, é governada pelos militares e a nossa sensação é de que, para determinados assuntos, as leis – quando existem – não parecem ser aplicadas no sentido estrito da palavra. Conhecida pelas praias paradisíacas e a vida noturna animada, a Tailândia é um dos países mais visitados do mundo e, só em 2013, recebeu 27 milhões de turistas (fonte: *UNWTO*⁸⁸).

Pra muitos, continua sendo a viagem dos sonhos e é por isso que essa experiência tem um peso ainda maior. Pelas questões que ela vai apresentar e pela forma que poderá te influenciar.

De acordo com a *UNODC*⁸⁹, o escritório da *ONU* sobre drogas e crimes, cerca de dois bilhões de pessoas (sim, BILHÕES) não estão devidamente protegidas contra o tráfico de pessoas. Isso porque, se já não são vítimas diretas desse crime, vivem em países cujas leis e tratados sobre o assunto ainda não foram ratificados e, se foram, ainda estão em processo de amadurecimento.

Como principal consequência do tráfico humano, estima-se que, atualmente, 21 milhões de pessoas estão submetidas ao trabalho forçado (fonte: OIT^{90}). Não por acaso, a maioria são mulheres que invariavelmente se tornam vítimas de exploração sexual.

Na Tailândia, os refugiados que vivem fora dos campos delimitados para acolhê-los são considerados imigrantes ilegais e passíveis de penalidades. Na prática, eles simplesmente não têm qualquer direito ou assistência do governo ou da polícia e se sentem intimidados a procurar ajuda em caso de necessidade. Isso estimula a prática do tráfico humano e do trabalho forçado dentro do país, já que as vítimas silenciam por medo na busca por justiça.

Essa situação é o cenário perfeito para os exploradores, que se aproveitam da fragilidade da lei e dos **direitos humanos** para ganhar muito dinheiro. Estima-se que o trabalho forçado desenvolvido pelo setor privado movimenta cerca de 150 bilhões de dólares por ano (fonte: *OIT*).

O cenário é absurdo demais pra imaginar, mas fica muito claro quando passamos a enxergá-lo nitidamente pelas ruas. Bangkok nos apresentou esse tema como um soco na cara. Dolorido e necessário.

Caminhando pelas ruas da cidade pude ver que o turismo sexual é mesmo um dos atrativos da Tailândia, o que comprova os dados que eu trouxe acima e confirma que a maioria do trabalho forçado é evidenciada pela exploração sexual de mulheres e meninas.

Isso não é por acaso. Os traficantes buscam estrategicamente refugiadas de outros países ou meninas que vivem na zona rural. A conversa costuma começar com uma proposta de trabalho na cidade grande como garçonete ou arrumadeira e na esperança de tirar a si e à família da pobreza, as meninas acreditam nesse sonho e aceitam a mudança. Acabam surpreendidas com o pesadelo de serem exploradas sexualmente, com os passaportes e documentos retidos, com medo e com vergonha. E o pior, sem nenhuma ideia de como sair disso com vida.

A cada 500 metros é possível cruzar com um daqueles casais em que o homem é ocidental bem mais velho e uma menina asiática, magérrima e bem mais nova. Mas, pelo que vi nas ruas, não é um privilégio dos homens mais experientes, já que vários jovens também circulam na mesma companhia.

Para os afiados que adorariam dizer que isso é preconceito e julgamento, adianto que acredito no amor em todas as mais possíveis e variadas formas, mas a partir do momento em que os dados apontam que cerca de 60% dos turistas homens na Tailândia se beneficiam da indústria do sexo, fica difícil acreditar que absolutamente todos os casos que vi são amor à primeira vista (fonte: *Night Light International*⁹¹). Ainda assim, obviamente, existem casais que se uniram única e exclusivamente pela vontade de estarem juntos. Sorte deles.

Uma das organizações que conhecemos foi a Night Light International (luz da noite internacional) que trabalha em várias frentes relacionadas ao combate ao tráfico humano, mas, sobretudo, no resgate e na assistência dessas vítimas. Tivemos a chance de conversar com Krista Couts sobre o tema e os desafios enfrentados. Pra se ter ideia do absurdo desse mercado, existem pacotes semanais e até mensais oferecidos aos clientes, que podem alugar uma acompanhante pelo tempo que desejarem. Carência, baixa autoestima, solidão... Tudo poderia justificar essa prática, se por trás desse "namoro", não existisse um mercado ilegal movido a todo tipo de privação, violência e abuso.

Vale ressaltar que entre essas mulheres, também existem aquelas que escolheram, com liberdade, essa forma de trabalho. Por "liberdade" nesse contexto, entenda-se ausência de qualquer forma de coerção física, social ou moral praticada por um terceiro contra essa mulher. Elas merecem respeito e proteção legal da mesma forma, só não são o foco do meu relato, que pretende deixar claro que, a impossibilidade de escolher por si só se relacionar sexualmente com alguém em troca de dinheiro, é um crime impossível de ser classificado na minha cabeça.



197 - Rua Soi Cowboy, em Bangkok (foto em baixa resolução para preservar a identidade das pessoas)

Nada tinha me chamado tanta atenção até chegarmos por acidente a uma das ruas mais famosas da cidade. Descemos do metrô e, ao procurar um lugar pra jantar, fomos abduzidos pela *Soi Cowboy*, uma rua estreita e toda iluminada, onde mulheres de todas as idades, de roupa ou de biquíni, nos convidavam para

tomar uns bons drinques. Eu perdi a voz e fui caminhando com dificuldade, tentando sorrir e entoando mentalmente o mantra que aprendi no retiro Budista (um que desperta o desejo de **compaixão**). Se naquela hora eu pudesse fazer um pedido, eu desejaria que todas aquelas mulheres pudessem ter a chance de escolher ou não estar ali. Simples assim.

Algumas delas estão ali por opção, mas uma boa parte é vítima desse tráfico e vive em constante alerta, sem expectativas de mudar de vida ou de ser ao menos resgatada. E é por elas que meu coração se despedaçou.

Tive vontade de sentar para uma cerveja, um desabafo ou brigadeiro de colher, mas esse mundo não é nada cor de rosa e sei bem que, qualquer indício de conversa fiada, pode despertar a atenção de quem está no comando do negócio. Achei prudente não criar nenhuma situação que pudesse prejudicá-las ou incomodálas de alguma forma.

Mas, pra minha surpresa, parecia que só eu e o Fê estávamos desconfortáveis com aquilo tudo. O resto dos turistas, incluindo mulheres e casais, pareciam inebriados pelas luzes, pelas doses e pelas lindas e sorridentes meninas. Será mesmo que ninguém ali se importava com nada além de visitar um dos dez lugares mais turísticos de Bangkok?

Voltamos pra casa em silêncio, com aquela sensação de impotência por não conseguirmos fazer absolutamente nada para mudar essa realidade.

Chegando a Chiang Mai, no norte da Tailândia, tivemos a chance de visitar um **negócio social** – o *Chai Lai Orchid*⁹² – cujo foco também é combater o tráfico de mulheres por meio do turismo. A fundadora Alexa Phan resolveu criar um Eco Resort verdadeiramente baseado no conceito de turismo consciente e sustentável que inclui e beneficia diretamente a comunidade local, representada em grande parte por refugiados da Birmânia, atual Mianmar.



198 - Rio onde fica a Chai Lai Orchid, em Chiang Mai

No Chai Lai Orchid é possível se hospedar em um lindo bangalô por um preço justíssimo, que não paga o privilégio de ser acordada com um elefante passando em frente à sua varanda. Vale ressaltar que lá não é permitido passear montado nos elefantes, utilizando aquelas cadeiras de madeira pesadíssimas, que causam prejuízos sérios a eles. Aliás, o turismo com elefante também é uma indústria extremamente lucrativa na Tailândia, o que estimula maus tratos e abuso dos animais, que parecem passar despercebidos por quem se

diverte em cima da cadeira. Mas tudo é uma questão de informação, então, agora que eu e você sabemos que isso não é correto, nem saudável para o elefante, basta não concordar em fazer esses passeios e compartilhar isso para que mais pessoas descubram também e parem de alimentar prática tão cruel e desumana.

Voltando ao tráfico de pessoas e à exploração sexual, por meio do projeto *Daughters Rising* (ascensão das filhas), atrelado diretamente ao *Chai Lai Orchid*, Alexa também trabalha levando consciência e oportunidade às meninas e mulheres que vivem como refugiadas em vilarejos. Por meio de workshops, oficinas, cursos e debates, as meninas ganham condições de se proteger contra possíveis exploradores e se desenvolver como pequenas empreendedoras no ramo do turismo e artesanato. Toda a equipe que trabalha no *Chai Lai Orchid* é composta por refugiados que aprendem desde a arrumação do quarto até a recepção dos hóspedes e a renda do resort é revertida para manter o negócio e os projetos do *Daughters Rising*.

Conhecemos bem de perto essa realidade quando passamos uma noite na casa de Eddy Sivat, um jovem tailandês cuja família veio de Mianmar há algumas décadas. Cozinhamos juntos, aprendemos sobre a cultura da sua tribo e pudemos comprovar que o acesso à informação e a oportunidades de desenvolvimento protegem as pessoas de caírem em armadilhas cruéis.



199 - Eddy Sivat em sua casa, onde nos hospedou, no vilarejo Hoi Hoi, em Chiang Mai

De Chiang Mai fomos para a praia. Eu adoro praia e, por esse motivo, fiz questão de conhecer Maya Bay, uma praia paradisíaca das Ilhas Phi Phi que, na internet, a gente acha que poderia passar uma vida toda morando ali, pescando e cantando num luau.

Foi um bate-volta de uma manhã, e ainda assim, me deu mais emoção do que encontrar leite condensado nos mercados daqui! Fomos naqueles barquinhos de madeira que, oficialmente, cabem cinco e eles colocam dezessete. Começou a chover no meio do caminho até a ilha e, enquanto eu rezava pela vida, o Fê se divertia filmando as ondas invadindo tudo. A foto registra minha alegria.

Passamos por vários lugares antes de chegar à bendita praia e, quando chegamos, pelas minhas contas havia aproximadamente 234.345 pessoas e 54.364 barcos. Brincadeira... Não tinha espaço direito pra andar, nem pra nadar, nem pra enxergar se era mesmo uma praia. Mas eu fui forte e entrei na água, mesmo em choque. Mergulhamos e, quando olhei pro Fê, ele estava com um canudo de plástico preso no ombro. Juro, parece piada. Mas depois de um episódio como esse, relaxei e curti a multidão (até porque eu amo multidão, só não achei que a encontraria no meu momento de sonho na praia da Tailândia).



200 - Nós no barco durante uma chuva nas Ilhas Phi Phi

Tinha plástico espalhado por todo lado, gente gritando, rindo, barulho, mil barcos, pessoas tirando foto de coisas nada a ver e algumas delas pareciam estar como eu: paralisadas, sem força pra demonstrar a inconformidade de estar de cara com o poder de destruição do homem.

Mas não acabou aí. Na volta do passeio, paramos na Monkey Beach, conhecida pelos macacos (ah vá!) que não têm mais medo de gente. De novo, mil pessoas interagindo com eles e oferecendo de tudo... salgadinho, frutas (menos mal), bolinho e – respire fundo – refrigerante. O Fê lida melhor com essas coisas e continuava rindo (um pouco de nervoso, claro), enquanto eu só observava o pessoal animadíssimo com *selfies* e petiscos com os macacos.

Era como uma happy hour de bar. As fotos mostram bem isso, principalmente o fato de os turistas não parecem muito preocupados com o aviso: "Respeite o paraíso. Por favor, não alimente a vida selvagem local".

Chegando à terra firme, eu não sabia mais com quem me preocupar. Com as meninas traficadas e exploradas sexualmente, com os elefantes abusados e maltratados, com as praias tomadas por sujeira e plástico ou com os macacos e suas dietas desbalanceadas. Foi quando concluí que todos esses pontos têm origem num problema maior: a ignorância do ser humano.

Somos genuinamente capazes de nos sentir atraídos por tudo que é diferente, exótico, inesperado e novo. É disso que viagens tratam, mas ninguém falou pra gente que tem um limite pra esse prazer e o limite é quando alguém, um animal ou um lugar está sendo prejudicado de alguma forma. Parece tão óbvio, mas, pra quem insiste em viver no próprio casulo, esse limite é bem difícil de explicar.

O aluguel de uma "namorada traficada", o passeio na cadeira sobre o elefante, o salgadinho dado ao macaco e a garrafa de refrigerante jogada no mar também são tristes indicadores de que perdemos a noção do que é humano — ou não — e até que ponto podemos praticar a nossa busca incessante pelo prazer e pela felicidade.



201 - Homem alimenta macacos na Monkey Beach nas Ilhas Phi Phi, onde era explicitamente proibido

Somos nós que alimentamos essas atrocidades e essa afirmação não é uma acusação dirigida à você, mas, sim, a uma grande parte da sociedade, a qual nós integramos, que não se preocupa em se questionar antes de fazer uma opção. Afinal, em viagem vale tudo, não é? É um mundo dos sonhos, onde temos a chance de nos divertir ilimitadamente antes do dia mortal de voltar pro trabalho. Já pensou em tentar trabalhar com algo que você ama? Pode ajudar nessa sensação, mas isso é papo pra outra hora.

É assim com quase todo mundo e é isso que dá uma espécie de aval pra agirmos com liberdade e desprendimento. Mas, pera lá! Ninguém disse que liberdade é se dar ao direito de desconsiderar a história pessoal por trás de cada sorriso amarelo das meninas de biquíni em Soi Cowboy, nem alimentar macacos com bolinhas de queijo.

Na minha opinião, o turismo, as viagens e as descobertas trazidas por ela são valiosíssimas para nos aprofundarmos em questões que, na correria do dia a dia, nos passam despercebidas ou que sequer despertaram nosso interesse antes. Mergulhar em novas culturas, se livrar de preconceitos e enxergar muito além do que somos acostumados.

Por isso viajar é tão poderoso, mas tem que ter consciência e informação para deixar de programar tudo no automático. Não precisa fazer uma auditoria extensa no país, no hotel que se hospeda ou no restaurante que janta, nem transformar o prazer em uma pesquisa de antropologia.

Basta estar com o olhar atento e calibrado para conseguir identificar o que parece cheirar mal, escolher não fazer parte dessas experiências e falar abertamente sobre isso. E vamos combinar que nem é tão difícil assim, vai?

É só escolher ser parte da turma que ainda ama o mundo, os animais e as pessoas, mesmo tendo a sensação de que um meteoro se aproxima a cada dia da Terra. É escolher não ser conivente com aquilo que está estampado ser errado, mesmo que todo mundo ignore isso. É escolher enxergar todos esses absurdos e levá-los junto na mala, pra que você não se esqueça de ajudar a resolvê-los quando chegar em casa.

É escolher viver só o melhor da experiência, do lugar e das pessoas. E oferecer de volta o seu melhor também.

Gabi

Reflexão II - Sobre ser inspirador

Publicado em 18 de junho de 2015



202 - Comerciante em sua barraca em Dambulla, no Sri Lanka

Não há nada mais mobilizador do que sentir-se inspirado. Um momento, uma pessoa, um filme, um livro, uma lembrança. A inspiração não vem do que se ouve, se vive ou se vê. Vem do que se sente e como se sente.

A inspiração vem da forma como enxergamos e interpretamos a mensagem. Vem pura e simplesmente da verdade do discurso, da palavra e da emoção. No sentido literal da palavra, inspirar é trazer ar aos pulmões. É reabastecer-se, renovar-se. É um sopro de vida pra dentro de si.

É o ato de iluminar o espírito. Assim, singelo e verdadeiro. O que me leva a concluir que está exclusivamente relacionado ao despertar do melhor de cada ser humano.

Pra mim, a inspiração é um exercício pessoal e intransferível, como o próprio ato de respirar. Absolutamente ninguém que não seja você mesmo pode fazer isso no seu lugar. Ou você sente e faz sentir. Ou não. Vez ou outra pode até nos faltar o ar e essa é a apneia perfeita pra mergulhar dentro si.



203 - Senhora artesã no Barefoot College, em Tilonia, na Índia

Quem te inspira? O que te inspira e o que você acha que inspira nos outros? O que é feito das sensações, das perguntas e das emoções que você sente quando é inspirado? Suas inspirações te prendem ou te libertam?

São reflexões necessárias para uma sociedade que tem respirado com o peito apertado e não se percebe refém de padrões diversos, que de inspiradores não têm nada (ou, pelo menos, não deveriam ter).

E é por tudo isso que eu queria te contar um segredo, daqueles para espalhar para o bairro todo: você também pode ser inspirador.

Gente normal, assim como você, como eu e como os bilhões de pessoas que acordam todo o dia e saem para enfrentar suas batalhas. Cada um com a sua.

Eu me inspiro com Mandela, Gandhi, Paulo Freire, Madre Teresa, Vera Cordeiro, Oscar Schindler e Malala. Ah, tem tanta gente...

Também me inspiro com a Maria que ajuda lá em casa, há quase vinte anos, e representa a força da mulher que se desdobra em mil para sustentar a família com dignidade.

Me inspiro com o Max, que engraxa sapatos e corações no escritório em que eu trabalhava e ainda hoje me manda mensagens apaixonantes de amizade e de fé.

Me inspiro com os meus pais que, com muita humildade e esforço, fizeram de tudo para que nunca faltasse nada lá em casa (muito menos amor).

Me inspiro com as tantas personagens reais das nossas experiências que nos ensinaram mais sobre a vida do que qualquer outra coisa.

Eu suspeito que muitas dessas pessoas não sabem que são inspiradoras. Afinal, aparentemente, pra ser inspirador parece que a gente precisa fazer algo grandioso, que possa ser notado por muitos.

E tem algo mais grandioso do que aceitar viver a sua batalha e assumir as belezas e dificuldades de ser você mesmo e ninguém mais?



204 - Gabi (ao centro) estuda inglês com as anfitriãs no vilarejo Hoi Hoi em Chiang Mai, na Tailândia

A minha história é só minha e, por mais que eu faça questão de compartilhá-la com tanta gente querida, ninguém pode escrevê-la por mim.

O mesmo acontece com você. A sua história, a sua batalha e a maneira como você as enxerga são as suas mensagens para o mundo.

Por isso, a importância de reconhecer o valor da sua luta e o que você tem feito dela. A gente não precisa de mais um herói fazendo coisas grandes. A gente precisa, mesmo, é de muitos heróis gerando mudanças pequenas.

Ser inspirador é ser verdadeiro com você, com o outro e conseguir transmitir essa verdade com um objetivo maior: trazer luz para o espírito e ar para os pulmões.

É aceitar que estamos sempre sendo observados por alguém e temos o poder silencioso de tocar as pessoas pelo exemplo, pelo ato e pelo simples fato de sermos quem somos.

Um ditado hebreu diz que "quem salva uma só vida, salva toda a humanidade".

Ser inspirador é isso. É salvar pelo menos uma vida, começando pela sua...

Bem vindo!

Gabi

Experiência 30 - Mianmar ou Birmânia

Publicado em 29 de junho de 2015



205 - Jovens no bairro de Dalla, em Yangon

O país se chama Mianmar e antes usava o nome de Birmânia... É uma república presidencialista, com uma democracia estranha, pois o governo atual foi o responsável pelo golpe militar. Não é permitido entrar em algumas partes do país, por motivos desconhecidos. A equanimidade de sua maioria budista aparentemente não vale para as diferenças entre etnias, já que o país tem sérios problemas com violações de direitos humanos até hoje. O turismo é minúsculo e inexplicavelmente caro.

Acho que deu pra sentir um pouco do que aprendemos em Mianmar, mas o ponto mais importante é que o povo é muito amável e fomos bem tratados como estrangeiros, mesmo sendo poucos por lá.

A primeira curiosidade é que o nome foi alterado para Mianmar em razão do orgulho ferido, pois o anterior, Birmânia, foi dado pelos colonizadores britânicos. Como essa alteração foi feita pelo governo militar em 1989, quem não reconhece sua legitimidade não aceita o novo nome. Por isso, é comum ser tratado como Mianmar (Birmânia), exatamente assim, com um dos nomes entre parênteses sempre. Curioso...



206 - Comércio de rua em Yangon

O país já passou por muitas guerras civis e golpes. Ainda existe um triste conflito entre etnias, que é encoberto pelos militares no poder. Essa violência de opressão vai desde genocídios públicos de milhares de protestantes nos anos 80 a assassinatos de monges em 2007 (o que, segundo a religião, é um ato gravíssimo), além de conflitos armados com rebeldes chineses, em 2015. Parte dessas atrocidades está na mídia, hoje, como os milhares de muçulmanos Rohingya pedindo refúgio em outros países por serem uma etnia islâmica sem direito algum em Mianmar, considerada um grupo invasor vindo de Bangladesh.

A confusão não para por aí. Na tentativa militar de democratizar, eleições foram realizadas em 1990 e, depois, em 2010, mas ambas foram oficialmente condenadas como fraudulentas pela *ONU* e muitos países. Ainda assim, por interesses financeiros, obviamente, países como os EUA estiveram em visitas oficiais em 2014. Mas espera aí! O governo no poder não é uma fraude? Alguém quer ganhar de alguém, hein?

Existe a oposição que luta por uma democracia mais real, mas ainda sem sucesso. Uma das principais líderes, Aung San Suu Kyi, ficou em prisão domiciliar por mais de uma década e foi ganhadora do *Prêmio Nobel da Paz* em 1991. Outra figura política conhecida, o diplomata birmanês U Thant, foi secretário geral da *ONU* por dez anos, até 1971. Eu não os conhecia, mas os menciono porque vale ler mais sobre eles.

Por ser um país mais fechado e menos modernizado, não encontramos organizações sociais, mas tentamos nos aprofundar ao máximo na realidade do país. Para tanto, exploramos os arredores de uma cidade com um guia muito simpático e agitado, Oo Oo Myat Khaing. — Eu adoraria ser chamado de "Ôô", prático, carinhoso e ainda dá pra puxar o refrão de alguma música... — Ele é budista e, com seus mais de setenta anos, pude aprender e refletir sobre o poder da informação.



207 - Oo Oo Myat Khaing (ao centro) e nós em Yangon

Demos uma bela caminhada pelo distrito de Dala, do outro lado do rio da grande cidade de Yangun. Pelas ruas se vê camelôs a qualquer hora, vendendo de tudo e, por isso, resolvemos conhecer onde moram. Como prevíamos, as condições são muito precárias, com lixões a céu aberto e muitos barracos sobre mangues. Ali vivem budistas, muçulmanos e católicos, todos juntos e pareceu tudo em paz.

Puxo papo com pessoas que vou conhecendo ao longo da viagem, sempre pra tentar entender como anda sua vida e dos outros, o que funciona, o que não funciona, se as coisas têm melhorado e quais são seus sonhos. Como nem sempre é possível construir uma amizade profunda em apenas alguns dias, para ir à intimidade dos fatos, tento filtrar as respostas de acordo com a sabedoria que a pessoa transmite.

Pelas experiências vividas até agora eu, pessoalmente, nunca sinto que posso ir a fundo sobre determinados assuntos nas conversas com os guias. Seja porque eles já têm um texto pronto e não toleram um estrangeiro perguntando fora do roteiro ou porque, realmente, não têm consciência da realidade do seu país. No Brasil, conheço muitos "desconhecedores" assim, mas que não trabalham com turismo...



208 - Jovens brincam num lixo a céu aberto no bairro de Dalla, em Yangon

Sabendo desse tema delicado da desarmonia entre etnias no país, quis entender a opinião de Oo Oo. Para meu desgosto (uma pena!), ele se mostrou bastante duro ao acreditar no fato de que o povo Rohingya não é de Mianmar e dizer que não é problema deles ver seres humanos sem pátria. Salientou, inclusive, que o noticiário de hoje só fala besteira e se sente prejudicado pelo que a mídia internacional fala do caso.

Independente de esse povo ser originalmente dali ou não, o fato é que o governo construiu um estigma tão forte contra eles, que, mesmo sem saber direito o que realmente acontece, muitos apenas apoiam. Isso até me lembra os nossos conterrâneos pedindo o impeachment da Dilma sem ter a menor ideia de quais são os problemas e muito menos qual seria a melhor solução.



209 - Mulher em sua casa no bairro de Dalla, em Yangon

Nas conversas com o nosso guia, refleti sobre como a informação hoje é manipulada pelo interesse pessoal do emissor. Não sei se é drástico demais, mas infelizmente, em razão da obsessão pelo ego, sinto que até mesmo, em discussões banais, as pessoas colocam toda sua força para vencer o outro com seu ponto de vista e, muitas vezes, sem nem saber ao certo qual a realidade e nem se prontificar a ouvir o outro. O orgulho grita mais alto.

O grande problema é que, dessa forma, uma legião de convictos começa a se unir e a tomar força por uma ideologia que cega e inibe o livre pensamento. Isso por acreditar no que alguns falam sem nem saber por quê. Essa é a mesma lógica dos genocídios doentios que aconteceram por causa de um discurso mal intencionado que se tornou uma "fórmula mágica psicológica" que fez milhares de cabeças acreditarem em algo ao pensar: "É isso mesmo, porque é".



210 - Comércio de rua numa estação de trem em Yangon

O triste é que, hoje, todos nós precisamos ter muita cautela ao receber e absorver qualquer informação. É preciso ter certeza da sua imparcialidade e honestidade. Sabemos que existem revistas que escancaram suas afinidades políticas e são tendenciosas e também das intermináveis formas que a propaganda usa para nos convencer que comprar determinado produto pode transformar o consumidor em super-herói...

A verdade é que, hoje, a maioria das pessoas sofre as consequências desse conflito de interesses sem nem saber por que e sem nem ter acesso à informação real. A internet mudou isso profundamente. Do lado positivo, criou uma rede onde é possível saber informações que antes eram dificílimas de encontrar ou ficavam restritas a poucos. Do lado negativo, multiplicou o alcance das mensagens, tenham elas boa ou má intenção ou revelem os defeitos da sociedade, como fofocas e futilidades.

Segundo fontes variadas sem um número conciso, hoje, se estima que a internet chega a mais de 30% da população global. Será, mesmo? Nessa era da comunicação, o que me incomoda bastante é o que as pessoas escolhem procurar intencionalmente. É complicadíssimo tirar conclusões quando a educação ainda é tão desigual, mas uma situação na cidade central de Mandalay me marcou muito.

Como a Gabi e eu somos diferentes na cor da pele e na fisionomia, é comum encontrarmos pessoas que nos pedem para tirar uma foto conosco. Especialmente lá em Mianmar, onde era mais raro ver turistas. Alguns até "forçam a amizade" e nos mandam tirar o chapéu e os óculos. — Talvez pra valorizar nossos cachos capilares, mas eu nego... — Lá, um casal da nossa idade nos pediu para serem fotografados com a gente e, ao sorrirem alegremente, notamos que tinham poucos dentes e a boca era muito preta.

Infelizmente, essa é uma realidade que vemos usualmente, mas ali, em especial, me chamou a atenção pelo fato de sempre estarem vestidos com roupas novas, usando acessórios emperiquitados e por terem celulares modernos e novinhos. Ainda, na saída, onde estávamos, eles passaram por nós dirigindo um carro.



211 - Barcos pescadores num rio da cidade de Bagan

O que quero dizer é que essa experiência foi uma prova cabal de que as mensagens e os desejos que estamos disseminando na sociedade são simplesmente pelo interesse de quem os cria e não pelo interesse de quem os acata. Indiferente da educação que esse casal teve acesso, por exemplo, os dois conseguiram conquistar dinheiro para ter o poder de escolha e, ainda assim, priorizam essas posses antes da saúde. E ainda devemos levar em conta que, hoje, eles têm acesso à internet e podem muito bem encontrar informações sobre saúde bucal.

O mais cruel é que o casal ainda não percebe isso e os dois vivem aparentemente felizes (me contento por eles), mas sem nem saber que podem ter um sério problema de saúde que poderia ser evitado. Fiquei tão impactado com tantos fatores externos e pensamentos que não tiramos a tal foto com eles com nossa câmera. Sério, me desculpe!



212 - Meninas na rua em Yangon

Ficou mais um aprendizado de diferenças, vilões e heróis. Uma lição de que precisamos estar conscientes do que fazemos, porque fazemos e o que nos motiva. Sei que parece até chato ter que pensar

tanto pra viver, mas ao lado de todas nossas intermináveis qualidades, temos os nossos defeitos. Eu sigo firme no partido dos que acreditam que os vilões são o ego e o poder, enquanto os heróis são a consciência e a sabedoria. Vote em quem quiser!

Felipe

Experiência 31 - Camboja

Publicado em 6 de julho de 2015



213 - Professora e seu filho na escola da Ponheary Ly Foundation, na zona rural de Siem Reap

Chegamos ao Camboja, já bastante ambientados com o Sudeste Asiático, mas a verdade é que cada lugar tem suas magias e peculiaridades, e ali não seria diferente!

A história do país traz uma marca profunda deixada pela violência e a crueldade que se instalou durante o governo do *Khmer Rouge*, entre os anos de 1975 a 1979. Sob o comando de *Pol Pot*, foi arquitetado e implementado um golpe de estado com a intenção de reconstruir a nação do zero, obviamente de acordo com as vontades do líder.

O resultado foi um massacre violento de grande parte da população, começando por intelectuais, professores, advogados e jornalistas. As escolas foram banidas do país e qualquer tentativa contrária ao novo regime era punida com tortura e morte. Estima-se que mais de dois milhões de pessoas foram mortas nesse período.

Todas essas histórias podem parecer muito distantes da realidade e de nós, até encontrarmos com alguém que tenha sentido isso na pele, não é? Pra nós, essa pessoa foi a radiante Ponheary Ly, uma cambojana de cinquenta anos que mora em Siem Reap, sorri como uma criança e se emociona com suas próprias histórias.

Durante o regime do *Khmer Rouge*, o pai de Ponheary, na época professor, foi cruelmente assassinado e, a partir de então, ela, a mãe e os irmãos passaram a lutar pela sobrevivência. Movida pelo exemplo do pai, com a saída de Pol Pot em 1979, Ponheary continuou seus estudos até se tornar professora e guia turístico.

Foi trabalhando como guia que ela observou a enorme quantidade de crianças que trabalhavam nas ruas e estavam longe da escola. Mas, como Ponheary fala muito e faz mais ainda, ela passou a sugerir aos clientes turistas que, em vez de lhe dar gorjeta, contribuíssem com materiais, uniformes e matrículas escolares para aquelas crianças. Essa seria a fórmula perfeita para não incentivar o trabalho infantil e facilitar o acesso à escola.



214 - Alunos da escola da Ponheary Ly Foundation na zona rural de Siem Reap

Essa ideia foi ficando séria e se tornou a *Ponheary Ly Foundation*⁹⁴ depois que uma turista do Texas, Lori Carlson, se apaixonou pela iniciativa e colocou a mão na massa para levantar fundos e impactar ainda mais crianças. Hoje, Lori é a presidente da fundação e, ao lado de Ponheary, beneficia mais de 2.500 crianças, que recebem gratuitamente materiais e uniformes e podem frequentar a escola diariamente. Além disso, a fundação paga aos professores um complemento salarial mensal, já que o valor pago pelo governo é baixíssimo. Outros projetos como aulas de jardinagem e de informática também são parte da iniciativa, além das bicicletas oferecidas a quem mora muito longe.

Nós visitamos uma das escolas na companhia de Ponheary e foi um dia muito inspirador. Distribuímos quatro pães a cada uma das crianças, que depois foram recheados com leite condensado. Eu quase perdi a compostura com a parte do leite condensado — como tomar direto na latinha — mas isso foi só um detalhe. Perguntei a ela o porquê do número quatro e ela respondeu, com a maior sinceridade do mundo: "No começo, eu dava apenas um para cada criança, mas percebi que em vez de comer, elas guardavam pra levar pra mãe". Hoje, ela nunca dá menos de dois, seja lá o que for. Isso até me lembrou das festas de casamento das quais saio com 156 bem casados na bolsa pra levar pra minha mãe.



215 - Aluna da escola da Ponheary Ly Foundation, na zona rural de Siem Reap

Durante a conversa que tivemos com Ponheary, deu pra se emocionar com a pureza e a verdade de suas palavras. Também deu pra me contagiar com a risada dela, que é quase tão descontrolada quanto a minha.

Nos dias seguintes, em Siem Reap, pudemos notar que esta é a cidade com a maior concentração de empresas sociais. **Negócios sociais** são aqueles criados não só com o objetivo de obter lucro, mas também de oferecer oportunidade para melhorar a vida de pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade, seja por meio de uma vaga de trabalho ou da venda de um produto/serviço.

Esse é o caso do *HAVEN Training Restaurant*⁹⁵, um dos lugares mais charmosos e agradáveis que eu já conheci. A ideia é de um casal suíço – Sara e Paul – que trabalhou por sete meses em um orfanato no Camboja e percebeu que aquelas crianças não tinham ideia do que fariam e pra onde iriam depois que deixassem o orfanato.



216 - HAVEN Training Restaurant, em Siem Reap

Voltaram para a Suíça com uma ideia na mala e trabalharam duro até tirar o *HAVEN* do papel, que nasceu em dezembro de 2011 como um restaurante e centro de treinamento de jovens e adultos que vivem em zonas rurais desprivilegiadas. Vários dos jovens que se formam com a ajuda da *Ponheary Ly*, conseguem uma vaga nos treinamentos oferecidos pelo *HAVEN* e isso os ajuda a encontrar trabalhos em restaurantes e hotéis da cidade.

A comida é deliciosa, a equipe é MUITO simpática e o ambiente é um charme. Me senti muito especial podendo pagar por uma refeição em um lugar agradável, que ainda contribui para melhorar a vida de dezenas de jovens. Por isso, se um dia você passar por Siem Reap, o *HAVEN* é parada obrigatória, tá?

No mesmo dia, fomos assistir ao espetáculo do *Phare Circus*⁹⁶, show de circo, música e acrobacias. Os artistas são jovens que vivem em zonas rurais bastante vulneráveis, estando inclusive sujeitos à exploração sexual que, assim como na Tailândia, também é comum por ali.

Crianças, órfãos e adolescentes, que antes trabalhavam nas ruas, chegam ao *Phare Ponleu Selpak* organização sem fins lucrativos, para estudar artes e encontrar novas formas de sobreviver e ajudar a família. Os primeiros alunos surgiram há vinte anos e vieram de um campo de refugiados que se formou durante o governo do *Khmer Rouge*. Hoje, o *Phare Circus* é uma *empresa social*, que investe na formação dos artistas que recebem um salário justo e muito motivador.



217 - Espetáculo do Phare Circus, em Siem Reap

A gente se divertiu muitíssimo e, ao final, ainda bajulamos, tiramos foto e conversamos um pouco com o elenco. Como se não bastasse, na saída tem uma lojinha linda cheia de artesanatos e bijuterias produzidos nos vilarejos rurais cujo valor é destinado a manter o show e aprimorá-lo ainda mais. Uma noite de circo, pipoca e muita energia boa.



218 - Nós com os artistas do Phare Circus, em Siem Reap

De lá, partimos pra Phnom Penh, onde tivemos uma das experiências mais divertidas e emocionantes da vida! Era dia dos namorados e o Fê preparou uma surpresa – não, ele não cortou o cabelo! – Saímos para jantar em um lugar diferente chamado *Dine in the Dark* (jantar no escuro).

É um restaurante criado com o objetivo de gerar oportunidade de trabalho para jovens com deficiência visual ou que perderam totalmente a visão. Muito mais que isso, é uma verdadeira **experiência de empatia** e vou contar o porquê.

Chegando lá, escolhemos o cardápio e a bebida. Em seguida, o guia Jojo nos conduziu ao segundo andar do restaurante. Fomos andando de trenzinho e, à essa altura, eu já estava rindo completamente descontrolada. A cada passo, ia ficando mais e mais escuro até entrarmos no local do jantar. Olho aberto e olho fechado dava na mesma. Não dava pra ver absolutamente nada e o jantar seria todo assim: no escurinho completo.

Eu não parei de rir por um minuto. Primeiro, porque eu fiquei um pouco tensa de não saber me virar direito na escuridão e, segundo, porque eu, com minha delicadeza de elefante, biquei 65 quinas, tropecei em mim mesma, quase atropelei o Jojo e derrubei tudo da mesa.

A comida chegou e, enquanto o Fê pacientemente utilizava os talheres, eu já estava mandando ver o meu camarão com a mão mesmo. Inclusive, aí está uma boa dica para um primeiro encontro... Não rola aquela vergonha de comer babando ou ficar com uma alface presa no dente. Ninguém te enxerga e você não enxerga nada! Está tudo liberado. O Fê atacou até a cumbuca de folhas achando que era comestível. O Jojo estava sempre por perto pra encher nossa taça de vinho, tirar alguma dúvida e dar risada com a gente também.

Mas, em meio às gargalhadas, mãos sujas e comida fora do prato, a gente ficou meio em transe pensando como essas pessoas são especiais. Especiais no sentido de mágicas, incríveis, super poderosas! A gente não parava de se perguntar como elas conseguem viver assim o dia todo, a semana toda, a vida toda? Foi daí que concluí que ser deficiente, seja lá qual for a deficiência, é ser mágico e é transformar a ausência de algo no mais puro amor pela vida.

Despertamos uma **empatia** colossal por essas pessoas, que muito mais do que nós, **enxergam com a alma e o coração**. Tenho certeza de que enxergam muito mais profundo mesmo. Simplesmente porque não enxergam o que você tem. Enxergam o que você é. Não enxergam seu carro, sua roupa, seu anel de brilhantes. Enxergam sua **gentileza**, sua educação, seu carinho e sua simpatia. Eles têm olhos para o que realmente importa e se conectam de coração pra coração.

A moral da história é que terminamos o jantar em silêncio, refletindo sobre a nossa condição, sobre o que temos feito dela e sobre de que forma acolhemos essas pessoas mágicas. Pra mim, que enxergo, ouço, cheiro, falo (e muito), caminho e me mexo toda, não tenho nada de especial pra mostrar. Talvez a energia do meu amor e da minha gratidão genuína por poder fazer tudo isso.

O Jojo, que nos serviu com tanta **gentileza** e tranquilidade, que convive com a sua escuridão dia após dia e nos guiou delicadamente para viver um pouco do seu mundo, me mostrou que está mais do que na hora de todos nós enxergarmos magia em quem quer que seja, principalmente em quem nos ensina a identificá-la.

Um restaurante como o *Dine in the Dark* faz isso muito bem, quando nos permite compartilhar um pouco desse mundo encantador de quem só enxerga o que está ao alcance do coração e dá oportunidade de convívio social e profissional aos mágicos que transformam escuridão em lições de vida.

Foi assim nossa passagem pelo Camboja, conhecendo pessoas e iniciativas que pretendem mostrar ao mundo a mensagem de que não podemos perder a esperança e que, cada levantada do sofá pra mudar algo que não vai muito bem, muda a vida de muita gente, e que pode mudar a vida de muito mais gente e do mundo inteiro.

Sejamos, então, capazes de aprender com a pureza das crianças, com a coragem de quem enxerga além do dinheiro e com a magia de quem consegue fazer do escuro um caminho ainda mais brilhante pra seguir.

É possível sentir um pouco de tudo isso no vídeo ⁹⁹ que publicamos.

Gabi

Reflexão 12 - Que mudança é essa que o mundo precisa?

Publicado em 13 de julho de 2015



219 - O contraste de iates e casas suspensas num rio em Ho Chi Minh, no Vietnã

Quando planejei esta viagem, além de querer aprender e me conhecer, o objetivo era também compartilhar a intensidade das experiências para inspirar a mudança nas pessoas. Mas muitos questionam que mudança é essa.

A sociedade nos moldes de hoje funciona apenas para aqueles que têm o conforto psicológico do poder de escolher o que querem, enquanto muitos sequer sabem como é esse poder de escolha. A mudança que precisamos é plantar uma semente na consciência de todos que têm esse poder, para que saibam que são responsáveis pelos outros que não o têm e que a igualdade de oportunidades é possível, sim. Os poderosos precisam deixar de ser cúmplices e de acreditar que não podem fazer nada para resolver os problemas dos outros, para, assim, perceberem que são parte ativa dessa mudança. Mas como?

Acredito que precisamos começar pelo básico, praticando mais **empatia**, respeito e se importando com o próximo, de verdade. Ter apenas simpatia por alguém não é suficiente, porque precisamos querer participar mesmo da transformação e não só concordar que existe um problema, compreender que "ah, é complicado, não é?" e não fazer absolutamente nada. Essa desigualdade sócioemocional criou barreiras psicológicas gigantes entre classes sociais e preconceitos grotescos que nos fazem parecer raças diferentes no dia a dia. Quantas pessoas você conhece que nem olham para o garçom e dizem "por favor"? Quantas vezes você já viu alguém nem dizer "obrigado" para o vendedor? São pequenos gestos de falta de educação social que passaram a ser normais.

Esse poder está diretamente relacionado com acesso à educação, à saúde, à moradia, ao respeito e a viver com dignidade. Existe uma escala desses privilégios na qual os que estão no topo têm mais poder para escolher à vontade e, à medida que o poder diminui, as opções de escolha se afunilam. Essa linha decrescente chega a um ponto em que algumas pessoas só podem comer às vezes, não têm água potável, nunca vão à escola e não têm cuidados médicos. Tudo isso porque o desenvolvimento não chegou até eles.

Como sabemos, essa distribuição tem um formato piramidal, onde os mais poderosos são poucos e os menos poderosos são muitos. Podemos criar infinitas teorias para entender como chegamos a essa realidade desigual, mas, como o passado é imutável, temos que focar em mudar o hoje e precisamos nos preocupar em resolvê-la.

Durante esta viagem, me deparei com inúmeras situações em que me senti desconfortável por achar que alguém não me tratou com respeito, porém, depois de um tempo, entendi que não é justo reagir com essa sensação. Por quê? Se todos nós precisamos ser ensinados sobre como devemos nos relacionar nos formatos sociais de hoje, como pode ser correto esperarmos que todos se tratem educadamente se tem tanta gente que não pôde ser educada, alguns nem mesmo por pais presentes, dispostos a criar e a ensinar.



220 - Família e suas casas no bairro de Dalla, em Yangon, Mianmar

Uma situação assim aconteceu com um motorista de taxi-bicicleta no Vietnã que me cobrou o dobro do preço normal. Como posso julgar que ele agiu de má fé e foi desrespeitoso, se a única escola da vida a que ele teve acesso o ensinou que turistas têm dinheiro de sobra e é muito correto que paguem mais. Segundo o que aprendi na minha escola, não consigo aceitar isso e acho incorreto porque me sinto enganado, mas o que é mais injusto?



221 - Vendedor de chapéus em sua bicicleta em Hanoi, no Vietnã

Até aí, me parecem compreensíveis essas situações em razão de tais diferenças, mas, e no caso dos poderosos que tiveram educação, acesso a tudo e poder de escolha, mas mesmo assim não são educados, justos, nem praticam o respeito no dia a dia? Qual seria a justificativa? Eu não sei a resposta, mas um ego poderoso se torna muito perigoso e acredito que é ele quem tem criado essas barreiras sociais que nos distanciam tanto.

O fator comum entre todas essas situações é, em grande parte, o dinheiro. Ele tem a praticidade inegável de ser a nossa principal moeda de troca, mas o poder que é conferido a quem o acumula mais nos tornou apaixonados por ele.

Com essa possibilidade de "ter", passamos a acreditar que esse é o caminho da felicidade, da liberdade e do futuro garantido. Pode até fazer sentido, mas esse pensamento é injusto e egoísta porque nem todos têm igualmente essa oportunidade de escolha. Se houvesse equilíbrio, a ganância por ser mais rico seria apenas um sonho entre muitos e tudo bem, cada um com o seu.



222 - Famílias dormem num trem em Mianmar

Só que precisamos ser justos. O mérito que muitos acreditam ter conquistado para fazerem o que quiser com o seu poder financeiro é um merecimento restrito e desigual. Pode ser legítimo gozar da recompensa de muito trabalho, mas e pra quem isso é inalcançável? Se um profissional de sucesso (segundo o padrão atual), que nasceu numa família com boas condições sóciofinanceiras, nascesse numa família sem dinheiro, entre dez irmãos, numa zona rural de um país em guerra civil, suas chances de ter esse mesmo sucesso seriam minúsculas. Sejamos realistas! Isso é um fato. Assim, se faz necessário desfrutar desse mérito com a consciência de que não parece justo não fazer nada para contribuir para que todos tenham essas mesmas chances ou, pelo menos, alguma possibilidade de melhorar sua condição.

Hoje, a maioria (dentro da minoria) dos que têm essas opções ao seu alcance, ainda está apenas tolerando e lamentando essa desigualdade, pois acham que não podem fazer nada. Inclusive porque é mais fácil ignorar e continuar vivendo no comodismo confortável e de suas outras preocupações como progredir no trabalho, comprar um celular novo, ir aos melhores restaurantes etc... O problema é que, na verdade, são exatamente estes que têm também o poder da mudança e, a semente da consciência, que mencionei no começo deste texto, precisa gerar frutos.

Essa aceitação é ainda mais injusta, porque os que têm pouco poder ou nenhum são os que prestam serviços todos os dias aos que têm mais poder. Nos países extremamente desiguais, como o Brasil, são eles que permitem que os poderosos vivam com todas as mordomias. Afinal, como o arroz chega ao prato no jantar, a roupa nova no armário foi feita e a casa é limpa toda semana? É uma relação interdependente, na qual a maioria das pessoas trabalha para tornar isso possível e nem assim é devidamente reconhecida.

Esses poderosos não são só os cem mais bilionários do mundo, são todos aqueles que conseguiram conquistar dinheiro e podem escolher onde morar, o que comer, o que comprar, aonde ir e o que fazer, como

eu. Não estou me gabando, é só pra seguir o raciocínio. Os que têm pouco poder não são apenas os refugiados, aqueles que não têm nem um pedaço de terra pra chamar de pátria, são todos os que têm escolhas limitadas e são reféns da primeira oportunidade de trabalho que aparece, independentemente de terem salário justo e seus direitos respeitados.



223 - Vendedor de galinhas em Yangon, Mianmar

É um círculo vicioso que não terminará nunca se tudo continuar da forma como está, pois quem tem bastante poder continuará acumulando mais e quem tem pouco continuará tentando ter mais, a todo custo. Mas, de novo, como fazer pra mudar essa realidade?

Um caminho seria: ser consciente da sua **função social** para diminuir essa desigualdade e se sentir motivado por essa responsabilidade. Isso começa pelo trabalho, no qual existe uma preocupação verdadeira com o bem estar dos seus funcionários ao prezar pela qualidade de vida e é justo na negociação com seus clientes. Também por pequenos gestos como um sorriso e um "obrigado" mais frequente. Outra forma extremamente simples é destinar parte de sua renda ou de seu tempo para ajudar (que seja 0,1% de uma delas). Pode ser uma doação para uma organização que admire ou a dedicação como voluntário, uma vez por mês por uma hora. Cada um pode encontrar a sua forma de contribuir, de acordo com as suas preocupações e interesses do bem.

Para empoderar a todos, precisamos contribuir para que existam mais oportunidades. Pequenas decisões do cotidiano podem ajudar, como preferir consumir de uma empresa socialmente responsável que investe em sua comunidade em vez de uma global que já foi autuada por trabalho forçado. Ou, então, comprar um produto orgânico de um negócio que usa práticas de *Fair Trade*¹⁰⁰ (comércio justo), em vez de um produzido por uma companhia mundial, que usa pesticidas proibidos em outros países. Só pra dar exemplos sem mencionar nomes...

Um detalhe importantíssimo é que precisamos extinguir da cabeça que somos apenas uma formiguinha entre os bilhões e uma decisãozinha do que comprar pra comer sozinho numa tarde de segundafeira não vai mudar nada. Cada ato, por mais minúsculo que seja, tem o poder de servir de exemplo e propagar o bem. Se todos acreditarmos nisso e formos fieis aos nossos princípios, ondas de mudança gigantescas se formarão. Por exemplo, se ninguém mais comprar grãos transgênicos com pesticidas, a indústria obrigatoriamente mudará seu produto e, assim, por diante. Isso é conscientização. Caso contrário, se continuarmos sem acreditar que é possível mudar, perpetuaremos os mesmos erros, vícios e sofrimentos.

Nessa etapa de autoconhecimento muitas vezes se busca autodesculpas para se livrar dessa obrigação social, como "ah, faz parte, não posso fazer nada" ou "ah, todo mundo tem que trabalhar pra ganhar o seu dinheiro" ou "não tenho tempo". Mas todos nós temos total responsabilidade pela nossa **função social**. Chegamos ao ponto em que a maioria não se importa e escolhe não enxergar a realidade.



224 - Navios turísticos de luxo numa região vulnerável de Mandalay, Mianmar

A missão que precisamos cumprir é a de conseguir dar o poder de escolha a quem não tem. Não se trata de ser mais rico, mas da simples chance de escolher, como morar num local limpo, ter água, comer algo de que gosta e poder estudar para aprender e se desenvolver.



225 - Vendedora recolhe papelão em Hanoi, no Vietnã

É uma desigualdade de poder e de amor, mas, como "o que os olhos não veem, o coração não sente", podemos enxergar e mudar.

Para encontrar organizações o site *Atados*¹⁰¹ tem uma base de dados com mais de 340 ONGs. É facílimo navegar em seu site e impossível não encontrar aquele trabalho voluntário que se encaixa perfeitamente em sua essência. Um vídeo¹⁰² compartilhado pela *BuzzFeed* é incrível e mostra muito bem essa barreira de privilégios.

Felipe

Experiência 32 - Laos e Vietnã

Publicado em 21 de julho de 2015



226 - Vendedora de rua em Hanoi, Vietnã

Laos e Vietnã estão entre os cinco países que se declaram socialistas, até hoje. Os outros são China, Coreia do Norte e Cuba. Um imenso motivo para aguçar a curiosidade de ver na prática toda teoria sobre a qual já li a respeito desse modelo econômico.

Não me intitulo socialista porque ainda preciso estudar mais para compreender seus diferentes ideais e também consequências, a fundo, mas tenho convicção de que os sistemas não socialistas atuais, mais comuns, não funcionam para todos. Não resisto a dar exemplos, mas o estímulo ao consumismo desnecessário de recursos finitos é "pegadinha" e a busca por oportunidades que tiram o máximo possível dos outros é sacanagem, fora a lenda de que se o PIB cresce, é em prol da igualdade.

Pesquisei sobre a história e o momento atual desses dois países porque não dá pra descobrir tudo nas ruas, mas deu pra sentir que estão em pleno desenvolvimento.

O Laos parece um pouco oprimido, com pessoas mais recatadas e bastante gentis. Lá, existem sérias críticas a violações de **direitos humanos** e o país é bem reservado, sem muitas empresas globalizadas atuantes. De qualquer forma o que mais me impressionou foi que, mesmo com dados relatando uma pobreza grave, durante uma viagem de doze horas de ônibus pelo interior, só vi casas de alvenaria, da mais simples à mais moderna, que aparentavam ser bem estruturadas. Também havia eletricidade por todo o percurso. Ainda assim, um detalhe que me incomodou é que os edifícios públicos (como os palácios dos ministérios) são bem mais novos e pomposos que os demais, até mesmo que o Museu Nacional, que está velho e mal conservado. Dá pra ver a diferença na foto, de dentro do museu: logo à frente está um palácio oficial.

Uma surpresa positiva, ao contrário do que acontece em poucos países pelos quais passamos, é que a estratégia de tirar vantagem de turistas, cobrando tudo mais caro, não é adotada. Sempre nos diziam o preço justo, sem adicionais. Aleluia! Fiquei até chocado! Só é muito, muito triste ficar feliz quando te tratam da forma correta. Parece que está tudo no caminho errado mesmo... Parabéns para os laosianos! Alguém precisa descobrir o segredo deles pra propagarmos.

Em nossas buscas por experiências, por ajuda do destino, ao caminharmos por Luang Prabang, vimos um grupo de pessoas conversando, de portas abertas, na organização *Big Brother Mouse*¹⁰³ (grande irmão rato). Ela tem por objetivo promover a educação em comunidades rurais através da publicação de livros, além de organizar encontros semanais onde voluntários estrangeiros se juntam com laosianos para falar e treinar inglês. Chegamos timidamente no meio de uma sessão e um dos participantes, um noviço budista chamado Thoungxai Munvitai, nos convidou gentilmente para participar.



227 - Contraste de um palácio público (à frente, com telhado verde) visto de um museu bem descuidado, em Vientiane, Laos

Ficamos duas horas contando e ouvindo histórias dos jovens que nos mostraram ainda mais a realidade do país. Como o Steve, que trabalha vinte horas por dia num hotel (em meio a cochiladas, quando os hóspedes dão folga) e vive sozinho, longe da sua família que trabalha no campo.

Ao final da sessão, tive a experiência de consumo mais inesperada da minha vida. Thoungxai nos pediu ajuda para ir ao mercado de rua noturno comprar presentes para sua mãe e irmãos que vivem em outra cidade. Ele os visitaria no fim de semana seguinte e queria atender aos pedidos de sua mãe. Quando na vida eu achei que faria compras com um noviço? Nunca. Além de presenciar um ato de consumo realmente necessário (que hoje é raro), notei seu desapego ao escolher uma vendedora e o produto, rapidamente. Em vinte segundos ele escolheu, pagou e levou. Ficamos contentes em ajudar e carregar as sacolas para evitar o seu constrangimento, já que não é habitual monges e noviços saírem às compras.



228 - Mercado de rua em Luang Prabang, no Laos

Nos demos tão bem que Thoungxai se ofereceu para nos mostrar a cidade no dia seguinte. Ficamos muito honrados. Muito mais que caminhar pela cidade, ver templos e rios, pudemos aprender mais sobre meditação e conhecer de perto a vida de quem se dedicou à religião nos últimos seis anos. Ele tem dezenove anos e é de uma família simples. No Laos, quem opta por estudar para ser monge tem um custo de vida baixíssimo, enquanto também aprende o currículo convencional aplicado nas escolas públicas. O noviço consegue pagar a contribuição para morar no monastério por meio de doações que recebe todos os dias durante a caminhada matinal pelas ruas, quando recebe comida, dinheiro e objetos.

Ele nos contou que decidiu ir para o monastério porque, além de aliviar os custos da família, queria ajudar a mãe com o que sobrasse das doações. Isso é possível porque, na verdade, é uma forma de ganhar a vida num país onde não existem oportunidades para todos. Ele terminou o colégio este ano e vai se mudar para Vientiane (a capital) para estudar na Faculdade de Letras e decidir seu rumo. Ao se graduarem no ensino superior, os noviços têm que decidir se querem ser monges e dedicar suas vidas ao budismo ou se preferem seguir outra **função social**.

Eu não tinha ideia de nada disso e o grande aprendizado para mim foi desmistificar que todos que decidem se dedicar à religião entram totalmente certos disso e nunca mais podem sair. Pelo menos nessa religião não é assim, mas não sei como funciona nas outras. Outro ensinamento interessante é que a nossa sociedade nos impõe tantas angústias e tantos medos do futuro que, até mesmo, nosso amigo, generoso e religioso, confessou que a sua preocupação, hoje, é a insegurança de como será a vida na faculdade, numa cidade desconhecida e se conseguirá se sustentar lá.

Essa preocupação passou a ser comum demais, infelizmente, mas eu tinha esperança de que praticar meditação e acreditar numa força maior nos tornava imunes a esses sofrimentos psicológicos. Eu ainda acredito que essa paz é possível.

Foi um dia intenso e muito emocionante. Ao final, depois do pôr do sol no seu antigo monastério às margens do rio, Thoungxai nos presenteou com pulseiras energizadas por um monge com poderes mágicos, segundo nos contou. Ele as mentalizou ali mesmo e disse que já nos considerava irmãos mais velhos. Foi difícil segurar a emoção ao nos despedirmos e caminharmos de volta para o hotel, pensando na pureza, inocência e no carinho de um novo irmão tão despretensioso.



229 - Um amigo noviço e um barco pescador em Luang Prabang, no Laos

Foi assim que terminou nossa passagem pelo Laos. Seguimos para o Vietnã.

O Vietnã está bem mais soltinho, seus centros de negócios cheios de prédios altos que demonstram uma preocupação com a beleza exterior, além de toneladas de motos nas ruas no estilo de condução "sem noção, bateu, azar o teu". A economia se abriu para a globalização e vimos inúmeras redes de *fast-food*, mas ainda existem muitas regras de controle estatal. Uma delas é que, pelo menos 50% dos empregados seja

vietnamita, em todos os níveis hierárquicos. Outra mais autoritária é que, como existem produtos estatais (fabricados e vendidos pelo estado), toda publicidade das empresas privadas é controlada. Assim, tudo tem que ser aprovado e pode até não ser, caso represente um risco para as vendas do estado. É sério! Esta, sim, é uma concorrência fácil de ganhar e o detalhe é que o governo ainda ganha nos impostos das vendas dos outros!

Parece um socialismo modernizado e flexível, já que em seu conceito tradicional o estado controla tudo. Eu queria poder acreditar que o objetivo dessa abertura é gerar mais renda e desenvolvimento para o país, porém, é difícil confiar ao considerarmos seus altos índices de corrupção. É uma pena pensar que as tentações por ter dinheiro puderam corromper até a organização econômica de todo o país. — Isso é uma percepção bem inicial minha.

Quando chegamos a Hanói, senti uma cidade bem apertada e pessoas muito sorridentes. Vendedoras de rua estão em cada esquina, oferecendo de tudo. Foi precisamente sobre elas que pudemos aprender no *Museu da Mulher Vietnamita*¹⁰⁴. O documentário *Street Vendors, Their Voices, Their Stories*¹⁰⁵ (vendedores de rua, suas vozes, sua histórias) retrata a vida dessas mulheres e foi muito impactante poder ouvir, com detalhes (e legendas), como é a vida que levam.



230 - Vendedora de rua em sua bicicleta na rua em Hanoi, no Vietnã

A maioria delas deixa família e filhos em sua cidade natal no interior e muda para a metrópole pra ganhar uma renda. Elas vendem frutas, chapéus, chinelos, artesanatos e sabe-se lá em que condições vivem, mas muito provavelmente nada dignas. Para se ter noção de valor, por mais que o custo de vida no Vietnã seja muito baixo, uma das pessoas com quem conversamos disse que, com toda essa luta, ela consegue mandar 12 dólares para os filhos, a cada três semanas.

Ao sairmos do museu com esses depoimentos revirando a cabeça, vivemos algo intenso que provou mais uma vez o poder da informação, de saber a verdade, enxergar pessoas reais e não apenas dados estatísticos. Mesmo tendo vivido muito essa sensação ultimamente, ali foi ainda mais forte, talvez porque as vimos dando duro pelas ruas, sem imaginar a realidade por trás daquele trabalho. Saímos de lá com uma vontade incontrolável de fazer algo por elas, e seguimos fieis na crença de que pequenos gestos bem intencionados geram uma reação em cadeia de coisas boas.

Decidimos, então, comprar frutas (como lichias, que são bem boas por sinal) de todas as vendedoras que víssemos ao caminharmos de volta para o hotel. Independentemente do preço, porque algumas aplicam a tal taxa extra para turistas. Nessa hora, nos fizemos de "cegos" a esses detalhes por um dia e compramos uma pequena quantidade de lichia, dando sempre 5 dólares, aproximadamente. O que significa que, quem cobrasse o mais justo, como 1 dólar, ficava com um troco mais generoso do que as que cobravam mais, como 3 dólares.

Sem entrar na questão do valor que cobraram, foi uma maravilha poder ver o sorriso gigante que todas davam ao entender que deixaríamos essa "caixinha" pra elas. Parecia uma força sobrenatural. Acho que muito além do valor financeiro adicional que elas ganhavam (no máximo 4 dólares), podíamos sentir que era uma alegria sentirem que alguém se importava com elas, e que havia uma espécie de reconhecimento pelo seu esforço, além de gratidão por sentirem merecer esse algo a mais que quase ninguém dá.

O ponto aqui não é **desigualdade social**, desemprego ou baixa renda, é apenas mérito, se sentir valorizada e ganhar um carinho a mais. A dúvida, no fim, ficou na dificuldade de saber se quem ficava mais maravilhado com a situação éramos nós ou elas. Bom desafio! Foi uma tarde de boas energias que consideramos em nosso orçamento como um investimento pessoal em **empatia** diária para entretenimento mútuo, pois foi bem divertido!



231 - Vendedora de rua e Gabi em rua de Hanoi, no Vietnã

No Vietnã, não conseguimos ir ao interior, pois o trem demoraria no mínimo quarenta horas e já tínhamos o voo de saída marcado. Assim, seguimos até a segunda grande cidade ao sul, Ho Chi Minh. Ela é mais moderna que as demais, com arranha céus, bares na cobertura e lojas de luxo por todo lado. Ela se chamava Saigon e teve seu nome mudado em homenagem ao ícone de independência do país, uma figura mundial do comunismo.

Dando andamento às nossas visitas à organizações sociais, fomos muitíssimo bem recebidos por Cherie Nguyen que está, na verdade, em fase de arrecadação para iniciar a *Quatmo Foundation*¹⁰⁶. Independente de não ter visto as atividades e ainda não haver resultados, foi uma aula incrível sobre a realidade do país aos olhos de uma jovem empreendedora social vietnamita.



232 - Cherie Nguyen (ao centro) e nós em Ho Chi Minh, no Vietnã

Sua missão será de orientar jovens para que encontrem um trabalho com o qual se identifiquem e que realmente amem. Hoje, isso é um grande desafio porque pouquíssimos profissionais que trabalham nas escolas e, mesmo famílias, têm consciência de que trabalhar com **propósito** é totalmente relacionado à realização e à felicidade. Eu diria que, principalmente em razão da selvageria capitalista, onde a regra é querer ter um emprego bom, ganhar bem e ponto final.

Um dos critérios de seleção, em particular, dos que participarão do programa de dois anos, chamou minha atenção. Ao contrário da competitividade que se instiga em boa parte do mundo, uma exigência é que os jovens estejam cientes de que farão parte da orientação para encontrarem o seu melhor e que não participem pensando em ser mais do que ninguém. É um ponto chave para o autoconhecimento. Foi inspirador!

Acho que dá pra sentir um pouco da intensidade desses momentos, aprendendo com pessoas e com suas histórias totalmente diferentes. Somos todos únicos, mesmo, e conhecer com os locais parece mágico. Uma simples conversa nos coloca imaginando ainda mais sobre como pode ser a vida dos outros, os medos, as fontes de felicidade e o que podemos levar e deixar em troca. Momentos que nos ensinaram coisas que só eles poderiam e que não estão em livro nenhum.

Precisamos estar sempre abertos a ouvir e entender o que as sutilezas nos comunicam. A **empatia** ajuda a enxergar mais e parece que automaticamente a querer fazer os outros se sentirem melhor. Quem sabe vira um surto global! Tantos ruins já deram certo, um bom também tem chance!

Felipe

Experiência 33 - Malásia e Singapura

Publicado em 29 de julho de 2015



233 - Mães e filhos na Tanma, em Kuala Lumpur, na Malásia

Depois de dias intensos e divertidíssimos no Vietnã, chegamos à Kuala Lumpur, capital da Malásia, e tomamos um choque ao encontrar novamente uma cidade cosmopolita, cheia de vida, prédios altos, trânsito e muito luxo.

Estima-se que a população do país seja de mais de trinta milhões de pessoas, cuja maioria se divide entre malásios, chineses e indianos. A religião oficial reconhecida pelo estado é o islamismo, mas além da previsão legal que autoriza a prática de outras religiões. Andando pelas ruas, pudemos notar que todos parecem coexistir e tolerar as diferenças com bastante facilidade.

A economia do país está em plena ascensão, assim como o turismo que atrai milhões de pessoas todo ano para conhecer as *Petronas Towers*, consideradas os prédios mais altos do mundo.



234 - Malacca, na Malásia

Mas, por trás de todo esse glamour, estão as histórias que a gente vai descobrindo pelo caminho e acabam revelando um lado muito mais humano que se sobrepõe à impessoalidade e à individualidade que encontramos em cidades grandes como Kuala Lumpur.

Esse é o caso da *Tanma*¹⁰⁷, uma organização sem fins lucrativos que empodera mulheres refugiadas de Mianmar através de treinamento, produção e venda de artesanatos.

A Malásia começou a receber refugiados na década de 1970, com a guerra do Vietnã. Depois chegaram filipinos, cambojanos e birmaneses. Hoje, estima-se que são mais de duzentos mil refugiados e exilados no país. Não há legislação específica para o assunto e, por isso, o país considera essas pessoas como imigrantes ilegais e sujeitas a duras penalidades.

Vem daí a missão da *Tanma*, que começou a atuar com a intenção de reunir mulheres refugiadas em grupos de trabalho e aprendizado. Através da venda dos produtos e parcerias com empresas e grupos estrangeiros, o projeto possibilita que as mulheres obtenham renda mensal capaz de cobrir as despesas básicas da família. Além disso, enquanto elas trabalham na produção dos artesanatos, as crianças podem frequentar uma escola especialmente criada pra elas e que também recebe suporte da *ACNUR*.

Mas, rapidamente, nos despedimos dos prédios modernos e imponentes da Malásia para dar oi às invenções megalomaníacas e harmoniosas de Singapura, uma pequena ilha no sudeste asiático com uma população de pouco mais de cinco milhões de habitantes.

Em 1965, por inúmeras discordâncias políticas e ideológicas, o país se tornou independente da Malásia, passando a denominar-se República da Singapura. Lee Kuan Yew assumiu o cargo de primeiro ministro e se comprometeu a fazer do país uma potência mundial e pioneira em inovações. Ele é bastante aclamado pelo povo e sua tendência autoritária parece não ter assustado muito os cidadãos, que, após seu falecimento, receberam gentilmente seu filho mais velho como sucessor do governo.



235 - Shopping de rua, em Singapura

Por tudo que vimos e aprendemos por lá, dá pra confirmar que ele parece ter atingido seu objetivo. Além de ser considerada uma das maiores potências econômicas, o país é a porta de entrada, no sudeste asiático, para investimentos financeiros e lançamentos de tendências.

Mas a qualidade de vida da população e a igualdade social nem sempre se medem por esses índices (do contrário, Angola, uma das maiores produtoras de petróleo do mundo, não teria um cenário aparente de miséria e abandono). Sabendo disso, fomos mais a fundo para compreender o momento real do país e, com a ajuda do querido casal de brasileiros, Priscila e André, pudemos enxergar pelos olhos de quem mora por lá. Também deu pra matar um pouco das saudades do abraço apertado bem brasileiro.

Pelo que observamos nas conversas e nas caminhadas que fizemos, os serviços públicos parecem funcionar bem e ser acessíveis à população. Não vimos situações gritantes de **desigualdade social**, mas sabemos que ela existe. Inclusive, um traço forte do governo é deter o controle da mídia e dos meios de comunicação, o que torna bem mais fácil transmitir só as notícias que endossam a atuação do estado e fazem as pessoas crerem que vivem em um paraíso sem problemas.

Outro dia, eu refleti sobre como seria viver em um país em que não há pobreza, desigualdade e falta de oportunidades, pelo menos não aparente, à primeira vista. Entre vários pensamentos, cheguei a concluir que deve ser muito mais difícil para um cidadão desse país engajar-se em alguma causa social, simplesmente

porque ele não as enxerga no seu dia a dia. Isso porque, se no Brasil já é difícil engajar boa parte da população que convive com os opostos e a desigualdade a cada esquina, imagina pra quem mora em Singapura...

Eu costumo dizer que nossa casa é o nosso mundo e me parece muito individualista viver submerso nos problemas — ou privilégios — da sua própria vida ou do seu próprio país. O mundo grita por soluções de todos os lados e deveríamos nos sentir parte delas também, independente de onde estejam e de quem se beneficie.



236 - Arranha-céus em Singapura

E foi nesse país, onde tudo parece funcionar em perfeita sincronia e eficiência, que conhecemos Christine Amour-Levar, uma das fundadoras do *Women on a Mission*¹⁰⁸ (mulheres em uma missão), que nos trouxe esperança de que gente do bem está mesmo espalhada por todo lugar.

O Women on a Mission foi criado por três amigas que moravam em Singapura e resolveram mobilizar suas redes e levantar fundos para causas relevantes ao redor do mundo. Como a própria Christine diz, a ideia é incentivar as mulheres a saírem de suas bolhas e apoiarem uma causa. Como se não bastasse, elas agregaram ao projeto a paixão por aventuras e organizam grupos de mulheres para escalar o Everest ou fazer trekking na Sibéria. Eventos e encontros também acontecem, sempre com o **propósito** de destinar os recursos às causas que suportam. Pra quem ama se desafiar, o Women on a Mission ajuda você a se aventurar pelo prazer de mudar a vida de alguém, que já vem se desafiando diariamente.

Foi aí que eu percebi que, pra fazer algo por nós mesmos, pelos outros e pelo mundo, mais do que enxergar, a gente precisa mesmo é sentir. Sentir que dá pra fazer diferente, dá pra ser diferente e simplesmente se lançar nisso.

Enquanto tem gente procurando desculpa pra não sair da bolha de conforto (ainda que essa bolha nem seja tão confortável assim), tem gente agindo em benefício de quem os olhos sequer conseguem alcançar. Prova de que pra contribuir, você precisa gastar mais tempo buscando soluções do que apontando os problemas.

Enfim, todo dia é dia de começar algo novo e abrir os olhos de verdade. Só precisa furar a bolha e respirar o ar puro de quem descobriu que veio ao mundo para fazer mais do que viver pra si mesmo.

Gabi

Reflexão 13 - Não, você não precisa largar tudo

Publicado em 4 de agosto de 2015



237 - Crianças em casa temporária no Campo Transitório de New Kawayan em Tacloban, nas Filipinas

Cada vez mais tenho lido notícias (e ouvido falar) de pessoas que "largaram tudo" e resolveram seguir um caminho diferente, viajar por aí ou simplesmente fugir do lugar comum. Inclusive, quando falam do *Think Twice Brasil*, a descrição quase sempre começa com "casal larga tudo para viajar o mundo e"... Aí, a nossa missão passa quase despercebida pelos leitores.

Há quem morra de preguiça dessa história e acha que "o povo" que faz isso não passa de um bando de inconsequentes e filhinhos de papai. Há quem julgue o ato como heroico e destemido e há quem, simplesmente, acredite que toda decisão honesta é válida. Por decisão honesta eu entendo aquela que foi ponderada, repensada e planejada de acordo com os valores e princípios do autor da história. Eu sou deste último time (o Fê e eu!) e, por isso, resolvi escrever para desmistificar essa onda de que "largar tudo e viajar o mundo" é o remédio para a felicidade global.

Pra mim, a verdade é que a gente não precisa largar tudo (o que é tudo?) pra fazer algo transformador, nem ir muito longe de casa pra isso.

Largue só aquilo que não te serve mais. A mágoa que te fecha a garganta, os hábitos que te trazem angústia e sofrimento, o apego ao consumo e à competição, a baixa autoestima, a preguiça de tentar algo novo, o medo de não dar certo, não dar conta e, principalmente, o costume de não enxergar nada além de si. Largue o amor que te faz mal, o trabalho que não te realiza, o sentimento de culpa e a mania de sempre esperar que alguém resolva por você. Isso basta pra trazer novos ares pra vida e dar fôlego pra escolher novos caminhos.

Talvez estes sejam alguns dos pontos comuns entre os viajantes que conheço. Não só os que decidiram sair pelo mundo, mas também aqueles que mudaram de emprego, de carreira, de casa, de sonhos. Escolheram viver mais simples, com muito menos do que se tem e se sentir contente com isso. O contentamento é a sensação de que você está exatamente onde deveria estar e tem tudo aquilo que precisa. Viajar é sentir isso com bastante intensidade e, ao contrário do que muita gente pensa, nada isso está relacionado à quantidade de dinheiro que você tem, mas, sim, com o que você pretende fazer com ele.

Além disso, procurei o significado da palavra viagem e apareceu "caminho que se percorre para chegar a um lugar afastado". Pareceu-me infinitamente mais simples e praticável do que o conceito que costumamos relacionar a ela.

Dá pra viajar na própria rua, no bairro ao lado, até o outro lado da cidade. A viagem não se faz pela distância que você percorre, mas pelos aprendizados e experiências que você tira dela. O que faz de uma viagem especial é a nossa capacidade de enxergar e sentir além do que estamos acostumados, por isso não é preciso ir longe pra arriscar viver assim.

Refletir sobre o que gostaríamos de mudar na gente e na nossa vida, também ajuda bastante a definir o que precisa ser largado e pra qual destino podemos seguir. Atravessar o oceano pode ajudar muito nessa tarefa, mas você não precisa esperar esse dia pra começar uma mudança.



238 - Crianças no Campo Transitório de New Kawayan em Tacloban, nas Filipinas

"Largar tudo" sem ponderar o que você é, o que pretende ser e onde quer chegar, me soa bastante evasivo e, até, um pouco inconsequente. É um tipo de conselho vindo daquela pessoa que parece tentar ajudar, sem sequer conhecer o seu problema.

"Viajar o mundo" segue pelo mesmo caminho... Não dá pra esperar que todos aspirem às mesmas coisas que você, sem considerar a história, as marcas e as vontades de cada um. A verdade é que isso acontece com tudo. É difícil estabelecer prioridades em uma sociedade que faz questão de estabelecer rótulos e padrões de comportamento e consumo, que quase forçam as pessoas a se moldarem a alguns deles como se essa fosse a única forma para se sentirem parte de algo.

Viajar está quase se tornando uma obrigação de consumo, quando, na verdade, por essência, é simplesmente caminhar um pouquinho além do habitual e, quase sempre, mais longe da zona de conforto.

Acho que é exatamente disso – sair da zona de conforto –, que se trata o tal "largou tudo pra viajar o mundo". Por isso mesmo, eu digo que há outras inúmeras formas de fazer isso, ainda que a viagem seja uma das mais especiais.

Quando viajamos, viramos uma chavinha na cabeça que aparentemente nos permite fazer tudo aquilo que não fazemos no dia a dia. Nossos olhos ficam atentos para enxergar a paisagem e sorrimos com mais facilidade. Experimentamos a comida local, cumprimentamos desconhecidos na rua e ouvimos, atentos, as histórias dos lugares.

E, aí eu te pergunto: se tudo isso parece tão natural, por que não dá pra viver todo dia assim? Simplesmente porque nossas escolhas e condições na vida real nem sempre refletem aquilo que gostaríamos e, assim, acabamos prestando mais atenção naquilo que não temos ainda do que em tudo aquilo que já podemos aproveitar.



239 - Mulher cozinha comida típica na periferia de Bandung, na Indonésia

Mas e se, em vez de se ocupar tanto em olhar somente para os problemas ou desejar algo sem nem saber ao certo o porquê, você direcionasse toda sua energia pra entender o que precisa ser deixado definitivamente de "fora da mala" para a viagem que você pretende fazer?

Uma viagem que vai te custar o preço alto de ser honesto com você mesmo e com quem vive à sua volta.

Chacoalhar um pouco a sua consciência e tentar se livrar dos tantos estereótipos, preconceitos e superficialidades que inundam as relações, opiniões e desejos, pode ser um começo valioso pra colocar as coisas no eixo. Viva simples, compre menos, ame verdadeiramente e seja grato pelo que se tem – ainda que pareça pouco.



240 - Pôr do sol em Luang Prabang, no Laos

Em seguida, tente reparar mais no mundo à sua volta. Olhar as pessoas nos olhos, se interessar pelo que elas têm a dizer e falar menos de você. Ouça atento, esteja presente e evite se perder preparando uma

resposta mental para o que a pessoa está dizendo. A dica, aqui, é focar naquelas pessoas que não fazem parte do seu círculo de amizades e que não vão te oferecer nenhum tipo de benefício financeiro ou social.

E a principal viagem que qualquer ser humano pode fazer: coloque-se a serviço do próximo. Não há nada mais esclarecedor que isso e uma boa forma de testar se você dá conta é dedicando parte do seu tempo a uma causa, seja ela qual for.

Enfim, traga novos sonhos pra sua vida e deixe pra trás aquilo que tem atrapalhado a sua caminhada.

Por isso, pra você que está inquieto e angustiado esperando uma mudança, digo: não, você não precisa largar tudo e viajar por aí.

Largue o que não te cabe mais e viaje pra dentro de você e pra perto de quem você quer se tornar. E se depois disso você ainda quiser viajar o mundo, pode acreditar, o universo já vai ter feito as suas malas.

Gabi

Experiência 34 - Indonésia

Publicado em 11 de agosto de 2015



241 - Jantar do ramadã na casa da família da Anni Marisa, no vilarejo Bendo, próximo à Yogyakarta

Alguns lugares são especialmente cativantes e a Indonésia é um deles.

Uma república cuja população estimada é de mais de 250 milhões de pessoas. Entre as seis religiões oficiais estão o cristianismo, o budismo, o hinduísmo e o islamismo, que curiosamente convivem em plena harmonia.

Nossa primeira parada foi na cidade de Bandung, que é daquelas que todos recomendam visitar, mas sem saber exatamente o porquê. Foi lá que nossos caminhos se cruzaram com a Manu e o Rapha, o casal brasileiro que fundou a Plot¹⁰⁹, uma consultoria de viagem especializada em roteiros personalizados.

Nos primeiros cinco minutos de conversa, já parecia até amizade de infância e foi com eles que aprendemos muito, matamos a saudade de casa e ainda debatemos sobre a vida, as pessoas e o mundo.



242 - Crianças e os amigos brasileiros Rapha e Manu (da Plot) na periferia de Bandung

Como em Bandung não tínhamos o contato de nenhum projeto, recorremos ao nosso plano de emergência, que é perguntar aos moradores do lugar onde podemos compreender verdadeiramente a vida

local. Sorte a nossa termos feito essa pergunta justo ao Armadhan, que trabalha no hotel em que estávamos hospedados e nos convidou para um passeio pelo seu bairro. Manu e Rapha se juntaram a nós e foi muito especial tê-los com a gente em mais uma **experiência de empatia**.

Durante nossa caminhada, provamos a comida local, brincamos com as crianças e fomos muito bem recebidos por todos, enquanto o Armadhan nos contava sobre as dificuldades e alegrias de viver por ali. Esse é um exercício fácil de fazer durante as viagens e sempre é muito esclarecedor. O turismo vai muito além de selfies e lugares comuns, e é justamente se aprofundar na realidade e praticar a **empatia** que diferencia o viajante do turista.



243 - Periferia de Bandung

De lá, seguimos para Yogyakarta, um dos principais centros históricos e culturais do país. Um estado monárquico em que o rei é a principal autoridade política e administrativa.

Esse detalhe é especialmente importante nesse momento, pois, contrariando as regras e os costumes, o rei decretou uma nova lei que autoriza sua filha mulher, que é a primogênita, a herdar o trono. Isso tem causado fervor entre a população e aclamação entre os ativistas pela equidade de gênero. Independente das razões políticas dessa decisão, nem preciso dizer que concordo plenamente com o rei e está mais do que na hora de esse tipo de discriminação perder lugar no mundo todo.

Foi nessa cidade que tivemos a chance de mergulhar fundo na realidade do país, graças à *ViaVia Jogja*¹¹⁰, uma empresa social que surgiu há mais de vinte anos. Na época, um grupo de amigos belgas já pensava em uma forma diferente de fazer turismo: tendo a Indonésia como uma das portas de entrada pra quem viajava pela Ásia, resolveram fundar uma empresa que valorizasse as experiências do viajante, abordasse o turismo de um ponto de vista consciente e ainda beneficiasse a comunidade local.

Daí nasceu a *ViaVia Jogja*, uma agência de turismo que oferece tours e viagens culturais que permitem uma conexão verdadeira com realidades bastante diferentes. Além disso, como premissa, eles praticam o *Fair Trade* (comércio justo), o que implica cobrar preços justíssimos pelos tours e também pelos produtos locais e artesanais vendidos na lojinha e no café, ambos mantidos por eles no mesmo local.

Conversamos com uma das fundadoras e demos muita risada com todo o time que trabalha por lá. Pudemos sentir que todos são conscientes e contentes com o que fazem, espalham **gentilezas** a todo o momento e se valorizam uns aos outros.

A primeira experiência foi um tour de bicicleta por um vilarejo. Entendemos a complexidade do processo que faz o arroz chegar à nossa mesa, caminhamos entre as casas e conversamos com as pessoas. Foi uma manhã apaixonante fazendo o que mais gostamos: ouvir novas histórias e aprender com elas.



244 - Homem trabalha num campo de arroz nas redondezas de Yogyakarta

Depois disso, me diverti provando e conhecendo mais sobre as medicinas naturais usadas até hoje por boa parte da população. Plantas, folhas, ervas e especiarias cujas combinações criadas por xamãs, há centenas de anos, ainda são usadas no tratamento de doenças crônicas, câncer e outras tantas patologias. O nome popular dado a esses remédios é *jamu* e, andando pelo mercado central, pude experimentar vários deles.

Ainda tive a oportunidade de visitar uma clínica de *jamu* especializada no tratamento de crianças. As mães chegam com os filhos no colo, explicam os sintomas para a curandeira e, em seguida, ela aplica um emplastro de ervas na testa da criança ou, no pior dos casos, espreme algumas folhas direto na boquinha delas. Eles dizem que a eficácia é garantida, mas se trata de um processo longo que mistura a crença no poder do *jamu* com seu uso diário e contínuo.

Eu acredito em tudo que é da natureza, ainda mais combinado com o poder dos nossos pensamentos positivos, por isso até levei uma garrafinha de *jamu* pra tomar com o Fê e ajudar na nossa bronquite.

Depois disso, eu também fiz uma aula de ourivesaria em prata e aprendi a criar meu próprio anel. Mais uma vez, percebi o quanto o trabalho manual e artesanal exige delicadeza, dedicação e sensibilidade. Por isso eu valorizo tanto os produtos feitos à mão e que sempre carregam um pouquinho da energia e da história de quem os fez.

Ainda nos aventuramos em um tour de moto pela cidade para aprender mais sobre as diversas religiões que convivem e coexistem juntas, sem sombras de desavenças. Visitamos uma igreja católica, um templo budista confucionista, uma mesquita e um templo animalista, que apesar de não ser considerada uma das religiões oficiais, é uma espécie de filosofia de vida praticada por uma boa parte da população.

Mas a experiência que mais nos marcou, como um presente sem igual, foi passar uma noite na casa da Anni Marisa, uma jovem mulçumana cheia de sonhos e confiança neles. Fomos na garupa de uma moto até o vilarejo Bendo, a cerca de quarenta minutos de Yogyakarta. Chegando lá, ela nos recebeu com um chazinho de boas vindas.



245 - Mãe e filho num vilarejo nas redondezas de Yogyakarta

Em um casa antiga e bem ampla, os cômodos são divididos entre ela, o pai e sua esposa, o irmão mais velho, a cunhada e a sobrinha. Fomos apresentados a eles e muito bem recebidos por todos.

Anni tem 19 anos, frequenta a universidade, trabalha como *freelance* na *ViaVia Jogja* e tem namorado. Toda essa independência me chamou a atenção logo no início e fiz questão de perguntar se ela fazia parte da média ou da exceção. Não demorou muito para comprovar que ela é uma menina de sorte. Ela mesma nos contou que, graças ao seu irmão, ela pode estudar em uma faculdade. Isso porque, além de ele ter convencido o pai da importância de Anni não interromper os estudos, ele também contribui com os custos da mensalidade.



246 - Cerimônia do ramadã no vilarejo Bendo, próximo à Yogyakarta

Se não fosse o irmão, talvez Anni fizesse parte do grupo predominante de meninas que são criadas para se casarem e cuidarem da casa, sem que haja qualquer incentivo ou preocupação em valorizar suas habilidades, talentos e sonhos para o futuro.

Como a cereja do bolo, justo na noite em que passamos com Anni, acontecia a celebração pelo fim do Ramadã, o mês sagrado para os mulçumanos, quando acreditam ter sido revelado o Alcorão. Durante esse período de quarenta dias só é permitido comer antes do amanhecer e depois do anoitecer, passando o dia todo em jejum. No último dia, o jejum acaba, as famílias abrem suas casas para receber os amigos e os vizinhos, reúnem-se para rezar juntos e comemoram com música, procissão e muita alegria.

Entre as formalidades que marcam esse dia, a que mais chamou a minha atenção foi o momento de pedir perdão a todos por tudo que fizemos ao longo do ano. Para tanto, absolutamente todos os membros do vilarejo se reuniram na mesquita em uma fila gigantesca, dividida entre homens e mulheres, e apertaram a mão uns dos outros pedindo perdão. Esse processo levou quase duas horas e eu me diverti com a reação das mulheres que até se assustavam com a minha presença por ali, já que turistas não são nada comuns naquela região.

Demos risada, nos abraçamos, tiramos fotos e nos sentimos carinhosamente acolhidos por todo o vilarejo. Pra minha felicidade, os homens apertavam a minha mão e festejavam a minha presença com a mesma intensidade que o faziam com o Fê, o que nem sempre é comum, e permitido, entre os mulçumanos.



247 - Meninas na cerimônia do ramadã no vilarejo Bendo, próximo à Yogyakarta

Foi uma experiência inigualável, que nos ensinou o poder da fé, do respeito, da tolerância e da **gentileza** entre as pessoas que se reconhecem simplesmente como seres humanos, independente de suas religiões e diferenças.

Dali, voltamos pra Yogyakarta e, com o coração apertado, nos despedimos do Rapha e da Manu, com a certeza de que o universo coloca no nosso caminho valiosos anjos de luz. Eles são dois deles.

Seguimos para Bali, onde visitamos a *Green School*¹¹¹ (escola verde), uma escola totalmente construída com bambu e que adota um currículo inovador e pautado na relação da criança consigo mesma, com o próximo e com a natureza.

O espaço é encantador, os prédios são lindos e tudo remete à sensação de que o aluno participa ativamente da construção da escola e do seu aprendizado. Sem dúvida alguma, a *Green School* traz um modelo de educação apaixonante e bastante consciente. Só lamentamos que ainda não seja dada prioridade absoluta

para crianças locais de baixa renda, como havíamos concluído pelas pesquisas que fizemos anteriormente à visita. Menos de 10% dos alunos são bolsistas indonésios, a maioria restante é de estrangeiros que pagam uma mensalidade alta para a realidade do país, que apresenta um grau altíssimo de **desigualdade social** e falta de acesso a serviços públicos de qualidade.



248 - Green School em Bali

De qualquer forma, o **propósito** de formar *green leaders* (líderes verdes), como eles mesmos dizem, mais conscientes para as próximas gerações, parece estar sendo cumprido com excelência. Espero que esses líderes se encarreguem de estender essa filosofia de educação e aprendizado àqueles que não tiveram o privilégio de poder pagar por isso.

Por tudo isso, a Indonésia preencheu nosso coração com uma avalanche de esperança na humanidade, o que só foi possível porque conhecemos pessoas verdadeiras, puras e genuinamente interessadas em construir uma sociedade melhor, começando por elas mesmas.

Gabi

Experiência 35 - Filipinas

Publicado em 19 de agosto de 2015



249 - Campo Transitório de New Kawayan, em Tacloban

O país é afastado de todos os outros, tem mais de sete mil ilhas e é onde melhor se fala inglês, entre todos os que passamos até agora. Na maioria das escolas esse é o idioma oficial e qualquer matéria é dada em inglês. Não conhecia essa forma de ensino (que vale no público também) e sem dado estatístico nenhum ficou claro que é altamente eficaz. Não que todos falem inglês fluentemente, mas conseguíamos nos comunicar com a maioria das pessoas, o que não foi possível nem mesmo nos países onde o inglês é uma das línguas oficiais. Acho que esses a nomeiam como oficial "pra inglês ver".

Manila é tão caótica quanto São Paulo, com áreas desenvolvidas e subdesenvolvidas alternando a cada esquina e um trânsito pesado com seus ônibus antigos bem peculiares. Esses fatores até diminuíram a saudade de casa... Apesar de ser um povo educado, enfrentamos muitas situações com gente querendo tirar vantagem de nós, uma pena.



250 - Ônibus para o transporte público, uma peculiaridade de Manila

Nos últimos dias fomos ao vulcão Taal e, na volta para o hotel, eu me sentia carregado daquela sensação de ser enganado, sabe? Isso porque o mototáxi até o lago, o barco e o cavalo (que praticamente te obrigam a usar) foram todos superfaturados e, chegando ao cume do vulcão, até a intimidação usaram. Com o guia muito cansado, você tem que descer do cavalo e ouvir a amiga do guia falando "ah, que tal comprar uma bebida para o seu guia exausto?". Depois de pagar tudo caro ainda nos exigiram gorjeta e você se sente totalmente constrangido e mal tratado.

O oportunismo de tirar mais dinheiro do próximo, custe a falta de respeito e cordialidade que custar, está contaminando a todos. Mas, mesmo assim, porque será que existem pessoas imunes a esse veneno psicológico, que ainda são capazes de tratar os outros corretamente? Sei bem que certo ou errado é um instinto humano. Se não for DNA com defeito, ainda tenho esperança que seja uma educação social, aquela que vai muito além da escola e da riqueza. Não acredito que exista correlação alguma entre classe social, trabalho, gênero e idade, até porque quem melhor nos trata, normalmente, são pessoas simples e puras, não são as mais "ricas de sucesso".

Uma experiência intensa que tivemos foi em outra cidade, Tacloban, com a organização *Liter of Light*¹¹² (litro de luz) que tem a missão de prover iluminação solar acessível e sustentável para pessoas com acesso limitado, ou nenhum, à eletricidade. A inovação que deu início a tudo foi a de uma garrafa PET com água e substâncias para propagar a luz do sol através de uma pequena fresta no telhado para locais fechados e escuros onde não há eletricidade. Essa invenção funciona com elementos nada sofisticados, de fácil acesso, baixo custo e descartáveis. Uma curiosidade interessante sobre a qual não desconfiaríamos é que foi criada por um mecânico brasileiro, o Alfredo Moser, inspirado em ajudar os outros e espalhar a ideia sem pretensão alguma. Fazemos questão de conhecê-lo na volta ao Brasil.



251 - Campo Transitório de Cabalaw, em Tacloban

Hoje, na verdade, o trabalho da organização é feito com iluminação à base de energia solar, pois assim beneficia as pessoas durante a noite também. Por três dias participamos de um mutirão com a ajuda do exército, onde o objetivo foi instalar 500 equipamentos nas casas e ruas de dois campos transitórios, New Kawayan e Cabalawan. Esses vilarejos foram construídos pelo governo e por organizações de desenvolvimento internacional para as famílias que perderam praticamente tudo no tufão *Haiyan*, em 2013. Foi um triste desastre natural que tirou a vida de milhares de pessoas. Eles usam transição no nome porque essas casas não são permanentes, muitas outras de alvenaria estão em construção para abrigar essas famílias definitivamente. Algumas já moram nelas, inclusive.

Infelizmente energia, água e saneamento são escassos. Além de precisarem de iluminação solar para a noite, recebem um caminhão de água não potável três vezes por semana, que não é suficiente para todos, e usam banheiro comunitário. Além de estarem em uma área remota, o rio ao lado ser totalmente contaminado e os poços terem muito pouca água, os moradores ainda têm que usar transporte para comprar água potável.



252 - Famílias no Campo Transitório de New Kawayan, em Tacloban

Mesmo tendo visto isso em muitos lugares, ao longo deste ano, ali em particular senti essa limitação. Primeiro, quando chegou o caminhão, quis ajudar a carregar galões e baldes que formam fila para coletarem e transportarem a água à casa de cada um. Depois de umas vinte caminhadas com dez litros em cada mão, deu pra sentir no corpo o trabalho que têm para apenas ter água em casa. Até porque eu estou acostumado a escolher a temperatura e girar a torneira, somente...



253 - Fila de baldes para coletar água potável no Campo Transitório de New Kawayan, em Tacloban

Em segundo, depois de muito suar e me sujar, quis lavar as mãos e molhar o rosto, mas me peguei pensando como eu poderia usar um litro daquela água preciosa? Além de que seria intimidador pedi-la como voluntário, seria absolutamente injusto querer usá-la sendo que, ao voltar para o albergue, eu teria água quente à vontade. É como se eu tivesse sentido a consequência da desigualdade por meio de uma vontade tão

elementar como a de lavar as mãos. Por mais que possa ter sido por um breve momento, foi impactante sentir, assim, o que é viver com dignidade.

No último dia, participaram da instalação voluntários de uma multinacional de bebidas que é apoiadora da organização. Eles trabalham numa fábrica da região que utiliza garrafas PET diariamente, então têm um maior entendimento desse material. Na contramão dessa responsabilidade ainda maior em relação ao uso de plástico, presenciei um gesto que me frustrou absurdamente. Com a facilidade e o conforto de ter água mineral, refrigerante e comida à vontade, o dia todo, muitos voluntários tiveram a coragem de desperdiçar. Ao final do almoço muitas das garrafas que vi jogadas no lixo tinham cerca de um quarto do líquido ainda.

Me senti entrar num pesadelo, onde via que pessoas que se dizem socialmente responsáveis e representantes da indústria estavam literalmente desperdiçando suas próprias bebidas. Elas estavam fisicamente presentes em meio a um grupo de pessoas com acesso total e restrito a água, mas pareciam nem se importar com isso. Quando acordei, percebi que, se fosse eu, ficaria com vergonha de ser voluntário daquele grupo. E que as pessoas desfavorecidas, ali, entre nós, poderiam me confundir com um dos constrangedores e se sentirem desrespeitadas.



254 - Exército trabalha na instalação de iluminação solar na rua, no Campo Transitório de New Kawayan, em Tacloban

Ainda assim, sou suficientemente positivista para acreditar que esse dia gerou algum bom fruto na cabeça de alguém ao conhecer a realidade dali e trocar experiências com as famílias. Independente de origem, religião e crença, acho que todos nós concordamos que desperdiçar quaisquer recursos é um desrespeito à natureza e a nós mesmos, mas, hoje, a maioria se esqueceu porque é muito fácil não se importar. Não tem punição, ninguém fala mal de você, não danifica o seu status, nem sua demonstração de sucesso. Mas e a consciência? O certo ou errado? O respeito? Está tudo muito confuso, precisamos mudar as prioridades. Vamos que dá!



255 - Mulher em sua loja no Campo Transitório de New Kawayan, em Tacloban

Valeu cada minuto e aprendemos muitíssimo sobre as Filipinas. As pessoas que moram no campo foram extremamente gentis e o conhecimento do inglês permitiu que conversássemos mais. A Gabi liderou a gincana com a criançada que não parava de segui-la e eu dei muita risada com as mulheres mais fortes que queriam levar os baldes sozinhas e eu levava um escondido, seguindo-as. O exército todo foi muito carinhoso conosco, um sargento que foi especialmente comunicativo desde o começo até comprou sorvete para as crianças. **Generosidade** pura!

Ficou a lição de que precisamos relembrar o bê-á-bá e nutrir a conscientização para melhorar o que não está indo bem. Imagina se tivéssemos sido tratados normalmente por todos sem malandragem, se não víssemos tanto desperdício e se todos estivessem presentes? Esse texto seria apenas de boas notícias que empolgariam todos nós! Mas, ainda assim, as experiências se fazem pelas pessoas especiais que participam delas, e lá foram muitas. Não é um exercício fácil, mas, além de acreditar que tudo tem seu lado bom, vale levar só as energias positivas de qualquer lugar, faz bem pra você e para quem vai te sentir assim.

Felipe

Experiência 36 - Macau e Hong Kong

Publicado em 24 de agosto de 2015



256 - Edificio público em Macau

Preciso contar sobre Macau e Hong Kong juntos porque os dois países têm uma forma de governo bastante peculiar. Ambos são definidos como Região Administrativa Especial da República Popular da China. Isso significa que essa república tem soberania sobre as regiões, a qual foi concedida pelos seus colonizadores, Portugal e Reino Unido respectivamente, ao final da década de 1990. Certamente também porque são pequenas penínsulas e ilhas ao sudeste desse país gigante. Ainda assim, Macau e Hong Kong têm suas autonomias, como seu próprio sistema financeiro, judicial e de imigração, ao passo que a China controla o sistema de defesa e as relações exteriores. Deu pra sentir que existe diferença como, por exemplo, no visto, já que brasileiros não precisam dele para ir às duas regiões, mas precisam na China.

É difícil saber a verdade concreta, pois algo essa soberania deve levar nesse acordo. Independente disso, Macau e Hong Kong estão progredindo muito bem, segundo as notícias. Existe até um princípio chamado de "um país, dois sistemas" que tenta regulamentar essa relação que, em teoria, vale por cinquenta anos e mantém a China continental socialista e as regiões capitalistas. Estranho e sabe lá o que acontecerá depois.

Entre os fatos que, geralmente, ninguém conhece a respeito desses países está o fato de que estão no topo das listas de *IDH*¹¹³ (Índice de Desenvolvimento Humano), expectativa de vida e PIB per capita, segundo as estatísticas. Deu pra acreditar mais nisso ao ver uma organização e limpeza impecáveis nas ruas, além do transporte público excelente e tudo funcionando. O consumismo e a ostentação estão em alta, com obras arquitetônicas pomposas, carros luxuosos e intermináveis joalherias. É, inclusive, muito comum ver gente com malas de viagem andando pelas ruas o tempo topo preparadas pra comprar de tudo. Mesmo com os produtos locais (chineses) baratos, vi muito mais lojas de alto padrão com preços caros e sempre cheias de gente. A coitada globalização...

O custo de vida em ambos os países é altíssimo, da acomodação à comida. É evidente que, quando a economia se desenvolve, só quem tem alto nível financeiro é bem-vindo. Por não ser o nosso caso, resolvemos ficar apenas uns dias e não pudemos conhecer projetos sociais, mas muito levamos dessa experiência.

Além disso tudo que contei, Macau é o maior centro de apostas do mundo, o que quer dizer concentração de cassinos. Segundo a internet, esse centro é maior do que o de Las Vegas, acredite se quiser... Os hotéis são complexos gigantescos, mas independente disso, as ruas do país têm seu ar boêmio muito agradável. São diversas pracinhas escondidas, arborizadas e bem cuidadas, como o "Pátio da Eterna Felicidade", além de prédios antigos bem conservados que lembram um pouco os do centro de São Paulo pela influência portuguesa, claro.



257 - Rua de Macau com a torre de um grande cassino ao fundo

Como o português é um dos idiomas oficias, cheguei todo animado porque, finalmente, poderia conversar no meu idioma de novo. Contudo, já no "boa noite" pretensioso na imigração, o oficial não respondeu, nem em inglês, assim como o rapaz do guichê de informações e do ônibus. Eu mantive a esperança e fiquei perguntando alto em português nas ruas o tempo todo, mas sem sucesso. Foi uma decepção! Na verdade, a língua portuguesa só é utilizada oficialmente no governo e pelos poucos portugueses que ainda vivem lá. Pra matar a saudade do português (o idioma, não o Manuel), jantamos num restaurante típico, onde, além da comida deliciosa, foi muito bom conversar e entender o que a mesa do lado dizia. Não que eu estivesse bisbilhotando, mas você se sente mais terráqueo de novo por entender o que se diz ao redor. Infelizmente, no fim das contas a desilusão da comunicação foi ainda mais grave, porque mesmo o inglês é muito pouco falado, elevando assim o grau de complexidade no dia a dia. É triste ver que, um país tão promissor e com padrões tão altos de desenvolvimento como Macau, não foi capaz de priorizar a educação, que ainda pode melhorar, e a troca de informações e de aprendizado mútuo.



258 - Rua de comércio em Macau

Hong Kong tem essa mesma limitação linguística, o que me pareceu ainda mais estranho por ser o terceiro maior centro financeiro do mundo. Exibe uma coleção de arranha-céus modernos, ainda mais lojas de luxo e uma joalheria a cada esquina do centro, sem exagero. Tive uma surpresa divertida: reservei um quarto de hotel, mas, em vez disso, fui recebido em uma caixa de fósforos num corredor de um edifício de escritórios. A malandragem transcende a internet... Pelas ruas, deu pra sentir quão grande a população é por ali: metrôs sempre lotados, filas e mais filas e "esbarra daqui e empurra dali" o tempo todo. Confesso que foi um pouco incômodo, mas faz parte de sentir a realidade local com **empatia**.



259 - Centro com muita gente e propaganda em Hong Kong

Toda a discussão de consumo consciente se fez presente ali. A quantidade de pessoas que vi torrando dinheiro em coisas fúteis foi assustadora. Ok, o critério de necessário é relativo, mas ver famílias inteiras com

malas numa joalheria onde o brinco mais barato da vitrine custa umas boas centenas de dólares tem um certo significado... A solução para remodelar todos os modelos de negócio para um consumo mais correto é definitivamente complexa, mas e se simplesmente deixássemos de querer o que não sabemos por que queremos e começássemos a pensar mais no que realmente queremos por que precisamos? Esse ponto não tem relação alguma com doar ou ajudar alguém, apenas para refletir sobre o que precisamos. O livre arbítrio é um direito universal, mas temos que sempre ponderar que nossa forma de pensar é altamente influenciável e o conflito de interesses é parte dessa lambança mental.

Essa influência é tão loucamente inserida nas nossas cabeças que, eu mesmo, notei que uma hora eu estava me esforçando pra pensar em algo que eu precisasse comprar só porque nessa região é tudo mais barato e eu não podia perder a oportunidade. É como uma ferramenta psicológica de auto defesa financeira pra sempre pensar em gastar menos independente de precisar, mas gastar. Ainda bem que a consciência voltou ao controle em tempo.

Foi o começo para aprender sobre uma cultura diferente que sempre quis conhecer, seus lados bons e ruins. Apesar de esse povo ter um padrão de comportamento bem diferente do que estou acostumado e eu ter levado comigo alguns preconceitos a respeito, saí de lá surpreendido. Com as experiências das seguintes semanas na China vai dar pra entender melhor os contrastes da maior população do mundo. Haja gente!

Felipe

Experiência 37 - Coreia do Norte

Publicado em 28 de agosto de 2015



260 - Pessoas de bicicleta nas redondezas de Pyongyang

Sim, a Coreia do Norte foi uma das experiências mais intensas e estranhas que vivi, mesmo tendo recentemente passado por muitos lugares com a intenção de ir ao mais extremo possível na realidade de cada um. Ciente das barreiras que o poder impõe, eu tinha uma expectativa esperançosa de esclarecer interrogações, mas a verdade é que saí de lá com ainda mais mistérios e uma coleção de questionamentos. Nunca quis tanto voltar pra um lugar logo depois que sai. Se essa sensação for de propósito para promover o turismo a estratégia deles é realmente de mestre.

Agora esclareço sua dúvida inicial. É simples ir pra Coreia do Norte como turista, basta falar com uma agência credenciada para coordenar cidades e datas, escolher trem ou avião, mandar uma foto do passaporte e pagar. Por favor, só não seja jornalista, nem fotógrafo, eles podem não querer que você vá. A viagem funciona com um pacote onde tudo está incluído, exceto a gorjeta. No nosso caso, como fomos ao aniversário de 70 anos da libertação, participamos até de um festival de dança com vinte mil pessoas.



261 - Cerimônia tradicional de dança pelo aniversário de 70 anos da libertação, em Pyongyang

Em terras norte-coreanas existem regras bem peculiares. Você estará sempre com dois guias e um motorista, só dentro do hotel você pode ir da recepção ao quarto e ao banheiro sozinho, ufa! Aí já começou nossa flexibilidade para ter que mudar o estilo de viagem, porque caminhar pelas ruas por horas é uma das nossas atividades preferidas. Você só pode tirar fotos autorizadas, não é permitido tirar foto de militares, construções e certos lugares. Também existe um discurso protetor esquisito dizendo que pessoas nas ruas não gostam de ser fotografadas, então não o faça. Você não pode se referir ao líder do país apenas pelo nome próprio, você deve usar uma referência gloriosa e bajuladora em conjunto, como presidente, marechal, comandante, chefe, líder supremo, mestre, Nostradamus, sabichão, manda muito ou simplesmente lindo (até

o mestre é sério!). Outro detalhe é que, qualquer papel com foto dele, não pode ser amassado, nem dobrado. Ainda bem que não achei chiclete com foto dele no papelzinho, é instintivo amassar esse vai...

Breve história. A Coreia, quando ainda era um único país (norte e sul), foi ocupada pelo Japão de 1910 a 1945. Ao final da Segunda Guerra Mundial, nasceu a divisão, quando o norte ficou com a União Soviética e o sul com os Estados Unidos. Em 1950, a Coreia do Norte invadiu a do Sul e começou outra guerra, os Estados Unidos ajudaram o sul e a China ajudou o norte, até que, em 1953, um cessar-fogo foi acordado. Desde então, cada uma tomou seu rumo, a do Norte pelo socialismo Marx-Lenin, seguindo seus melhores amigos União Soviética e China, enquanto a do Sul pelo imperialismo do Tio Sam. Mesmo com esses novos horizontes, ambas ainda não se dão muito bem, o que pode se tornar sério a qualquer momento. Inclusive dois dias depois que saímos de lá o negócio esquentou, segundo o noticiário.



262 - Cena típica com pessoas sentadas na calçada e outras de bicicleta na rua, em Pyongyang

Foi nesse ano, 1953, que Kim Il Sung tomou a frente do país e sua forma de estado começou. Eles se declaram socialistas e acredito que podem ser o modelo existente mais próximo aos conceitos de socialismo e de comunismo. Até já expuseram imagens de Marx e Lenin nas ruas, mas, com o tempo, o ego e o poder começaram a decidir mais e o modelo passou a ser híbrido, com óbvias práticas de totalitarismo, autoritarismo, fascismo, tirania ou como queira chamar... Acho que a maior inovação deles é a forma de governo criada, a ditadura familiar, pois, após o falecimento do primeiro líder em 1994, seu filho, Kim Jong Il, assumiu e após o seu falecimento em 2011 seu filho, Kim Jong Un, assumiu e é o atual *mandachuva*. Mas não se trata de nepotismo, foi uma coincidência hierárquica por aptidão... O mais irônico é que eles se autodenominam como República Popular Democrática da Coreia, o que comprova, perante qualquer júri, que essas nomenclaturas tentam ludibriar alguém. Deu vontade de presenteá-lo com algumas folhas do dicionário com os sinônimos grifados de voto universal, direitos iguais e liberdade.

Um ponto fundamental aqui é que modelos de "socialismo híbrido", como esse, são os grandes responsáveis pela imagem corrompida que o socialismo original ganhou no último século. Ele se perdeu no ego do líder, na concentração de poder e na leve abertura para o mercado livre se rendendo a outras práticas. Cuba acabou de começar essa etapa. Independente do discurso de direita ou de esquerda, reitero o que escrevo frequentemente. O que o sistema capitalista oferece, hoje, é injusto, desigual, beneficia a minoria que está no poder e que sustenta a propaganda de que é o melhor formato de sociedade que existe. O setor público com discursos ludibriadores como "crescimento econômico gera mais emprego" e o setor privado com "nossa empresa é ética"...



263 - Gabi e Felipe dançam na cerimônia de aniversário de 70 anos da libertação, em Pyongyang

A devoção ao chefe de estado é evidenciada por diversos fatores, o primeiro é que Kim Il Sung criou a ideia *Juche*. É uma ideologia que busca ser tão superior e presente que, além de ser um pilar do estado, é considerada uma religião para o povo. A verdade é que eu gosto e concordo plenamente com a sua curta definição, na qual "o homem é o mestre do seu destino". Porém, além de afirmarem estranhas provas científicas por trás dela, para me tornar um *jucheiro* convicto, eu precisaria participar do culto para entendê-la a fundo. Sem duvidar, de forma alguma, da boa fé de ter criado essa filosofia de vida. Mas será que existem mecanismos para manter as pessoas fiéis à adoração? Não sei, mas tenho esse receio.

Outro fator que dá base a essa adoração exagerada é que, por todos os cantos da cidade, existem monumentos, estátuas gigantes, imagens e palácios venerando os dois líderes falecidos e se gabando da guerra. Existe até uma música pelas ruas e carros com alto-falante fazendo propaganda de carinho por eles. Pra que você sinta a profundidade dessa submissão, pense num monstruoso palácio construído apenas para contar a história dos dois, com todos os presentes e condecorações que ganharam e um mapa gigante iluminado contando a rota de viagem. Considere que roupa social é obrigatória (jeans é proibido) e você passa por pontos de higienização, escadas e esteira rolantes com segurança por todo lado. Uma hora até me pararam e me pediram pra revistar a carteira no meu bolso (achei que era empréstimo). Dentro dele, há duas salas homéricas com luzes vermelhas, militares nos quatro cantos e uma canção fúnebre ao fundo. E, no centro de cada uma das salas, você tem que prestar reverência a uma caixa de vidro com o corpo embalsamado dos líderes deitados. Dá pra sentir?

Esclareço que esse relato tem o objetivo de sustentar a minha opinião sobre o que aprendi, não é debochar das pessoas que se foram.

Uma realidade muito impactante, para os meus padrões, eu vi nas ruas de Pyongyang, a capital, e redondezas. Não se vê propaganda de marcas, é difícil ver lojas, como de roupas e eletrodomésticos (vi uma de cada), há poucas barracas de comida nas ruas, mas não se vê supermercados, não vi bancos, muito menos caixas eletrônicos. Muito maluco não ver aquelas tentações de compra a cada esquina. Admirei muito. Isso é em razão de traços socialistas mantidos, pois todas as empresas são públicas ou público-privadas e há mais leis na esfera do consumo, como a que proibi a importação de artigos de luxo.

No interior, quase não se vê carro: vimos um durante o percurso de trem da fronteira da China até a capital, que durou quatro horas. Vê-se muita gente caminhando e de bicicleta. A princípio, me pareceu

qualidade de vida, mas depois de ver ônibus cheios e andar no metrô bem antigo, fiquei mais pensando se não pode ser uma defasagem no desenvolvimento...



264 - Policial numa estação de metrô em Pyongyang

Alguns detalhes que nutrem o lado misterioso desse país: vi muitas pessoas trabalhando na rua e no campo, limpando áreas que pareciam mais mato do que plantações; nas águas rasas dos rios vi gente lavando roupa ou tomando banho; não havia ar condicionado nos prédios; as refeições que nos ofereciam eram banquetes nos quais o desperdício de comida, ao final, era desesperador (mais louco lembrar que o país teve um surto de fome nos anos 90 quando até ajuda da *ONU* foi necessária); e em nossas caminhadas – com guias, claro! – encontramos dinheiro "perdido" no chão por três vezes e ao perguntar nos instruíam a não pegar, pois nunca o fazem por ser errado.



265 - Famílias lavam roupas num rio nas redondezas de Pyongyang

Falando dos guias, tentei construir um relacionamento frutífero (bela expressão, hein?), mas vale explicitar a minha decepção. A grande maioria das perguntas tinham respostas evasivas e utópicas, como

afirmando, por exemplo, que não existe desemprego nenhum e que tem internet (sendo que não tinha nem pra turista num hotel de alto padrão). Sobre canais de televisão e jornais de fora, ouvi a explicação que preferem não saber por que as "Coreias" ainda não se reunificaram (?) e que as emissoras estatais dão notícias sobre o mundo. Não resisti em perguntar sobre a única informação que se ouve nas emissoras internacionais sobre o país, se eles têm arma nuclear, e a resposta foi positiva: sim, eles têm. Intrigante, vai?

A dúvida mais enraizada que fica é se os guias sabem algumas verdades e não podem falar ou se o sistema onde vivem é realmente organizado de forma tão eficiente que até eles acreditam nessas utopias. O que você acha?

Precisamente, a partir daí, meus questionamentos e dúvidas sobre como é a vida dos cidadãos lá, o que funciona e o que não funciona viraram uma ilusão. Me senti num emaranhado de sensações, como se andasse num parque de diversões onde tudo tem que ser maravilhoso, assistindo uma campanha eleitoral ao fundo onde te prometem tudo de melhor e com o gerente do banco ao lado dizendo que aquele produto é perfeito para o meu perfil. Me senti enganado, sendo totalmente sincero.



266 - Pessoas leem o jornal público numa estação de metrô em Pyongyang

Virou um desafio argumentar sobre a realidade do país porque, além dessas respostas-padrão, eu, como estrangeiro, estou num fogo cruzado de informações, onde os norte-coreanos explicitamente defendem a imagem do seu país perante o mundo, enquanto todo o resto do mundo, liderado pelos meios de comunicação do "primeiro mundo", tentam convencer todos que a Coreia do Norte é um perigo global. Mas, e aí? Que lado mente mais por interesses pessoais e quem é mais perigoso? A globalização capitalista que concentra o poder em poucos, cada vez mais, e quer extinguir o socialismo ou um país socialista que quer se defender disso para manter sua ideologia? Depois de tudo o que li de fontes variadas sobre a Coreia do Norte, entendi que avisar o mundo que tenho uma arma nuclear pode ser a única forma eficaz de defesa, para evitar que o imperialismo de outro país tome conta do meu, como aconteceu no Iraque. Dá um pouco de desespero pensar que a humanidade regressou a esse ponto, mas temos que ser realistas.

Antes que você contra-argumente com o quesito opressão e privação de liberdade, quero dar minha opinião. A propaganda adoradora promovida é um forte indício de que qualquer opinião negativa está passível de punição, concordo, mas quem garante como isso acontece? Nos documentários que encontrei, nenhum transpareceu ter fontes sólidas o suficiente para provar que existem campos de desertores com trabalho escravo, por exemplo. É óbvio que, se realmente houver, é indiscutivelmente absurdo. Mas como esses julgamentos, baseados em possíveis fatos, podem ser justos? Já ouviu falar de Guantánamo? É uma prisão militar americana em solo cubano construída para prender possíveis culpados de guerra e terrorismo sem julgamento. Está em funcionamento hoje e, segundo a crítica, pode ser um campo de opressão e tortura tão desumano quanto qualquer outro. Mas quanta gente sabe e julga seus responsáveis? Porque será que esses mesmos meios não falam sobre isso com o mesmo discurso? Será coincidência que quem tem autoridade sobre Guantánamo é amigo de quem decide a pauta do jornal? Tudo são interesses, hoje. Então, precisamos ter cuidado na interpretação dos fatos e no julgamento.



267 - Estátuas em homenagem aos líderes falecidos às quais todos devem fazer reverência, em Pyongyang

Reitero que sou absolutamente contra qualquer política covarde que puna a liberdade de expressão e o pensamento livre. Isso é uma afronta ao direito fundamental, um desrespeito a qualquer ser humano e tem que acabar! Mas, com esse conflito de interesses confuso, como posso acreditar em qualquer lado?

Bom, independente desse veredito, tenho total segurança em afirmar que discordo da adoração forçada à personalidade que existe por lá. Não acho correto exigir que pessoas vivam em função do passado e do que uma pessoa fez. Evidente que toda demonstração de respeito e admiração pode ser devida, mas as toneladas de dinheiro, de trabalho humano e de recursos naturais investidos na construção de intermináveis obras de homenagem aos dois líderes falecidos são um exagero.

Tenho certeza de que centenas de melhorias precisam ser feitas no país. Quando uma guerra que terminou há mais de sessenta anos é o maior motivo de orgulho de um povo a ponto de lembrarem dela todos os dias, algo está muito errado. As pessoas pararam no tempo, vivem num passado que já acabou há muito tempo, não é mais real! E o transporte público, e a educação, e a saúde como vão? Quais os objetivos para o próximo século, o que precisam melhorar? Não pude descobrir nada disso, apenas que falta energia, pois os cortes eram frequentes.

Em conjunto com o discurso de guerra, a posição contrária ao imperialismo norte americano também é tratada abertamente, o que, na minha opinião, é agressivo demais. Dentro disso, vi um pequeno detalhe que foi o ponto alto das descobertas. Acredito que ser fiel aos seus princípios e ao que se acredita é uma prova de consciência e credibilidade. Mesmo com todo esse posicionamento socialista, contra o imperialismo e o luxo, ao final da exposição no enorme palácio me deparei com um carro alemão de luxo usado por Kim Jong II, além de um grande iate com o qual ele trabalhava pelos mares. Para tudo! O que é isso? Era prioridade manter seu ponto de vista ou mostrar suas posses? A cereja do bolo ainda estava lá, toda encabulada, sobre a mesa do escritório do iate. O que, o que? – Prefiro não revelar marcas para evitar conflitos, mas essa é necessária para explanar a gravidade. – O estimado *Mac book* do líder. Sério! Estou boquiaberto até hoje, não consigo nem comer direito ainda...

Isso arrebatou qualquer crédito que pudesse ter sido criado na minha cabeça pelo líder, foi uma prova de contradição. Mas e aí? Será que o laptop era dele mesmo e ele fazia *facetime* com o Putin? Ou o setor privado já consegue fazer lobby até em ditadura socialista familiar? (Risos...). É uma pena que tirar foto é proibido lá dentro, então você tem que acreditar em mim, mesmo. No que meus olhos viram.



268 – Meninas reverenciam o mausoléu onde estão os corpos embalsamados dos líderes, em Pyongyang

A pergunta que fica de todos os mistérios e questionamentos que fiz é a seguinte: caso não exista opressão, é melhor nascer numa terra encantada onde você precisa ganhar dinheiro e comprar tudo o que a propaganda privada faz você acreditar que precisa pra ser feliz ou numa terra encantada onde a propaganda estatal faz você acreditar que amar o líder e viver a sua ideologia é o que você precisa pra ser feliz?

Vou ler os livros de Kim Il Sung que comprei e nos quais ele conta suas teorias socialistas e do *Juche*, assim como os dez livros mais vendidos do mês nos mercados livres pra repensar e refletir melhor sobre isso tudo. Assim que voltar da minha próxima visita, escrevo de novo.

Felicidade é relativa e nenhuma das alternativas anteriores é a melhor. Precisamos de soluções que pensem em todos, de uma terra onde o senso comum diz que ninguém quer acumular poder ou dinheiro porque não faz bem, que ver a realização dos outros realiza a si mesmo e que o ego parou de atrapalhar as prioridades de cada um. Aí, quem sabe, o livre arbítrio consegue se divertir com mais consciência!

Nota: Enfatizo que este texto é baseado na experiência de cinco dias que tive na Coreia do Norte: o que vi, ouvi, entendi e pude aprender. Tudo baseado na minha opinião, considerando a manipulação de informações que vivemos. Respeito esse povo e agradeço por terem nos tratado muito bem.

Felipe

Experiência 38 - China

Publicado em 1º de setembro de 2015



269 - Vendedor ambulante na muralha da China, na cidade de Jinshanling

A China é uma verdadeira aula de antropologia. Tem muita gente em absolutamente todos os lugares e as cidades conseguem ser completamente diferentes entre si.

A República Popular da China, como é conhecida, é o país mais populoso do mundo, com mais de 1,3 bilhão de pessoas (isso explica muita coisa...). Sob um sistema unipartidário, o país é governado pelo Partido Comunista da China e é considerado uma das maiores potências econômicas do mundo. Passamos pelas cidades de Guilin, Guangzhou, Shenzhen e Beijing, mas saímos com a sensação que, pra conhecer a China de verdade, precisaríamos de uma vida inteira.

Um misto de pessoas ocupadas, atrasadas e sérias, que logo se rendem a um sorrisão com um simples e despretensioso "nihao" (olá). Vi também muita gente cansada. Não era raro parar pra comprar uma casquinha de baunilha e encontrar o atendente debruçado na bancada, tirando uma soneca gostosa. Até os seguranças do metrô eram contagiados pelo bicho do sono.



270 - Crianças num templo budista Chinês, em Pequim

E, por falar em metrô, esses eram momentos nostálgicos que me faziam lembrar da escola, quando batia o sinal ao final do recreio. Eu não sei você, mas, naquela época eu, no auge da maturidade, ouvia o sinal e saía correndo/gritando pra sala de aula. Não sei exatamente qual era o meu sentimento, mas arrisco dizer que era uma combinação de desespero, medo de atrasar e vontade de gritar pedindo pra alguém me salvar

dali. O metrô da China é assim. Quando as portas se abriam as pessoas corriam pra dentro ofegantes e disputavam os assentos. Eu sempre perdia, obviamente.

Furar fila, jogar lixo na rua e fazer xixi em qualquer lugar também me pareceram práticas bem comuns e, acredite, isso não é crítica, apenas a observação de uma brasileira que já conhece essa história de outros carnavais.

Mas a China é majestosa em paisagens, em gente que trabalha duro e, principalmente, bugigangas. Eu, que me esforço a cada dia para consumir menos e com mais consciência, me vi querendo comprar adesivos de bichinhos e canetas fofas. No final, comprei um ferro a vapor.

Foi justamente por esse apelo consumista a que a China nos conduz, que sonhávamos com o tipo de organização que gostaríamos de conhecer. O universo conspirou a favor e fomos recebidos pelo querido Wincent Ou, da *Fair Wear Foundation*¹¹⁴ (fundação da roupa honesta), uma organização sem fins lucrativos, que desenvolve um dos trabalhos mais brilhantes que conheci relacionado à proteção dos **direitos humanos** e trabalhistas.

Funciona assim: marcas de roupa europeias que utilizam fornecedores localizados na China e em outros países da Ásia, como Indonésia e Filipinas, contratam a *Fair Wear* para inspecionar as fábricas e aplicar boas práticas de produção. Daí surge um relacionamento de três pontas, formado entre a empresa que vende as roupas, a *Fair Wear* e os fornecedores.

A Fair Wear visita fábricas e se certifica de que os oito pilares que servem de base para as boas práticas de produção estejam sendo cumpridos. Isso implica erradicar por completo o trabalho escravo, forçado ou análogo a isso nas fábricas que fazem parte da vistoria, além de implementar melhores e mais saudáveis condições de trabalho para os funcionários.

Esse apoio é fundamental para trazer transparência ao consumidor final. De acordo com o Portal do Ministério do Trabalho¹¹⁵, no ano de 2014, o Brasil acumulava 609 empresas autuadas pela prática de trabalho escravo ou análogo. O Cadastro dos Empregadores foi retirado do site por força de uma liminar, mas pode ser obtido no site da organização *Repórter Brasil*¹¹⁶, uma das maiores ativistas do tema no nosso país. Oremos.

Na sala do seu apartamento, entre uma xícara de chá e docinhos típicos, tivemos uma longa conversa com o Wincent, que nos ajudou a identificar as ciladas do consumo. Uma forma simples de se prevenir é avaliar a relação entre o preço e a qualidade do produto. De acordo com ele – e eu já suspeitava –, quanto mais barato for o produto, mais chances tem de se encontrar alguma irregularidade ou abuso na linha de produção.



271 - Fábio Melo, irmão do Felipe (ao fundo à esquerda), Wincent Ou (ao fundo à direita) e nós, em Shenzhen

Eu já disse outras vezes que, pra mim, a forma como escolhemos nos vestir é um ato político. À primeira vista, o que enxergamos é a imagem, as roupas, o cabelo e os acessórios. Não é a toa que as marcas fazem tanto uso disso e da nossa insistência em sempre parecer mais (mais rico, mais bonito, mais chique, mais desencanado, mais moderno). Nessa onda, o que a gente leva dentro de si pouco importa, desde que a bolsa chegue na frente gritando alguns cifrões.

Pois então, se vestir e apresentar-se ao mundo é um ato político, o que dizer dos cidadãos que não se preocupam com a cadeia de produção do que chega ao seu armário? E mais: do que chega ao seu prato, à sua mesa de trabalho e de tudo aquilo que fazemos uso sem nunca parar pra pensar como é que chegou ali.

Wincent conseguiu autorização para nos levar em uma das fábricas de um conhecido, que apesar de não fazer parte da rede supervisionada pela *Fair Wear*, era um exemplo real do que é o mau costume pela China. Era um domingo, mas, mesmo assim, encontramos algumas funcionárias na linha de montagem de estojos de maquiagem. Sabe aqueles que vêm com blush e um espelhinho dentro? Pois é, era isso mesmo que elas montavam, parafusavam, fechavam, embalavam... Tudo com uma rapidez impressionante.

Foi ali que eu me dei conta de que até o bendito *blush* nosso de cada dia passou por um minucioso processo de produção, que pode ter envolvido centenas de pessoas que trabalharam por dezenas de horas sob condições questionáveis. Como se prevenir disso? Pesquisando as marcas que estamos acostumados a comprar. Averiguar se já foram autuadas por práticas ilegais e abusivas, por testes em animais, pelo uso indevido de produtos químicos, nocivos à saúde e por aí vai.



272 - Trabalhadoras de uma fábrica numa zona industrial de Shenzhen

A lista do que pode ser feito de mal a nós, consumidores, com o intuito de maximizar os lucros é extensa e bastante complexa. Entram indústrias têxteis, eletrônicas, agrícolas, instituições financeiras, seguradoras etc. É claro que nem sempre temos a chance de fazer uma auditoria completa nas empresas, mas sabendo usar a internet como ferramenta de investigação consciente, é possível obter fontes confiáveis e determinantes para exercer nosso poder de escolha e consumo.

Como exemplo real, outro dia reparei em umas ruguinhas que começam a aparecer embaixo dos meus olhos. Contrariando o Fê, decidi que precisava de um antirruga e comecei a pesquisar as opções nas farmácias. Uma marca bastante famosa era também a que a oferecia os melhores preços e a maior variedade. Segurei a ansiedade e fui pesquisar sobre ela. As informações eram controversas e não encontrei conclusão sobre práticas abusivas. Mas encontrei uma outra marca, também mundial, que se apresenta de forma muito mais humana. Deixa claro que não realiza testes indevidos, só utiliza produtos naturais e ainda contribui de alguma forma com a comunidade local. Pronto, toda essa pesquisa pra decidir minha compra durou menos de vinte minutos.

A China nos força, a todo o momento, a refletir sobre o consumo em suas mais variadas formas. A oferta de produtos é infinita e constante, o que até me fez pensar em comprar um ralador de vegetais portátil (juro!). O que me impediu foi imaginar rapidamente onde seria utilizado... "Vai que eu resolvo descascar uma

cenoura no metrô de volta pra casa". Tem horas que sequer dá tempo pra parar pra pensar por que a gente está querendo – ou comprando – algo. Está bonito, barato, diferente e vai que eu uso algum dia...



273 - Zona industrial de Shenzhen

Enfim, é fácil demais continuar vivendo no automático enquanto a gente não enxerga os rostos de quem atua como figurante. E isso vale pra tudo na vida. É uma bela desculpa seguir sendo cúmplice de crimes, violências e desumanidades sob a justificativa de que a gente "não tem como saber de tudo, não é?". Pois eu te conto que a gente tem como alternativa ser mais lúcido, mais coerente, mais sensível e mais humano.

A China me ensinou isso. Me ensinou que nessa luta pela sobrevivência, a gente pode ficar um pouco cego. Cego pra enxergar os nossos porquês e ainda mais cego pra enxergar o outro. É cada um por si e se existir alguém por todos, que ele resista à fila do metrô.

Nessa maratona de acumular e descartar, ao invés de poupar e reutilizar a gente se perde nas prioridades e esquece de valorizar a vida em suas sutilezas diárias. É tanta coisa dentro da gente, da nossa casa e da nossa cabeça, que elas mais parecem aquelas lojinhas de 1,99 reais.

Por isso, depois de tantos dias convivendo ao extremo com essa febre do consumo, eu concluo com ainda mais firmeza sobre a importância de valorizarmos os **negócios sociais**, marcas verdadeiramente conscientes e o comércio justo. No mundo em que vivemos, é inevitável fugir do consumo. Pois, então, que o consumo seja a nossa contribuição para uma sociedade e uma economia mais justas e humanas.

Enfim, a China me apresentou um mundo novo: encantador e, ao mesmo tempo, realista. Me apresentou os rostos de algumas das pessoas que trabalham duro, sem muitas perspectivas e muito menos sem imaginar que vamos comprar aquela bugiganga e depois esquecer em uma gaveta qualquer. Mas me ensinou também que pra tudo tem solução e que, se for pra guardar alguma coisa na gaveta, que seja a preguiça de se tornar um **agente de transformação** por um mundo melhor.

Gabi

Experiência 39 - Mongólia

Publicado em 9 de setembro de 2015



274 - Homem nômade, sua filha e seus camêlos no deserto de Dundgovi

A Mongólia estava na minha lista de países imperdíveis. É difícil dizer o motivo, mas eu tinha uma referência do país como um lugar onde o povo vive em paz e bem isolado por ser uma pequena população dispersa em um pedaço de terra entre Rússia e China. Pude notar essa dispersão — ela é detentora de uma das três menores densidades demográficas do mundo — em toda a viagem de trem desde Pequim, onde se via muito pasto aberto e apenas algumas tendas de famílias nômades ao longo da viagem de quinze horas (mais as treze do lado chinês).

Eles sempre foram muito próximos da Rússia e, até 1990, o país foi governado por um regime autoritário socialista. Esse teve fim, sem violência, nesse mesmo ano, após as revoluções dos jovens mongóis. Seu maior herói, até hoje, foi *Genghis Khan*, um imperador do século XIII responsável pela imagem do povo mongol como de um povo forte e dominador. Isso porque, nessa época, a Mongólia chegou a dominar 22% das terras do mundo com aproximadamente 25% da população (fonte: *Wikipédia*¹¹⁷). Impressionante! Só espero que uma única nação não volte a ser tão dona do mundo. É arriscado...



275 - Deserto de Dundgovi

Pelo que aprendi nas conversas com mongóis, a recente abertura de mercado para o glorioso capitalismo trouxe coisas boas e ruins. Do lado positivo: a liberdade começou a valer para todos como indivíduos, então, surgiram mais empresas, produtos e opções; o povo passou a ver mais transparência dos governantes, pois, por mais que ainda sejam muito corruptos, antes era pior porque eles eram autoritários. Do lado negativo: agora, há desemprego que antes não existia; maior desigualdade também, pois se vê mais gente mais rica e mais gente mais pobre; e os serviços públicos pioraram um pouco porque o dinheiro livre e potencialmente sujo entrou na jogada.

Acho que essas breves mudanças explicam muito a diferença entre esses dois sistemas. Pelas ruas, deu pra sentir que o mercado de luxo está crescendo, com carrões importados circulando, lojas exageradas e maquiagem dando show. Uma pena! Tomara que resistam.

Do sistema atual, conheci uma lei que admirei muito, porque acredito que funcionaria incrivelmente bem para combater o multipartidarismo que dita o interesse de muitos dos políticos no Brasil. Na Mongólia, o presidente eleito é obrigado a abdicar de sua filiação partidária, assim como muitos cargos de confiança do governo federal, estadual e municipal. Tem funcionado bem pelo que compreendi a partir da conversa que tive com o ex-prefeito do município de Dundgovi, uma cidade com pouco mais de quarenta mil habitantes ao sul da capital – contarei mais adiante sobre essa experiência.



276 - Praça Genghis Khan, em Ulan Bator

As ruas de Ulan Bator, a capital, lembram muito a imagem que tenho da Rússia pela televisão, por mais que eu nunca tenha ido pra lá. Sem ter considerado as estações do ano no planejamento, tivemos muita sorte porque escolhemos uma ótima época: o clima estava bem morno. Soube que o inverno lá chega a meros quarenta graus negativos! Coitados! Fiquei até com vontade de voltar pra tentar sobreviver junto... Outra estranheza, pra mim, é que por ser bem ao norte do hemisfério, o pôr do sol acontecia só às 9h30min. Ê dia longo!

Sobre a nacionalidade de quem nasce lá vale esclarecer uma piadinha comum, inclusive porque, ao mencionar que eu iria pra lá, me disseram que "finalmente eu, 'mongol', encontraria o meu povo"... – O curioso é que eles me pareciam familiares, mesmo (não estou brincando!). – Esse uso pejorativo da palavra nasceu alguns anos depois de 1958, quando a causa da Síndrome de Down foi descoberta. Um médico achou que havia certa semelhança na expressão facial de seus pacientes e indivíduos provenientes da Mongólia e, assim, passou a usar "mongoloide" como referência. Anos depois, com o pedido da delegação do país, ficou convencionado pela *OMS* que esse nome seria abolido pra tratar dessa síndrome genética que, diga-se de passagem, merece todo nosso respeito!

A verdade é que as pessoas que tive a oportunidade de conhecer por lá foram extremamente generosas, gentis e acolhedoras. Nas ruas, eram menos sorridentes que o normal, ok, mas não acho justo caracterizá-las negativamente por isso, pode ser mais uma questão de abertura com desconhecidos e até resquícios do autoritarismo. Tive ótimas conversas e aprendi que a cultura é bem individual e enraizada na família, como consequência, o senso de comunidade não é exatamente desenvolvido. Exemplos disso são as cooperativas que ainda não funcionam muito bem. Entre os esportes mais tradicionais, estão arco e flecha, luta greco-romana e corrida de cavalo. Ou seja, cada um do seu jeito.



277 - Monumento da juventude mongol dos anos 60 em referência aos Beatles, em Ulan Bator

Tive o privilégio de ficar no apartamento de dois amigos que conhecemos no Laos e que tinham se mudado pra lá há um mês, a Kathleen Kuracina e o Simon Steen. Assim, a experiência já começou com pontos positivos para a cultura, mesmo sendo ela canadense e ele dinamarquês.

Na busca por explorar a realidade, tivemos uma enorme ajuda do universo. Em um almoço, no qual estávamos cansados por não conseguir encontrar formas não turísticas de ir ao interior, as gentis Tenzin Norbhu e Enkhbolor Gantulga, da mesa ao lado, puxaram papo conosco. — Talvez por notar nossas caras de frustrados. — Ao contar sobre o *Think Twice Brasil* e nossa intenção com a viagem, prontamente ligaram para um amigo que se colocou à disposição para nos ajudar e nos convidou para um café. Depois de um pouco de conversa, Enkhjargal Sukhbaatar entrou em contato com um amigo que poderia nos mostrar a cultura local. Assim, Munguntsoot Tseieuvadnudi e sua esposa, Sainbileg Volodya, foram nossos amigos e guias durante os três dias seguintes. São nomes complexos para o nosso português e fiz questão de mencioná-los, já que essa corrente do bem que aconteceu em breves duas horas tornou a Mongólia ainda mais inesquecível pra nós.



278 - O casal Sainbileg Volodya e Munguntsoot Tseieuvadnudi, seu filho e nós na casa deles, em Dundgovi

Com esse maravilhoso casal, pudemos conhecer a região de Dundgovi e aprender muito, graças também ao inglês perfeito da Sainbileg, que se formou no idioma na faculdade. Só assim conseguimos conversar com todos, porque o inglês não é comum no interior. Muito mais que essa pequena e pacata cidade, conhecemos os intermináveis campos ao seu redor que beiram o grande deserto de Gobi, um destino turístico do país. Sendo uma região interiorana, boa parte de sua população já viveu como nômade, inclusive nossos amigos anfitriões, que nasceram no campo. Eu tinha apenas uma vaga lembrança do que aprendi no colégio sobre esses povos, mas nunca pensei que um dia os conheceria, assim, ao vivo.

De toda a população mongol, estima-se que 30% ainda viva efetivamente como nômade (fonte: *Wikipédia*). O conceito que conheci lá é um pouco mais moderno do que o dos livros antigos, principalmente porque a globalização também chegou lá. Essas famílias vivem no meio do campo — o que, segundo meu padrão metropolitano, quer dizer "no meio do nada" —, em média a uma distância de trinta quilômetros entre elas. Moram em tendas e cuidam de seus animais que são a razão desse estilo de vida já que são seu sustento. Cada família tem aproximadamente mil animais, sendo os mais comuns: ovelhas, cabras, cavalos, camelos, vacas e porcos, necessariamente nessa ordem.



279 - Filho de uma das famílias nômades que nos recebeu e seus cavalos selvagens, no deserto de Dundgovi

Essa é a principal razão que justifica a distância entre as famílias, já que essa turma toda precisa de muito pasto pra comer. Pra quem não tinha referência de quantidade, incialmente pensei que ter mil animais garantiria uma boa renda, mas aprendi que não é bem assim. Parte do sustento vem da venda do leite e da pele, que não têm alto valor em razão da grande oferta na região. A outra parte vem da venda da carne em si que rende mais, entretanto seu ritmo é mais lento porque poucos animais podem ser abatidos a cada ano, a fim de preservar um bom número no pasto. Deu pra ver ao vivo que criar esses animais dá um belo trabalho, porque, além da quantidade, existe o desafio de movê-los continuamente para pastos novos para alimentá-los e em busca de água, que é uma dificuldade sempre. Além da dificuldade de acesso, muitas vezes eles dependem de poços cavados por máquinas por terem que ir cada vez mais fundo.

Por isso, são nômades até hoje. Os mongóis e os animais dependem desses dois recursos naturais — pasto e água —, para sobreviverem. A verdade é que algumas das famílias que visitamos têm até casa de alvenaria, pois se estabeleceram ali há muitos anos e, quando têm que se movimentar, levam somente a grande tradicional tenda nômade mongol.

Outro fator que os obriga a se movimentar é o inverno. Como lá o frio pode ser muito intenso, eles dependem da ajuda de um verão brando e úmido para conseguirem passar o inverno bem. Se não, precisarão encontrar abrigos cobertos. Imagina a dificuldade de liderar mil animais na neve. Admirável!



280 - Tenda nômade no deserto de Dundgovi

Em razão disso, a maior queixa que escutamos foi a mudança climática. De uns anos pra cá, a previsão meteorológica se tornou tão imprevisível que muitos deles sofreram perdas diversas, algumas irreparáveis. Um inverno mais tardio não é nada bom porque os animais precisarão de mais pasto antes de chegar o momento do abate. Isso porque eles aguardam a chegada do inverno forte para encerrar a vida dos animais. Assim, a temperatura ajuda a conservá-los a céu aberto mesmo. Em razão das condições geográficas, a agricultura não é um costume, o que obriga os mongóis a importar frutas, legumes e verduras da Rússia e da China, que são alimentos mais caros.

Mesmo com todos esses desafios, boa parte dessas famílias tem uma renda mínima estável, o que tornou as tecnologias acessíveis, como motocicletas, caminhonetes, baterias, energia solar, televisão, celular, entre outras. Esse foi o primeiro choque pra mim, pois, além da expectativa de ver tudo mais antigo, ficou claro que muito do que o homem desenvolveu pode melhorar a vida das mais diferentes realidades. É indiscutível que esses itens têm seu lado bom e ruim. Os bons são mais óbvios pra quem vem da cidade grande, mas e os ruins, você consegue ver algum?



281 - Tenda da família nômade que nos hospedou, seus meios de transporte e cavalos, no deserto de Dundgovi

Eu sei que tenho ideias mais extremas, mas um dos maiores impactos, pra mim, veio exatamente da televisão daquela humilde casa e toda a reflexão que provocou sobre o poder da INFORMAÇÃO. Logo que chegamos e dissemos que éramos brasileiros, a família disse que conhecia muito de nós em razão da novela

"Avenida Brasil". Estranhei, mas nem tanto porque já a tínhamos visto em outros países distantes e, entre tantas conversas, esse assunto se perdeu. Porém, nessa mesma noite antes do jantar na casa nômade, no meio de um pasto onde não se via nada além de grama ao olhar os 360 graus do horizonte, tinham deixado a televisão ligada e de repente... Suspense... Uma música conhecida começa e, naquele olhar automático para a televisão, vejo alguns atores familiares. Sim! Uma novela brasileira numa casa nômade mongol remota...

Foi um impacto gigante, pois além de cortar o meu barato com a experiência cultural mongol, vi ali que toda a má educação e propagação maléfica que a novela brasileira promove, intencionalmente, para sua própria população não tem limite geográfico, nem linguístico... Além de me sentir, em parte, cúmplice pela nacionalidade, me senti envergonhado por suspeitarem que eu pudesse ser relacionado àquele personagem sem caráter e sem respeito que faz tantas crueldades na trama, por exemplo.



282 - Filhas da família nômade que nos hospedou assistem à TV em casa, no deserto de Dundgovi

Ali, foi a maior evidência de que temos mesmo que trabalhar para mudar e conscientizar nossos meios de comunicação por conta da tamanha irresponsabilidade planetária que eles adotam e, nós mesmos, por um cuidado muito maior com a informação que transmitimos a cada palavra, comentário e compartilhamento.

Voltando aos nômades sem televisão... De qualquer forma, apesar da influência da TV e de outras tecnologias no dia a dia, deu pra notar que eles conseguiram manter boa parte da sua tradição, como tomar leite de égua fermentado chamado de *Airag* e mantido numa bolsa gigante de pele de vaca, além de cozinhar com pedras quentes, tomar água do poço, usar a moita como banheiro e comer muito da carne dos animais que criam. Claro que a Gabi e eu tivemos que passar por esses processos por três dias seguidos em muitas tendas. Acho que o estômago está bem calejado, porque passamos bem...



283 - Anfitrião nômade, que nos recebeu, cozinha carne de carneiro em sua tenda, no deserto de Dundgovi

As crianças nômades também têm acesso à educação pública, porém, por causa da distância entre famílias, durante a semana elas ficam no dormitório das escolas e só veem os pais e os irmãos nos fins de semana ou nas férias. O que talvez seja o maior desafio desse estilo de vida. Claro que, curiosos como somos, procuramos saber tudo, inclusive sobre seu maior sonho e a resposta foi unânime entre os adultos: que os filhos mudem para a cidade, consigam um trabalho e façam a vida por lá. Isso porque os pais temem o futuro com as mudanças do clima e não querem ver o futuro de seus filhos comprometido.

Foi muito emocionante ouvir isso e me lembrar de um dos primeiros aprendizados da viagem: independente do nível de inteligência, do nível social e do dinheiro, todos os pais têm consciência e foco na educação e no futuro dos filhos. É um instinto humano, mesmo.



284 - Família nômade que nos recebeu, seus amigos e Felipe numa celebração em sua tenda, no deserto de Dundgovi

Tivemos a oportunidade de participar de cerimônias como jantares com muita cantoria, jogos feitos com os dedos das mãos, marcação do símbolo da família na pele dos jovens cavalos feita a ferro e fogo e até o abate e a separação da carne de uma cabra. Foi intenso e deu pra se sentir parte de tudo aquilo por algumas horas.



285 - Amigos nômades se preparam para a marcação dos jovens cavalos, no deserto de Dundgovi

De volta a Ulan Bator, pudemos conhecer o trabalho incrível que Bill e Irene Manley realizam na organização *Mary & Martha Mongolia*¹¹⁸. É um **negócio social** que, por meio da compra e venda de produtos artesanais, suporta o desenvolvimento de micro e pequenos negócios indígenas na Mongólia. Além de nos terem recebido com extrema **gentileza** e nos ensinado muito sobre a realidade, foi muito inspirador conhecer um trabalho que expressa intenção ética, justa e transparente. Ciente da triste corrupção que ainda existe por lá, foi admirável ver que é sempre possível fazer negócios da forma correta, como eles fazem.

Em outros países, vimos a corrupção tão enraizada que era impossível ter uma licença de funcionamento, por exemplo, sem ter que pagar algum extra. É o risco de ter tanta gente seguindo o que o perdido senso comum de hoje dita... Cuidado!

Foi interessante poder entender, mais a fundo, as práticas conscientes que eles utilizam como o bônus coletivo, no qual o salário extra é pago de acordo com o resultado das vendas do grupo todo, e os encontros onde os artesãos conhecem as vendedoras de forma a criar mais **empatia** entre eles. Isso faz com que elas se envolvam mais em suas histórias e as contem para os clientes, o que também cria empatia com os artesãos e seu trabalho. Baita prática! E, assim, ainda garantem que as vendedoras conquistem salários, pelo menos, 50% maiores que o salário mínimo oficial que, como no Brasil, é muito abaixo do necessário para se sustentar.



286 - Equipe da Mary & Martha Mongolia em sua loja, em Ulan Bator

Acredito que a estratégia da consciência do bem é a solução. A *Mary & Martha Mongolia* é uma boa prova disso, já que cresceram de 20 a 30% nos últimos anos e estão muito seguros de que vão crescer ainda mais.

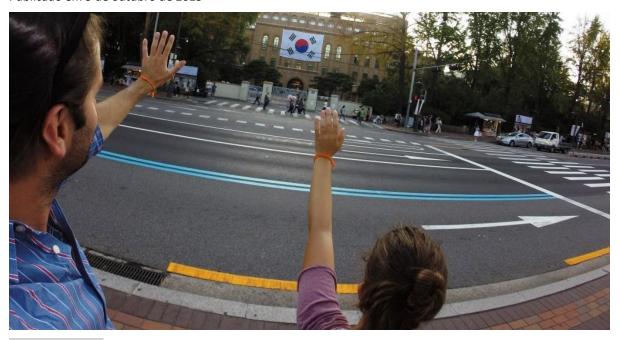
Bom, assim foi na Mongólia. Comecei com a energia lá em cima, com tantas **gentilezas**, vivendo a realidade nômade com seu padrão tão diferente do meu e sentindo aquele gostinho de como a tradição pode ser mais pura e simples pra se viver. Aí, a energia foi pra baixo quando vi como a má informação e a televisão podem viajar o mundo sem barreiras, colocando em risco nosso senso comum. Aí, a energia foi pra cima de novo, quando percebi que tem gente usando as novidades e a tecnologia que criamos de forma justa e necessária para melhorar sua vida. E foi mais pra cima ainda ao ver que somente os negócios genuinamente responsáveis crescerão e mudarão o mundo.

Cada um com sua fórmula secreta, só precisamos de mais magia no ar pra nos proteger das tentações mundanas.

Felipe

Experiência 40 - Coreia do Sul

Publicado em 5 de outubro de 2015



287 – Nós, em Seul

Chegamos à nossa última parada antes de voltar pra casa, Seoul, Coreia do Sul. Frio na barriga, por enquanto não... Muito menos a sensação de que em uma semana nossa missão estará cumprida, pelo menos por ora. O aeroporto já me deu a sensação de que a Coreia do Sul, definitivamente, em nada tem a ver com a do Norte. E senti uma certa alegria ao perceber que, por ter vivido os dois lados, eu teria liberdade para formar minha opinião sem tantas informações conduzidas e sensacionalismo.

Ao sairmos do metrô, nos deparamos com uma cidade imensa, muitos carros, pessoas com pressa, lojas, shoppings, restaurantes e propagandas por toda parte. Do alto da escadaria eu fiquei alguns segundos observando aquilo tudo até cruzar o olhar com quem estava bem na minha frente: dezenas de moradores de rua. Confesso que essa visão me marcou profundamente, muito pelo fato de eu não ter encontrado nada parecido no lado norte e, também, por me fazer refletir sobre o preço alto do que chamamos de desenvolvimento.



288 - Jardim de um templo Budista em Seul

Seguimos caminhando e eu, ainda pensativa, recebi gratuitamente **gentilezas** de mais de uma pessoa, que ofereciam ajuda para encontrar a rua que procurávamos ou simplesmente se colocavam à disposição. Foi quando me lembrei que também não encontrei isso no lado norte, talvez pelo receio das pessoas de estabelecer contato com estrangeiros. Conclusão? Todo e qualquer país terá seus pontos positivos e negativos, isso é inegável. Não existe um lugar completamente perfeito e vice-versa. Cabe a nós priorizar o que realmente nos importa como seres humanos, ainda que às vezes a gente pareça passar longe dessa condição.

Os dias seguiram muito agradáveis e acolhedores, o que também nos permitiu concentrar energias para preparar a cabeça e o coração para encerrar esta jornada.

Seoul é encantadora e nos dá a impressão de que tudo funciona, mesmo sabendo que nunca é bem assim... Decidimos, então, visitar o lado sul da *DMZ* que quer dizer *demilitarized zone* (zona desmilitarizada), que é o espaço da fronteira com a Coreia do Norte, que já conhecíamos. Há quem a considere a área mais perigosa do mundo e toda visita é organizada em torno disso.



289 - Prédio da Coreia do Norte na Zona Desmilitarizada, vista da Coreia do Sul

No caminho, paramos na ponte da liberdade, que fica a poucos quilômetros da *DMZ*. É uma ponte que une os dois lados e também nos deixa a sensação de que a reunificação parece ser bastante esperada pelos sul-coreanos. Fitinhas coloridas e mensagens de paz enfeitavam o muro equipado com arame farpado. Por óbvio, havia um mini shopping, com lojinhas de souvenir, sorvete, *fast-food* e pasmem: um parque de diversões infantil. Tinha até roda gigante! Um tanto inusitado para um lugar cujo risco de um ataque nuclear é supostamente iminente.

Chegando à *DMZ*, o processo foi muito mais burocrático e assustador do que no outro lado. Nossos documentos foram checados mais de uma vez até sermos transferidos para um micro ônibus da *ONU*, acompanhado por militares americanos.

E este é um ponto bem curioso. Pelo que notei, a *DMZ* do sul é controlada pelos Estados Unidos e, ainda que isso não fosse uma novidade pra mim, foi interessante perceber que parece, de fato, existir uma certa hegemonia dos EUA sobre a Coreia do Sul.

Uma prova engraçada disso é que, assim que chegamos ao prédio que marca a divisão do território, vimos uma lojinha com uma faixa grande onde estava escrito "Military Discount" (desconto militar). Lá eram vendidos souvenires dos dois países — Coreia do Sul e do Norte —, mas também uniformes militares, bonés e faixas. Como sempre, a lojinha estava cheia de gente, ainda que supostamente estivéssemos em um dos lugares mais perigosos do mundo. Todos alucinados com as promoções do dia (risos...), mesmo se elas fizessem apologia à guerra.

Antes de caminhar até a fronteira, tivemos que assinar um termo de responsabilidade, no qual reconhecíamos sermos inteiramente responsáveis por nossas vidas em caso de um ataque inesperado ou algo

parecido. Confesso que sou meio desconfiada, mas nem deu pra ficar tensa... Parecia mesmo uma armação combinada até com o próprio inimigo.



290 - Loja anuncia "desconto militar" na Zona Desmilitarizada da Coreia do Sul

Enfim, entramos, conhecemos, tiramos foto com os militares imóveis, que mais pareciam bonecos de cera, e voltamos para o ônibus da *ONU*. Tudo muito perigoso, mas muito tranquilo também.



291 - Oficial com punhos fechados na sala de conferência na Zona Desmilitarizada

Talvez porque a sensação do lado de cá é a de que esse clima todo não passa de uma briguinha de irmãos, sabe? Daquelas que a gente sofre, xinga, chora e se afasta, mas queria mesmo era voltar a ficar junto, dividir o balde de pipoca e zombar da mamãe. Eu espero, sinceramente, que isso aconteça muito em breve.

Enfim, a Coreia do Sul nos acolheu com o carinho e o realismo que precisávamos para preparar a volta pra casa. E a sensação de que não importa o quão diferentes somos uns dos outros, se houver vontade, a gente se junta por algo maior. E melhor.

Gabi

Reflexão 14 - Uma semana de volta no Brasil

Publicado em 21 de outubro de 2015



292 - Nós de volta, no aeroporto internacional de São Paulo, em 11 de setembro de 2015

Faz pouco mais de um mês que cheguei de volta à minha realidade, ao meu país, e naturalmente com muita coisa na cabeça.

Depois de tanto tempo conhecendo outros mundos, parece que fiquei mais aberto a ouvir e querer entender tudo. O que não é exatamente bom. Tenho a impressão de que não saber de todos os problemas deixa você mais tranquilo e, possivelmente, feliz com a vida. Mas, espera! Então, é melhor não saber a verdade? Creio que devo saber, mas saber filtrar o tipo de informação que você vê, ouve e lê dita a forma como você vive o seu dia, mesmo porque é impossível saber tudo.

Viajando, eu estava mais imune ao bombardeio de informações por causa do idioma – claro! –, mas esta semana, sendo capaz de entender o que todos falam e o que contam as notícias, ficou mais difícil ficar em paz de espírito.

Não estou dizendo que tudo o que vi, no último ano, em 110 cidades, foram só ações de desenvolvimento social e coisas positivas. Você sabe que não! Vi muita desigualdade desesperadora e muita gente querendo tirar vantagem, mas São Paulo eu conheço e dói muito mais ver isso aqui. Durante o último ano, em raras situações fiquei incomodado por estar em perigo e, efetivamente, não sofremos violência alguma. Entretanto, já no primeiro dia desta semana, quando saí de carro sozinho, tive muito receio: não levei o computador, fiquei olhando pros lados o tempo todo e saí muito antes com receio do trânsito. Estranho isso tudo!

Compartilho o que tive que ouvir várias vezes e acabou ficando na minha cabeça desde que cheguei:

- (i) Quais são os problemas no governo, quem é corrupto e onde, quem errou o que, porque estão fazendo um trabalho ruim, quais os interesses partidários (e não do povo), que tal o impeachment, especulações de por que o dólar "subiu" e da derrota do novo plano fiscal;
- (ii) Um jovem de dezesseis anos matou um amigo na escola com estilete, uma criança caiu da janela do apartamento e o helicóptero da polícia parou de funcionar no meio de uma grande avenida, bloqueando o trânsito por três horas;

- (iii) A presidente parou de bicicleta pra acompanhar o socorro de um ciclista acidentado e pessoas ficaram na fila do *Rock in Rio* por uma semana, só pra entrar primeiro;
- (iv) Quem fez gol em quem, que time está melhor e quais os próximos jogos. Até comecei a dar razão para as centenas de pessoas, ao longo da viagem, que ouviam que somos do Brasil e só diziam "futebol", pois é o que mais funciona aqui, mesmo.

O que fica é que parece que o Brasil está colapsando, que não tem nada de bom, que nada funciona e que a solução para sua felicidade é gostar de futebol, que seu time ganhe e arrumar um ingresso pra ir ao *Rock in Rio*. E claro, cada um por si.

Quando você pode entender tudo à sua volta, as informações te colocam pra baixo, está tudo ruim e, em breve, o mundo vai acabar. As notícias boas e de exemplos admiráveis são raríssimas, o que é contraditório, pois há milhares de casos por todo o país.

Quantas vezes ouvi discussões sobre a solução da corrupção com ideias concretas? Nenhuma. Quantas pessoas próximas entendem quando é correto fazer um impeachment e o que aconteceria no dia seguinte da saída da presidente? Pouquíssimas. Uma hora tentando escutar notícias úteis no rádio, tive que ouvir vinte vezes que eu realmente preciso comprar toalhinha umedecida numa drogaria específica porque o preço é o melhor...

Pra escutar uma conferência sobre desenvolvimento urbano e pobreza – que conta sobre planos que melhoraram a vida na favela e reduziram a violência através da educação de jovens – tive que achar o site e ter uma boa conexão de internet pra acompanhar. Ou seja, haja esforço para acessar uma informação relevante. O que precisamos fazer para líderes comunitários serem capa de revista e inspirarem a mudança de que precisamos? Talvez falte *lobby* pra coisas boas, porque hoje não existe interesse algum dos meios de comunicação por esse tipo de informação.

Reitero que minha crítica não é acreditarmos que está tudo bem e que vivemos num conto de fadas de uma cidade maravilhosa, até porque essa seria o Rio de Janeiro (que nem é mais...). Mas e aí? Queremos realmente melhorar algo e falar sobre isso?

O lindo disso tudo é que tenho certeza que todos querem, sim, melhorar e ficarei aqui, no Brasil, pra trabalhar nisso como eu puder e mantendo a positividade e a esperança! Tudo no seu ritmo, mas vai melhorar, é só abrir os olhos.

Ah, e de futebol eu gosto hein? É só me chamar pra jogar que eu vou, mas sem camiseta de time e sem cobertura nacional, por favor...

Felipe

Reflexão 15 - Não fechem minha janela

Publicado em 25 de outubro de 2015



293 - Oratório da Gabi, na sua casa em São Paulo

Quando a gente sonha com algo, sempre parece muito distante o dia em que poderemos realizá-lo. O dia depois da realização, então... Nem se fala.

Talvez seja por isso que eu ainda tenho a sensação de que, este último ano foi um grande sonho, do qual eu acordei meio no susto, ao chegar ao aeroporto com pessoas amadas nos esperando, gritando e vestidas com a camiseta do *Think Twice Brasil*, que eles mesmos prepararam (risos...).

De qual país você mais gostou? Qual foi o maior perrengue? O momento mais tenso? O mais emocionante? O que vão fazer agora? Vão continuar no Brasil?

Essas foram as perguntas mais comuns que ouvi nos primeiros dias no país e que eu confesso ter respondido cada hora de um jeito. Inclusive, tenho a leve impressão de que será assim pra sempre... As lembranças vão surgindo e quando me veem à cabeça, dependendo do contexto e da situação, me trazem novas perspectivas e reflexões.

A primeira noite de volta foi curiosa. Voltei pra casa da minha mãe e o Fê seguiu com os pais dele. Dormi esticada na minha cama de lençóis branquinhos e cheirosos, tomei banho no meu banheiro, que antes eu achava apertado demais pra mim e agora parecia uma extravagância de conforto. Coloquei um pijama limpo e tirei uns minutinhos pra bater um papo com o pessoal que fica no meu oratório. São Francisco, Nossa Senhora, Iemanjá, Buda, Krishina, Ganesha, Sagrado Coração de Jesus e até a Cinderela que ganhou um upgrade por engano (graças à mania de organização da minha mãe).

Agradeci, agradeci, agradeci... Mas com a sensação esquisita de que tinha sido tudo tão rápido, que me deixou em dúvida se tinha mesmo acontecido. Afinal, por aqui nada mudou, a não ser pela canonização da Cinderela.

Os dias foram seguindo e os reencontros também. Gente querida que me fez lembrar um dos motivos do porquê o Brasil é o meu lugar.

Mas eu não esperava que, mesmo com todo esse amor que me foi entregue, eu teria tantas dificuldades de reconhecer meu lugar. Observar que nada mudou é um conforto, mas também uma frustração. Me lembrei de que, no primeiro texto no qual contei sobre a *Experiência de Empatia*, eu disse que deixava tudo guardado em um potinho. Aqueles potinhos de vidro, cheios de lembranças pra gente ficar olhando com carinho e abrir a tampa quando sente saudade.

Só não imaginava que o que eu mais queria era poder ter levado esses potinhos, com a tampa aberta, pra permitir que as pessoas que deixei dentro deles vivessem tudo aquilo comigo. Dar a elas a chance de sentir na pele e enxergar com o coração o tanto de lições que aprendi, com quem sequer sabe ler ou escrever.

Queria tanto que elas pudessem entender por que eu, agora, fecho os olhos e agradeço por cada refeição, por que não consigo gastar o resto que sobrou do meu dinheiro em qualquer cafezinho que custe pelo menos 15 reais, nem de passar despercebida pelas famílias novas que estão morando nas ruas perto do Ceasa.

Queria tanto que elas pudessem compreender que dá pra ser mais positivo, mesmo que tudo indique que o dólar pode chegar a 10 reais. Queria conseguir falar mais sobre **meditação**, sobre **compaixão**, sobre **generosidade** e **gratidão**.

Mas, principalmente, queria poder ser mais paciente e humilde com essas pessoas que eu tanto amo. Queria ter a sabedoria necessária pra comprovar que, pelos meus cálculos, o mundo tem muito mais gente do bem, fazendo um trabalho duro que é remunerado mais com amor, do que com dinheiro e, ainda assim, eles não desistem.

Queria simplesmente poder demonstrar que se decidirmos mudar alguns pequenos hábitos, o Universo parece reconhecer nossa intenção e consegue nos ajudar a seguir nesse caminho de mudança.

Uma sugestão? Tente ficar um dia sem se queixar, sem julgar o próximo, nem falar mal de ninguém. Tente focar no lado bom das coisas e enxergar o melhor das pessoas, por mais difícil que pareça. Pratique a **empatia** com tudo e com todos. Ao final do dia, reflita sobre as sensações e sentimentos e se quiser compartilhar, me escreva contando (risos...).

Como o Fê contou na *Reflexão 15*, parece que uma boa parte do mundo está tentando nos desencorajar.

Não tem como não perder a fé na humanidade assistindo programas da tarde e jornalismo policial. Navegar por algum grande portal da internet também chega a dar palpitação. As informações variam de quem beijou quem no Rock in Rio, alta do dólar, Lava Jato e até arrastões na zona sul do Rio. Nesse meio tempo, pode rolar uma boa dose de sensacionalismo, opiniões parciais dos apresentadores e jornalistas, discursos preconceituosos e debates superficiais.

Inclusive, se você que está lendo este texto e é um jornalista/comunicador, eu suplico: mostre o lado bom do Brasil, das pessoas, do mundo. Você, e todos os outros milhares de profissionais da área, têm o poder sublime de influenciar, inspirar, tocar e mobilizar. Sem contar o poder de colocar no papel a sua impressão sobre o que lhes foi dito ou presenciado. Tente fazer isso pelo bem. Tente ouvir mais do que falar — ou escrever. Tente praticar a **empatia** e prestar um serviço à sociedade, ao invés de contribuir para aumentar a descrença na vida humana na Terra.

Eu conheço profissionais muito especiais, que inclusive contaram a história do *Think Twice Brasil* com muita verdade. A vocês, o meu desejo de que voem ainda mais alto e consigam tocar cada vez mais pessoas com o otimismo e os valores firmes que carregam.

Por que histórias de superação, de **generosidade**, de esperança não dão ibope? Essas histórias existem aos montes e posso lhes assegurar que são muito mais numerosas do que a enxurrada de desgraças com as quais somos amedrontados a cada instante. Vamos mudar de perspectiva?

Em um dos desabafos chorosos que tive com minha mãe, nesta última semana, eu pedi perdão por ter me tornado um peixe fora d'água. Pedi também que ela pare de assistir aos programas da tarde (risos...). Pedi perdão porque concluí que, na minha ânsia de mudar o mundo, eu, pacientemente, devo conseguir mostrar às pessoas à minha volta o porquê de eu precisar tanto delas. Não estou falando de dinheiro, de tempo, de doação, de voluntariado. Estou falando de disposição para mudar de vida e isso acontece única e exclusivamente através da vontade de se transformar em alguém melhor pra si e pro próximo.

Ainda nessa conversa, na tentativa de explicar à minha mãe toda a minha angústia dos últimos dias, eu contei a ela como eu me sentia: "Mãe, antes eu vivia em um quarto alto e completamente escuro, tateando

tudo ao meu redor e também a mim mesma, na tentativa de reconhecer quem eu era e onde eu estava. De repente, depois de muito tatear, eu encontrei uma janela e com bastante dificuldade eu consegui abri-la. Com a janela aberta e a luz do sol clareando tudo, agora eu enxergo a mim mesma, o quarto e tudo o que os meus olhos alcançam lá de cima". Confesso que essa luz, muito mais do que sentida com os olhos, é vivida com o meu coração.

Um caminho sem volta, mas que me remete à importância de cuidarmos dia após dia dos nossos valores e princípios, sermos humildes para reconhecer até onde podemos ir e corajosos para fazer diferente, mesmo que o resto do mundo torça o nariz. Um janela aberta para enxergar o mundo com suas dificuldades, mas também com suas maravilhas e, na medida do possível, trabalhar para que essas maravilhas ganhem mais evidência do que as dificuldades. Uma verdadeira inversão de valores e uma mudança de paradigma que nos façam resignificar nossa existência e a do outro.

Enfim, é a minha chance de, pela primeira vez, seguir firme nos meus ideais e na minha vontade incondicional de fazer da minha história algo que transforme a história de muita gente.

É tempo de seguir firme acreditando, trabalhando, compartilhando e agradecendo. É tempo de resistir a um mundo de desesperanças, de preconceitos, de segregação e desvalor.

É tempo de reconhecer que a parte boa da vida quase nunca ganha destaque na TV, a menos que a gente decida enxergar esse lado.

E eu, agora, daqui de casa, continuo me descobrindo a cada dia e pedindo a toda a minha tropa de proteção, incluindo a Cinderela, que continue por perto mantendo essa luz no meu caminho. E antes que alguém duvide do que virá pela frente, eu já adianto: não, não irão fechar a minha janela.

Gabi

Conclusões empáticas

A Necessidade e o desejo

Por Felipe Brescancini

Saí disposto a praticar **empatia** para encontrar respostas para muitas indagações. Depois de voltar da **Experiência de Empatia** e estudar profundamente diversos temas, como novos modelos econômicos, ciências holísticas e psicologia, as ideias parecem fazer mais sentido e a consciência, como um todo, adquire uma nova perspectiva.

Durante a viagem, os preconceitos, dos quais procuro tanto me proteger, pareciam ter vida própria na mente e serem treinados a aparecer primeiro, em cada nova situação. Esse foi um *insight* permanente durante esta experiência e, assim, passei a questionar a raiz dos meus julgamentos e a remodelá-los de acordo com os aprendizados, baseados nos meus valores e princípios.

Assim foi o impacto contínuo de entrar em cada país, porque, mesmo alerta aos preconceitos, uma imagem preliminar carregada de vários juízos já estava formada ao pisar num solo novo. Então, ao conversar com as pessoas e compreender como elas se relacionam, do que mais gostam e quais são seus sonhos e medos, percepções completamente diferentes se construíam a partir dali.

Um dos maiores exemplos disso aconteceu em Ruanda. A lembrança do genocídio me trazia mensagens de perigo, medo e violência, mas, ao chegarmos ao país, fomos recebidos por pessoas amorosas e organizações inspiradoras. Além de descobrirmos que aquela tamanha brutalidade havia sido impulsionada pela rádio e ver quão manipuláveis somos, a grande lição foi de como o perdão pode ser a única solução para a paz numa circunstância extrema e incompreensível, como a que eles viveram. A partir desse exemplo, acredito que seja possível imaginar o desdobramento que cada situação gerava na minha cabeça.

Isso me mostrou que a relação que construímos com a informação exige muita cautela, principalmente em razão do conflito de interesses entre interlocutores que criam opiniões parciais que tendem a mostrar a sua visão dos fatos e não os fatos como são. Por isso, é preciso entender os fundamentos do conhecimento, do que ouvimos, vemos, lemos e sentimos para filtrarmos ao receber e ponderarmos antes de transmitir. Essa responsabilidade na comunicação pode revelar apenas a verdade.

Como o biólogo britânico Rupert Sheldrake¹¹⁹ bem descreve: "As coisas começam como frescas, novas, ideias surpreendentes, que através da repetição e ensinadas em escolas e universidades se tornam cada vez mais habituais até que se transformam em presunções inconscientes, das quais as pessoas dificilmente estão cientes de que estão fazendo." (em tradução livre).

Ao lado desse conhecimento, o poder da educação se mostrou de várias formas em diferentes ocasiões e foi um ensinamento profundo para mim.

Por mais extrema que fosse a realidade de uma família, — como morar numa casa de quinze metros quadrados com seis filhos, sem acesso à escola, energia e saneamento básico — as mães quase sempre têm claro o seu maior sonho: ver seus filhos na escola com uma educação de qualidade. Isso mostrou que a falta de condições básicas não criava barreiras para o sonho dessas pessoas e a resiliência para enfrentar os desafios me comovia.

Essa falta de acesso à educação, de fato, acontecia quando não existia uma escola próxima ou quando a escola não tinha professores (por falta de profissionais capacitados ou recursos para remunerá-los) ou, ainda, quando o ensino não era de qualidade, nem mesmo para alfabetizar as crianças. Ver esse problema de perto ao olhar nos olhos de uma criança era sempre muito forte e demandava muita presença, o que tornava esses momentos extremamente marcantes.

Na Tanzânia, pude experimentar isso ao conhecer as crianças de uma escola recém-construída. Nós ajudávamos nas aulas de inglês e deu pra sentir o quão fundamental é ter acesso à educação quando propusemos jogos muito simples para crianças que tinham idade para estarem alfabetizadas e elas não conseguiam compreender.

Interligando essa capacidade de sonhar com a educação, inúmeras vezes encontramos projetos que evidenciaram o quão poderoso é desenvolver a autoestima de cada ser humano. É por meio desse discernimento que percebemos as inesgotáveis possibilidades de escolha que temos. Mesmo sendo essa confiança influenciada pelos meios nos quais estamos inseridos, ficou claro, pra mim, que acreditar é o início de tudo.

Na Zâmbia, o relato da jovem Christine – que costumava caminhava treze quilômetros diariamente pra chegar à escola – me comoveu pela tamanha convicção com a qual ela relatou que será contadora. O olhar, o gesto e o tom de voz comunicavam, com uma clareza inexplicável, como confiar em si lhe dá o direito a sonhar e pode transformar a sua vida.

Em depoimentos como esse, percebi que uma realidade desconhecida se abria, e parecia que a força do hábito não me permitia enxerga-la até então. Nesses momentos ficava ainda mais claro que, se não houver **empatia**, predisposição para se conectar com o outro, ouvir sem preconceitos, assimilar sem julgamentos e tentar se colocar em sua perspectiva, não há aprendizado.

Outro ensinamento que levei da cultura das comunidades foi o entusiasmo de enxergar sempre o lado bom. Por mais extremas que as condições pudessem ser, era absolutamente incrível a energia positiva com a qual nos deparávamos, nos sorrisos, nos abraços, nas **gentilezas** e nas **generosidades**. Isso tudo ambientado por diversos dialetos, crenças religiosas e leis de costumes, que criavam novas caixas de realidade para a mente e ensinavam muito sobre essa essência do ser diferente.

Nesses episódios, eu também passei a reconhecer e a dar mais valor aos privilégios que eu tenho. Por exemplo, é impossível não criar uma nova relação de respeito com a água quando, em vez de abrir uma torneira, é preciso caminhar alguns quilômetros com um balde na cabeça para coletá-la. Quão gigante pode ser o abismo entre a facilidade e a dificuldade de ter acesso a um recurso essencial para a vida? Em sociedades desenvolvidas, dar valor aos privilégios parece não ter espaço em maio à zona de conforto.

Em lugares onde o acesso à água não era fácil, – como num vilarejo nas Filipinas, onde a água chegava semanalmente de caminhão aos moradores e não era suficiente para todos – senti uma transformação no cuidado que passei a ter pra bebê-la e usá-la no banho.

Uma comparação intrigante que me vinha à mente nessas reflexões, era como poderíamos acreditar ser justo que um menino branco de uma família de classe alta em um país mais desenvolvido e uma menina negra vivendo abaixo da linha da pobreza¹²⁰ num país em guerra civil têm as mesmas oportunidades de escolha para uma profissão e que seus méritos alcançados são comparáveis? É óbvio que as chances reais e os pontos de partida desses dois jovens são profundamente diferentes.

Ter consciência desses privilégios e dessas graves disparidades pode despertar uma **empatia** constante, que nos leva a não aceitar o que está errado e a tentar fazer mudanças. Não se trata de salvar o mundo, doar tudo e muito menos desgostar do que ganhamos ou conquistamos, mas sim de enxergar a realidade e transformá-la em motivação para agir em prol de que todos tenham direito às mesmas oportunidades.

Sempre que eu reconhecia algo ao qual eu nunca tinha dado o devido valor, uma multiplicação de dilemas passava pela cabeça. Não ficava claro como eu poderia distinguir o que era realmente necessário e o que era supérfluo, até porque nossas diferentes culturas — por meio de convicções, religiões e da propaganda — exercem influência profunda no que acreditamos precisar para "viver bem" e parece que fica cada vez mais difícil saber a verdade.

Um dia, em uma tenda nômade num deserto da Mongólia, onde todos se esbaldavam de alegria e risadas – sem que entendêssemos uma palavra do que diziam – ficou evidente pra mim como nossas necessidades são relativas. Ali não tinha banheiro, nem eletricidade, nem saneamento básico, mas eles tinham uma televisão com setenta canais a cabo (insistiam em comentar isso!) na qual acompanhavam uma novela brasileira. E aí, o que é mais importante nesse senso comum?

Diversos estudos tentam conceituar esse entendimento e um deles foi criado pelo economista chileno Manfred Max-Neef, chamado de *Desenvolvimento à Escala Humana*¹²¹. Ele explica que as necessidades humanas fundamentais são finitas, poucas, classificáveis e são as mesmas em todas as culturas e em todos os períodos históricos, o que muda é a maneira ou os meios utilizados para a satisfação das necessidades.

O psicólogo americano Marshall Rosenberg, criador da *Comunicação Não Violenta* ¹²², também elucida a grande diferença que existe entre necessidade e desejo. Segundo ele, a necessidade humana é fundamental para a vida – como a alimentação e o descanso –, e o desejo é uma estratégia para satisfazer a necessidade – como comer para se alimentar. O desafio é mensurar a importância e as consequências de cada desejo. Como, por exemplo: para satisfazer a necessidade de autoestima, a estratégia pode ser ler um livro para aprender algo novo ou focar em acumular mais bens que os outros pra se sentir superior.

Com a falta de educação social, essa cegueira ética pode se aprofundar muito. Na zona rural que visitamos no Burundi, uma das principais razões pelas quais as crianças não iam à escola era absurda (de

acordo com minha perspectiva): os pais gastavam o dinheiro que tinham em cerveja, em vez de comprar materiais escolares para os filhos. Isso ilustra um exemplo real e atual.

Sem essa consciência e sem questionar as escolhas que fazemos, ter nossas necessidades humanas essenciais atendidas pode dar espaço a desejos fúteis, em vez de nos levar a reconhecer essa incoerência e priorizar o direito às necessidades básicas dos outros ao nosso redor, até que todos as tenham atendidas.

Acredito que esse duelo de necessidades acaba sendo um dos motivos da **desigualdade social** de hoje, que é uma das minhas grandes inquietações. Por isso, aprender suas causas e pensar em soluções foi meu exercício diário nessa experiência.

Uma constatação intrigante é que não existem nações inteiramente pobres. Foi um primeiro choque ver que em qualquer cidade existiam disparidades econômicas gritantes, o que significa poucos com muito poder aquisitivo e muitos com pouco. Em Angola senti o maior impacto de todos nesse quesito. Num trajeto de mais de um dia por terra vimos condições precárias por todo o país, (claramente muito mais severas do que em qualquer outro país que visitamos), enquanto regiões da capital concentravam mansões, carros caríssimos e lojas de luxo. Esta é uma dolorosa e clara contradição que constata que somos educados e condicionados a ter muito mais desejos satisfeitos antes das necessidades dos outros.

Apesar de duras lições como essa, uma esperança constante nascia ao conhecermos os líderes sociais altruístas e corajosos que criaram organizações para dar mais acesso a necessidades básicas para muitas pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Sinto confiança em dizer que esses líderes não enxergavam barreiras, enxergavam possibilidades de melhoria, não tinham medo, tinham perseverança, não pensavam que daria errado, tinham certeza que algo bom iria acontecer. Eles agem ao sentir uma necessidade genuína de fazer o bem, com uma ousadia despretensiosa e acreditando que anjos surgirão para ajudá-los. É difícil explicar apenas em palavras, mas é como se soubessem de um segredo maior, no qual sentem a conspiração do universo a favor de quem se entrega a uma causa.

Seria injusto mencionar apenas alguns nomes entre tantos que nos inspiraram e ensinaram, então muito obrigado de novo a todos!

Ficam os exemplos desses **agentes de transformação** como o convite que faço, pra mim e pra você, para nos abrirmos, respirarmos, questionarmos e aceitarmos o impensado. É necessário querer ter consciência do que estamos realmente fazendo, da nossa **função social**, de enxergar a realidade que está acontecendo logo ali do lado de fora (do nosso corpo), reconhecer que temos responsabilidades por todos, encontrar a coragem para abrir mão do comodismo e da ignorância de acreditar que sabemos tudo. O livre arbítrio de hoje está ludibriado pelas tentações que nós mesmos criamos e o senso comum perdeu o juízo do que é justo pra todos. Precisamos evoluir, resgatar nossos valores, nossa consciência e agir para mudar o que não está bem.

Felipe

O poder transformador da empatia

Por Gabriele Garcia

"Os dois dias mais importantes da sua vida são o dia em que você nasce e o dia em que descobre o porquê". Foi essa frase de Mark Twain, ao lado de algumas outras boas referências, que me acompanharam ao longo dos 400 dias desta viagem.

Entre novos amigos, longos percursos, banhos de caneca, noites mal dormidas e momentos inacreditáveis, eu só podia ter certeza de uma única coisa: eu estava exatamente onde deveria estar, tentando descobrir no que gostaria de me tornar.

A busca por respostas me trazia ainda mais perguntas, que ainda se resolvem, se complementam e se esclarecem ao longo do caminho. Eu, que sempre acreditei no poder da fé, vivenciei pequenos milagres e "coincidências" que reforçam nossa responsabilidade sobre o que pensamos, dizemos e realizamos. Tudo aquilo que cruza nosso caminho é fruto de uma escolha que fizemos anteriormente.

A cada dia, encarava minhas vulnerabilidades e me esforçava para aprender a lidar com elas. Até que, um dia, me permiti chorar durante um banho de água gelada no frio. Lavou a minha alma. Me dei conta de que não é preciso, nem saudável, cobrar demais da gente mesmo.

O momento das refeições era sagrado, mesmo quando não era possível identificar o que havia no prato. Eu conseguia sentir o poder multiplicador da **generosidade** quando nos sentávamos no chão para compartilhar dos alimentos preparados pelos anfitriões que nos recebiam. Nem sempre havia para todos e, ainda assim, gerenciávamos organicamente a porção de cada um. Sem desperdícios, nem desconfortos.

Nas longas caminhadas entre vilarejos e campos de refugiados, nunca faltava uma parada para um café, um bom papo e alguns abraços apertados que reforçavam o valor imensurável do afeto, do toque e do carinho. Uma quebra completa dos paradigmas e estereótipos assustadores e condenáveis que alguns povos carregam sobre si. A África não é só pobreza, o islamismo não é só opressão. Há mentes e corações brilhantes espalhados pelo mundo, prontos para nos mostrar que as notícias que chegam até nós são parciais, tendenciosas e um pouco mentirosas também.

Em Angola, resgatei a história dos nossos ancestrais e partilhei das memórias, da ginga e do belo sorriso com quem me cruzava o caminho e identificava nossa relação fraternal. Foi pelos países da África que me descobri, me reconheci e me entreguei completamente à melhor combinação que poderia encontrar nos seres humanos: a simplicidade e a **generosidade**. Genuínas e abundantes. Um acalanto pro corpo, pra alma e pro coração.

Me percebi mulher, menina, um pouco amiga e um pouco mãe, mas, sobretudo, uma ativista pelos nossos direitos, pelo nosso respeito e pela nossa dignidade.

Fui iniciada em um ritual feminino na Zâmbia e pedi perdão pelos meus pecados numa cerimônia ao final do ramadã, na Indonésia. Dancei a *marrabenta* em Maputo, o *kuduro* em Luanda, o *dabke* em Beirute e uma dança típica em Pyongyang. Dancei, dancei, dancei.

Chorei em algumas despedidas, ganhei presentes e cartas. Me convenci da potência do amor que surge pelo que somos e não pelo que temos. Cortei os cabelos, nadei em rios, comi com as mãos e brinquei de roda. Falei do Brasil, cantei o Brasil e me dei conta de que somos todos muito parecidos mesmo. Somos cidadãos do mundo.

Reconheci privilégios, talentos e defeitos. Passei a valorizar oportunidades, encontros e sutilezas, além de agradecer, incansavelmente, por tudo que tive a sorte de receber.

Hoje, sigo firme com meu otimismo incansável e minha fé na humanidade, quase sempre, inabalável. Sigo crendo no poder transformador da **empatia** e das relações que se constroem e se renovam no respeito genuíno à existência de si mesmo e do reconhecimento do outro. Sigo, sobretudo, apreciando a combinação encantadora entre simplicidade e **generosidade**, que semeia a esperança de juntos construirmos e vivermos com mais responsabilidade, **compaixão**, justiça e dignidade.

Gabi

Organizações que conhecemos

Se tiver interesse em contribuir, de alguma forma, com as organizações que conhecemos durante a viagem, aqui estão todas elas (em ordem cronológica de quando as visitamos), o país onde atuam, a missão que realizam e seus sites na internet ou páginas nas redes sociais.

A contribuição pode ser feita por meio de doações, de voluntariado ou, até mesmo, disseminando e compartilhando o trabalho da organização para que mais pessoas possam conhecê-la.

BOSASnet (Botsuana) - http://www.bosasnet.com/

Provem educação, prevenção e serviços de reabilitação para pessoas que sofrem ou são afetadas pelo consumo de substâncias e dependências em Gaborone.

Ditschwanelo (Botsuana) - http://www.ditshwanelo.org.bw/

Trabalham para advogar por mudanças nas leis, políticas e práticas, assim como para sensibilizar a opinião pública sobre direitos e responsabilidades. Estabelecida em Gaborone, também promovem serviços paralegais para pessoas que têm renda menor que um salário mínimo.

Penduka (Namíbia) - http://www.penduka.com/en

Negócio social que trabalha com as mulheres de Katutura e outras comunidades para desenvolver o sustento e melhor qualidade de vida por meio do foco no trabalho, confiança, cuidado mútuo e suporte. Preocupa-se, particularmente, com mulheres desfavorecidas pela pobreza, incapacidade, problemas de saúde e falta de acesso à educação. A organização ensina essas mulheres a desenvolverem habilidades e talentos e oferece seus serviços na comunidade internacional e nacional por meio de artesanatos e turismo comunitário.

Home of Goodhope (Namíbia) - http://www.homeofgoodhope.org

Desde 2007, a fundadora, Monica Imanga, cozinha uma nutritiva sopa de feijão e mingau para mais de 500 crianças e adolescentes, de 1 a 16 anos, que se alimentam duas vezes por dia na sua casa, em Katutura.

Gone Rural (Suazilândia) - http://goneruralswazi.com

Está é uma liderança revolucionária em negócios sociais. Inspirada por 750 mulheres tecelãs, os criadores desta organização repensam e transformam artesanatos, levando-os para novos níveis globais. Desta forma, empoderam mulheres e promovem dignidade para suas comunidades.

Mozup (Moçambique) - http://mozup.co/

Por meio de uma rede de parcerias com organizações que têm uma missão social, conectam pessoas que desejam disponibilizar seu tempo e suas competências com as necessidades dessas instituições, criando um verdadeiro mercado de trabalho social.

Associação Livro Aberto (Moçambique) - http://www.livroaberto.org/

Busca dar diversão e autonomia, através da alfabetização, às crianças de todo o país, com a ajuda de bibliotecas ambulantes e de comunidades. Também promovem workshops de alfabetização.

Associação Cultural Muodjo (Moçambique) - http://muodjo.blogspot.com.br/

Promove assistência social e o desenvolvimento de habilidades para crianças desfavorecidas em Matendene, Maputo, com destaque para as que vivem na rua e são órfãs. Sua missão é potencializar e aperfeiçoar a justiça social, a segurança comunitária, a liberdade de expressão e a valorização cultural.

Associação Iverca (Moçambique) - http://www.iverca.org/

Trabalha com turismo sustentável para promover o desenvolvimento no bairro de Mafalala, em Maputo, região pobre com rica herança cultural. Também procura encorajar e estimular autoconfiança em seus habitantes por meio de tours a pé e de um festival cultural anual.

Bakashana (Zâmbia) - http://www.bakashana.org/

Dá apoio a jovens mulheres da zona rural de Kasama, contribuindo com oportunidades educacionais, suporte à escola e outros recursos. Incentiva as mulheres a se tornarem líderes em sua comunidade ao adotar uma

abordagem culturalmente relevante, baseada na combinação da sabedoria ancestral, do cultivo de relacionamentos saudáveis e do acesso a recursos contemporâneos.

NGERIV (Tanzânia) - http://ngerengereriver.webs.com/

No vilarejo Bwawani, a organização tem o objetivo de engajar comunidades em direção ao desenvolvimento por meio da educação, de meios alternativos de renda e da sustentabilidade ambiental.

ActionAid (Brasil, Burundi, Ruanda e Etiópia) - http://www.actionaid.org/

Movimento global de pessoas que trabalham juntas para promover os direitos humanos e superar a pobreza. Trata-se de uma organização global, mas tivemos contato com eles nesses países.

TORUWU (Uganda) - http://www.toruwu.org/

Se dedica ao desenvolvimento de mulheres de comunidades rurais de Kampala por meio de habilidades de sobrevivência econômica para que elas se tornem independentes, cuidem de si mesmas e de suas famílias.

Mission of Hope (Uganda) - https://mohustreetkids.wordpress.com/

Dá abrigo para quinze meninos de rua e órfãos em Kampala. Sua missão é empoderar crianças desprivilegiadas com habilidades, amor, moradia e esperança para um futuro mais brilhante.

RONA Foundation (Quênia) - http://ronafoundation.co.ke/

Centro modelo de perdas e mágoas para órfãos e viúvas, em Wagoma. Cuida de 166 órfãos e 60 viúvas oferecendo alimento, suporte de saúde, educação e moradia, além de carinho, para que possam reconstruir vidas e salvar o vilarejo que tem inúmeros casos de AIDS.

Access Afya (Quênia) - http://www.accessafya.com/

Negócio social em Nairóbi que criou um modelo de saúde comunitária abrangente. Por meio de uma rede de micro clínicas acessíveis, suprimentos e da inscrição em novos programas de saúde nas ruas, oferece orientação para que seus pacientes adotem cuidados preventivos.

Plastic Fantastic (Quênia) - http://www.plasticfantastickenya.com/

Negócio social em Nairóbi que trabalha com a arte para a mudança comunitária social e ambiental. Chamam o que fazem de "artevismo"! Educando crianças, artesãos e consumidores, eles procuram transformar a forma como o público se relaciona com o lixo.

Tehran Peace Museum (Irã) - http://www.tehranpeacemuseum.org/index.php/en

Promove a cultura de paz através da conscientização sobre as consequências devastadoras da guerra com foco em saúde e nos impactos ambientais das armas químicas.

ILIA (Irã) - http://www.iliacharity.org/?lang=en

Associação criada em 2006 com o objetivo de promover a qualidade de vida de crianças em duas áreas de Teerã e Alborz, principalmente através da educação de refugiados.

Kibbutz Lotan (Israel) - http://www.kibbutzlotan.com/

Comunidade que trabalha na promoção de construções naturais, gestão de resíduos, educação ambiental em Eilat. Também promove a sustentabilidade por meio de conexões entre diferentes grupos étnicos em Israel.

Dreams of a Refugee Association (Líbano) - https://www.facebook.com/Dreams-of-a-Refugee-Association-286898564766811

Seu objetivo é fazer do bairro de refugiados palestinos Shatila, em Beirute, um lugar melhor pra se viver, primeiramente por meio do auxílio às crianças, que formam o futuro da nação, e também da ajuda à população idosa, para que envelheçam respeitosamente até que retornem à Palestina.

New Creation School (Índia) - http://archive.auroville.org/education/village schools/newcreation.htm

Escola em Auroville, integralmente comprometida com o desenvolvimento multidisciplinar das crianças locais.

Life Education Centre (Índia) - http://www.life-education-centre.org/

Proporciona ambiente de aprendizado para jovens mulheres em Auroville, onde elas recebem treinamentos educacionais e suporte emocional para crescer e prosperar.

Eco Femme (Índia) - http://ecofemme.org/

Negócio social baseado em Auroville, que faz e promove absorventes de pano laváveis, revitalizando práticas menstruais saudáveis, dignas, acessíveis e ecopositivas. Empoderam as mulheres com sustento e educação.

Boond (Índia) - http://www.boond.net/

Negócio social que promove energia alternativa e produz utensílios para casa no Rajastão e em outros estados.

The Chai Lai Orchid (Tailândia) - http://chailaiorchid.com/

Negócio social que promove o turismo sustentável e dissemina a importância da **gentileza** com os elefantes enquanto auxilia mulheres em situação de risco a sair da pobreza, em Chiang Mai.

Daughters Rising (Tailândia) - http://daughtersrising.org/

Esta organização trabalha para prevenir o tráfico humano por meio da educação e de programas de treinamento oferecidos para meninas em situação de risco.

Night Light (Tailândia) - http://www.nightlightinternational.com/

Organização internacional que resgata e acolhe pessoas impactadas pelo tráfico e exploração sexuais.

HAVEN Training Restaurant (Camboja) - http://www.havencambodia.com/en/

Negócio social em Siem Reap que mantém um restaurante-escola para jovens adultos em situações de vulnerabilidade, vindos de abrigos, orfanatos ou vilarejos rurais.

Ponheary Ly Foundation (Camboja) - http://theplf.org/wp/

Organização que tem o propósito de encontrar e servir crianças que vivem nos pobres vilarejos rurais de Siem Reap e não têm acesso à educação.

Phare Circus (Camboja) - http://www.pharecambodiancircus.org/

Negócio social em Siem Reap que oferece emprego a jovens cambojanos com dificuldades econômicas e sociais, contribuindo para o renascimento da arte moderna no país.

Tanma (Malásia) - http://www.tanmawomen.org/

Federação que oferece orientação e reabilitação para mulheres refugiadas da Birmânia na Malásia por meio de vários projetos baseados em *fair trade*.

Women on a Mission (Singapura) - http://www.womenmission.com/

Organização que combina expedições de desafio com eventos e campanhas de marketing, com o objetivo de angariar fundos e publicidade para causas humanitárias.

ViaVia Jogja (Indonésia) - http://www.viaviajogja.com/

Um ponto de encontro para viajantes trocarem ideias sobre turismo sustentável e respeito à natureza e cultura. Parte do lucro da ViaVia é direcionado para projetos sociais e educacionais em Yogyakarta.

Liter of Light (Filipinas) - http://www.literoflightusa.org/

Movimento global que utiliza materiais prontos e de baixo custo para oferecer energia solar de alta qualidade a pessoas sem acesso ou com acesso limitado à eletricidade.

Fair Wear Foundation (China) - http://www.fairwear.org/

Organização independente que trabalha com empresas e fábricas para melhorar as condições de trabalho no ramo têxtil.

Mary & Martha (Mongólia) - http://www.mmmongolia.com/

Empresa ética, justa e transparente que tem como principal objetivo dar suporte ao crescimento de pequenos grupos indígenas na Mongólia.

Sobre os autores

Felipe Brescancini

Eu gosto de questionar tudo, se faz sentido aquela ação, aquela motivação e, especialmente, aquele princípio. Meu *Eu Racional* sempre foi o mais forte, mas, de uns tempos pra cá, meu *Eu Emocional* está influenciando mais as minhas decisões. Minha intuição e meu coração me fazem pensar bastante positivo, a ponto de beirar a ingenuidade às vezes, mas, acredito que estou cada dia mais consciente e assim o cuidado se torna natural.

Amo meditação e tento praticar todos os dias para ser capaz de sentir mais compaixão pelos outros e julgar menos, mas este é um desafio constante. Eu me exijo ser gentil e bem humorado sempre para alegrar o dia. Gosto da natureza, do simples, do diferente e da organização pela harmonia.

Meu *Eu Questionador* é a razão de estar aqui. Ao experimentar a vida com esse olhar, percebi que, até certo ponto, segui meu caminho de forma automática, realizando o que a sociedade e o meio onde cresci me ensinaram. Eu, sozinho, me dei muito bem, nada a reclamar. Sempre morei e comi bem, tive saúde e educação excelentes, viajei muito, morei fora, tive todos os bens que poderia querer, diversão à vontade, grandes amigos e tenho uma família privilegiada. Como profissão, eu tinha um emprego almejado pelo conceito de sucesso de hoje e uma carreira estável em uma empresa, onde aprendi muito.

Porém, chegou um momento em que me perguntei se o senso comum de felicidade, sucesso e dinheiro era real e teria um objetivo maior. Compreendi que o poder e o ego nos ludibriam e nos afastam do nosso *Eu Interior*. Foi, então, que comecei minha busca por querer entender o sentido verdadeiro da vida e o meu papel no mundo.

Hoje, procuro viver todos os dias me conhecendo mais e em harmonia com o meu propósito de me dedicar a contribuir para o bem comum e o consciente coletivo.

Por último, sou brasileiro, graduado em Administração de Empresas pela PUC-SP, pós-graduado em Comunicação pela ESPM-SP, pós-graduado em Ciências Holísticas e Economia para a Transição pela Escola Schumacher Brasil, especializado em Negócios de Impacto Social pela Usina de Ideias da Artemísia, tenho uma certificação internacional em Negócios Sociais pela *Yunus Social Business Centre* e um certificado em Comunicação Não Violenta. Trabalhei por dez anos com marketing numa multinacional de bens de consumo e por dois anos com finanças em banco. Morei na Austrália pra estudar e no Chile pra trabalhar.

Hoje sou ativista, empreendedor social e pesquisador de novas economias e responsabilidade social.

Obrigado!

Gabriele Garcia

Sou sonhadora. Sonho dormindo e acordada. Sonho tanto, que às vezes não sei se sonhei ou se aconteceu de verdade.

Sou filha de mineira com paulista. Falo encostando nas pessoas, amo pamonha e estou sempre com a sensação de que esqueci alguma coisa. E quase sempre eu esqueci mesmo. Sou distraída e meio estabanada.

Eu gosto de pessoas. Gosto de ouvir histórias, de contar as minhas e de encontrar pontos comuns entre as tantas diferenças. E eu busco ser uma pessoa melhor. Quero deixar de julgar, acreditar na minha intuição, não ter apego material, ser mais virtuosa, mais coerente, não ser tão desligada e conseguir dividir sobremesas de chocolate.

Nessa busca, há pouco tempo descobri algo que gosto de fazer: servir ao próximo. Às pessoas. Ser um pequeno milagre na vida de quem cruza meu caminho e saber reconhecer os milagres que se apresentam pra mim.

Hoje, ao lado do Felipe, estou à frente do *Instituto Think Twice Brasil* e desenvolvo projetos relacionados à equidade de gênero, direitos humanos e cultura de paz.

Sou formada em Direito pela PUC-SP, com pós-graduação em Direito Societário pela Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. Fui aluna do curso de Sustentabilidade e Responsabilidade Social Corporativa da Escola de Administração da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo e da formação em Negócios Sociais — Usina de Ideias — da Artemísia. Trabalhei por quase dez anos no Pinheiro Neto Advogados, onde tive a chance de participar do Conselho de Responsabilidade Social, tendo ideias megalomaníacas e experiências incríveis no Terceiro Setor.

Sou fellow Amani Institute¹²³ pela pós-graduação em Gestão de Inovação Social e atualmente curso o Diploma in Social Innovation da University for Peace, mandatada da ONU.

Obrigada!

Referências

```
1 http://2seeds.org/
 http://www.accessafya.com/
 https://kiberatours.com/
 http://www.plasticfantastickenya.com/
 http://www.boond.net/
 http://kulturakamp.com/
 http://www.thinktwicebrasil.org/
 http://youtu.be/r-0prtV2uUI
 http://cpi.transparency.org/cpi2013/results/
10 http://www.transparency.org/
http://www.ditshwanelo.org.bw/
http://youtu.be/R5SE_makxe0
13 http://www.bosasnet.com
http://www.penduka.com/en
http://www.homeofgoodhope.org/
http://youtu.be/OWDxe0KhJnM
https://www.youtube.com/watch?v=t821sT4AoUY
18 CHELIKANI, R. V. B. J. (1994). Reflexões sobre a Tolerância. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva, Jeane Sewaya. Rio
de Janeiro: Garamond, 1999.
  http://www.transparency.org/country#AGO
http://www.mercer.com/newsroom/cost-of-living-survey.html
http://youtu.be/dA3YiGqWkzc
http://www.unaids.org/en/regionscountries/countries/swaziland/
http://goneruralswazi.com/
http://youtu.be/rVNVq7dwdGg
http://mozup.co/
http://www.livroaberto.org/#! portuguese-site
http://www.projetocidadao.org/
http://youtu.be/Q6K-YpqhJgl
<sup>29</sup> http://www.iverca.org/
30 http://mozup.co/
31 https://www.atados.com.br/
http://youtu.be/UdgjqBWGoZk
http://muodjo.blogspot.com.br/
https://data.un.org/Data.aspx?q=total+fertility&d=WHO&f=MEASURE_CODE%3aWHS9_95
35 http://www.care.org/
http://girlrising.com/see-the-film/about-the-film/
http://youtu.be/XBPETURw6Mw
http://wwoofinternational.org/
http://www.iamthedoc.com/
http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/09/leia-a-integra-do-discurso-de-jose-mujica-na-onu-4281650.html
http://wwoofinternational.org/
http://www.bakashana.org/
http://youtu.be/ocBnhvmw_uA
44 http://www.uis.unesco.org/Education/Documents/fs-31-out-of-school-children-en.pdf
45 http://www.bakashana.org/
http://www.care.org/work/education/girls-education
  http://www.care.org/work/education/girls-education
http://youtu.be/_O37jwPZwFI
49 https://www.youtube.com/watch?v=AlaTx7nQnXY
http://wwoofinternational.org/
http://ngerengereriver.webs.com/
http://www.maestrathefilm.org/
https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2103.html
<sup>54</sup> PEREZ, C. T. El Pensamiento Económico de Ernesto Che Guevara. Havana: Casa de las Américas, 1987.
https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2103.html
56 http://youtu.be/V4LpJs40XRg
```

http://ngerengereriver.webs.com/donate.htm

58 http://www.actionaid.org.br/

59 http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.CD?order=wbapi data value 2013+wbapi data value+wbapi data va lue-last&sort=asc http://youtu.be/W6xfdyhwcQk 61 https://thinktwicebrasil.wordpress.com/2013/01/30/bem-vindo-ao-mundo/ 62 http://www.toruwu.org/ https://mohustreetkids.wordpress.com/ 64 http://youtu.be/AvWC_S3w7oc 65 http://amaniinstitute.org 66 http://ronafoundation.co.ke/ 67 http://youtu.be/vl9_kMkGT28 https://www.oxfam.org/en/pressroom/pressreleases/2015-01-19/richest-1-will-own-more-all-rest-2016 http://ronafoundation.co.ke/donate/ http://www.actionaid.org/ethiopia 71 http://www.wise.org.et/ http://www.theglobeandmail.com/news/world/oman-most-improved-nation-in-last-40-years-un-indexsays/article1216218/ https://en.wikipedia.org/wiki/Oman 74 http://www.tehranpeacemuseum.org/index.php/en http://www.iliacharity.org/?lang=en ⁷⁶ SAINT-EXUPERY, A. (1943). O Pequeno Príncipe. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Brasil: Agir, 2006. 77 http://www.kibbutzlotan.com/ https://www.facebook.com/Dreams-of-a-Refugee-Association-286898564766811/ 79 http://www.theguardian.com/news/reality-check/2014/jan/28/how-much-do-the-royal-family-spend-and-are-theydown-to-their-last-million https://www.oxfam.org/en/pressroom/pressreleases/2015-01-19/richest-1-will-own-more-all-rest-2016 http://www.auroville.org/contents/197 http://ecofemme.org/about/why/ 83 http://www.life-education-centre.org/ 84 http://tushita.info/ http://www.kopanmonastery.com 86 https://www.dhamma.org http://www.barefootcollege.org 88 http://www.unwto.org/facts/menu.html 89 https://nacoesunidas.org/trafico-de-criancas-aumenta-diz-mais-recente-relatorio-do-unodc/ 90 http://www.ilo.org/global/topics/forced-labour/lang--en/index.htm 91 http://www.nightlightinternational.com/ 92 http://chailaiorchid.com/ 93 http://daughtersrising.org/ 94 http://theplf.org/wp/ 95 http://www.havencambodia.com/en/welcome/ 96 http://www.pharecambodiancircus.org/circus/ 97 http://phareps.org/ http://www.didexperience.com/ 99 https://youtu.be/jbiEP6NHQGQ 100 http://wfto.com/ https://www.atados.com.br/ https://www.youtube.com/watch?v=hD5f8GuNuGQ http://www.bigbrothermouse.com/index.html http://baotangphunu.org.vn http://baotangphunu.org.vn/Chi-tiet-video/4/street-vendors---their-voices https://www.facebook.com/quatmofoundation?pnref=lhc http://www.tanmawomen.org/ http://www.womenmission.com/ http://mundoplot.com.br/ http://www.viaviajogja.com/ http://www.greenschool.org/ http://www.literoflightusa.org/ https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndice_de_Desenvolvimento_Humano http://www.fairwear.org/

https://en.wikipedia.org/wiki/Mongolia

http://reporterbrasil.org.br/2015/03/confira-a-nova-lista-suja-do-trabalho-escravo/

do-trabalho-escravo.htm

http://portal.mte.gov.br/trab escravo/portaria-do-mte-cria-cadastro-de-empresas-e-pessoas-autuadas-por-exploracao-

¹¹⁸ http://www.mmmongolia.com/

SHELDRAKE, R. Evolutionary Habits of Mind, Behavior and Form. In: LORIMER, D. (Org.); The Spirit Of Science: From Experiment To Experience. Reino Unido: Floris Books, 1998, p. 193.

http://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2015/10/04/world-bank-forecasts-global-poverty-to-fall-below-10-

for-first-time-major-hurdles-remain-in-goal-to-end-poverty-by-2030

MAX NEEF, M. A.; ELIZALDE, A.; HOPENHAYN, M. (1989). Desenvolvimento à Escala Humana. Brasil: EDIFURB, 2012.

ROSENBERG, M. (1999). Comunicação Não Violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Brasil: Ágora, 2006.

123 http://amaniinstitute.org